

Mocidade Morta

Gonzaga Duque



Ministério da Cultura

Fundação Casa de Rui Barbosa

Numa literatura como a brasileira, voltada com frequência para o exterior e para as extensões, cresce a importância da narrativa introspectiva de marca pessoal. Nela Gonzaga Duque não faz concessões ao leitor, mostrando-se mais interessado em transmitir o que tem a dizer com uma sinceridade que não contraria a soberbante vontade-de-estilo real. Um texto difícil, de rara elaboração expressiva e simbólica; um livro datado pela escolha da escrita e pela forma de exprimir os seus ideais. Obra, portanto, que duplamente faz história: seja pela autenticidade da proposta estética, que leva de encontro as mesmas contradições do texto final, as quais se usam no ritmo da narração e na sequência frouxa dos capítulos; seja pelo interesse de um depoimento que restitui, palpavelmente, a crônica de determinado ambiente, poderosamente captado por quem o conheceu como íntimo; seja ainda pela análise psicológica implacável do protagonista da narrativa, pungente pela sinceridade com que Gonzaga Duque a levou ao cabo. No entanto *Mocidade morta* continua a ser uma obra de ficção quase desconhecida do público, quando, no entanto, pareceria ser lida com "olhos novos" neste outro fim-de-século, para o qual mesmo as suas imperfeições apresentam interesse. Um romance de considerável extensão e complexidade, que deve ter exigido do Autor mais a três anos de trabalho contínuo, se levarmos em conta as sucessivas redações e revisões que o livro demonstra ter sofrido. Romance que permanece como um documento literário

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Cultura
Francisco Weffort

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente
Mario Brockmann Machado

Diretora Executiva
Rosa Maria Barboza de Araujo

Diretor Administrativo
Alberlandino Silva

Diretor do Centro de Memória e Documentação
Jaime Zettel

Diretor do Centro de Pesquisas
José Almino de Alencar e Silva Neto

Chefe do Setor de Filologia
Adriano da Gama Kury

Revisão
Adriano da Gama Kury e
Ayla Pereira de Melo

Gonzaga Duque

MOCIDADE MORTA

Apuração do texto
(segundo a edição de 1899),
notas e o estudo

“Linguagem e Estilo de *Mocidade Morta*”

por ADRIANO DA GAMA KURY

Notas e o estudo
“Estrutura Narrativa de *Mocidade Morta*”
por ALEXANDRE EULALIO

Ministério da Cultura
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Rio de Janeiro 1995

Editado pela
Fundação Casa de Rui Barbosa
Rua São Clemente, 134
22600-000

ISBN 85-7004-176-4

Duque, Gonzaga, 1863-1911

Mocidade morta / Gonzaga Duque; apuração do texto (segundo a edição de 1899), notas e o estudo "Linguagem e Estilo de *Mocidade Morta*" por Adriano da Gama Kury; notas e o estudo "Estrutura Narrativa de *Mocidade Morta*" por Alexandre Eulálio. - Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1955.

296p.

I. Kury, Adriano da Gama. II. Eulálio, Alexandre. III. Fundação Casa de Rui Barbosa. IV. Título.

CDU 869.0(81)-31

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| <i>O texto desta edição, Adriano da Gama Kury</i> | 9 |
| <i>Mocidade Morta</i> | 13 |
| Epígrafe | 14 |
| I | 15 |
| II | 29 |
| III | 42 |
| IV | 50 |
| V | 65 |
| VI | 73 |
| VII | 80 |
| VIII | 95 |
| IX | 103 |
| X | 117 |
| XI | 127 |
| XII | 132 |
| XIII | 143 |
| XIV | 156 |
| XV | 172 |
| XVI | 184 |
| XVII | 192 |
| XVIII | 205 |
| XIX | 213 |
| XX | 221 |
| <i>Notas ao texto, Adriano da Gama Kury, Alexandre Eulalio</i> e Homero Senna | 239 |
| <i>Linguagem e estilo de Mocidade Morta, Adriano da Gama Kury</i> | 255 |
| <i>Estrutura narrativa de Mocidade Morta, Alexandre Eulalio</i> | 277 |

O TEXTO DESTA EDIÇÃO

Serviu de texto-base para esta edição a primeira — única publicada em vida do Autor —, datada de 1899, em cujo frontispício se lê: “Gonzaga Duque / Mocidade Morta/ [vinheta do Editor Domingos de Magalhães com a inscrição ‘Quem não sabe arte não na estima.’ (Camões)] /Rio de Janeiro/ Oficinas da Livraria Moderna/ Domingos de Magalhães - Editor-Proprietario/ 126 Rua do Lavradio 126”. Na última página vem impresso: “Sebastianopolis/ 1897/ Publicado em 1899”.

Como adverte Gonzaga Duque em seu *Diário Íntimo* — a cujos originais tivemos acesso por amabilidade da sua neta, Maryssol Duque Araújo —, alguns capítulos do seu romance haviam sido publicados pela primeira vez na revista *Brasil Moderno*, que se editou no Rio de Janeiro em 1899.

Fizemos o cotejo rigoroso do texto da 1ª edição com os três primeiros números dessa revista, existentes na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, e com o sexto, da coleção de Plínio Doyle, nos quais figuram quase todo o 1º capítulo e parte do segundo — cotejo proveitoso, que propiciou a solução de várias dúvidas suscitadas pelos abundantes erros tipográficos da edição *princeps*, os quais tanto martirizaram o Autor.

Além disso, de um exemplar de *Mocidade Morta* pertencente a Dª Maryssol pudemos copiar a errata impressa no verso da contracapa da brochura, onde figuram treze emendas para essa edição “esvurmada em erros” — como escreveu G. Duque (na errata saiu, para seu desespero, “escoimada de erros”) —, devidamente incorporadas a esta edição. Uma décima quarta emenda foi feita com base no mesmo *Diário Íntimo* — um trecho do qual, aliás, foi publicado no número especial de *Autores e Livros*, suplemento de *A Manhã*, vol. III, nº 15, de 15 de novembro de 1942, pág. 228 (dedicado a G. Duque), que nos foi sollicitamente emprestado por Plínio Doyle.

Em 1971 o Instituto Nacional do Livro, como 2º volume da “Coleção de Literatura Brasileira”, lançou uma 2ª edição — sem as emendas da errata —, “organizada por Afrânio Coutinho”, com o texto “reproduzido da edição *princeps*”, a qual, a despeito da seriedade dos seus esforços — evidenciada no “Critério Editorial”, em que se diz que “a transcrição procurou respeitar fielmente a vontade autoral” —, foi sacrificada por uma revisão a tal ponto defi-

ciente que, entre inúmeros erros, omitiu linhas e até uma página inteira (a de número 13) da primeira edição!

Em 1973, como nº 24 da coleção “Obras Imortais da Nossa Literatura” — coleção que, se cuidada, teria grande mérito —, a Editora Três, sem qualquer sombra de critério, com base na edição do INL, republicou *Mocidade Morta*, deturpando de tal forma o texto, que não merece outras referências.

Nas 318 páginas da edição *princeps*, de compacta composição tipográfica manual, muitas vezes falhada, insinuaram-se numerosas gralhas tipográficas, que nesta edição foram emendadas quando evidentes, tais como troca, deslocamento ou falta de letras (como *quartoze*, *emocianado*, *condescente* por *condescendente*, falta de notações léxicas como o hífen (*beijou os* por *beijou-os*, *tinham na* por *tinham-na*) e de sinais de pontuação como a vírgula (“trazia melhor aceio de cuidados caseiros parecia o mais amado”, sem a vírgula depois de *caseiros*).

Os casos duvidosos e as alterações indispensáveis foram devidamente anotados.

O texto foi, obviamente, adaptado ao sistema ortográfico oficial. Respeitaram-se, porém, necessariamente, todas as peculiaridades do Autor que, de algum modo, representam um uso pessoal e cuja uniformização acarretaria pronúncia diferente da que, presumivelmente, corresponderia à da época.

Optamos, dado o caráter *sui generis* da linguagem de Gonzaga Duque, por um critério conservador, mas sem excessos.

Seguindo esse critério, adotamos uma série de normas, como sejam:

1. Manteve-se a alternância dos ditongos *oilou*: *cousa* (forma predominante), ao lado de *coisa*; *dous*, *lavoira*, *oiro* (mas *douradas*), *oitubro*(!), *repoisar* e outras formas análogas.

2. Conservou-se (a exemplo do que faz o Mestre Sousa da Silveira nas suas modelares edições críticas) o ditongo *ei* em vocábulos em que hoje se prefere a simples vogal *e*, em posição átona, como em *aldeiãs*, *ameiadas*, *asseiado*, *enleiado* (a par de *enlearam-se*), *meneiou*, etc., formas em que ainda hoje se pode ouvir o *i*. Deixamos também as formas *joalheiria* e *peior*, que testemunham talvez a pronúncia do Autor.

3. Respeitou-se a preferência de G. D. pela terminação *-is* em lugar de *-e* em palavras eruditas como *anquilósis*, *gênesis*, *parêntesis* e congêneres. E também a terminação *-us* em vez de *-o* em *círrus*, *fálus*, *ríctus*; ou a conservação de *-n* final (*abdômen*, *espécimen*, *alabástron*, bem como a forma *panteon*).

4. Conservaram-se as letras que representam consoantes ainda hoje facultativamente proferidas, como em *dicção*, *inaccessível*, *susceptibilidade*,

entre outras. — Mantivemos também o -g-, ainda ouvido, das formas *fleugma* e *fleugmático*, registradas no *Vocabulário* da ABL de 1981, refeitas por influência de *flegma*.

5. Mantiveram-se variantes nem sempre dicionarizadas, como *enregelhar-se*, *gorgomilhos*, *pelhanquento*, *tamborilhar*, *crocodilhento*; *amorfanar* (por *amorfanhar*, variante de *amarfanhar*); *grunir*; *apoteósico*, *eurítmico*, *lagrimoso*, *presago*; *prostar*, *exprobar*.

6. Foram respeitadas igualmente certas formas fonético-sintáticas que se desviam do uso de hoje, como *ouviam-o*, *atraíram-o*, *desalentavam-os*, etc., ao lado de *ouviam-no*, *tinham-na*, etc. Manteve-se também a estranha combinação *tinha-na*.

7. Conservou-se o apóstrofo indicador de elisão, fato freqüentíssimo neste livro: *d'Academia*, *d'oiro* (a par de *de oiro*), *d'Ouvidor*, *entr'olhar*, *des'logo*, etc.

8. Uniformizaram-se, num só vocábulo, segundo o sistema hoje vigente (uma vez que isso não acarreta diferença de pronúncia), advérbios e conjunções como *decerto*, *depressa*, *devagar*, *enquanto*, *porventura*; e em dois vocábulos *por que* interrogativo.

9. G. D. escreve *éphebos*, *garrúla* e *inópina*, contra o que registram os dicionários: mantivemos a prosódia do Autor. — O substantivo grafado *bohemia* foi transcrito *boêmia*, atendendo-se a que esta é a prosódia de autores da época, como Cruz e Sousa, nos *Últimos Sonetos*, autor muito apreciado por G. Duque.

10. G. D. muitas vezes marca indevidamente com acento agudo a preposição *a* antes de verbos ou de substantivos masculinos. Nesta edição só se usa o acento grave indicador de crase segundo as normas atuais.

11. Uniformizou-se a oscilação encontrada no registro de palavras estrangeiras, que ora vêm grifadas, ora não, e raramente aportuguesadas.

Dessa maneira, mantiveram-se com grifo as que assim sempre (ou quase sempre) aparecem na edição *princeps*, como *aplomb*, *biscuit*, *blasé*, *lunch*, *spleen*, *turf*, *virtuosi* e tantas mais. A maioria desses termos já se acha dicionarizada, caso em que se dispensou a tradução.

Algumas das palavras estrangeiras, usuais na época, não vêm grifadas na 1ª edição, e nesta tiveram sua forma aportuguesada: *abajur*, *bibelô*, *bonde*, *cabaré*, *chope*, *chique*, *crachá*, *paletó*, *truque*, *vermute*.

Mantivemos as formas *goche* (escrita *gôche* no original), e *grenate*, que assim ocorre mais de uma vez.

Deixaram-se com *e* ou *a* finais, respeitando-se a provável pronúncia do autor, *avalanche*, *brilhantine*, *champanhe*, *vitrine*; *mansarda*, *musselina*, *nuança*.

12. Mantiveram-se os grifos do Autor, embora nem sempre se possa atinar com a sua intenção.

13. Respeitou-se o uso de maiúsculas de caráter simbolizante.

14. Conservou-se, em princípio, a pontuação do Autor, mesmo que, algumas vezes, contrarie as regras habituais, como é o caso da vírgula a separar a conjunção *mas* da oração que inicia, ou o sujeito do seu verbo, ou o verbo do objeto que o complementa.

Uniformizou-se, porém, pelas normas atuais, o uso oscilante do travessão — ora esquecido, ora indevidamente substituído por ponto — e conseqüentemente da inicial maiúscula, muitas vezes em parágrafo, nas indicações de diálogos.

Sirvam de amostra estas passagens:

1) “— Inveja... — balbuciou Feliciano.” (p. 24), em que falta, na edição *princeps*, o segundo travessão.

2) “— Que há? — perguntou-lhe Agrário” (p. 41), em que o segundo verbo está com inicial maiúscula (Perguntou-lhe), o que ocorre várias vezes na 1ª edição.

3) “— Que geringonça é esta, Pita? — perguntou Agrário, batendo no embrulho.” (p. 46). Na 1ª edição, depois da interrogação abre-se parágrafo, iniciado, obviamente, com inicial maiúscula.

Este procedimento (como o anterior) tem caráter esporádico, e por isso optamos pela sua uniformização.

Acreditamos que, com os critérios adotados, estamos pondo nas mãos do leitor, pela primeira vez, uma edição digna da importância deste romance por vários títulos tão singular.

A.G.K.

Por este sábado de outubro, flava manhã de sol e alta alegria azul de céu aberto, Telésforo de Andrade, dignitário da Rosa, palma d'Academia de França, resplandecente de várias nobilitações estrangeiras, expunha à admiração patrícia o seu novo quadro, um vasto painel estendido por quatorze metros, contando doze de altura, "pincelado a gênio, com maravilhosas nuances de tons e admirável composição de linhas, à clássica".

Esta rara obra, estardalhaçante de reclamos, tantaneada no jornalismo indígena, anunciada por epígrafes a gordo *normando* em louvores escorrendo, colunas abaixo, com trestalos regozijantes d'adjetivação pirotécnica, a primeira da decantada série que o seu famoso talento educado na Europa se propunha a produzir para o glorioso renome das armas imperiais nas façanhas bélicas de 1865 a 70, teve a consagração de um panteon de pinho, ao molde do agripino², enorme como uma rotunda e vistoso de frescas brochadas de gesso e oca.

O colosso de tábuas, almanjarrado em meio de uma praça, empertigava, na pompa soberba das construções capitólicas, o grande frontispício saliente, em duas filas de oito colunas cenografadas com intuitos d'efeito óptico, e para apoio resistente do frontão, triângulo em faixas denticuladas de cujo tímpano se destacavam, sob uma grinalda de loureiro suspensa, os romanos caracteres amarelos de uma inscrição, tarjados de verde: *Nobilis et decorum est pro patria laborare*,³ e no friso a palavra *Exposição*, a negro, amplas letras atarracadas, num acuso proposital de tabuleta para percepção à distância e clareza explicativa da monstruosidade entabuada.

Fisgas de mastros, serpenteadas d'espirais multicores, varavam de todos os ângulos, de todos os cantos do panteon, abrindo seus panos coloridos, festivamente, à cálida viração que os açoitava com um ruído sem eco de fuzilaria longínqua, fazendo-os tremular, flamular no espaço em que a luz transbordante do céu entornava a sua volatilização d'oiro, faiscante e quente, luz pagã e franca, d'églogas e bacanaís, que vai reanimando, revivendo e acordando tudo para o evoé à Vida, que exubera os verdes tintos, tufados e frisados na serra distante, que brilha na calíça oftalmizante dos muros, põe irradiações d'astros acesos em serenidades de matinas mádidas na vidraçaria das

casas e longe, no declínio extremo do horizonte, tem pulverizações de pólen candente disseminado, diafaneidade visionada de uma gaze jalde aberta em apoteose, batida do clarão fantástico dos holofotes.

Um cheiro acre de folhagem esparzida, desgalhada de fresco, infiltrava-se no ar, saturando-o, como se boiasse em torno do bojo, suspenso na claridade, turbulando à sua grandeza os aromas capitosos dos antigos festivais de triunfo, cheios da pandorga épica de campânulas e trombetas ao escaldar hosânico das recepções aos bravos, sob a agitação farfalhenta de palmas e florar de tirso...

Havia minutos que a Regente chegara. Viera inaugurar a exposição e, por exagero de aparato emprestado à solenidade, trouxera um galhardo piquete de cavalarianos, sabres desnudados e rútilos, à estribeira do seu coche de curvas molas flexíveis, em forma de enormes SS negros, vergados e retidos, tirado a seis, de sota e palafreneiro, um escanhoado paspalhete, grave na sua libré verde e de largo cairel de prata afivelado.

Metais retiniam em agudezas tintilantes, de uma nítida clareza alegre, ferindo o burburinho zonzonado da turba que se agrupara em alas, curiosamente. E então, por entre os renques opostos, de vez a vez compactos e mais estreitados, os convidados iam desfilar, silenciosos, sob a inquirição persistente de olhares. Chegavam aos poucos, em bandos, extravasados de carruagens que estacavam súbitas: havia um rumor, um cochichar de multidão, ringir de fechos e *cracs* secos, cavos, de portinholas batidas. Passava a diplomacia, com seus vistosos uniformes bem-vestidos; passava a rica finança de suíças oleosas, rotundos ventres ostensivos e cintilações de brilhantes engastados; passava a alta feminilidade aristocrática, sedas frufrolantes, valiosas joalheirias bizarras e discretas nudezas em *veloutine*, de uma macieza tenra e perfumada. Vinham, depois, a burocracia ensobrecasacada, ictérica de ronceirismos e manchas, a boca repuxada nas comissuras pela bajulice pronta; anchos medalhões polfíticos, graves e míopes; jornalistas circunspectos como artigos de fundo; generais de peitos constelados... Toda a nobreza do Império concorrera solícita, corra reverente, em peregrinação admirativa, ao panteon de Telésforo, dignitário da Rosa e palma d'Academia de França. A folhagem gemia à pressão dos passos, o aroma crescia, alastrava-se no ar. Ondulava, por momentos, um sussurro de comentários. Depois, caía um silêncio recolhido, de pasmo e respeito, e só as bandeiras e galhardetes se agitavam, desfraldados à luz, frenéticos na viração, acenando, acenando sempre às longes montanhas pontilhadas de casarios brancos, às árvores ramalhudas de um parque próximo, à fachada rude dos edifícios, como se quisessem chamar todo o mundo,

mostrar-lhe a glória daquele bojo empanzinado, regorgitando de gente, o triunfo enorme daquele acontecimento...

Junto do embasamento reunira-se, à parte, um pequeno grupo de rapazes. Eram quatro *Insubmissos* de vestes coçadas e jovialidade boêmia. Um deles, que dava pelo nome de Camilo Prado, trazia melhor asseio de cuidados caseiros, parecia o mais amado, pela diferença com que o tratavam; era um anêmico escanifrado com ares de fidalguia abastardada, vago olhar cinzento, umedecido pelas dolências das tuberculosas incipientes e pequeno bigode de fios lisos, à chim; outro, que lhe ficava à esquerda, o Franklin, mais magro do que ele, tinha o imberbe rosto dos colegiais e farta cabeleira loiro-cendrado sob um terrível chapéu negro, de abas de cilada; à sua direita perfilava-se o terceiro magriço, Artur de Almeida, muito orgulhoso num colarinho novo e tão alto que lhe impedia o movimento do oval lamartiniano da cabeça; por trás deles ficava o anguloso contorno, em entalhamento d'ébano, da cara etíope do Sabino, a que a serenidade inteligente do olhar emeigava numa resignação de mártir.

Epigramas e facécias partiam deste grupo, destacando-o da boçalidade admirada do ajuntamento. Olhares desconfiados vigiavam-o d'esguelha, temendo intranquilidades, e um ossudo imundo, de pele olivária dos viciosos crônicos, que chupava o cigarro por uma boquilha de cerejeira, atendia-o, piscando o lúzio tratante, fazendo-se de sagaz. De repente um carro estacou. O pajem pulou prestes, rodopiando com as abas de uma infame libré amarrotada, a abrir a portinhola. Um velho condecorado desceu, dificilmente, com esforço, gemendo a anquilosis de seus membros d'entanguido, estendeu a mão para o sombrio interior da caleche: um pezinho fino, em pelica Ferry, surgiu, e logo uma cabeça aureolada por um filó armado em pala oblonga, crivado de *forget-me-not* e ixoras, curvou-se, dobrou sobre o busto, desdobrou-se para fora, e um corpo de galante morena, da frescura aromática dos cremes gelados na leveza primaveral do seu claro vestido de *toile*, saltou para a escadaria.

De ouvido em ouvido correu um murmúrio respeitoso: — O Barão de B... — Mas, os do grupo desviaram a atenção para um rapaz, que chegava:

— Bravos, Agrário!

O recém-vindo tinha um largo riso de força no rosto redondo, de grandes olhos pardos e rebuscadores; duas agulhetas de bigodilho negro, caprichosamente ceradas, curvavam-se-lhe às pálpias ventas do curto nariz grosso como ferrões alerta de lacraus assanhados.

— Que troca!... hein?

— Nada. Faziam guarda de honra ao panteon.

Agrário meteu-se no grupo, a falar, a gesticular, com saracotes de peralta, a cabeça erguida com audácia, a palavra clara na boca sensual, de bons dentes afastados e fortes. Trazia um fato novo de casimira cinzenta, chapéu de palha e um escândalo de seda vermelha enchia grongronas de peru sob o seu colarinho nítido.

Indagaram dele onde tinha arranjado aquele “ultraje ao burguês”, que era um estandarte de guerra... e ele confessou, desembaraçadamente, bem alto, que obtivera-o da dedicação amorosa de uma costureirinha da *Notre Dame de Paris*. Aplaudiram-no.

E, já enfiando os polegares nas cavas do colete, com hostilidades no olhar:

— Atenção! Aí vem uma das sete maravilhas do Brasil.

Era o Benedito, um professor das *Belas-Artes*. Apressara o passo, suarento, a mover os braços, desengonçado como um manequim vestido, impulsionado por molas mecânicas. Apenas no terceiro degrau, foi sacando do bolso o *convite*. Atrapalhou-se, tirou uma papelada que se lhe escorregou das mãos, dispersando-se, voando, borboleteando...

...Uma gargalhada estourou, coriscaram chalaças. O sujeito ficou de zarcão.⁴ Tinha apanhado os papéis atarantadamente, quase fulminado de vexame e desapareceu, aturdido, desajeitado, zambro, pela porta do panteon.

E nesse instante um rumor, indefinido ao princípio, logo abafado, profundo, perdido por último em plasplás de matracas distantes, reboou no bojo: esganiçavam lá dentro — *bravô... brrra-vô*. Cobrindo o esmorecer dos ecos, uma charanga rompeu a sinfonia do *Guarani*: rasgos de notas selvagens deflagrando-se logo em sonoridades agrupadas, violentas, impetuosas como estrugidos e espadanos de cascatas despenhadas, roncando caudais espumarentos d'águas, pelo alcantil das penhas brutas, no imenso rumorejar das florestas ínvias. De momento, a grandeza do panteon pareceu altear-se, bojar-se a mais, desmesurada, inchada de glória. Acenavam as bandeiras, flamejavam os galhardetes. Toda uma agitação triunfal o envolvia: o sussurro da turba apinhada, o retintim dos freios e picar das esporas na bainha dos sabres, o sôfrego escarvar dos corcéis inflamados pela música, os reluzentes metais das fardas, a grande luz do dia... E agora os curiosos aumentavam o ajuntamento. Dos bondes, que rodavam por perto, vinham desejos de saltar, de passar, como aquele rumorejante povo diante do templo vistoso, onde a pátria exultava no palpitir dos corações, nos deslumbrados eixos visuais de milhares d'olhos. Mas, ao terminar a música, a pouco e a pouco, o estafamento da

espera invadiu a multidão. Escoavam-se os minutos, as horas, na impertinência das curiosidades contidas. O sol, a pino, causticava. Já havia queixas, desdêns, insolências. Um indivíduo menoscabava a arte com uma ironia amarga e cínica. Outro, de chapéu desabado, envenenava a maçada com o ódio rubro da sua fúria política, injuriando a Princesa. Alguns questionavam assuntos do governo. Esmoía-se devagar a inveja das posições privilegiadas, dos que foram convidados e deviam estar lá dentro fascinados, libando o gozo estético do célebre painel, na boa companhia de mulheres belas...

Sobretudo das mulheres belas! No grupo, um dos rapazes protestava preferir a moreninha do Barão de B... à honra de admirar a obra genial de Telésforo. E recebia aprovações. “Dessem-lhes o mulherio que andava por lá e se ficassem com todos os quadros do imortal pintor.” O da boquilha de cerejeira radiava naquela chocarrice concupiscente, dando de olho à interpretação perspicaz da sua gafeira priápica, prevendo arrepanho de saias e carnações desveladas à tactibilidade erótica dos dedos sarrentos. Irritado pela prurigem sensual dos seus instintos, largou a tagarelar sobre rameiras do fanico, de que ele tinha uso inexcedível, mas os rapazes repeliram-no a debique, borrando-o de qualificativos corrosivos que lhe lanhavam a podridão íntima, entortando na sua boca escorbútica sorrisos azedos e desconfiados. Por fim a Regente apareceu no peristilo, cercada de áulicos. A charanga marcial bateu o hino; o coche principesco rodou para o embasamento, deflanqueando a multidão. Um murmúrio cresceu, parou no ar; retiniram sabres, num lambido frio de lâminas descobertas; corcéis corcovearam, sacudindo freios e sobre a turba, acima de todas as cabeças, esfuziaram pontas de aço retesadas, do piquete em forma.

Telésforo acompanhava a Princesa, curvo, sorridente, quase rastejante. Ela, loira, desse loiro vago e sumido d’esbatimento pictural, trazia um vestido “afogado” de seda plúmbea, guarnecido de veludo negro; da farta mancha escura, magnificamente delineada, de seu corpo inteiro emergia o roseamento fresco da sua carne: um belo pescoço d’estátua, velado um pouco pela alta golilha de rendas e a cabeça, sem esmeros finos de traços, mas de uma doçura sadia de mulher fidalga, sob um pequenino toucado severo de *Hausfrau*⁵. O Conde, a seu lado, inclinava o ouvido duro a um cortesão. Durante minutos o artista teve os dedos enluvados da Condessa⁶ em sua mão nervosa, beijou-os com reverência. Depois o coche partiu rápido, num estrépito de galopes. E ele ficou-se, então, entre as colunas cenografadas do panteon de pinho, cercado de dignitários e barões, opulento, majestoso nas suas honrarias. Irradiava-lhe na fisionomia a inocultável satisfação dos recompensados, que ruborescia, ao de leve, as suas faces morenas, estrelava seus grandes olhos meridionais, sor-

ria na carnação grossa de seus lábios, espiritualizando-lhe o rosto, aclarando, desgarrando-o do esquema típico dos medíocres com fatalidades expressivistas de gênio, caracterizado a capricho pela cabeleira de anéis, descida para a vasta fronte pálida num canutilho grisalho.

Dignitários e barões retrocederam passos, desapareceram pela estreita porta da rotunda. Telésforo ficou. Ao vê-lo, a turba arfou de pasma. Os jornais tinham-na assombrado com a sua fama. Durante semanas, durante meses, foi um fanfarrar precursor de arautismo medievo: contaram os seus sucessos na Europa culta, nas burburinhentas e faustosas capitais da Civilização; esmiuçaram detalhes de *chez lui*, os seus gostos, as suas raridades colecionadas, a sua existência íntima. A pena considerada do Conselheiro Costa Vargas, um velho ídolo bojudo, apoplético de erudição, arqueando ao peso de louros tribunícios e jornalísticos, constelou com citações latinas, na frontaria colunada de um jornal, a ênfase castiça de assinalado artigo em que o consagrava, para todos os efeitos da Posteridade, irrevogavelmente — Gênio, com maiúscula hierárquica. Fez-se, em derredor do seu nome, um círculo luminoso, feérico, que foi iluminar o céu dos recôncavos provincianos, as regiões remotas do enorme território pátrio.

A multidão tinha-o, neste momento, diante dos olhos. Era ele, em carne e osso, o herói! ele, na completação do seu ser, sem falhas deixadas às mãos da admiração estrangeira; ele inteiro, de baixo para cima, das plantas à *calotte* craniana, todo ele, na compleição anatômica do seu organismo, com a integridade natural das suas funções de vivo, desde as mais simples e visíveis até as mais complicadas e secretas. Nada faltava que lhe diminuísse a grandeza. No busto, os crachás ofertados, chispavam irisações de preciosa areia de brilhantes, a dignitária barrava-lhe o tórax, sobre a saudade roxa duma fita de seda entrelaçavam-se palmas de ouro, e na sua compostura, no seu *aplomb* de cabeça arrogante, bigodes cerados em agulhões, *cavaignac* retorcido e aparado à altura do queixo, havia a altivez atraente dos Superiores, que correm mundo no papel das gravuras ou nos cartões fotográficos, a preço reduzido, para o encaixilhamento mural do fetichismo intelectual dos afinados e *virtuosi*. Era assim que ela o imaginara, empalecido por vigílias e coberto de glórias.

Quando o laureado artista, o grande Telésforo, voltou da sua abstração à realidade, percebeu que, havia minutos, toda aquela pinha popular, trêmula e ansiante, aguardava o consentimento de ingresso. Curiosos galgaram os degraus do peristilo: tinham-se plantado em sua frente, suspensos de um gesto da sua destra, de um entreabrir complacente de seus lábios. E ele, então, deixando cair o olhar sobre a enorme massa palpitante, sorriu desvanecido, alar-

gou com o braço um generoso gesto franqueador.

Por mais uma vez Telésforo sentiu-se predestinado. A multidão invadiu o templo, acotovelou-se, conquistando a primazia da entrada, rolou confusamente, promiscuamente, em troços resfolegantes, febril e múrmura. Os primeiros, que entraram, impelidos pelo grosso da onda, recuaram diante dele, para o não tocar, como se uma auréola invisível o circundasse, o separasse do resto dos mortais. Aos primeiros imitaram os segundos, e depois outros, e mais outros, e a turba inteira. Olhava-se-o com veneração. Algumas bocas tentaram servilidades sorridentes; muitas cabeças inclinaram-se. Um escrofuloso, de pálpebras tresnoitadas, deitou-lhe aos crachás uma olhadela desesperada; as garras crispavam-se-lhe carfológicas. Telésforo nem reparou. O fluxo invasor empurrou avante o larápio, envolvendo-o nas suas filas movediças. No recinto, uma claridade morna, contida entre paredes griseas, escorria do alto, da clarabóia velada, para o fundo fechado pela imensa moldura reluzente da tela, encimada por um escudo imperial, sobre troféus de batalhas. Da entrada, em rampa, apenas se distinguia a grande mancha azul do céu. Um povo enchia o imenso bojo. O ambiente abafava. Tépidos e enervantes, picando o olfato, volatilizava-se um estranho misto de perfumarias de luxo, essências reles de bazar, exalações cutâneas. Amadores, entendidos na precisão das perspectivas, estatelavam, binoculando com a destra em canudo; havia pálpebras cerradas, procurando aerizações; queixos para o ar, extáticos, numa imobilidade muçulmana, de preces. E do singular amontoado de cabeças, irrompia d'espço a espço, em conjuntos de ramilhetes, em isolamentos de exemplares seletos, a linda coloração variegada dos chapéus femininos, que lembram vivezas de várzeas solarengas, empós a ceifa, sob a fecundação da luz macia, quando giestas e papoulas sorriem ao Floreal que chega.

Os *Insubmissos* desciam passo a passo, na ondulação arrastada, abandonada, dos curiosos; devagar, varando aos poucos pequenas falhas de grupos, brechas ocasionais nas fileiras de admiradores fascinados, ganhavam os melhores pontos de observação. Já do centro da rotunda, onde mais denso se tornara o aglomerado, via-se o vasto painel na sua grandeza de quatorze metros, enchendo o alto fundo do panteão; de relance — o peso safiroso d'abóbada caindo numa gradação lenta para o cinábrio vago das auroras crescentes, e ao demorar da vista — nuanças, esbatimentos vaporosos, um calor aéreo de amarelos, panos de muros, uma torre alvejando lá-baixo, violáceas sinuosidades de coxilhas... E para o meio da tela, em disposições intermediárias, na tenuidade de uma fumaraça branca, apareciam listras de lâminas, bonés de soldadesca em pelotões consecutivos, distendendo-se, coleando pelo declive

do terreno remoto, diminuindo, confundindo-se, à distância, num tom impreciso de debuxos e esmaecimentos de cor.

Agora, nos planos próximos, os relevos se acusavam, brilhavam as tintas: feições pasmadas de infantes a meio corpo, armas esguias de bandeirolas frementes de um esquadrão de lanceiros, duas manchas auriverdes de estandartes desfraldados, uma, vaga, atormentada na eterização branda da longitude; outra, perto, mais larga, mais colorida, batendo ao vento sobre a floresta de aço dos batalhões...

Dominando a ampla planimetria do fundo, erguia-se o grupo principal, sobre um barranco que formava o primeiro plano e esboroava-se num declive brusco, tortuoso e extenso; na curva desse caminho surgia, numa cavalgata de generais, o uniforme vermelho de um chefe inimigo. À frente do grupo dominante, o Imperador estacara o seu hidrópico e grande cavalo branco.

O Senhor Dom Pedro, mão à rédea, o braço d'espada apoiado pelo pulso ao cinturão lavrado, fitava com altivez o prisioneiro de guerra, que se aproximava; o seu corpanzil esganchado na cavalgadura, tinha a erectibilidade dos Invencíveis, a que um poncho de gaúcho, atirado pelos ombros, aumentava de arrogância. Guardava-o um simétrico Estado-Maior, elevadas patentes do exército, nobres nos seus fardões de gala, com a fulguração marchetada de medalhas e insígnias...

Daqui, dali, dedos varavam o espaço, apontando os personagens; os seus nomes eram citados; comentavam-se-lhes os méritos; o zonzonear das vozes reverberava no ar como num interior afanoso de oficinas. Olhos fixavam, parvamente, na tarja baixa da moldura, um círculo de louros entrelaçados ao redor do dístico: *Rendição de Uruguaiana - 28 de setembro de 1865*. Sentia-se, vindo da tela, esmorecido, quase diluído, o odor dos vernizes e dos óleos. Num grupo, três senhoras teimavam a respeito de uma das figuras do Estado-Maior. Mas Telésforo veio explicar-lhes que era o General Mitre, "o bravo dom Bartolomeu Mitre", e uma moreninha de rosto gorduchito, com uns magníficos olhos de ave noturna, papagueou, acalorada, vitoriosa, sacudindo a cabeça:

— É o que eu dizia, é o que eu dizia...

O laureado artista teve uma frase amável, rápido paralisada, porque um obeso ensobrecasacado abriu-lhe os braços:

— *Ó grande Rafael!* — e o foi levando para mais vizinho do quadro, a perguntar, interessado, se a luz era da tarde ou da manhã... Mas, "tudo magistral! Magistral!"

Telésforo passeiou o olhar pelo painel. A sua obra pareceu-lhe mais vasta. Era um pórtico franqueado para o cenário daquele dia 28 de setembro,

trazendo à percepção de cada qual a flagrante verdade do fato. A impressão apoderou-se de toda sua sensibilidade psíquica, apagou-lhe a fria perscrutação do habituado, para incendiar dentro dele a admiração de si mesmo, como se nunca houvesse visto este enorme quadro, e todas as suas faculdades, absorvidas pelo poder atento, lhe trouxessem a estranha sensação de um sonho consciente. E, de olhos abertos ao clarão das cores, imobilizou-se, mudo, dominado, visualizante, percebendo apenas a extensão indefinida de um horizonte d'ouro, panos de muros, uma torre alvejando lá-baixo, por onde se estendia a preguiça sinuosa das coxilhas... E a su'alma, vivendo nessa luz, pairando nesse oiro de sol matinal, descansando nessa brancura de torre, embebida no azul, volteando na fumaraça das planimetrias, palpitando em cada figura, levava-o para a tela, trazia a tela para ele, unificando-os, produtor e produto, numa só entidade, fazendo deste o coração, o sangue, a alma dessoutro. Num momento ele corporificou a sua obra; ela desaparecera por completo, e de suas tintas, de suas perspectivas, de seus traços, unicamente restava Telésforo, fitado por milhares d'olhos, admirado, idolatrado, indo como a intangibilidade de um espírito, como um fluido telepático, aos recessos de cada ser; carunchando no labirinto dos cérebros, correndo por células, levantando idéias, acendendo pensamentos, vindos aos lábios, abrindo-os em interjeições de respeito, espalhar-se pela atmosfera, atomizar-se nos Tempos!...

Duas senhoras estenderam-lhe as mãos. Uma, alta e pálida, com o porte augusto de uma rainha viúva, em gorgorão negro; outra, de cabelos fulvos e um nostálgico olhar verde-onda, na correção de um *foulard* branco. Ele acolheu-as cortês, mas estremunhado, atordoado ainda. E a de porte augusto de rainha viúva:

— Quero protestar-lhe a minha admiração.

Telésforo, comovido, dobrou-se em uma curvatura, submisso; teria genuflexado, se a de cabelos fulvos não se mostrasse curiosa de informações: queria saber do quanto lhe custara essa obra-prima, que opiniões externaram as sumidades européias... — dizia, parando nele o seu nostálgico olhar verde-onda, misterioso e belo como um mar de lenda.

Prazerosamente penetrado desse cuidado, contou a facilidade⁷ com que trabalhara, “gastara três anos, e esse tempo, porque todos os dias tinha o seu *atelier* invadido por uma sociedade distintíssima, que lhe roubava as horas em deliciosas palestras; quando não eram visitas a palácios, a museus, a estabelecimentos de instrução!...” E como as senhoras atendiam, presas na sua admiração, falou no luxo dos príncipes com que convivera, chegou a pontilhar, subtilmente, uma aventura de amor... porém as senhoras pestanejaram

embaraçadas; uma tornou-se ligeiramente lívida, a outra estremeceu num relâmpago de rubor, e logo ele, saltando sobre o pequenino escândalo, com uma perícia de truque diplomático, que sufocava a oportunidade de juízos, comunicou estar esboçando um novo quadro, desta vez assunto mais delicado: o *Enterramento de Atalá*. Dependia do governo.

— Ah! muito bonito — disse a pálida. — E a Academia?

— Não sei, minha senhora, o governo quer que eu a dirija... Não sei... Aquilo vai tão mal! Demais — acrescentou com esgares de ironia —, demais, não falta quem a dirija, e melhor do que eu.

As senhoras compreenderam-no, antepuseram a sua autoridade às conveniências e proteções políticas.

— ... Descambo para o ocaso, minhas senhoras, estou no declínio...

Relanceou o olhar, de novo, ao quadro; voltou-o à multidão; fixou-o no grupo dos *Insubmissos*, que ali estava, a dous passos dele. Essa rápida revista tranqüilizou-o e como se uma renovada circulação de seiva rebatesse o seu desalento, concluiu:

— Em todo o caso, se me permitem a imodéstia, hei de desaparecer como o sol!...

— Certamente — aprovou, inesperado, um adamado senhor, de mocidade artificial. Ouvira-lhe as últimas palavras “quando vinha, respeitosamente, trazer-lhe o seu parabém, porque o quadro estava maravilhoso. *La além do sublime!*”

Sibilava os ss, numa dicção afetada. Todo ele recendia a baunilha. Cumprimentou às senhoras com discreta familiaridade, e se “o nosso artista lhe desse vênia, faria uma pequena observação”.

— Oh! Senhor Visconde... — murmurou Telésforo, protestando a maior veneração ao seu autorizado julgamento.

O Visconde inclinou a cabeça luzente de tinturaria: uma risca, muito certa, dividia os cabelos, pelo meio, em duas pastas sobre a testa. Agradeceu e continuou:

— O nosso distinto artista não acha demasiado gordo o cavalo de Sua Majestade?

Telésforo, que aguardara, reverentemente, o reparo, observou a tela durante algum tempo; depois, sem lhe despegar logo os olhos, retorquiu de manso, com urbanidade:

— Peço a Vossa Excelência para notar que o cavalo de Sua Majestade é um produto do Rio da Prata...

— Bem. Muito bem. Assim, tem razão. Contudo, o nosso artista daria

melhor prova do bom gosto do nosso sábio monarca, se o fizesse montado num *puro-sangue*.

O artista sorriu, condescendente e afável, mas respondeu que era uma questão de respeito à Verdade: mudar a montaria do Imperador seria deturpar um fato histórico.

O Visconde calou os argumentos. Esteve olhando o quadro, vagarosamente, como amador, alisando com a mão enluvada o queixo escanhado e macio. Num gesto aprovativo e pretensioso de significação, meneiou a cabeça, balbuciou um louvor; ia se retirar, porém notou uma comenda no peito do artista.

— Oh! a *Coroa de Ferro!*⁸... — exclamou, examinando-a. — Muito honroso. Duplico o meu parabém. — Sacudiu a destra de Telésforo num *shake-hands* afetuoso, e foi-se, empertigado, um pouco forçado do ombro esquerdo, a cabeça senhoril, a sobrecasaca espartilhando-lhe a cinta delgada.

Aos poucos a multidão decrescia. Enfatuadas celebridades da política e do jornalismo vinham “apertar-lhe a mão”. Por vezes enlearam-se, exclamativos, em abraços. O entusiasmo obliterava do espírito o senso e o esclarecimento; admiradores chegavam a lhe negar o direito da perpetuidade do seu apelido, fundindo-o, anonimanizando-o, na responsabilidade histórica dos Mestres. Chamavam-lhe Ticiano, Rafael, Murilo, Velásquez! O exagero resvalava, pela inconsciência cognominativa, para o estorrego do ridículo. E Telésforo sorria, talvez pensando no deslumbramento purificador das idades, na clarividência de uma época por vir, ainda mergulhada no mistério das gênesis, imperceptível e obscura no seu tardio embrionismo de compreendedora, de ultra-requintada, formando-se, quintessenciando-se, de geração em geração, através de séculos, em camadas superpostas como os protoplasmas criadores, até corporificar, com as perfeições acumuladas, um todo uniforme, completo, extraordinário, outra geração ou outra raça, superiormente sensibilizadas, poderosamente intelectuais, para divinizar um Nome, estendê-lo à contemplação das Eras!...

Devia ser tarde: a luz rareava. As duas senhoras despediram-se; e, mal se havia extinguido o exalo inebriante dos seus movimentos, já Telésforo era acometido por um descarnado colega, amarelento e carapinhoso, de botins que ringiam.

— Oh! Feliciano!... — exclamou o artista; e, estreitados, trocavam-se palmadinhas carinhosas nas espaldas. Quando se desabraçaram, o Feliciano tremia, abalado por tão grande honra, com babugens de felicidade na dentuça.

E Telésforo, agarrando-se-lhe à manga, confidencial, quase ao ouvido dele:

— Então que há sobre a Academia?

— De novo, nada. Os *homens* estão na brecha.

— Pois a Princesa, ainda hoje, falou-me a respeito. Nem imaginas o que eu lhe ouvi! Se a Posteridade falasse por sua boca...

Suspendeu a frase; seus olhos brilharam procurando a tela, e após um momento, pronunciando palavra por palavra, numa forçada ironia, que lhe adocicava deliciosamente a palatina, terminou:

— ... a história das artes só teria o clarão do meu talento!

O amarelado meneiou a caforina,⁹ emudecido. Caiu um silêncio. A luz ia minguando docemente — apenas uma claridade outonal, levíssima, de sombras saudosas das Trindades plangentes, derramava-se pelo recinto quase deserto. Pelo sossego do bojo, ouvia-se o ciciar de vozes, em conchavo, na parçaria dos *Insubmissos*. Telésforo começava a arquejar ao cansaço daquela glorificação. Confessou “estar esfalfado”. A própria roupa pesava-lhe; era como se tudo quanto ouvira de encomiástico, todas as louvaminheirices, tivessem ficado sobre ele, nos seus bolsos, nas dobras do seu fato, nos seus poros, na sua cabeça, na su’alma, pesando muito. O colarinho incomodava-o, suado e quebradiço; as calças escorregavam, deslocavam-se das pontas do colete. Esquadrinhou para os lados: unicamente restavam ali o Feliciano e os rapazes, que o observavam. Então, resoluto, meteu os polegares nos cós, e repuxou-as, a sorrir para o amigo, a desculpar-se dessa irreverência. Mas Feliciano não o atendeu: pregara o olhar na tela, deslumbrado.

— É alguma cousa... hein? — despertou-o Telésforo, sacudindo-lhe com familiaridade a gola do fraque. — Quero ver, agora, o que a inveja vem dizer da minha obra. Estou aqui, estou crucificado pelos zoilos, à maneira de S. Paulo, de cabeça para o chão...¹⁰ Mas, que façam igual, que consigam *isso*, que eu consegui hoje...

E levantou os ombros com desprezo.

— Ora! Que m’importa o rabear das víboras?! Eu não vivo nas trevas! Ataquem-me de face!...

Parou. O grupo ouvia-o. Tinha-se aproximado dele. Agrário afastara-se, precavido, e sorrateiramente, para a porta, e o Feliciano, abeberado da honrosa intimidade do grande artista, seguia-lhe as palavras, dando com a cabeça aprovações. Seu olhar magnetizara-se nele: automático, esquecido de si mesmo, tinha cruzado as mãos às costas, e pendulava um guarda-chuva pendente do torçal de berloques. A voz de Telésforo desenrolava-se num crescendo de apóstrofes e orgulho, cujas frases crepitavam em labaredas ou referviam em

estalidos frouxos como carnes humanas nos fogaréus dos *sambenitos*.

— Inveja... — balbuciou Feliciano.

— Sim, inveja. Mas eu não invejo ninguém. Eu sou *isto*!

Num largo distendimento do braço, simulou abranger o imenso painel. A magnitude sintética do gesto estancou as palavras nos seus lábios, fechando-os com o selo sagrado da *ultima ratio*¹¹. Em repente ansioso percorre a sua obra, temendo que ela houvesse desaparecido na penumbra vespertina, que as suas tintas não fossem mais que¹² uma impressão recordada, uma lembrança morosa, o esgrafio de uma reminiscência tênue. Não! Ela ali estava, enorme, quatorze metros de pano estendido, destinado aos séculos, brilhando ainda a riqueza de seus tons amarelos, como uma pulverização de oiro, um resto de luz eterna, que os tempos iriam valorizando, penetrando de vez a mais, no tecido, brunindo e metalizando, até amalgamá-lo com a valiosa refulgência das libras empilhadas do seu preço. Ah! quem fazia aquilo, era um Vencedor! E ele não sentira a vitória nas aclamações desse dia? Que era esse bojo, esse amontoado de tábuas, senão uma glorificação? Levantaram-no como um Templo, deram-lhe a forma monumental dos capitólios, encheram-no com o que a nobreza possuía de mais acatado, e o povo, em massa emocionada, em ondas sucessivas, viera aclamá-lo! Que mais? Tudo tivera. Em horas, em dous simples circuitos de ponteiros assinalando a marcha desse brilhante dia azul de outubro, vira para além, para o infinito; percebera as letras aurifulgentes do seu nome, galgando a catadupa estrugidora da Vida, parando na História para a eterna rememoração¹³ da Humanidade, como um sol sem poente! Vencera, enfim! Que poder demolidor, que força destruidora o viriam arrancar da sua eminência? Que o alvejassem com bestas de ironias e catapultas de motejos, virotões e pelouros cairiam sem o atingir, nunca mais, nunca mais!... da mesma maneira que uma saraivada de fundibulários, visando o inimigo acobertado pelo manto sagrado do ídolo... Do ídolo! E em que era ele menor que um ídolo?...

No borbulhar da sua fantasia cresceu uma visão dos priscos tempos atenienses em que devera ter nascido e se ficado na estrutura esculturada de um deus omnipresente, venerado no seu pedestal de pórfiro, no ádito das Academias, onde viriam anciões togados apontar a sublimidade das suas obras a éfebos embevecidos, suaves insexuais ebúrneos, d'olhar aceso em sonhos, que repetiriam, em êxtasis, a tradição do seu nome, cantando-o como um verso sonoro, espocado num beijo entre o fresco desfolho de jasmins e rosas de duas bocas amantes... Ah! se ele tivesse nascido nesse tempo!... Mas, que lhe importava a ninharia de milênios?... E tufou-lhe o peito, inundou-lhe os

pulmões, varou-lhe a garganta, um histérico desejo de gritar, de fazer repercutir pelo mundo, pelos céus, pelos sóis, a sua glória excelsa, como um cântico sempiterno, ecoando na imensidade, nas fulgurações da luz, na indestrutibilidade do ar!

Acordado, voltou ao Feliciano. Ia falar-lhe, quando um dos *Insubmissos*, o Franklin, estacou defronte da tela, e abrindo os braços, profeticamente, berrou:

— Sublime! Único! *Telesforomidal!*

E foi-se com os companheiros, às gargalhadas.

Telésforo estremeceu, lívido como um cadáver. As exclamações do rapaz reboaram no recinto, enchendo-o com um fragor de trovão que arrebenta e rola. Os ouvidos do artista estalaram numa trituração de ossos; ziguezagueou-lhe nas vértebras um corisco frígido e com ele uma dolorosa, angustiada sensação de desabamento, tal se se aluísse em pó, se se desmantelasse em fragmentos inúteis. Durante longos minutos, permaneceu assombrado; ao pânico sucedera-lhe um atordoamento de sangue nas pupilas, um remoinhar de idéias azoinadas, julgando-se presa de alucinação cataléptica, pensando numa crise d'esgotamento, pela contínua vibração nervosa. Anelante, apreensivo, fitou o espaço e um vazio nirvânico dominou-lhe a retina. Tremeu apavorado, sem voz; mas, num arfante, desarcado esforço, arreganhou com violência as pálpebras, esgazeou o olhar para diante: fizera-se uma opacidade de longes hibernais no fundo do painel, as figuras do primeiro plano pareciam flutuar, dissolvidas, na indecisão das mortalhas de um nevoeiro, e a imensa moldura era como um pórtico metálico, em escâncara, para o Passado, luciluzindo na densidade d'esgarçadas recordações penosas. Uma melancolia derramava-se na rotunda, deslizando pela vidraçaria baça da clarabóia, subtil e penetrante, fremindo em arrepios de asas desmedidas que se abrem flácidas, espargindo a poeira olvidante das trevas, num ruflor cansado de gemido agônico.

As carótidas de Telésforo batiam em solavancos; a respiração siflava nas suas narinas com titilações de ânsia, e só, muito lentamente, depois de demorado fitar, foi que ele compreendeu a razão desse diluimento, dessa transição de efeito. Num hausto de alívio fixou o amigo, inda mais amarelento e descarnado, e numa voz sumida, repassada em soluços, perguntou:

— Que biltres são esses?

— ... São — disse o Feliciano, medrosamente, num sussurro trêmulo — o Zut!

Telésforo arregalou o olhar, espantado, sem compreender o que ouvia...
— o Zut!

II

Foi no segundo andar de obscura locanda, em prédio encravado no labirinto da cidade, na *Pension Beaumont*, que se inventou o *Zut*, preito de alegria à graça de uma estranha rapariga, que os bizarrismos da Mocidade celebrizaram, entre fumos azulados de cigarrilhos, para o motejo de um tempo de irreverências.

Agrário de Miranda começava a sua carreira de artista com o sucesso de uma preterição no concurso de *viagem*. Mas, por infelicidade a excelente ocasião de cobrir-se com simpatias públicas, pelo vozear dos protestos, perdera-se no inesperado luto que a morte de um protetor lhe trouxera, deixando a sua vida entregue aos insuficientes recursos com que as canseiras de seus pais, do fundo provinciano de uma lavoira mesquinha, coadjuvavam-o n'aprendizagem acadêmica.

À índole mundana do moço pintor, inclinada à exibição da sua pessoa, que se presumia de ostensiva e atendida pela extravagância de vestuários e pela petulância de atitudes, nos lajedos ouvidorianos, essa perda impressionou rudemente, desvendando-lhe obscurismos humilhantes, inaccessibilidades desalentadoras. Deparou-se-lhe, para consolo do esmorecimento, um discípulo dos silabários, que distendia ócios nauseantes de repulsivo à frequência dos primeiros cursos médicos, ambicionando glorificações no jornalismo, com iniciação pela farandolagem verbosa e gesticuladora dos Cafés.

Era este o Camilo Prado, professo na boêmia de um limitado grupo de uns três, o Pereira Lemos, autor de caprichosos sonetos parnasianos, dum fino relevo de cinzel helênico, que imprimia aos preferidos assuntos mitológicos a correção dos perfis clássicos; um Clementino Viotti, arquiteto sem *viagem*, abandonado pela *Academia*, e o Ramos Colaço, recém-chegado das brumas hibernais da científica Alemanha, onde estudara com proveito os segredos da Música.

Agrário de Miranda veio juntar-se-lhes, comungando nos fraternos intuitos de *desancar os Bárbaros*, letra inicial desse obscuro rito de rapazes sonhadores, que se davam ao luxo de uma divisa cognominativa. Denomina-

vam-se — *Insubmissos* — para realce de suas qualidades de rebelados e raros em contraposição ao burguês subserviente e comum. E, dos brutos lajedos da Ouvidor, das portas da charutaria *Havanesa*, aberta em prédio esquinado com a ruela Uruguaiana, passavam a uma recolhida sala de cervejaria, no silêncio de pouco distante beco, a consumir chopes espumarentos entre controvérsias e questiúnculas, para volverem aos mesmos pontos, em retorno vicioso, vegetativos e quiméricos, sobre os mesmos trilhos diuturnos.

Um dia, o mitológico Pereira Lemos foi despachado cônsul na Inglaterra: havia subido aos conselhos da Coroa um parente seu, e Camilo entrava para a redação de um jornal vespertino — *A Folha* — desprezando a honra de uma esmeralda entre enoveladas serpes d'oiro no indicador autoritário, de *pergaminhado*.

— Lá se vai a boa roda — murmurou o Colaço. — Isto é gente pirotécnica... fogo de artifício!...

Ao contrário, a natureza de Camilo amoldara-se perfeitamente àquela obscuridade bravia de apaixonados e rebeldes, e não havia momento de descanso que ele o não aproveitasse na cervejaria predileta. Já por esse tempo a sua mórbida idiossincrasia tinha humorado, estalando pela fragilidade das repressões educativas, em impulsos irreprimíveis para a Arte, a que ele dizia ter voltado costas por exigências de família. Velhos parentes, encapuchados nos preconceitos da mediania, almejavam considerações de *pergaminhos* em um dos membros da sua linhagem. A desgraça desabara sobre ele, comentava Camilo, “porque, em verdade, e modéstia à parte, da sua família era o único *membro* que escapara da gangrena da parvoíce, não obstante compreender, agora, que o amputaram...”

E aos poucos, nesse abandono de predisposições inaproveitadas, indiferente às censuras e queixumes dos seus, às incertezas e vicissitudes de um futuro, ele esquecia a acalentada esperança de um nome de articulista, lantejoulado na popularidade da imprensa. A delicadeza do seu espírito magoara-se com as grosseiras sensações da bufarinheira vida de jornal, em que os bonzos e os adufes políticos põem, na palavra escrita, trejeitos e esganiços selvagens dos folgares de *taba*, e para a timidez da su'alma foi um líquido escarótico a palrice aguilhoenta da trêfega boêmia das redações. Bem depressa, os intentos fundibulários de agitador patriota mudaram-se, metamorfosearam-se, inapercebidamente, em meditativa, isolada confabulação com os livros de história das artes. Então, absorvido por essa voluptuosa viagem espiritual às regiões remotas, que branquejam nas reixas pontilhadas de páginas impressas como a tenuidade das miragens lóbrigadas por entre a rede

metálica das lumeeiras de masmorras, entregava-se a revolver, com subtilezas de crítica e requintes de forma, difíceis problemas da psicologia de artistas, ou a recompor cenários de épocas estéticas, de que prometia uma obra emocional e quente, escrita com a força palpitante das suas artérias, animada por uma evocação mágica do mais extraordinário esforço descritivo.

Influía nessa conversão, sem dúvida, a ombreada camaradagem com o Clementino Viotti, que n'ardência da sua imaginativa de mestiço, combinação de violências coloridas de um italiano de Nápoles com o lirismo contemplativo de uma mulata patricia, se não se arrancava furo, convulsivo, tremendo, em objurgatórias contra a "podre *Academia* e a infame *Sociedade*", bramava como um João Batista precursor, apostrofando o antiesteticismo arquitetural da metrópole, por ele sonhada em maravilhoso conjunto de soberana graça e gloriosa força — serenidades atenienses e grandezas d'Oriente — a deslumbrar Civilizações na ribamar da Guanabara encantadora, espumefante d'efervescências cêrulas sobre o alabastro de escadarias monumentais!... Ramos Colaço também, do seu descanso sombrio de bebedor, lavrara as tendências do rapaz querido, semeando o grão fecundo da Arte neste espírito virgem. E horas e horas desmemoriadas, vergados sobre os chopes, embebidos na transcendência dos assuntos, ali ficavam-se os dous, em conversa que o Colaço desdobrava com exclusivismos wagnerianos a desenvolver, a contornar utópicas volutas de ideais que se contorciam naquele recanto sossegado de sonhos, como filamentos de oiro em torno de infundável torçal de seda azul, em caprichosos desenhos decorativos.

Agrário, ao princípio, recebeu dessa convivência uma impressão amolecedora e balsâmica; julgou ter achado um *meio* jamais previsto, onde se vivia mentalmente, à semelhança das priscas idades gregas dos ginásios. Os desesperos que lhe ardiam nos gorgomilhos difundiam-se numa maciez saborosa de polpos sacarinos. Aí ele encontrava o ânimo para resistir, o conforto para as decepções, a luz para caminhar e, sem saber por quê, repetindo uma frase de Camilo, considerava essa reunião de camaradas — "um grupo forte de bravos Cavaleiros da Espiritualidade, na vigília d'armas para a Cruzada de Amanhã."

Logo, porém, começou a se afastar, resfriado no fervor do efêmero culto. As impressões primeiras amorteciam aos poucos, reduziam-se à importância de uma novidade que o uso esgarça e deslustra.

Desagradava-lhe aquela reclusão *anacorética*, excluída de "todo o mundo, sem ver mulheres, sem gozar a vida"; ao demais, era fraco bebedor de cerveja, preferia os vinhos capitosos e grenates, o borbulhar álaure do Cham-

panhe, a doçura inebriante dos licores, que aquecem os músculos, que desentorpecem os nervos em frêmitos de luxúria. Mas, se Camilo estivesse ele entraria e permaneceria, porque ao renascimento da camaradagem colegial pospunha certa gratidão pelo alarido encomiástico que o amigo fazia em torno do seu nome, doirando-o com a antonomásia de *Manet brasileiro*! Esta gloriola, desbaratada na frivolidade do motivo, chamejava na sua vaidade, deslumbrando-o. Em outros jornais, nas linhas fáceis dos noticiários, respondia-se à prodigalidade louvaminheira com fosforejamentos de promessas. A sua reputação de artista principiava a luzir, sumida e longínqua, prenunciando um mundo que se forma. E retribuindo esta dedicação, com o sacrifício da sua presença no conventículo da cervejaria, formava a sua *roda*, o seu “cenáculo”, que lhe fora o vazo conhecido na *Academia*, arrastando outros colegas, outros queixosos e desiludidos, a postarem-se ao redor da mesa, na dúbia claridade asiladora desse discreto ângulo de parede, como sectários neófitos duma Verdade iniciada.

Depois chegou a vez do Clementino Viotti.

A necessidade levou-o para um escritório d’engenheiros e só abria mão dos compassos ao pôr-do-sol, estropiado e embrutecido. Raras ocasiões, e ainda assim entediado, preguiçoso, bocejante, conseguia transpor a porta da *brasserie*, abandonar-se numa cadeira, sorver a sua cerveja. A estas horas lá estava o Colaço, esfalfado da peregrinação diurna de *professor particular*. Enquanto esperava os companheiros, o wagnerista desfrutava, encafudado e feliz, o lazer das suas folgas; mas se volviam-se-lhe os olhos, na sucessão dos chopes, à parede fonteira, cresciam-lhe impertinências, arreliaava-se, arranhado no seu método germânico e nos seus inabaláveis princípios de simetria, com a desalinhada colocação de duas medalhas de gesso prateado, que provavam a excelência da fábrica Ritter numa exposição de Hamburgo.

Então o Viotti acalmava-o:

— Que queres, *Tannhäuser*, que queres?... Nesta terra tudo está torto, desde a consciência dos homens até a calçada das ruas.

E o wagnerista, a rosnar:

— Eu sei, eu bem sei... O que é preciso é um dilúvio de petróleo flamante neste monturo. Um fim de Gomorra! Uma maldição bíblica!

— ... ou um bom cacete nas manoplas brutescas de um ditador — concluía Camilo, preparando o seu lugar. Era infalível. A sua demora nunca fora contada para mais de segundos empós a hora dos tratos da véspera e, ultimamente, aparecia sobraçando livros, cujo assunto servia de basto tema de palestra. Estava-se, por essa época, no zênite do *Impressionismo*. Falava-se mui-

to dos seus processos, dos seus exageros, das suas vantagens pinturescas. A novidade das suas audácias, lanhando o cerdoso couro do Sancionado¹⁴, arrancava-lhes concordante grita de entusiasmo. Camilo discorria sobre as telas impenitentes de Édouard Manet, sobre as paisagens vernais de Pissarro e os *motivos* escandalizantes de Caillebotte. Os nomes de Claude Monet e Madame Morizot vinham, às citações, fulgurando entre círculos de fogo, paradeiros resistentes do incondicional, que os isolavam da vulgaridade aplaudida. Com o dedo nervoso e sarrento ele vincava páginas de brochuras novas, apoiando-se no apostolado reformador de Zola, na análise vesicante de Huysmans; citava a crítica facetada de Ortigão e traduzia, declamava os períodos incisivos, de exame glácido e seguro, da prosa aceirada de Félix Fénéon¹⁵: “Esta é grande Arte! a natureza ao ar livre, a verdade uma e única!”

— ... E que sabem vocês disto?... — perguntava ele à *roda* emudecida a escutá-lo. — Vocês estão atrasados trint’anos! Nem sequer conhecem os processos de Huet, de Rousseau... os velhos dissidentes, ignoram a independência de Courbet, a reação romântica contra a escola de David, a reação naturalista contra o delambimento de Cabanel¹⁶!... E aí está em nosso tempo, diante do nosso nariz, uma Arte nova dismantelando todos os estafados moldes conhecidos, de interpretação e feitura, sem que vocês dêem fé da sua existência...

Chegava o Sabino, encolhido na sua modéstia, pupilas absortas nos noctambulismos das ilusões, uma humildade nos traços africanos da sua máscara imberbe e ossuda. As vagas dos que partiam eram duplamente preenchidas pelos que Agrário arrebanhava. Aos poucos vinham outros: o Franklin, o Artur de Almeida... Não raramente aparecia o Sousa, um fuinha caturra, com o seu eterno álbum encapado de linho cinzento, roupas de figurino caricaturado, que ele próprio confeccionava, e olheiras forçadas à rolha para fingir noitadas orgíacas, de que se ufanava. Também, por momentos, rondava a mesa o Samuel Braga, o Braguinha, raquítico e esverdeado, sob o peso duma juba romântica, *cavaignac* d’Artagnan, vidros de míope sobre o nariz pontudo; era um laureado do curso de piano no Conservatório de Música. Mas, a sua presença armava conflitos, ou por fabulosas narrativas à Tartarin¹⁷, que os companheiros rebatiam com chacotas, ou por questões profissionais com o Colaço, que lhe não suportava as idolatrias italianas.

Em breve tempo, porém, o grupo entrou a dispersar-se. O primeiro a desertar foi Agrário, que descia, rápido, às maiores privações. A fome, a maltrapilhagem, os empréstimos difíceis, emparedavam-o em uma constante aflição. A resistência falhara-lhe. Lembrou-se, então, de um primo, ajudante

de guarda-livros nos escritórios comerciais de respeitada firma inglesa, o Melo Castro, que vivia à larga num aposento da *Pension Beaumont*, e lá foi bater à sua porta, por um nascer ensolarado de dia estival.

Havia muito tempo que se não viam. Melo Castro admirou-se, com exclamativas.

— Não me recrimines — disse-lhe Agrário. — Eu sou um desgraçado que recorre à tua esmola. Preciso de quem me valha.

Melo Castro retorcia vagarosamente a ponta do seu bonito bigode loiro, parando sobre ele as pupilas verdíneas, atendendo-o. Era um sangüíneo, magro, de rosto escanhado e duro. Tinha uma frescura de lavagem na pele, e um perfume de óleo fino desprendia-se dos seus cabelos, menos loiros que o bigode, cortados com esmero, assentes em uma placa encurvada em traço firme de pente, pelo lado direito, sobre a testa.

— Mas, como queres que eu te ajude?

— Ora! como hei de querer? Da maneira que puderes. Emprasta-me dinheiro; se o não tens, dá-me, pelo menos, uma esteira neste quarto.

O guarda-livros arreprou num calefrio; mas devagar, com paciente calma de analisador, retorcendo sempre o bonito bigode loiro, notou que o primo curtiá necessidades — deixara crescer a barba, uma forte barba azeviche de frade capucho; faltava-lhe corte na cabeleira, em todo ele havia um constrangimento, um mal-estar disfarçado: a gravata, caindo em asas mortas de borboleta sobre a gola do paletó, ocultava suspeitosamente o desasseio da camisa; o último lampejo do brio amarelecia no celulóide dos punhos e colarinho; joelheiras monstruosas davam-lhe às calças deformidades d'elefantíasis; os botins cambavam, derreados...

E envergonhou-se da desgraça de Agrário, enrubescou diante daquele parente necessitado, d'aspecto desprezível de *boêmio*, como se lhe pudessem acusar origem baixa, atavismo de gentilha de província internada pelos bairros confinantes, junto à muralha dos quartéis, onde mulheres escanifradas e piolhentas ensaboam roupas, cachimbando. Vergonhoso, decerto, era ver um quase irmão reduzido àquele estado. E, mais humilhado que condoído, disse-lhe:

— Bem. Se tu quiseses vem morar aqui. Quanto a dinheiro... nem níquell!

— E os meus móveis?

— Tu tens móveis! — exclamou Melo Castro admiradíssimo.

Agrário não pôde conter o riso. Fora uma blasonada ridícula à sua posição. E emendou com desdém:

— O meu cavalete, a cama, uns cacarésus...

— Ah! sim — compreendeu o guarda-livros. — Podes trazê-los. Aqui há espaço.

— Mas, para isso, meu caro e generoso primo, preciso dinheiro.

— Homem, queres saber de uma cousa? — redargüiu Melo Castro, resolvido a definir a situação — aqui tens esta *mansarda*. Serve-te dela como te aprouver, és meu primo-irmão e meu amigo, eu cumpro um dever socorrendo-te. A respeito de dinheiro, porém, estou a tinir: vou alcançado no crédito e nenhum motivo me obrigará a aumentar a lista dos credores. É esta a verdade nua e crua. Resolve-te.

Agrário ouvia-o quase desatento. Os arranjos domésticos do primo despertavam-lhe reparos meticulosos. Uma mobília de vinhático reluzia, polida e espanada; sobre o largo toucador mulheril, decorado por seu simples e elegante serviço de porcelana inglesa, o artista notou uma variada bateria de frascos de essências, bocetas de pós preciosos, púcaros de perfumadas gorduras epidérmicas; seus olhares aguçavam-se pelo quarto, examinando invejosamente os objetos: a caixa maciça do guarda-casacas, a limpidez do espelho que lhe cobria a longa porta chanfrada; lá, para um canto da parede, o fofa colchão da cama, a alvura dos lençóis, a ordem do *guéridon*, um macio pelego para os pés...

— És cuidadoso!... Vives bem...

Mirou-se na longa porta do guarda-casacas: uma apoplexia de vexame sufocou-o, umedeceram-se-lhe os olhos em frente desta imagem miserável de farroupilha, e não tendo Melo Castro dado ouvido às suas observações, despeçou-se de diante do espelho com um gemido:

— Bem. Obrigado... Até logo.

Ao cair da noite o pintor encetou a mudança. Ele e Camilo Prado trouxeram embrulhados alguns objetos. O transporte dos *móveis* consumiu três dilatados dias de vaivéns afanosos, porque os traziam sob disfarces e fingimento. Foi precisa a prática de estratégias contrabandistas, foi preciso o arrojo velhaco de ladrões das fronteiras, para saírem incólumes do interdito extrajudicial dum sublocatário lesado. A cama, um diabo de trambolho complicado de pinho e vinhático, transformou-se num impossível. Cansaram em planos e projetos para retirá-la, mas só partida, serrada em pedaços, feita em discretas porções inajustáveis ao depois. Camilo, corroído pelas modernices cépticas, filosofou com sarcasmos a todas as camas do mundo. Era¹⁸ o traste mais *traste* que o comodismo humano inventara: possuía todos os defeitos —

como móvel não passava de uma pretensão aparatosa do burguês, acarretando gastos supérfluos em linhos, painas e sedas... Para quê? Para tornar-se um *imóvel*! Como utensílio, não se podia negar, eram prejudicialíssimas — relaxavam os músculos, prostituíam as energias.

— De resto, é o que tu vês — arengava ele, queimando o cigarro e com visagens de nojo —, um empecilho¹⁹, atropela a liberdade dum homem! Até obriga-o a saldar, indiretamente, suas dívidas! Vais pagar ao idiota do sublocatário contra a tua vontade, porque este maldito trambolho resiste aos nossos planos de mudança. Isto reduzido a cobres compensará o desfalque. De sorte que, meu amigo, por causa da sua inamovibilidade, não poderás completar a ação mais digna de um rapaz de talento — ferrar um calote! Eis para que foram inventadas as camas: destruir a tranqüilidade das consciências e... multiplicar os casamentos.

E como Agrário ria, achando-lhe espírito, ele juntou serenamente:

— Tu tens a filosofia de Fígaro²⁰, ris de tua própria desgraça...

Aboletado no pequeno e asseiado aposento de Melo Castro, tranqüilizado com a certeza de um teto que lhe não reduzia os já escassos recursos de alimentação, Agrário voltou ao seu vazo de fazer *cenáculo*, criando o seu *concílio* de adeptos, em que pontificavam opiniões e doutrinas de Camilo. Agora as reuniões tinham lugar no segundo sobrado da *Pension*, posto que, desde as primeiras, o guarda-livros franzisse arreganhos superciliares, desaprovando aquele ajuntamento quotidiano na sua *mansarda*, sem respeito pela excessiva disciplina do seu íntimo viver. Não obstante, durante o dia, o jovial conciliábulo dos *Insubmissos* sucedia-se freqüentemente. O grupo, por uma parte perdera o Viotti e o Colaço, por outra ganhara mais alguns concordantes; vieram o Sforzani, um marinista já reputado; o Valeriano Costa, que arrastava a sua fealdade de caboclo miseravelmente pela vida, com um curso de perspectiva em que se dizia “profundo”; um sorumbático Requião que pintava letras nas horas vagas e o ruivo, o rubicundo João Vieira, o *crônico*, surrado por doze anos de *Academia*, que se dava a aguarelas e cobrava para uma Sociedade Beneficente, porque João Vieira sobrecarregava com a responsabilidade de uma prole! Porém, essas reuniões, não excediam dos motejos e algazarras de bons rapazes alegres; mais de política e volúpias cuidavam eles, com calor de frases, do que de tracejar e combinar tramas revolucionárias nos domínios da Arte.

À boa disposição de Agrário para fórmulas que tivessem o guizozir da novidade, a marca parisiense da moda, Camilo enflorou, em palestra confidencial, idéias de uma agremiação, e para *institut-la* falou nas gerações fran-

cesas que firmaram épocas, relatou e inventou casos da mocidade romântica, a tradicional *bohème galante*, unida por um Ideal, nevrosada pelas mesmas aspirações, que saíra a demolir, a subverter princípios, para erguer sobre os escombros de vetustas barbacãs clássicas os torreões minareteados dos seus sonhos.

Agrário acolheu a exposição do amigo com palmas, jubilosamente. Era o que ele desejava.

— E bravô! Bravô! Viva a rapaziada!

O outro recuou, ansiando, agredido por esta achincalhante exclamativa, mas de novo enfrentou-o, posto que assombrado e lívido.

— Deus meu! Deus meu! — exclamou. — Estou a dizer cousa séria, a impelir minh'alma para estas simples, amigas palavras, e tu saltas daí com uma frase de festa da Penha... Pipocas!

O pintor pasmou:

— Mas, qu'ê, homem? Ora, dá-se!... Isso é entusiasmo. Eu estou de acordo com o que dizes. Também quero a reforma, a reforma ou a revolução, como gritam os políticos.

Camilo teve o olhar fito nele, demoradamente; após, com um retalhado sorriso gotejando amargores, com o gesto paciente, explicou — que não era caso para gritarias e estonteamentos. Deveriam tentar uma reforma, exemplificada no movimento atual da França. Seria um movimento consciente, trabalhoso, honesto, de intuits práticos. Para conquistar esse progresso, não poderiam remontar-se ao tempo da brava *jeunesse* de Gautier²¹, do gigante, trovejante Théo. Os ardentes impulsos quixotescos do romantismo inarmonizavam-se com a circunspecção analítica do tempo vigente. A mocidade de hoje, grisalha, excogitadora e morbosa, não tem pulso de atleta, capaz de transformar em caraça d'entrudo o focinho suíno de um respeitável imbecil. Assim, a imposição dependia de perseverança, o que já estava definido numa frase final da *Oeuvre*, que sai da boca de Sandoz: — *Allons nous en travailler!*"²²

— O trabalho será, pois, o nosso murro-de-hércules, será a nossa força convincente. Mas, trabalho com entusiasmo, trabalho enérgico, que se o tenha simbolizado na persistência encorajada dos malhadores das forjas. Façamos das nossas aspirações uma oficina em que cada um de nós terá a sua bigorna e a sua tarefa. O academicismo nos impõe suas formas, não é? Desprezemo-lo e desprezemo-las. Costas à Academia! E vamos fazer em nossa oficina o contrário do que é letra dos seus códices, do que é dogma dos seus cânones, porque faremos novo e bom, vivo e forte! Foi assim, meu amigo,

que a paisagem se libertou da parte accessorial dos quadros, surgiu vitoriosa da geometria dos sombrios processos oficiais. Quando os *poussinistas* ficaram entregues às paredes dos seus vazios *ateliers*, foi que ela se fez arte pela independência do sincero Paul Huet, de Théodore Rousseau, do rústico e adorável Corot...²³ E é isso o que devemos fazer.

“Nós não somos criadores, não trazemos a chama messiânica, somos os continuadores, os apóstolos; não temos mais que seguir as pegadas dos que inovaram, ou pelo menos dos que reformaram.

“A arte de pintar está paralisada neste país, enfezou nos cueiros. Enquanto ela, na Europa, se serve de uma técnica vigorosa, possui todos os segredos da refração da luz, do prisma solar; todos os recursos da química, que lhe dão a transparência das tintas, a segurança dos valores, a límpida simplicidade dos tons, aqui continua nos arcaicos processos onânicos da pintura friccionada, esbatida e raquítica, sem nervos, sem sangue, sem alma! É uma masturbação à *blaireau*.

“E o que pode resultar deste vício secreto senão a clorose desanimadora, o contágio desmoralizador que estamos observando? Vocês vivem na *Academia*, como se vivessem num internato de padralhões sórdidos, sob o jugo da rotina e a infecção do sodomismo, bestializam-se e esgotam-se. Para cada parede que olham, em cada passo que fazem, têm o mau exemplo, uma arte sem valor técnico e sem espiritualidade. A Pinacoteca aí está, reparem em suas coleções. Que pobreza! que impotência! Não se nota na maioria dessas obras uma alma, um temperamento. Concepções tomadas de empréstimo ou servilmente imitadas, execução frouxa, fraca, inútil; aí tudo é negativo, é reles ou é chato; não afirma um talento, não constata saber. Os panejamentos tanto podem ser panos como pedras, as carnes aproximam-se dos rabanetes pela cor, ou das neves amorangadas dos saraus, pela densidade. Um horror!...

E preparando o cigarro, enquanto Agrário, pensativo, pregara os olhos no soalho, voltou teimosamente à sua idéia:

— Olha, ninguém poderia iniciar este movimento como tu o podes. A tua habilidade de pintar está acima de complacências, desenhos tão bem ou melhor que os teus mestres, gozas de simpatias na imprensa e de provada afetuosidade dos teus companheiros; és corajoso e forte, e sobretudo, mais que outros, possuis alma de artista, sabes ver, sabes sentir. Rompe de vez com a chatice pública, manda ao inferno a *Academia*. Pouco te custa.

O pintor teve um sorriso subtil, mas ergueu os ombros desanimado:

— Vontade tenho-a eu, vontade me não falta...

— E... então?

— Então! — fez uma pirueta, erguendo-se da cama onde estivera sentado, e de pernas abertas, polegares nas cavas do colete, com a sua estudada canalhice de experiente e prático: — É que eu não posso. Tu sabes que estas cousas não estão na vontade do artista, são um conjunto fatal de circunstâncias...

Camilo interrompeu-o:

— Basta! basta! Tu escangalhas, desapiedadamente, o meu bom humor... Olha, meu velho, tu saíste do internato de padralhões, eu te dizia há pouco. Saíste. E foi de lá que trouxeste este ranço. Tem paciência, o conjunto estabelecido por Taine²⁴ só é aplicável às velhas *nações históricas*. Nós outros, americanos, somos produtos de um amontoado de todas as raças, em que predomina mais esta do que aquela e, portanto, a nossa vida espiritual resulta d'afinidade da raça predominante que, para nós, brasileiros, é a latina, por seu ramo português. Como perceberás, é esta uma questão complicada de que podemos prescindir e a que me furto, por felicidade tua e descanso meu. Deixando de parte a formidável preleção étnica, em que fomos tropeçar, vejamos em síntese, cujo desvalor está explicado pela intimidade da nossa palestra, as linhas gerais desta causa, direi melhor — deste motivo. Tu não ignoras, eu creio, que somos um povo independente por sua política, temos as nossas leis, a nossa administração interna, somos uma nação oficialmente constituída. Ora bem. Mas... aqui temos uma adversativa esbarradora... Mas, esses atributos não pressupõem nacionalismo, na verdadeira accepção do termo. Insensível, inapercebidamente, opera-se conosco a fusão dos mais dessemelhantes elementos, estamos num adiantado período *cósmico*. O que vier, após laborar de séculos, será outro povo, perfeito ou imperfeito, mas, sem dúvida, desviado completamente do primitivo que, por sua vez, foi assimilado, fundido, apurado, como se tem dado com os cessantes, minguaos fatores aborígenes. A nossa preceptora espiritual, por primazia de maioridade e por estabelecidos princípios de idoneidade, é a Europa. Dela recebemos as idéias coordenadas, etiquetadas, prontas para o consumo de seres mentais; dela recebemos as fórmulas indispensáveis ao direito de partícipes da comunhão civilizada, os moldes restritos do progresso. Sendo assim (o que me parece irrefutável) a Arte, para todas as nações que nasceram da civilização d'Occidente, é uma e a mesma, e apenas variando em particularidades d'expressão, que vêm do acordo com o traço psíquico da raça dominante em cada meio de produção. Daí concluiremos que, n'América de hoje, talvez de amanhã, sobretudo na sua parte meridional, não existe essa característica que acentua, pelo involuntário concurso dos produtores, a origem nacional da obra artística...

Agrário debruçara-se à janela, azoinado, sem saber o que opor à estirada do amigo. Porém, de repente, rodou nos tacões, agitou os braços aflitivamente:

— Mas, Camilo, que hei de eu fazer?

— Oh! senhor... Nada mais simples: aproveita o teu talento, entrega-te à tua própria idiossincrasia. Toma a tua palheta, vai para a natureza, estuda-a, observa, revolve, esmiúça, procura nela o que ela há de ter unicamente para a tua visualidade, fixa essa *nota*, desenvolve-a, vive para ela, dá-lhe a tua alma...

— E depois?

— Depois, terás conseguido a tua arte, nota bem — *a tua arte!* — e outros virão fazer com a mesma independência, animados pelo exemplo triunfante do teu lutar. Depois cairão os estafados preceitos do academicismo, o sistema-métrico das concepções guiadas, os dogmas estéticos do ensino oficial. Aí tens tu, é o início da revolução com que sonho.

A palavra apaixonada, cálida, sonhadora de Camilo Prado, bateu nos ouvidos do pintor como um rolo de ferro rojando pelo bojo fônico de um bronze — reboou, alarmou.

Subitamente, despertaram-se-lhe os rancores. A Academia pareceu-lhe um monstro visguento, sorrateiro e pinchado; os óculos do Comendador Betâmio e a garra mumiática do Comendador Nogueira carregavam-na com torcicolos de quimeras chinesas nas lacas e marfins sagrados... E era contra esse monstro esguelhudo, acororado, sinistro, que esgazeava a estrabice hipócrita dos echacorvos²⁵, que mastigava esgares de vinganças premeditadas com as mandíbulas senis e esfuracadas; e era contra essa insuportável influência de caturras ensobrecasacados, condecorados, respeitados, que ele se devia revoltar, desforrando-se da injustiça sofrida. A revolta! este termo correu pelo labirinto veioso do seu organismo, penetrou na teccedura de seus nervos, escoou-se-lhe para a medula, incendiando-o. A revolta! desde então, coriscaram em seus lábios críticas, apodos, apóstrofes; desde então, ele moveu-se remordido pelos despeitos, inquietado com a prurigem das vinganças. A voz de Camilo fora-lhe o bafio morno do *morbus*, a lufada asiática dos arciais que levanta a rocada crosta da verminação dos pauis, contaminando os seres, envenenando o ar. Por seus pensamentos flamaram fogarécus satânicos do laboratório convernoso de Megeras, uma atmosfera asfíxiante, de miasmas, ficava-lhe n'alma, a estonteá-lo, e nesse ambiente recôndito, que só ele tinha em si próprio, o seu orgulho batido, a sua presunção repelida e vexada deliravam. Se se revoltasse, sobrepujaria os que ora estavam de cima, nos garatujados palanques das galas sociais; aterrorizaria os seus juízes com o arrojo do seu

ato e talvez com o prestígio das simpatias adquiridas; o seu nome, vago como um astro indeciso, resplandeceria de repente; para ele todas as atenções — o elogio, o amor, a proteção, a glória! Teria, como esse Telésforo de Andrade, que o Império mantinha prodigamente na Europa, sobre as rimas das esterlinas, sobre os pacotes recontados dos bilhetes bancários, o coro das homenagens, os roupões descolcheteados das felicidades. Em torno dele deslumbramentos de riqueza: sumptuosidades de palácios, magnificência de *ateliers* famosos, a romana existência cesarina da fortuna! Ainda em torno dele, deslumbramentos de gozos: ao estender do braço, ao aceno indicativo dos lábios, num soberano gesto de sultão, as mais belas mulheres! mulheres morenas da Ibéria... mulheres loiras da Germânia... mulheres gracios²⁶ da Gália... mulheres de todas as regiões, como os sumptuosos banquetes desse tempo soterrado na História, de que falavam Camilo e o Colaço, num país flavo de sol, sob tendas de seda lavrada, onde havia uma imperatriz de nome cantante e terno, que acolhia os amantes nas colgaduras do seu palanquim doirado, suspenso nos ombros de vinte e quatro escravos!... E por que não se revoltar? Nunca essa palavra despertou-lhe tanto calor, tantas idéias! nunca, como hoje, seduzira-o tão fortemente!

E, a fio na cama, cigarro ao lábio, passava em revista mental as obras de seus mestres. Camilo tinha razão, tudo isso era chato, nulo, objecto! Ele, por si, julgava-se capaz de vencer, sem esforço, essa pequenina arte gafada e trôpega... E se tivesse a ventura de estudar na Europa, durante cinco anos, que não faria ele?... Ah! bastar-lhe-iam quatro, três anos, nessa Paris desejada...

Um sorriso arregaçou-lhe a boca, untuosamente, numa pegajosa doçura de favos sorvidos; suas pupilas clarearam em alvoradas, distendeu-se por seus músculos uma volúpia... Paris emergira nas distâncias nevosas de um sonho, desdobrara-se na sua visão, grande e ofuscante com suas cúpulas, as suas torres, os seus palácios... Era bem a Paris dos seus pensamentos, era bem essa Terra Prometida dos gozos, opulenta e risonha quermesse de encantos, esta que lhe aparecia!...

E ela inteira, rumorejante e esplanada, vivia no aroma das suas flores, na respiração dos seus *boulevards*, no hálito das suas alegrias, que formam uma tentadora atmosfera de seduções, cheia de Misérias... mas plena de Amores. Ah! Paris!... Paris!...

III

No dia seguinte Agrário notou em fronteira janela do primeiro andar, no quadrado mural que formava a área, a cabeça loira de uma rapariga, traços delgados de adolescência num rosto fresco e sadio de brejeira, rosiclareado da graça petulantemente moderna das galantes decorações de *boudoir*, onde luziam célicas lentilhas de olhos tentadores. Ouvira-a cantar e, num salto, correu logo à janela.

— Hein!... Ó Melo Castro! temos canário belga?

— Sim, às vezes, quando não é rouxinol.

O primo contou-lhe por miúdo a impressão que a rapariga lhe causara, desde que para ali viera. Mas, até aquele dia, ele nada conseguira, nem mesmo um olhar de frente e franco!

— E que espécie de diabo é a *cabotine*? Solteira, casada...

— Não sei, o que hoje posso afirmar é que é francesa e vive com um cambista de teatro. — E ficaram nisso.

Dias depois Agrário tinha conseguido com um xilógrafo, o Antônio Forjaz, a salvadora encomenda de ilustrações para uma edição de luxo, e por este socorro pôde coibir os excessos da sua “miséria”. Para adiantar a encomenda e cobrir as antecipações de quantias a crédito, encarcerava-se no quarto doze horas contadas, de sol, com as pranchetas gessadas, e de quando em vez sacudia os ombros, acendia o cigarrilho... “À janela, para arejar, para sanear os músculos. Írribus!”

A loirita quase sempre lá estava sentada junto ao peitoril, a ler brochuras ou a trançar crivos de *crochet*, e tantos pigarros o artista esburgava, tantos rondós e coplas ensaiava a meia voz, que os esmaltes azuis dos olhos dela rolavam, lentamente, para cima, a notá-lo num rápido segundo.

— Sabes?... — disse ele a Camilo — encontrei a minha Musa.

— Deveras?

— Vem cá. Olha pr’ali.

A rapariga volvera, neste momento, a cabeça para o alto; ao dar com os olhos nos rapazes, que a fixavam, enrubescceu, abaixou as pálpebras, susceptibilizada.

— Linda! — exclamou Camilo.

— Deliciosa! — gritou Agrário.

O grupo também apinhava-se na janela, escandalosamente, a prestar-lhe cortesias de adoração porfiada e as palestras rebeldes, os planos reformadores, as metafóricas virulências políticas, desgarravam para as tolices do galanteio. Mas, por uma ocasião, Melo Castro encontrando o quarto em desordem, revolvidos os lençóis, escarrado o soalho, indignou-se, arrebatado por violências de temperamento, a recriminar o pintor.

Com habilidade e subterfúgios Agrário foi arredando os companheiros e, por último, apenas Camilo tinha entrada na *mansarda* do guarda-livros. Melhor, entretanto, fora para o pintor o enérgico protesto do primo, porque não tinha concorrentes no requêstro àquela cabecinha d'elegância loira, e como Camilo era um rival pouco receiável por sua excessiva timidez, Agrário repartia com ele, confiadamente, o balcão do peitoril. Aos poucos os dous conseguiram dominar a atenção da vizinha.

Ela já os olhava sem rubores e melindres, como uma favorita ociosa que se diverte, ao mormaço da canícula, no jardim do harém, com os pinchos cômicos dos seus macacos enjaulados. Achava-lhes graça, ria-se, abrindo o esplendor da sua boquinha carminada e polpuda, magnificamente armada das serrilhas brancas de seus dentes certos e finos. A franqueza do sorriso licenciou o arremesso dos dichotes:

— *Mademoiselle...* um pouco de cançoneta, dois trinadinhos... — pedia-lhe Agrário.

E ela, com todo o encanto da sua boca desejosa, a rir:

— *Zut!*... — fazia, retirando-se. Um pedaço de chita vermelha, com ramagens verde-malva, desbotada de uso, caía sobre a largura da janela, fechando-a discretamente.

Com a distração da francesinha as queixas de Agrário adormeciam, enroscavam-se no fundo de sua alma numa preguiça de serpente enervada por batidas pelo sertão; despegou-se-lhe da susceptibilidade o visgo corrosivo da injustiça sofrida e quase perdeu o hábito de injuriar os julgadores do seu concurso. Aninhava-se agora, em uma morbidez tépida de namoro, esquecido da *miséria*. Também, por este tempo, a vizinha loira ganhara cristalinidades finíssimas nas cordas vocais; de manhã à noite, a área da *Pension Beaumont* parecia um irrigado aviário ao bendito sol dos dias azuis. A sua voz ridente trinava, pizzicateava num doudejamento de regozijos, que iam enchendo aquele espaço intermuros com alacridades colibrinescas de sons, qual mais rútilo, irisado e tremelicor, tal se esvoaçassem em frenesis d'alegrias. O cambista jornadaava por São Paulo, e livre ela exultava como um pássaro livre; a su'alma

subia, alvorotadamente, a fazer dessa láctea garganta d'estátua a torre branca de suas festividades sonorizadas. Agrário vibrava com a sensibilidade de um diapasão às cançonetas que lhe ouvia, todo ele estremecia eletrizado por essa música imprevista de passaredo em fronde de estio; esquecia os óculos caricatos do Comendador Betâmio, a mão seca do Comendador Nogueira e olvidando entusiasmos da profissão, projetos de luta, presunções de vitória, deixava-se escorregar por uma macia volúpia de namoro, langoroso e fútil. Entrara, sem consciência, no período das esculcas cupidíneas, que reduzem os amantes a capros farejadores ao encalço de Aretusas fugitivas. Ao sair da *mansarda*, pela manhã, descia ao corredor do primeiro andar, ganhava-lhe o lado direito onde ficava o aposento da rapariga, a esquadrinhar o recato desse interior, pressentindo o flagrante duma imprevidência, o resquício indiscreto de porta malfechada... E tanto persistiu que, por um radiante levantar de sol, às sete horas, encontrou a porta imprudentemente aberta. A francesinha, numa agitação laboriosa de formiga, cuidava da sua morada. Agrário teve um deslumbramento diante dela, tão encantadora lhe pareceu! Estava garrida com o seu avental de musselina, alfinetado nos bordos do colete; a louçania da sua pele, onde esparsos mordiscos de sarda esmaeciam, tinha o quer que fosse da volatilização aromal de uma flor mádida; sua boca resplandecia numa carícia infantil, ao mesmo tempo desafiando o apetite carnal de beijos pelo sangüíneo do polpo talhado em arco caprichoso, pelo recorte das comissuras onde luciolavam esmaltes foscos de pérolas; e as lentilhas celíneas de seus olhos davam, pela fluidez, a sensação confortante de um firmamento de gozos por uma calma campestre na estação dos viços. Um pequenino espanador movia-se ativamente na sua mão pálida, de compridos dedos lisos, um pouco espatulados, com esmeros de polimento no cone gracioso das unhas.

Agrário curvou-se, afetado, numa cortesia audaciosa, a que ela respondeu com um sorriso de aquiescência.

A partir daí, às mesmas horas, o pintor descia a cumprimentar a vizinha e, pela continuação da "casualidade" entraram em palestras, em começo, tímidas, monossilábicas, com pausas embaraçadas de idéias confusas, mas bem cedo familiarizadas, não já da porta para o corredor e sim sob o mesmo teto, entre as paredes desse quarto vasto, cuidadosamente arrumado, com os seus velhos móveis dispostos em aparato e disfarces de camarins de tablado.

Melo Castro mordia os lábios percebendo a habilidade conquistadora do primo, mascarava o despeito, perguntava, fingindo indiferença d'esfalso:

— Então, com vamos de *caça*?

E Agrário para empiriá-lo:

— Chumbada, meu caro; está'li, está neste buchinho que Deus nosso Senhor me deu.

Melo Castro ria nervoso, desabafava em berreiro, que supunha árias, o rancor da preterição, e quando, raramente, apanhava Camilo na *mansarda*, desandava em descomposturas obscenas contra as francesas, em execrações aos artistas. Camilo percebia-o, compreendia o latejar desse orgulho ferido; então, para gozar dessa pulhice contrariada, envenenava-lhe o ciúme concordando com suas opiniões, a que acrescentava detalhes deprimentes à moral e ao espírito femininos, d'envolta com paradoxos comprobativos da injusta superioridade dos artistas em questões de amor. Intimamente, Camilo, também tinha “uma impressão” da rapariga, de quem já sabiam o nome, chamava-se Henriette (e isto foi uma jubilosa novidade de Agrário), mas as suas preocupações literárias, os trabalhos de imprensa, a sua dissipadora vida noturna de *brasserie* com o Colação, impediam-no de se absorver neste desejo. E era ele quem acordava o amigo:

— Olha, tu te inutilizas com esta morrinha!

Mas Agrário protestava que não, que aquilo era um passatempo, um motivo para *sua arte*, nada mais.

— Amanhã só me restará disso uma lembrança pálida, um vago de sépia num cartão bolorento.

— Pois sim! — duvidava Camilo e volvia à sua idéia fixa de revolta, animava o amigo, inflamava-o com os triunfos do seu futuro: — Termina estas pranchetas que é tempo de começares os teus estudos de arte séria. Eu te quero ver pasmando este povo, provocando ciúmes à velha Europa...

E, duma feita, soprando o fumo do cigarrilho, cuja cinza ele quebrava com a unha crescida do mínimo nodoso:

— Por que não fazemos uma reunião definitiva de todos os que querem resistir à contagiosa estupidez do nosso meio social? Combinando, agremiando, poderíamos formar uma oposição vitoriosa, fundaríamos *ateliers* livres, teríamos exposições independentes, em suma, seríamos uma corporação vivendo vida própria, exercendo uma profissão.

— Magnífica idéia! — concordava Agrário. — Até poderíamos realizá-la já.

— Certo que sim. Fala aos teus colegas, aos teus companheiros... Arranja-se com o Forjaz o *atelier* de gravura para começarmos os trabalhos. Depois virão os apoios, as proteções. Isso só depende de uma boa cabeça.

Agrário refletia nesta probabilidade. Realmente, a idéia parecia-lhe aproveitável. O principal seria se agremiarem porque, depois, apareceriam os

protetores, os contribuintes, talvez pudesse ele encontrar outra dedicação, um amador endinheirado e generoso, que o mandasse à Europa!... E, à noite, no seu fato novo, uma gravata clara tufando sob as pontas curvadas do colarinho, saía para expor aos companheiros o “seu plano, a idéia que tivera”. Gesticulava em meio do lajedo ouvidoriano, diante dos rapazes atentos ou, num portal, copiando “poses” de figurinhas de Jean Béraud²⁷, segredava a algum pintor excluído do proteccionismo oficial a utilidade do “seu projeto”.

E passava dous, três dias, sem mais pensar no caso, toda a sua vontade enrodilhada, apagada, envolvida neste deleitoso namoro que lhe trazia os calefrios e sobressaltos dos primeiros impulsos da virilidade.

Num princípio de mês, pela calma da sesta, estava ele desenhando, quando bateram à porta. Foram três pancadinhas de dedos, pareciam de mão feminina. Ergueu-se sobressaltado, vestiu às pressas o paletó e abriu. Era o Julião Vilela, um belo tipo de artista de romance, com a sua negra barba de nazareno num rosto pálido, de olhos árabes.

Vinha vencido. Deixou-se cair sobre uma cadeira, desoladamente, a *cartola* atirada para a nuca, um embrulho de pincéis apertado na mão nervosa.

— Que há? — perguntou-lhe Agrário, a preparar o cigarro, muito devagar, ainda resfriado da desilusão recebida.

— Estou a arder!... — disse ele. — Aqueles casmurros d’Academia aceitaram a paisagem do Feliciano, uma *bota*, como sabes, e com o resto da verba compraram o quadrinho do Benedito.

Agrário acendeu o cigarro, pachorrento, indiferente, num gesto entediado jogou fora o fósforo pela janela, perguntou-lhe depois, com fleugma:

— ... De sorte que a tua *Aparição de Beatriz*?...

— Recusada — suspirou Julião.

Calaram-se. Durante segundos o *recusado* esteve a tamborilhar com o maço de pincéis sobre a quina da mesa, a pensar, abatido; mas, num arranco, com lágrimas na voz:

— A minha vontade era fazer uma fogueira de todos os meus quadros... Isto não é terra!... não é país!...

Os seus grandes olhos orientais volveram-se para o espaço livre da janela escancarada, fixando o azul brilhante da manhã; uma ruga repuxava-lhe a boca, amargamente.

— Mas, tu tens boas amizades... — disse Agrário, encorajando-o. — Tens um padrinho riquíssimo e considerado, que te valerá. Quem me dera o mesmo!...

— Sim, ainda me resta este recurso. O caso, porém, é outro; quiseram

humilhar-me, quiseram ferir-me dando preferência ao Feliciano... Ao Feliciano! um *brochador* que ainda pinta com verde inglês puro e usa *noir d'ivoire* nas sombras!... Isto é para enlouquecer um homem.

Ergueu-se, foi até uma das paredes onde estavam penduradas algumas pequenas telas, duas tabuazinhas d'impressão. Revistou-as atentamente. Entre elas ficara um esboço seu, maior que uma destra aberta, pouco mais largo, o bastante para conter a redução de uma cabeça chorosa de Desdêmona, esbatida no fundo intacto da tela: lembrança dum dulçuroso oval macilento onde pupilas noturnas tinham reflexos magoados de roxo mortuário. Desviou o olhar, mas automáticos, irresistíveis, seus olhos volveram à contemplação daquele *croquis* antigo, avivando-lhe a reminiscência... Uma época quase indeterminada, resíduo apenas de um fato cinerado na melancolia das separações bruscas, o trêmulo final de um amor desfeito entre pedaços de negativo bilhete amuado... Cousas remotas... Penugens esvoaçantes... Nada...

E voltando-se para o companheiro:

— Já viu você desaforo igual? Quatro contos-de-réis por aquela paisagem! Quatro contos!...

O companheiro mascou um risinho mau, sob um *trago* de fumaça, e batendo no ombro dele com a ponta dos dedos:

— Lamúrias. Deixa-te disso, arranjarás o duplo do preço com o teu padrinho.

Julião ofendeu-se:

— Estás a dar com o meu padrinho, só com o meu padrinho! Que impertinência!... Eu não estou a queixar-me da sorte, digo que é um desaforo o que fizeram comigo... — E abriu a demonstrar a picardia que lhe era feita por saberem-no amigo de Telésforo, por acinte à sua independência de artista *viado*, ileso do contágio d'*Academia*...

Os seus argumentos escorriam aos borbotões, atropelados, inchados de orgulho, extravasantes de queixas, desprezos e dores. Agrário ouvia-o calado, no seu íntimo uma inveja o inquietava e irritava, ao pensar nas venturas deste inteligente e benquistado colega, apadrinhado por um banqueiro, tendo-se feito na Europa, com frequência dos seus mais célebres Museus, recebido com continências por um legionário da Crítica parisiense, e empregando em móveis raros, estofos caros, bibelôs encantadores o bem cotado preço dos seus magníficos quadros. Esta decepção, de que se lastimava o Julião Vilela, tornou-se para ele, Agrário, um justo repelão da sorte, era um despique do acaso para estabelecer o equilíbrio das proporções. Então, para mortificá-lo, provando a incongruência do seu egoísmo, Agrário dardejou-lhe do despeito uma

ervada censura ao seu exclusivismo. Julião oscilou com o zunir do reparo, estacou atônito, mas, recaindo em si, indagou do motivo da censura.

— Tem paciência — respondeu Agrário —, mas a verdade é esta. Se nós nos uníssemos, se fôssemos um por todos e todos por um, como eu sempre desejei, outra seria a nossa vida.

Aquecia-se no desabafo insolcito, tinha perdido a fleugma aparente e o cigarro escapara-se-lhe dos dedos no desabrimento de um gesto, porém, de assalto à mesa, tomou de um leque de papel, que abria, agitava em frente ao rosto ou fechava-o, fazendo dele batuta às frases:

— Esta é que é a verdade; nós nos deixamos vencer como lesmas...

— Menos eu! — gritou Julião e pretendia por seu turno explicar, expor as suas desculpas, que o outro cortava irreverente e brusco:

— Espere, espere, senhor. Vamos aos fatos.

E puseram-se de face, a passos distantes, em repto. Agrário acometeu de leque em punho:

— Vamos aos fatos. Se vocês todos me dessem ouvidos já estaríamos em meio caminho, mas uns foram incapazes e fracos, outros orgulhosos e desleais. Ninguém me acompanhou, ninguém!

Julião quis interromper e ficou com o gesto frouxo, a palavra inarticulada.

— Espere, senhor, espere — opunha-se-lhe Agrário. — Dizia eu, ninguém me acompanhou. Eu — vamos aos fatos — no entanto rebelava-me contra a Academia, procurava realizar o meio prático de abafá-la, de aniquilá-la; fundaria *ateliers* livres e retiraria do ensino oficial os mais adiantados discípulos, despertaria a atenção do público para os nossos esforços com exposições anuais, levantaria a nossa profissão... E em resposta o que tive? — O abandono, o desprezo, o mexerico irônico, a alcovitice mordaz...

E calando-se, sufocado pelo tropel das acusações, que se confundiam no seu espírito, o colega protestou que nunca tivera notícias desses projetos, até aquele dia ignorava o que se pretendia.

— A mim nenhuma palavra me disse você.

— Porque não te encontrava, não havia quem me desse notícias tuas. O que sei é que há *mais* de um mês que procuro gente e estou só!...

— Há um mês! diz você... Em um mês que se poderá fazer? Isto é trabalho pra muito tempo, é caso pra muitos meses de canseiras... — De relance, compreendera que não era para desprezar a agitação de um afouto. Entrou a falar mansamente, a discorrer com calma sobre o que poderiam fazer, a esmerilhar as dificuldades e explanar os meios de reação. No seu consenso (e ele dizia confusamente, sem nitidez d'exposição mas sem obscurida-

de) não havia bons elementos de fácil agremiação para esta tentativa. A salvação do *meio artístico* estava em Telésforo. Eles precisavam de um nome feito, de um mérito acolhido, porque tentar reformas sem o prestígio de um chefe era acender rebeldia de maltrapilhos. Não discordava de que, desde já, fossem opondo à ditadura dos *atrasados* as aspirações dos novos, porém, a título de preparo para uma conquista, para a realização de um ideal a que não falhasse critério.

Encostou-se à mesa, correu os dedos pelos papéis como à procura de idéias e concluiu:

— Se, realmente, você está disposto, se você quiser tratar desta questão com seriedade, conte comigo.

A voz fanhenta e monótona do colega, o brilho da luz que entrava pela janela, um recolhimento de paz que ameigava as cousas, a área silenciosa, a limpidez do ar, o azul das alturas, amorteceram as disposições hostis de Agrário. Devagar, num abandono, devagar, ele se foi esquecendo das felicidades do Julião, dos planos de revolta e volvendo-se, mentalmente, para uma cabecinha loura, de rosto róseo de adolescente, duas misteriosas, microscópicas ninféias cor do céu, boiando em pequeninos lagos lactescentes, coalhados de lírios... E, de repente, pusera-se a assoviar uma valsa habitualmente ouvida à boca sonora de Henriette.

— Que linda valsa!... hein?... Ah! se a ouvisses cantar por quem eu conheço!...

E o Julião, empolgado por seus pensamentos, distraidamente:

— Não há dúvida, pode-se-lhe dar um bom impulso...

— O quê?... à valsa? — perguntou Agrário.

— Não, homem! ao teu projeto — Julião emendou frenético, áspero e aborrecido, estendendo-lhe a mão num gesto de desalento: — E vou andando... Se quiseres é prevenir-me. Deixa-me recado no Moncada, ou com o Forjaz.

— Está feito. Até quando?

— Homessa! você é quem deve marcar o dia. Até quando se realizar coisa séria.

Afastou-se, mas Agrário fê-lo parar ao fundo do corredor.

— Escuta isto.

E de novo voltou à valsa, balouçando o corpo em ritmo de dança, sacudindo desesperadamente o leque aberto.

Julião franziu a boca, enojado, e safou-se.

— Está bem. Adeus.

— *Adieu, mon cher, adieu...*

IV

— Ora bolas! — exclamou Agrário levantando os ombros. E desceu lentamente, raspando as solas pela escada íngreme do *atelier* xilográfico do gravador Forjaz, onde perdera duas horas impacientes em inútil espera dos companheiros. Após ele Camilo Prado descia, também calado, degrau por degrau, rufando os dedos no corrimão, o griseo olhar sumido numa concentração de tédio que lhe repuxava a mais o lábio desdenhoso e tímido.

Ficaram por instantes sem resolução, estacados na calçada. O dia estava quente, a luz causticava como em verão. O ar, abafadiço de pó, cintilava numa limalha volátil d'aço que empardecia, com laivos violáceos, as distâncias, e pesados carroções rodavam com estrondo.

Depois abalaram em silêncio.

Quando chegaram, pela ruela Uruguaiana, à porta d'*Havanesa*, lá encontraram um pequeno bando de *Insubmissos*. Braguinha presidia-o contando fabulosas histórias de músico genial.

Em torno dele, na sonolência displicente da vadiagem, lazzaronismo bocejante que obriga ao recosto desmazelado de portais, ouviam-no desatentos, a notar os transeuntes, o Sabino, o Franklin e o gorduchito Vieira que parara para descansar da sua roda-viva de cobrador e artista, cada vez mais queixoso da sorte, que lhe dera quatro filhos!

À chegada dos dous trocaram-se apertos de mão, abraços, arremessos esgrimadores de índice na vergonha encolhida de ventres dispépticos, confusa e alegremente. Vieira salvou em tempo o seu abdômen, que era o único possuidor de farturas abadescas. Mas Agrário expectorou logo:

— Duas horas d'espera!... — e afinal encontrava os biltres na vagabundagem da Rua d'Ouvidor!...

Cuspinhou injúrias contra todos, em reviravoltas e meneios de chique, afetando desembaraços pelintras. Os rapazes riam, protestando ignorância do prazo dado... que eles não tiveram aviso... nem sabiam de resoluções de última hora...

E por momentos, tirotearam réplica e tréplica. Por fim a exibição duma pecadora profissional veio suspender hostilidades. Abriram alas. Ela passou

num escândalo de cores ruidosas, sob o bravo cruzar de desejos e o estalo debochativo de uma laracha de Agrário. Era uma mulhereça trigueira, rebolante, e peralta. Em cada boca crispou-se a concupiscência de uma interjectiva, bem depressa mudada em dichotes e agudos comentários... E exalações erradias d'essências mistas, opopônax e heliótropos, evolaram-se com perturbações instantâneas dum desafio ao gozo.

Caía a hora bizarra. A rua acanhada e feia, na sua diurna agitação de preferida, tinha o aspecto variegado e promíscuo de uma *pochade* impressionista de feira, em domingo. O rumor dos cafés onde filarmônicas esganiçavam pelas requintas e violinos, a parlenda das calçadas, reverberavam no ar toldado e verânico, pesado de luz, insuportável pelo rumorejo meridional dessa estreiteza deleixada de vala, num formilhar contínuo.

O Sebastião Pita, um pobre artista, que cristalizava a sua mania de pintor histórico em ambições de irrealizável sucesso, chegou-se ao grupo. Trazia um enorme embrulho chato debaixo do braço, aconchegado ao corpo.

— Que geringonça é esta, ó Pita? — perguntou Agrário, batendo no embrulho.

Sebastião Pita esgueirou o corpo, à capadócio, salvando a sua carga da pancada indiscreta dos companheiros e com os miúdos olhos garços, estrábi-cos d'atonia fixadora das visões, parados indefinidamente, teve um murmúrio desconsolado, mais gemido que voz, arrancado dos recessos ulcerados pelas desilusões:

— É a *Partida de Colombo*...

Os rapazes entr'olharam-se; sorrisos compassivos frisaram, rápidos, brancuras sardônicas de caninos terríveis.

A febre maníaca começava a sua fase prodrômica. O desgraçado ganhava, aos poucos, essa feição goche das celebridades tristes, levando a sua tela — um delírio de tintas cruas numa concepção delirante — em peregrinação dolorida de galeria em galeria, rejeitada sempre por necessidade d'espço, preterida por outras telas, expulsa pelo prejuízo das molduras, e, agora, que todas as casas de quadros lha recusavam, ele a conduzia ao mostrador de um tintureiro, a quem fora pedir o piedoso obséquio de expô-la.

Havia três anos que persistia na mesma luta, cabeçudo, tenaz, resolvido a seguir ao encontro do seu sonho, que ia nevando prematuramente a sua cabeça, a sua farta, inteira barba castanha pela tardança do imaginado sucesso.

Então Camilo, para distrair os companheiros da presença lastimosa do alucinado, pôs-se a ridicularizar os transeuntes:

— Olhem vocês aquele desgraçado que ali está.

Um esgrouiado de sobrecasaca, vergado em arco, empoeirado, castento, tinha parado defronte de uma *vitrine*. No seu olhar morno havia uma resignação servil de invejas contidas. Olhou, olhou e afinal, foi-se tristemente, todo fúnebre na sua roupa preta coçada de uso, o guarda-chuva sob o braço e um embrulhinho de padaria pendente do dedo.

— Vêem? Aquilo deve ser funcionário público... O único ideal daquele cérebro é, sem dúvida, o dia d'aposentadoria... para ir esgravatar o nariz comendo os cobres do Estado... E ainda vocês pensam em Arte com um povo deste estofo!...

Sebastião Pita arregalou os olhos para Camilo: a fosforescência de uma desconfiança relampejou no seu espírito; e sem se despedir, escamugiu-se pela rua abaixo, muito seguro à sua *Partida de Colombo*, no sovaco, aconchegada, estreitada ao corpo.

Já estavam habituados a essas partidas bruscas e inopinadas desconfianças do pobre rapaz. Unicamente o Braguinha notou-a, achando-o “ainda mais maluco” e, endireitando o *pince-nez*, concluía, informando — que tivera um parente assim, um gênio musical, que tantas injustiças sofrera, tantas! que um dia acordara doudo, doudo furioso... e subira pela corrente de alarme do sino de S. Francisco. Fora um pavor! O sino badalava, chamando bombas, o povo corria aturdido, e ele lá em cima, agarrado à corrente, esperneando, aos berros!... Fora um pavor!

— Onde leste isto, Braguinha? — perguntou o Artur de Almeida, aproximando-se do grupo.

Braguinha rodopiou furioso, espalmou a mão esquelética na carcaça, para sagrar o que afirmava:

— Juro que é fato, juro!...

E Agrário, com intenção de indigná-lo:

— Eu também li um caso assim; não sei onde, mas eu li...

— Ah! — saltou o músico, triunfantemente — pois não, o caso saiu nos jornais, ora esta! saiu nos jornais.

— Nada. Eu li isto, mas foi em romance...

Com um movimento de ombros Braguinha desdenhou da confissão do rapaz, e, para terminar a discussão em proveito seu, falou em cerveja: Uma cervejinha àquela hora estava a pedir louvores... — *Sento una forza indomita!*²⁸

Concordaram com a força e com a cerveja, mas havia pouco dinheiro. Sabino, calado até então, disse que para não “fazer feio” podiam ir a um lugar modesto, uma *venda* próxima. Foi aceite o alvitre. Partiram para a taverna e

Agrário, que se orgulhava de fraco bebedor, tomou-lhes a testa do percurso, admiravelmente disposto a uma *rapaziada*. “E que lhe não torcessem o nariz em desconfiança... esta é que era a *nota* da mocidade rebelde... arremedavam com isso a boêmia de Paris... Ah! bela boêmia do *Quartier Latin*!...

“Sim, ela devia ser louca, desregrada, a embriagar-se pelas *brasseries* e bodegas.”

E entraram, ruidosamente, para os fundos da taverna, numa saleta escura, bolorenta, saturada de morrinha de barris velhos e caixas empilhadas de gêneros exportados. Em uma das pequenas mesas foram encontrar o raquítico Sousa e o Alves Pena, um refinado boêmio, que trazia a fama tradicional de haver levado à casa, pelas madrugadas difusas das bebedeiras, o falecido Rupp, um artista alemão, valente emborcador de chopes e bravo fusainista. Alves Pena cumprimentou-os com um *aplomb* de velho “campeão jamais vencido” curvando, de leve, a grande cabeça calva, luminosa como uma esfera de faiança branca; e, impassível às exclamações de Camilo e às palmadas que Agrário lhe dava nos ombros, abriu a boca quilotada, em cujo canto pendia, esquecida, uma ponta sarrenta de cigarro, para lhes oferecer um cálix de... parati. Disse, apontando com gesto iterativo e firme o cálix de cristal, postado diante dele, sobre o mármore manchado da mesa.

Recusaram a generosa oferta, fazendo cenáculo numa mesa contígua. Depressa a discussão rompeu franca sobre a necessidade de uma agremiação. Agrário exaltava a urgência de realizá-la e aproveitou da oportunidade para se queixar do Julião Vilela — que o havia logrado miseravelmente. Falava-se alto, atalhando enunciados em começo, pontilhando pilhérias. O raquítico Sousa puxou a sua cadeira para a roda, porque a palestra o interessava, e ouvia, todo curvado, com o seu álbum sobre o joelho, esfregando com a mão aberta o agudo queixo rapado. Só, impassível, *indefectível*, permanecia Alves Pena no seu lugar, sem gestos quase, a não ser o necessário para levar o cálix à boca, o que fazia com afetação, evidenciando a sua mão feminina, magnífica, de lisos dedos em fusel, e unhas ponteadas em amêndoas. Tremia-lhe um pouco essa preciosidade, uma impertinência de nervos aquecidos pelo álcool; ele, porém, possuía a têmpera rígida dos estóicos e, para provar aos seus irrequietos nervos o desprezo em que tinha esses prenúncios mórbidos, antes de bebericar do seu cálix, preparava a boca quilotada para o sabor da aguardente, levantando do lábio o negro bigode escasso, cuspinhando de jacto a saliva amarelenta do contacto do esquecido cigarro... e retirava-o, por momentos, completando todo o valor gustativo da bebida. Depois continuava na mesma postura, ouvindo também, dilatados os bugalhos n’apoplexia das pálpebras, o

carão flácido e anêmico guachado de barba rala, dominado pelo grosso nariz colorido, e toda uma concentração febril na imutabilidade fisionômica.

Ninguém, ao certo, sabia o que ele era. Às vezes, em períodos sentimentais da embriaguez, quando o álcool derramava-lhe no cérebro azuladas delicadezas de saudades remotas, Alves Pena discorria sobre o seu passado, narrando felicidades de infância rósea, na varanda ladrilhada de uma casa rica, ou perdidos anos de mocidade acadêmica, no velho mosteiro de São Paulo. Não lhe pesava aos ombros idade longa, arrastava-se pelo declive dos trinta; mas, abusos orgíacos, libações báquicas, dias desvairados, tinham-no desbastado atrozmente, reduzido a suavidade moça de sua pele ao lixento aspecto de um zinco corroído pelo ácido sulfúrico, e o crânio, de dia a dia despido, ia reluzindo, reluzindo até chegar àquele polido de faiança branca e ameaçava ir a mais, completamente nu, tornar-se a *calotte* em miniatura de um túmulo árabe. O que todos sabiam era que ele amava os artistas, dedicava-lhes uma humilde veneração de inferior, cercava-os de pequenos cuidados e solitudes: levando um recado, realizando uma compra, prestando-se a conduzir os seus artistas a casa, horas mortas da noite, fosse pelo temor de ruas escuras e oblíquas nos cantos desertos da cidade, ou fosse por impossibilidade locomotora como acontecia ao falecido, ao valente Rupp.

Em recompensa dessa vassalagem idólatra pedia apenas... níqueis e, uma vez por outra, na soleira de uma porta isolada, à mesa afastada de um café sem frequentadores, descarregava sobre o *seu artista* um soneto original, *A Desgraça*, o único que conseguira arrancar à laboriosidade imaginativa da sua grande cabeça, e que já saía descorado da ênfase primitiva da sua construção gongórica pelas paralisias súbitas da memória caquética, estrebuchante.

Os rapazes discutiam mais forte. Precipitavam-se, às vezes, num sarilhar de braços em gesticulação nervosa, como um clássico bando de *bravi* conspiradores, lâminas estendidas, altercando vinganças sobre o bloco sagrado dos sepulcros, no final trevoso d'ópera guerreira. Camilo, a pretexto de que necessitavam de mais cerveja, corraera ao escritório da *Folha*. Fora arranjar cobres. Agrário, conseguindo dominar a confusão, voltou, calmo, refletido, ao seu fito — “escangalhar a Academia”. E explicava:

— Eu quero gente que não retroceda; gente firme, capaz de amarrar uma lata à sobrecasaca do Comendador Nogueira. Saibam vocês... Isto é o que eu quero!... — esguelhava-se, levantando o pulso armado em murro, com uma carantonha odienta, em que os dentes rilhados tinham rebrilhos ferozes de fauces.

Em derredor apoiavam:

— Muito bem, muito bem.

O Sabino meneiou a cabeça concordantemente e ficou-se direito, a fitar o companheiro, espreitando-lhe as palavras. Na mesa próxima a calva do Alves Pena oscilou, lenta, como um caquemono, e o Franklin, de perna trançada, dobrado sobre o joelho, martirizava devagar os pêlos anunciadores do buço, errando o olhar cerúleo e fundo pelas rumas de caixotes etiquetados a fogo, aparatosos de *grand prix, exposition universelle, medaille d'or...*

E Agrário emborcando a cerveja:

— Chegou, enfim, o nosso dia! Venceremos, ainda que se nos reduzam a esmolar o pão e o teto; ainda que tenhamos de comparecer no Tribunal do Júri, porque eu estou disposto até o crime... Sim, até o crime!... Ah! vocês pensam qu'eu hei de perdoar o que sofri? Estão enganados. Aqui estou a lutar pela vida, sem recursos, sem proteções, recebendo a esmola de um canto para dormir... Isto há de ser descontado ponto por ponto, isto há de ser pago dia por dia com a vingança que premedito...

Agrário, egoisticamente, só via o seu ódio, a satisfação de uma desforra, e, nesse desvairamento, misturava questões de Arte com interesses privados, embaralhava antipatias pessoais com processos d'escolas, ouvidos nas palestras de Camilo, sem tino, sem ordem, sem clareza, acordando apenas useiras rixas entre professores e alunos, despeitos de desejos irrealizados, pretensões de assomos inovadores contra obstinações sistemáticas do ensino, donde resultavam queixas íntimas, de cada qual, mas sem nenhum horizonte de ideais, sem uma luz de estrela polar, que os guiasse, norteando... Vinham detalhes, surgiam fatos, e se amontoavam, se acumulavam, inutilmente, como fragmentação heterogênea de todas as cousas opostas, incombináveis e im procedentes, no desespero improdutivo de uma determinada função, na impossibilidade d'aproveitamento de uma especialidade. Artur de Almeida queixava-se de que uma elegante dama, de rara distinção, lhe aconselhara outra profissão, *mais digna*; o Sabino antevia em cada excelentíssimo acadêmico um aventasma²⁹ de preconceitos à serenidade de seus estudos; uma arte mística, subtilíssima, misteriosa, preocupava o Franklin, enquanto o aguarelista contentava-se com uma viagem à Europa, a expensas do governo, além de duas boas cartas de recomendação no bolso por causa da família, e o raquítico Sousa achava tudo conciliável desde que metessem alguns rapazes na direção dos cursos... Babel crescia. E como ninguém se entendesse, e como ninguém acertasse com um trilho esmondado e liso para a Coerência, a galhofa estourou fremente dos disparates chocados, transtornando em chalrice as disposições iconoclastas dos rebeldes.

Braguinha, que se exasperava por não poder discutir, protestou contra uma *questão de princípios* aventada por Agrário:

— Neste ponto, meus caros, vocês devem partir de outro princípio, é questionarem tais assuntos longe de mim, porque em se me retirando da Mulher e da Música, só uma cousa me preocupa, é dar cabo dos credores...

— Sim, hein?!... — repostou Agrário. — Pois se estás incomodado, *vá-te*...

— Perdão, até hoje tenho sido simplesmente músico.

O trocadilho começou a estalar de boca em boca. Faziam-no famoso, de uma sensaboria fastiosa, às vezes de uma asnidade impenetrável. Quando Camilo Prado apareceu, triunfante, a bater no bolso da calça para inculcar abundância de pecúnia, houve quem dissesse que ele ficara *viçoso* com a *Folha... nova!*

Camilo estacou, muito teatral:

— Uma condição. Aceitam?... Quem fizer *calembourg* será expulso desta roda...

E da sua imperturbabilidade o Alves Pena atirou:

— Assim não anda a roda!

Foi a primeira frase que havia dito até aquele momento. Ele próprio sorriu. A negrura profunda da sua boca quilotada escancarou bocados incertos de dentes deleixados.

Como a tarde começasse a descer, Sabino e Franklin se ergueram, o raquítico Sousa também partiu com o seu álbum sob o braço, uma debandada ameaçava o grupo pela aproximação da hora costumária das refeições. Camilo teve uma idéia — jantarem juntos; entretanto a maioria se esquivava ao convite com protestos plausíveis de comprometimentos e deveres; mesmo o Braguinha, sempre pronto para as *boas pândegas*, não podia aceitá-lo, e sacou o seu relógio de níquel a consultar horas nos ponteiros imóveis.

— Xi! muito tarde. Nada. Não tinha tempo a perder. — Ia-se *raspando* para a casa porque tinha de responder a uma carta do editor Ricordi, de Milão. — Vocês conhecem?... Adeus. *Sento una forza indomita*. Adeus rapaziada!

Rompeu, apressado, por entre os companheiros, calcando fortemente dous dedos sobre a mola do *pince-nez*. Enquanto, em silêncio, erecto de busto, Alves Pena se erguia, e lento, sem o menor vislumbre de resolução, metódico, *indefectível*, um novo cigarro grosso, queimando na cava do lábio, guardava o enxovalhado lenço, recompunha o zingaroso fato, dava sacudidelas e piparotes no *sombrero* enodado, com a ponta dos dedos, os seus lindos dedos fuselados, papudinhos, de unhas ponteadas em amêndoas.

Depois, pronto, na linha inteiriça de um veterano, esperou com toda a calma que o levassem para o jantar ou... para onde fossem.

Agrário acenou-lhe:

— Toca, Alves Pena, anda daí!

Iam saindo quando, com presteza de fuga, entrou o loiro Sforzani: “vinha tomar uma m..., um paratizinho”.

— E vocês, *canalha*, estavam aí no deboche, hein?!...

Entornou o cálix, de um trago, com uma careta de nojo:

— Passa!... *Entonce*, o que há?...

Agrário comunicou o que “pretendiam deliberar” e acrescentou que a *cousa* estava feita, dependia unicamente de acertar os termos... era caso decidido.

— Pois acerta a futrica. E vocês já sabem, é comigo... pra meter o pau na *canalha*, é comigo...

Safou-se, às pressas, soltando um palavrão, o grande chapéu desabado forçado sobre a cabeleira à ninivita, cor do fumo da Virgínia, em anéis orlada.

— Para onde vamos? — perguntou Camilo.

O pintor encolheu os ombros.

— Para onde quiseses.

Alves Pena fez um gesto com a sua linda mão.

— Vocês já querem jantar? — indagou, circunspecto, sem retirar o cigarro do canto da boca.

— Certamente.

— A estas horas? Qual! Isto é burguês, é pífiio!... Vamos ao nosso vermute!

— Vermute! — exclamou Agrário. — Estás doudo. Isto é *pifão* certo.

Alves Pena forçou, desdenhosamente, o queixo:

— Beberás cerveja... beberás outra *cousa*... meu artista.

— Mas, onde? ó Minotauro insaciável!

— No *Cailteau*... por aí assim.

E rodaram, às risadas, achando pilhéria no *indefectível* Alves Pena, a quem faziam troça com o nome: parecia até uma firma; Alves Pena trazia a fatalidade do súcio pelo imprevisto do apelido; por si já era uma sociedade!...

O boêmio caminhava, impávido, para o seu destino, indiferente, insensível aos remoques. Antes de entrar, parou na calçada e, repetindo o seu gesto de mão, disse sentencioso:

— Escuta, meu artista, se não quiseses cerveja, beberás outra *cousa*, um pouco de vinho.

Invadiram a sala em busca de uma mesa afastada, na penumbra suave de um canto. Camilo tinha essa extravagância de bebedor, preferia os lugares escusos, fora de vistas, em que estivesse num isolamento de restrito grupo, a sós com os seus, em palestra íntima e alheio a todas as exterioridades perturbadoras dos *metediços* e comunicativos. Uma tendência instintiva d'exclusivismo transparecia nos menores, nos mais insignificantes atos da sua vida, e, mesmo na meiguice melancólica da sua fisionomia, na espontânea distinção de seus gestos, havia o quer que fosse de repúdio, de soberano, que o tornava insociável.

Abancados, Alves Pena bateu as palmas, pedindo cerveja para dous copos, vinho do Porto e... umas empadinhas... Não concordam? Sim, umas empadinhas, uns pastéis... convinham. Era o *lunch*.

E logo, sem se alterar nem precipitar movimentos, pendurou o seu *sombrero* no cabide, colocou cigarros e fósforos sobre a mesa.

— Então, Agrário?... Perdemos o dia — disse Camilo.

— Como?... Não perdemos tal. Fizemos hoje o que só parecia realizável em dez anos.

— Está bem — murmurou Camilo —, está muito bem. Mas, meu caro, a mim, me parece que vocês se atrasaram dez anos; pelo menos transtornaram a metade do que poderiam conseguir.

Agrário arregalou comicamente os olhos:

— Que é que dizes? Histórias!... *fanciullo mio*... Come dos pastéis, que estão soberbos.

— Magníficos! — completou Alves Pena, dando investidas ao que, afetadamente, tinha seguro entre os lindos dedos, o mínimo em arrebuie.

Camilo sentia, agora, uma necessidade insofrida de falar, de exprobar ao amigo aquela inutilidade da reunião na taverna. Sarcasmos de frases cálidas, pontas ferinas de adjetivos irônicos, vieram aos seus lábios, teve-os a sair quase, mas... seria um abuso, uma indelicadeza assetear o amigo, inesperadamente, ali, neste momento, na confiança da camaradagem com que viera para se divertir. Ladeou o assunto com subtilezas, mostrou-se incrédulo do interesse que os rapazes dariam à causa.

À sua maneira de ver aquela gente só não estava satisfeita com a Academia, era simplesmente questão de represálias. Ninguém queria saber de Arte, entregar-lhe asceticamente a sua alma, provando agruras penitentes de culto. Todos, em unanimidade, pensavam em regalias mecenásticas, nos favores e privilégios concedidos para a elaboração tranqüila de obras-primas, equiparadas à riqueza estimativa das telas de Vinci e Rubens! Cada um, dentro de si,

apalpava a sua vaidadezinha e sentia-a tremente de responsabilidades profissionais, floreando sorrisos escarninhos de irrecusável superioridade crítica e soberbias de extraordinários habilidosos, senhores de técnicas incomparáveis! Que esperar disso?

Demais (ele tinha observado) em três horas de palestra nem uma idéia apareceu, nem um ideal se aclarou; detalhes, questiúnculas, anedotas, eis o que apurava de tudo quanto fora dito...

Agrário caíra, lentamente, num entorpecimento; ouvia calado, refestelado ao espaldar da cadeira, dificilmente filtrando os litros de cerveja bebida. Um crepúsculo invadia a sala, espalhava larguezas manchadas de água-tinta em derredor, pondo nos grupos esparsos, aqui e além, esbatimentos planimétricos dos cabarés de Van-der-Poel³⁰. A calva de Alves Pena esmorecia na extinção da claridade, o colorido ulceroso do seu nariz tomava securas bístreas de um borrão disforme no amarelento do rosto, ora quase indistinto, a sumir-se, como num desaparecimento espectral e onde ficavam apenas, na indecisão das sombras neutras — a cova das órbitas e o sujo da barba que lhe escaveiravam a esvaída macilência das faces.

Vieram acender o gás. Ao princípio a chama minguada e vermelha tremeu, como um fogo de círio; mas, súbito, alargou-se, clara e forte. Em outras arandelas a luz chamejou. Ressurgiram as cousas num novo aspecto de valores — gastos doirados resplandeceram, suavizaram-se as cores rudes das paredes, cristais e vidros tinham tiques luminosos de finas pedras d'escrínios, a calva de Alves Pena retomou o seu brilho, mais intenso, talvez, como se uma esponja a houvesse refrescado.

— Não sei por que se bebe com mais prazer quando há luz — observou o boêmio, enchendo o copo.

O pintor piscou, significativamente, para Camilo, mas ele fixava o espaço, absorvido, concentrado num grande sonho: — Se lhe fosse dado formar um grupo de obscuros e de convictos, uma limitada boêmia de afinados, vivendo todos para o culto religioso da sua Arte!...

E deixava-se ficar no visionamento, saciando a retina no gozo indefinido dessas alturas por onde o espírito flutua, desprendido das imperfeições mundanas, deslembado do seu próprio corpo reduzido às suas baixas funções materiais...

Uma voz conhecida veio despertá-los:

— Que pândega é esta?

Era Melo Castro que chegava.

Trocaram-se apertos de mãos e, como Melo Castro trouxesse notícias

de Henriette, a quem havia visto de passagem, num claro de fundo de corredor, conversando com Madame Beaumont, Agrário acordou com sobressaltos de galo; chegou mesmo a aceitar mais um copo de cerveja, insistentemente oferecido pelo primo.

Alves Pena concordou também em beber *mais um pouco* do Porto “por deferência a tão distinto companheiro...”

Reataram a palestra. O guarda-livros contou novidades a respeito de meretrizes recém-chegadas. Uma empresa teatral, que desembarcara naquela manhã, trazia nada menos de oito mulheres “esplêndidas”!... Estava a chegar mais *gado novo* com uma companhia de acrobatas... O mercado ficaria repleto...

A conversa entejou a Camilo que, na delicadeza da sua estesia, tinha repulsas pelo espírito pulha e frascário de Melo Castro, era-lhe mais que repulsão, era-lhe uma surda antipatia, um enjôo lento e secreto por tudo que o lembrava, que o representava.

As suas pretensões pelintras, os seus hábitos burgueses de dono de casa com arranjos e asseios exagerados, os cuidados femininos dispensados às unhas, aos *cravos* da pele, à perfeição assente do penteado; a sua ignorância literária ouriçada de desdêns, os seus botins de verniz e, sobretudo, aquela monomania erótica, só cheirando a saias, só questionando saias, só pensando em saias, nutriam na sua prevenção, um retido, um oculto desespero de romper com ele, atirar-lhe às bochechas, um dia, em lugar público, diante de um milhão de seres, verdades cáusticas, conclusões dissecantes da sua chateza, da sua nulidade bonitota, empomadada, frisada, segura por suspensórios, empertigada pela goma porcelanada de seus linhos à moda. Mas, o atencioso acolhimento que o guarda-livros lhe dispensava, envolvendo-o numa delicada simpatia, que lhe era desvendada por Agrário com externalizações de afeto, irritava-o, obrigava, contrariada e dissimuladamente, a suportar sua presença, a corresponder-lhe com forçada bondade à insistência da sua procura.

Foi, pois, com um rancor que ele opôs à palestra de Melo Castro o seu aborrecimento por tudo quanto *fedesse* a mulheres. A única prostituta que ele compreendia ostentando o vício, era a morta cortesã grega. “Essa, sim, para ele, era uma mulher!” E admirando-se os companheiros de lhe ouvirem esse extravagante *platonismo* posto n’abstração sensualista de um recordar arqueológico, Camilo abriu a contar passagens do seu “livro”, relativas às cortesãs antigas, meio ébrio, tomado de ódios incompreendidos e presunções de originalidade, como se falasse ao eruditismo de uma assembléia consagrada. Ouviam-no. A fermentação de cervejas excedentes lavrava silêncios

reverenciosos, calmos recolhimentos de sábios alemães bebedores, aquecendo a friagem dos temperamentos nas sugestões de uma palavra calorosa e maníaca, que lhes sacudisse a alma, a deslocasse da espuma dos chopes e, entre fumaraças espaçadas de cachimbos, arrebatasse-lha para os nimbos do transcendente, para o emaranho mental das complicadas metafísicas; amanhã ou depois condensado no fólio bojudo de uma Memória ou no empanturro inoitavo de um Princípio Filosófico da Psicologia Contemporânea.

As pálpebras apopléticas de Alves Pena pareciam arder à imobilidade da atenção e Agrário, com os cotovelos fincados à mesa, mãos amparando o queixo, estatelara a escutar, sonolento. As faces de Camilo ardiam, uma febre, um delírio de falar, punham-lhe tremuras nos lábios. E foi dizendo e foi narrando a sua história, pupila acesa, abundantes gestos para a representativa das cenas que lhe vinham à boca, como se as lesse no ar, gravadas a fogo. Minúcias surgiam nítidas, justapunham-se detalhes; reconstruía épocas com precisão de pesquisas e notas. Ora lembrava-se de frases inteiras da criação d'Afrodite de Cnido, em Elêusis, por um dia festivo do Boedrômion³¹... Já o Hierofante, um ancião da ilustre família dos Eumólpidas, da Ática, fechara os lábios... O eco da sua larga voz soberana apenas roncava n'alma impressionada dos Iniciados, que se recolhiam para o sono, dous a dous, procissionalmente, levando em Morrões os fachos do sacrifício, cabelos enastrados de cheirosos mirtos, angélicos no aspecto a que a simplicidade dos trajos completava a serenidade religiosa dos passos... O Hierofante adormecera, sentado num soco de mármore do templo silencioso... flocos neblinosos da cabeleira, que se desprenhia pelas têmporas, de lado a lado do diadema sacerdotal, descansavam nos seus largos ombros... sob o *sternum* reluzia a faixa prateada da barba veneranda... e todo ele, grande e poderoso, braços pendentes sobre o regaço, cabeça recurva e esquecida, parecia um deus nos seus preciosos vestidos rútilos, de gala... Descera, com vagares verânicos, a hora do repouso. A enorme turba espairose pelo areial da praia sussurrante.

De toda a parte acudiram gentes. Filhos de Atenas, ostentando clâmides, passeiam aos pares, recordando Homero; há lentidões de passos femininos que movem, num ritmo morno e mole, o tecido plissado dos himations, leques imitando folhas de lótus agitam-se devagar... Tribadas loiras de Lesbos permutam idílios entre si, à procura de recantos macios de alfombra; efebos claros, como Apolo, ensaiam florais tangendo liras; gemidos lascivos de flautas e trestalar de crótalos erram pelo ar, em torno de grupos em descanso; um corinto, farto de vinhos da Lacônia, meteu os dedos no zóster que lhe aperta a véstia, sacou de uma tetradracma e, proferindo obscenidades, atirou-a com

desplante de rico, aos coturnos altos de uma cortesã de cabelos polvilhados d'amarelo, em coifa. Vadios de Cesifo assuaram-na, berraram impropérios...

— Viriam todos os detalhes, os mais insignificantes, das festas gregas, reconstruindo a época — explicava Camilo. — Seria uma regressão histórica...

Alves Pena puxava, quase adormecido, o fumo escasso do cigarro consumido ao canto da boca; Agrário, extático nos cotovelos fincados à mesa, batia as pálpebras cansadas, teimando em atender a narrativa, o Melo Castro, numa beatitude de admiração, implorou: “que continuasse... Estava lindo!”

E Camilo, após um trago de cerveja, possuído do seu trabalho, sentindo-se ouvido:

—... Subitamente estalou uma grita, reboou um coro uníssonos e caloroso: foi como se o mar bramisse numa subversão... Batiam as palmas, esparziam flores, saudando, delirando: Afrodite!... Afrodite!... E a multidão se move em grosso, num arranco, corre, forma grupos gesticuladores, confusamente, curtos pescoços de hérules inclinados para as ondas, olhos abertos para a extensão azulina das vagas.

“... E os afastados acodem céleres e os efecos levantam liras como se agitassem ramos: — Afrodite! Afrodite!... No fervilhamento convulso duma vaga, encurvada e marulhosa, surgiu Frinéia³².

“Como trazida no dorso bramante da massa cerúlea, todos viram-na de pé, de repente, a boca florida numa graça em que havia aljôfares solidificados d'escuma, pedacitos purpúreos de auroras... Crescera do esfarrapar efervescente da onda murmurante, como o sonho de Pigmaleão!... E a sua beleza nua, completamente nua, deslumbrantemente nua, exibindo o triunfo de suas linhas, destacava-se do vazio imenso do espaço, num fundo crepuscular de roxos carminosos, onde sua cabeça resplandecia, coifada de abundantes frisos da cabeleira farta, no tom velado de um capacete d'oiro à entrada duma furna, lascado de revés pela luminosa lança de um raio de sol.

“Frinéia quedou-se diante dos uivos sensuais do povo. A plástica desnudada dos seus contornos vencia as deusas de Scopas, as esculturas lendárias de Dédalo.³³

“Tritões luxuriosos tinham-na seguido no banho cérulo, aos reboles e cabriolas pelo crespado ondular das águas, e da salsugem de seus beijos essa epiderme finíssima, que desafiava o nácar do Íônio e as pedras de Paros, renasceu numa frescura matinal de Cinófion³⁴, o mês fecundo das frutas e das flores... A multidão erguia liras, floreava flautas, entusiasmada, a gritar: Afrodite! Afrodite! E ela que se sabia linda, ela, mulher sagaz feita para o

prazer — encurvou o braço, em égide, sobre os bombilos dos seios túrgidos de volúpia como os pomos alabastrinos de Cipres, teve um resguardo de pudor!

“... Mais a sua beleza deslumbrou. Choveram sobre ela grinaldas e alabástrons de perfumes, e todos os olhares cravaram-se, cúpidos, no branco pálpito do seu pequeno ventre, nos traços amplos das virilhas onde sombreava, sob a concha ocultante da destra, a sedução do seu púbis crasso, dum veludo de buço, como o mistério simbólico aberto, em triângulo cabalístico, na rigidez curvilínea da sua bacia moldada pela forma encantadora dos Colitiscos. Foi assim que Praxíteles³⁵ admirou essa mulher e assim a esculpiu na perfeição de uma estátua, vencendo o informe bloco de mármore e rasgando horizontes novos para a Arte com a representação da nudez, dessa nudez completa, dessa nudez bem-querida, que ele gozou saciantemente, caprino e ostensivo, em cujos paroxismos transbordou o sêmen criador de outras gloriosas obras que foram para as plagas de Cós, para as terras de Téspies, de Alexandria... e para a imortalidade do Helenismo... É por esta forma que eu compreendo a mulher livre, a meretriz ou a cortesã, que nome tenha!...

Melo Castro não se pôde conter, agarrou Camilo pelos ombros, estreitou-o num abraço. Mas, num momento, Agrário ficou lívido, suando copiosamente.

— Que seria?

— Nada. Nada — tartamudeou ele, a se erguer, estonteado.

Os companheiros, impressionados, levantaram-se. Já eram horas, os caixeiros fechavam portas com bruteza; um deles veio diminuir o gás. Então resolveram sair, mas as pernas pesavam, mal arrastavam os passos, acusando o motivo de tudo aquilo.

Fora, na rua deserta, entraram a discutir o destino a tomar, quando Agrário voltou-se, rápido, para a parede e despejou litros e litros de cerveja, ansiando, arrastando escarros.

Alves Pena acudiu, solícito:

— Qu'ê isto, meu artista, qu'ê isto?

Animava-o, amparando-lhe a testa, enquanto que, com a mão desembaraçada, remexia nos bolsos. Depois, retirou do fundo do fraque um frasquinho envolto em papel e com um jeito adestrado, mercê de uma só mão, desenvolveu-o, chegou-o às narinas do pintor.

— Aspire, meu artista, aspire que lhe fará bem... é instantâneo... é um santo remédio.

Agrário aspirou devagar, suspirando a força ativa do medicamento; e sentindo-se melhor, travou do braço do boêmio:

— Toca pra casa!

Melo Castro seguiu com Camilo, camaradamente, em conversa. O jornalista estava loquaz, contava outras *passagens* do seu livro, reconstruções de idades remotas, a vida íntima da civilização primitiva d'Occidente, arcaísmos descritos com uma vivificação criadora.

À porta da *Pension Beaumont* o boêmio fez alto:

— Está cumprida a minha missão — disse. — E muito boa noite, amigos, até amanhã, às mesmas horas, no mesmo ponto...

Partiu, num passo miúdo e certo.

Camilo subiu a convite de Melo Castro, era muito tarde para voltar à casa, num arrabalde longínquo; porém, em meio da escada quis retornar, falou na mãe que ficara só, coitada! a velar pela sua entrada... O guarda-livros dissuadia-o dessa preocupação, puxando-o, cauteloso, amigo, obstinado na sua estima. Agrário, desentorpecido, também insistiu para que ele ficasse — “far-lhe-iam um macio leito a um canto, tinham cobertas...” E, como num requêstro, Camilo foi se deixando ficar, já sem antipatias por Melo Castro, alquebrado de sono.

Apenas entraram no quarto, Agrário correu ao toucador, depois pediu-lhes a única vela que possuíam — só por um *instantezinho*. Por longo tempo esperaram-no, mas inutilmente. O pintor desaparecera. Saíram, então, à procura dele pelos corredores, pelos escuros quatinhos de meia porta, abafadiços, pelo quintal... E nada! O pintor desaparecera. Uma suspeita atravessou o espírito dos dous. Desceram pé por pé ao segundo andar, atravessaram corredores em trevas, onde grilos trilhavam nervosos. Melo Castro guiava a exploração noctâmbula, acendendo fósforos. Chegados à porta de Henriette pararam, prestaram ouvidos, pretenderam esquadrinhar o aposento pela fechadura. Nada! Silêncio e escuridão. Volveram passos, desapontados, confundidos.

— Quem sabe — interveio Camilo — se o *pinta-monos* à força de beber não se transformou em espírito?

— E a vela? — perguntou, desoladamente, Melo Castro.

— Ora, a vela!... À vela corre o patife.

V

Cedo, na manhã seguinte, Melo Castro despiu a colcha num repelão, foi abrir a porta que rangia à força de murros.

Agrário entrou, estremunhado, a palmatória de níquel pendente do dedo, um risinho velhaco no canto da boca.

— Ó pinta-monos! onde dormiste?

— Pissiu!... — fez misteriosamente, penetrando na *mansarda* com meneios cômicos, de cautela; depositou a palmatória sobre a mesa e, a distância do primo, numa momice de segredo:

— Silêncio!... Vim do Paraíso, amiguinho, vim do Éden, e acabo de ser expulso pelo Micael das conveniências.

— Pois, tu... naquele estado! — exclamou Melo Castro, assombrado.

Instantâneo, um ciúme rompeu por sua alma, subjugando-o. O primo estava de posse da francesinha, era senhor daquela criatura, dominador daquele corpo desejado!... Pediu, então, informações dela, como era, que sedução tinha; queria para ali confidências aparentemente recebidas com gracejos, polvilhadas por qualificativos desordenados, sublinhados, friamente perversos, e que lhe caíam aos pingos, um por um, vagarosos como atendidas gotas de um tóxico violento, no sangue do coração, em pleno músculo da sua existência animal. Agrário respondia aos bocados, muito exclamativo, com desfaçatez; depois, suspirando de cansaço, atirou-se para a cama do primo, mal se desfazendo das roupas. Melo Castro parou atordoado pelo imprevisto, abatido no seu orgulho de conquistador. Terrível tudo aquilo! Mas... Custava-lhe, ainda, acreditar nesse domínio, parecia-lhe uma mistificação para o contrariar, para deprimir as suas pretensões de requestrador. Que diabo! fora isto? E aborrecido, nervoso, desajeitado, o que lhe vinha às mãos caía, entornava-se, tinha esquivanças escorregadias de invertebrados. Acenderam-se-lhe ímpetos histéricos; hiperacusias martirizavam-no. O resfolegar dos companheiros incomodava-o; objetos que sempre encontrara ao estender dos dedos mudaram de colocação, tinham desaparecido; as três cadeiras que guarneciam o quarto multiplicaram-se, enchiam todos os lugares, impediam-lhe os passos. E, para se acalmar, correria ao toucador, a cuidar do seu querido bigode loiro.

Qual! A idéia da preferência surdida desses segundos de distração e de novo lá se perdia ele em cogitar dos meios que o primo empregara para vencer a rapariga, como se esta indagação minuciosa e nervosamente esmiuçada lhe servisse de alívio, lhe bastasse para satisfazer a sua bazófia de infalível dominador de cabecinhas femininas. Mas... não era extraordinário! Agrário vivia no quarto, dispunha de todas as horas do dia para se insinuar no espírito da rapariga, daí a vitória pela persistência do namoro. E este é que era o fato: persistiu, venceu. Pudera! Se ela chegava à janela Agrário logo se debruçava ao peitoril; se ela abria a porta a uma visita, a um caixeiro portador de compras, Agrário corria pelas escadas abaixo a meter-se por seus olhos, e se intro-metia em tudo que era dela, obstinado, perseguidor, cabeçudo, aproveitando a *vadiagem da sua profissão* e a ausência dele, Melo Castro, que o recebera por um dia de tolice sentimental, apiedado pelos seus botins cambados e a nojenta sujidade de uma camisa. A rapariga precisava de um homem. Tudo muito simples. O idiota do cambista andava por São Paulo, andava pelos infernos... E ela, já se deixa ver, precisava de um homem... não tinha coragem de chamar o primeiro transeunte, nem agarrar o primeiro indivíduo que atravessasse o corredor... mas, como a bebedeira encorajara o artista, ela o aceitou como teria aceito qualquer, Camilo, o copeiro, ou o moço do lixo. Tudo muito simples, muito simples.

A evidência desse fato, constatado pelas particularidades que ele esmiuçava, trazia-lhe um cinismo sintetizador d'experiências amorosas que, iludindo a sua própria fraqueza, era resumido neste estribilho sarcástico e canalha: — "Tudo muito simples, muito simples."

E ansiava só em pensar que, alguns metros distante da sua janela, ali fronteiro, na parede oposta à do seu quarto, ficava o aposento de uma mulher bonita, de uma mulher moça por quem se guardara em casa domingos inteiros, para ser preferido pelo último requêstador!...

Apenas Camilo bocejou num espreguiço de acordado, Melo Castro soltou a língua.

— E onde está o pulha? — perguntou-lhe Camilo, sentando-se na cama, amorfanado³⁶ pelo embrutecimento do sono.

— Espojou-se ali. Vês? E é a uma canastra daquele feitio que se chama artista!

— Oh! diacho!...

Camilo abriu a boca, arregalando para ele os olhos avermelhados.

— Mas, qu'ê isto?... Será despeito?...

— Despeito?... É boa! Despeito de quê?... Dele se ter metido com a

pinoiazinha? Ora, faça-me o favor. Eu, pelo menos, me tenho honrado mais...

— De acordo, Melo Castro, de pleno acordo. Mas, dá-me água pro rosto, que quero rodar pra casa.

Desenfronhou-se dos lençóis, atarantado com as ceroulas que não tinham botões e segurando-lhes o cós com uma das mãos procurava com a outra vestir as calças, à pressa, para ocultar o seu deleixo.

— Com que então — ia ele dizendo — o grande Manet indígena foi pernoitar nas delícias de Montmartre? Pois, meu ilustre amigo Melo Castro, hás de convir que ele nos pregou uma boa peça. Enquanto nós andávamos a bordejar pelos fundos desta pocilga, a meter o nariz em lugares que não lembram os depósitos de Houbigand³⁷, ele lá estava repimpado em colchões macios, num dueto de amor... prático! Sim, senhor; assim é que eu os admiro. Não há negar que ao mestre-pintor falte jeito para alguma cousa, pelo menos, para substituir cambistas de teatro.

E Agrário resfolegava num sono profundo, sob a saraivada desses dichotes.

O dia vinha entrando ensolarado e azul, um belíssimo dia de maio, perfumado das emanções dos quintais vizinhos. Eram horas de trabalho. Melo Castro desceu com Camilo, sem ter o cuidado de cerrar a janela para alongar o repouso do primo. Que lhe importava aquele *vencedor*! Que se arranjasse... Ora sebo!

A inundação da luz despertou Agrário. Abriu as pálpebras dificilmente, esquadrinhando em derredor, numa dúvida.

Pesava-lhe a cabeça. O quer que fosse de vago, de abstrato, andava nele. Deixou-se ficar nos travesseiros a reconstruir a cena da véspera como se lhe fora um trabalho puramente imaginativo, esparso, desfigurado pelo sono. Mas, aos bocados, por aproximações de pormenores, entrou na realidade. Certo, ele tivera a audácia de ir bater ao quarto de Henriette, e lá passara a noite e de lá saíra de manhã...

E foi, insensivelmente, penetrando na lembrança desse gozo, entregando-se-lhe numa moleza, numa frouxidão sensual que docemente lhe excitavam os sentidos pela persistência da imagem. Deixou-se ficar nos travesseiros a gozá-la. Sentia-lhe o calor da pele macia à meiguice do tato, a vitalidade comunicativa dessas formas frementes de prazer que punham contrações rápidas, ziguezagueantes de nevroses no seu risinho auroral, resplandecente de frescas brancuras de dentes e contrastes sangüíneos de lábios umedecidos,

salivosos de apetite. Revia, em recordação, através dos olhos dessa mulher, na cristalização azul de suas pupilas, esse âmagô, como se fora uma flor vermelha e branca, camélia mosqueada do inverno seco das regiões do meridiano, aberta regiamente, tentadora e lúbrica, palpitando nos polpudos pétalos a quentura acre de vivas carnes ocultas. Uma sofreguidão animal, bruta, de necessidade contida, arreventou-lhe pelo sangue, inflamando-o. E nesse esquecimento, nessa morrinha de sensualidade, foram-se passando os dias.

Melo Castro, cada vez mais despeitado, armava conflitos com ele por cousas insignificantes. Para perturbar a sua felicidade dizia mal de Henriette, caluniava-a. Nas suas perversas novidades, já “todo o mundo” a conhecia, era uma rameira arrancada à enfermaria-Ricord dos hospitais.

Agrário, silencioso, esmoendo fantasias que se iam sucedendo ininterruptas, agora curti uma desperta vontade — safar-se da companhia do primo, mas levando Henriette daquele aposento fronteiro. Ao crescimento desse almejo vinha-lhe o olvido da *agremiação*, do grupo revolucionário de que pretendia ser o chefe.

Caíra no período piegas do amor, sonhando isolamentos românticos, cenografias de agrestidades em chapadões virgíneos, ou num vale campestre, verdejado pela Primavera, sombras altas de ipês ramalhudos, uma palhoça ou teto pequenino de aconchego noival, perto do fio cantante duma gruta onde fossem beber, ao pintar da aurora, as parceiradas grasnadoras dos gansos brancos. Aproveitaria o remanso para estudar paisagem, fazer um quadro original de vida roceira, talvez mesmo uma composição característica — a *fonte* — a *roceirinha* — o quer que fosse de alma brasileira, de uma interessante poesia ignota que o europeísmo da civilização destruíra inconsciente. Chegou a comunicar suas idéias à francesinha, que acolheu-as batendo palmas, *très bien, joli, joli!* e dando-lhe tabefes cariciosos na barba, tomava-lhe da cabeça com as duas mãos, explosiva de contentamento, cobrindo-a de beijos — *bien joli, mon cher, très joli çà...* Depois, tendo ele feito considerações sobre a exigüidade de recursos, ela veio, impetuosamente, cheia de calor, sentar-se nos seus joelhos: *Zut!* E tapou-lhe os lábios com a compressão chupada de sua deliciosa boca.

Ficou assente que procurariam casa para uma vida nova, em comum, duo noival de almas apaixonadas, sem testemunhos importunos e profanos olhares, e isto com a maior brevidade, enquanto o cambista não chegasse de São Paulo, onde, havia mais de três semanas, estava a negócios de uma empresa teatral.

Mas o projeto, a bela expectativa de bucolismo amoroso, despegou-se

dos seus conjuntamentos ideais, rolou como uma colina de pó ao turbilhão do Simum, porque nesta mesma noite parava um tálburi à porta da *Pension* e despejava-se dele o Silvano, atarracado e rolante num guarda-pó de linho.

Agrário perdeu a cabeça, arquitetou planos terríveis, de cilada, à guisa das alcatéias vingadoras da Idade Média; pensou em bater-se à pistola com o cambista, em denunciá-lo como *casten*, persegui-lo pela imprensa coadjuvado pela dedicação de Camilo, que poderia levantar ódios contra os comissários de entradas de teatro, retirando-lhe os proventos, reduzindo-o à mendicagem, impossibilitando-o de manter a amante!... E só se acalmou quando, uma ocasião que voltava à *mansarda*, ouviu Henriette chamá-lo. A rapariga estava disposta a tudo, fugiria se ele quisesse; iriam morar numa cabana ou numa caverna, até mesmo no quarto do Melo Castro.

Falava-lhe febril, atropelando as palavras, bafejando-lhe o rosto com o hálito quente de sua boca mais rubra pela emoção.

Agrário meditou durante o tempo em que ela lhe expôs esses projetos, pesou a responsabilidade. Iria ver, ele também estava disposto a um extremo, mas, em uma semana decidiria. Em todo o caso, falaria ao Melo Castro.

A negativa do primo foi cruel pelos subterfúgios capciosos que envolvia. Era o diabo. Não por uma pessoa no quarto, mas por dous motivos imperiosos: primeiro — porque o acoutamento da francesa daria um escândalo grosso, o cambista brigaria, os moradores poderiam protestar e, afinal de contas, iriam todos dar com os ossos na polícia. Em segundo lugar: um homem ali era o menos, mas, uma mulher!... era demais.

— Imagina tu — expunha o guarda-livros — que tens necessidade de sair e eu de ficar. Se fico, estou em companhia da rapariga, a sós com ela, neste pequeno espaço onde não há divisões, nem mesmo as do respeito... Pois bem, por mais que eu te queira respeitar na pessoa de tua amante, o contacto de dous seres de sexo diverso, moços ambos, e ainda por aumento um desejando o outro, quando mais não seja por necessidade fisiológica — produziriam conseqüências funestas à nossa amizade e peiores conseqüências à tua vida íntima, ao equilíbrio natural da tua cabeça. Em que mixórdia dos diabos pode dar esse imprudente passo!... Tens uma única cousa a fazer, se estás grudado a esta descomunal sandice do Amor, é raptar a amante do cambista e fugir com a trouxa para o morro do Nheco ou a Praia Grande. Aí tens o caso, claro e único. Mas ceder, isso eu não faço. Tem juízo.

Agrário não objetou uma palavra ao fértil arrazoado do primo. Ouviu-o, recostado à cabeceira da cama, braços cruzados sobre a nuca, o olhar contemplativo, visionário, parado a um ângulo da parede, agarrado à ascen-

são remoinhante dos pensamentos.

Os passos de Melo Castro rangiam nas tábuas. Como sempre, em todo ele, havia um esmero, um asseio irrepreensível. O peitilho da sua camisa brilhava, escudando-lhe o tronco; as pontas agudas do alto colarinho caíam sobre o laço firme da linda seda creme, estriada de azul ciânico e vermelhão, duma gravata; um olho de ouro fosco luzia discreto e modesto no branco de seu punho, e no seu rosto sangüíneo, na correção de seu bigode loiro, nos seus cabelos muito cuidados à escova, aparecia um imenso regozijo, de espírito venturoso. A volta do cambista satisfazia-o amplamente, era-lhe como uma vingança não procurada, realizada sem desperdício de tempo nem responsabilidades de prática. Para gozar melhor do desastre do pintor, feri-lo mais pungentemente e contentar o seu próprio despeito, acentuava requintes no trato de sua pessoa, limando as unhas, procurando *cravos* na pele lavada, ou, com meneios saracoteados de *poseur* de rua, notava o corte das calças, mergulhando os índices nos pequeninos bolsos do colete. Numa resolução, plantou-se diante de Agrário:

— Que idéia é esta que se meteu na tua cachimônia? Ora, já se viu!... Tu sabias que essa mulher tinha um amante, ou mais positivamente, tinha um homem; tu sabias ou devias saber que esse homem não a deixou abandonada, nem a repudiou, e que amanhã ou depois ele voltaria a tomar conta do que lhe pertencia por conquista, por trato e por luxo; *consequentemente*, como queres que ela te pertença se não te apoderaste dela, nem a mantiveste?

“De resto, já que não és uma besta, deverias ter, desde o princípio, aceitado a rapariga como uma excelente oportunidade.

E de um para outro lado, *blasé*, a passos largos:

— Inexperiência, meu primo. Se fosses da minha escola, se tivesses isto aqui — ameigava, docemente, o ventre chato sob as pontas do colete —, a rica barriguinha cheia de pombas sem fel, como eu tenho, verias a cousa por outro prisma. Atende ao meu aviso — não caias em deitar paixão. Aquela que ali está tem a educação feita; o cambista enfatiou-se e ela vê iminente um pontapé.

— Homem!... tu és um cínico — murmurou Agrário, desalentado.

— Se te apraz chama-me crápula; serei tudo quanto quiseres, menos idiota.

Mas, súbito, mordido de vingança, voltou mansamente:

— Vem cá. Sejamos amigos. Faz de mim o juízo que entenderes mas deixa-me a consolação de te dar um conselho. Repara a tua posição, repara o estado da rapariga. Tu vives dificilmente, ela é sustentada por um explorador que desta ou daquela maneira mantém-se na vida. Toma-a sob tua responsabi-

lidade, e verás em que lençóis de onze varas te envolve. Casa, alimento, vestuário... o diabo! Se lhe não deres esse *rol* medonho de cousas serás desprezado, preterido por quem mais der. Ah! meu velho, eu conheço essas mulherinhas. São umas sanguessugas. Ela que hoje te prefere ao cambista é que o teme; talvez o bruto decida a bofetadas as mais rudimentares quizílias do interior... ou, se não é este o motivo, ela teme que o pançudo a mande, mais dias menos dias, desenterrar batatas. Eu sei, esta casta de gente termina os amores como as pantomimas de circo. Agora pesa bem o que te digo, e podes injuriar-me à vontade.

Agrário abatia-se diante das considerações do primo; roía-lhe a consciência o quer que fosse de verdade, bruscamente surgida nesse amontoado de frases pronunciadas com o mais desdenhoso desplane.

E abafado, surdo, veio-lhe um rancor pelo coração acima.

Era possível que ele se estivesse prestando a um enredo subtil. Ela que comerciava amor com outro, envolvendo o cambista e ele, Agrário, nas mesmas carícias e nos mesmos braços, é que não passava de um ser estúpido, movido pela animalidade da carne.

Mas que ela fugisse, que se fosse, que se apagasse para todo o sempre da impressionabilidade da sua retina como a visão duma fantasmagoria!...

Deixasse-o no isolamento da desilusão, no vazio dum empós sonhar, nu de idéias, idiota, a se debater em vão pela sensacionalidade de uma cousa que só lhe chegasse ao cérebro em fragmento esparso, inconexo, perdido, de lembrança antiqüíssima, descolorida, diluída pelo tempo!...

Mas, fizesse embora todos os esforços para desapegar-se dessa idéia, ela aí viria outra vez e sempre porque se lhe tinha ligado, adaptado ao seu espírito pela obsessão do desejo, pela pertinácia do querer. E era horrível senti-la inolvidável por causa da rivalidade, da compartilhação amorosa desse vendedor de bilhetes de teatro, sócio principal do seu gozo, predecessor no domínio absoluto da mulher amada! Doía-lhe, amargava-lhe esta verdade. Antes a tivesse encontrado à mão numa rua, na rótula desconjuntada de uma viela, que sabê-la possuída pelo *outro*; e logo que *outro*! um inferior, desprezível na sua posição, ressupino e pútrido sobre a existência, com a pança enorme de báculo cevado em lama e sobejos, sendo o *primeiro* de quem ele a recebia, talvez o *primeiro* que lhe houvesse comprimido a flor ardente dos seios na cabelugem áspera do peito másculo, e, no abandono de um quarto de hospedaria, pela noite febril do segredo descortinado, houvesse colhido na sua boca resfriada, aberta à exalação do prazer, o gemido dulcíssimo da virgindade rota... Como lhe pesava este detalhe! Essa rapariguinha loira, delica-

da como uma bijuteria de alto custo, branca da doce brancura lendária dos rimances e das baladas, vivendo pela graça, vivendo pelo encanto, pela esvelteza das linhas estruturais, pela suavidade de seus olhos de céu festivo, pela irrequietabilidade infantil do seu espírito, essa doce criatura cedera à estúpida sensualidade daquele homem, que resumia em todo o seu tipo a corporificação da porcaria, sapo grotesco e imundo das estrumeiras! E essa carne beijada, a tepidez voluptuosa, convidativa dessa pele de mulher sôfrega, pareciam-lhe ter deixado pelo contato, mais que em seu próprio corpo, já em su'alma, o visco morrinhento daquela besta ignóbil, que devia rolar, a grunhir, a focinhar nas suas volúpias... Que nojo!...

VI

Era uma humilhação esse rival.

Agrário caíra numa lúgubre invernía de espírito, atormentado pela concubinação do cambista. Às vezes pelo meio-dia sereno e cálido, ouvia a voz de Henriette chamá-lo, tlintando na área a prata soante do seu *sotaque*, em diminutivos de meiguice, e por pouco não despegava-se pelas escadas, a respondê-la com beijos; mas, num esforço enorme, que lhe punha calefrios nas vértebras, quedava-se, resoluto, inabalável diante da música dessa voz. Houve ocasião em que o seu ânimo foi sobre-humano — os passos da rapariga raspam o corredor da *mansarda*, pelos interstícios da porta entraram no quarto o rumor agitado de saias, o resfolegar de narinas, um aroma doce, conhecido, quase saudoso de tão fraco, tão raro e distante, e pancadinhas soaram secas na madeira. Ele, nem sinal! Ficou como se houvesse morrido. Apenas sentiu que ela se afastava, um ganido esguinchou-lhe na garganta e escaudaram-lhe impulsos de esganar-se, descer, ir ter com ela, cair-lhe aos pés, faces no soalho, suplicando perdão com a boca esburacada e sangrenta de um penitente que se houvera imposto a mortificação provativa de rasgar os lábios profanos, desraizar os dentes perversos, deformizar o rosto hipócrita em esfregões pelo chão, pelo pó, pelas imundícies.

E corriam os dias.

Foi Camilo Prado quem veio tirá-lo do abatimento. Uma manhã, entrou na *mansarda*, radiante. Vinha mostrar um artigo destinado à *Folha*. No mesmo instante sacou do bolso as tiras de papel, garranchadas da sua letrinha nervosa e pôs-se a ler. Era uma diatribe contra a Academia. A frase pulava escaudante, estouravam os adjetivos, fuzilava, certaíra, a longa adverbiação sonora do modernismo; não havia uma piedade em todo o aranzel apocalíptico e devastador. Lufadas acres de iconoclastismo, uivando como a tempestade exterminadora da *Dies irae*, vergastava furiosa, indomável, os reverenciosos acadêmicos, a que ele chamava “bonzos pantafaçudos estatelados na esterilidade de posturas caricatas”, e que, sob o granizo do ridículo, após a publicação do artigo, deveriam ficar impalpáveis nas cinzas de uma erupção, como as aldeias e vilas apanhadas em plena noite, pela inundação das lavas, em

catadupas infernais de fogo. Ao vernal flamurante das frases de Camilo o espírito adormecido e voluptuoso do pintor começou a alentar-se, a desentorpecer. A força ascendente de um rancor mais encandecido, mais fundo, mais penetrante, cresceu-lhe n'alma, ativou-lhe o sangue. Fosse talvez a necessidade de uma vingança, sem alvo, sobre quem quer que fosse, e que lhe viesse aliviar o espírito; fosse o entusiasmo da hostilidade declarada contra os mestres, o interesse de sua arte tanto esquecida nos dias da febre de amor que o abatera; certo, ele vibrava agora, intensamente. E aplaudia Camilo, batendo as palmas, apoiando, grifando períodos.

O artigo devia sair naquela mesma tarde. Estava dado o alarme; era urgente não esmorecer, levantar o grupo, vaiar, derrubar a *traquitana* da Travessa³⁸. Bravíssimo!

Num salto estendeu a Camilo os braços, estreitaram-se ruidosamente. E logo o pintor falou em fazer uma tela nova, um grande pontapé nos preceitos acadêmicos, ao que observou o amigo que a idéia do pontapé não ia bem com a responsabilidade revolucionária: um homem decente dava pontapés com as *botas*³⁹, antes fosse um murro, pelo menos um piparote.

E levaram a discutir o quadro. Que seria? Uma paisagem impressionista, simplificada, manchas apenas, efeito barulhento de ocaso delirante, ou um leproso a curar as chagas? Deveria ser tudo novo, *até o assunto*. O crítico lembrou uma cena dos Palmares, negros seminus, brutos e açulados como tigres, de musculatura brônzea, em epileptismos vingativos no último arranco do extermínio... mas, para este faziam-se imprescindíveis uma tela enorme, modelos, paisagem local... Desistiram. Veio em tempo a lembrança de um estudo à Manet, largo, à espátula, sem preocupações de agrado; escolheriam por assunto qualquer coisa escandalosa, uma rapariga nua, sobre uma pele negra de urso, a rir-se, embriagada e lúbrica; ao lado — uma taça partida de champanhe, jóias arrebetadas e um coração esmagado. Oh! o coração era pulha, cairiam n'alegoria romântica. Nada, realidade pura, a eterna verdade! O pintor lembrou-se de um busto de mulher, simples, sob um efeito de luz em cheio, repoisando numa almofada encarnada, carnes descobertas, intumescências sensuais de seios, um langor sonolento de olhar, lábios mordidos em expressão de gozo: Seria Cleópatra, seria Salomé... E perguntava:

— Hein! que achas? Um escândalo, a burguesia vociferando, a polícia metendo-se no caso. Magnífico!

— Ah! sim, um belo escândalo — obtemperou Camilo —, capaz de finalizar em Fernando de Noronha.

Ficou escolhido o assunto do novo quadro. Seria esse. Por causa da hora

Camilo partiu à pressa, berrando pelo corredor:

— Nada de perder tempo, *seu* Agrário, nada de perder tempo...

Voltou ao pintor a idéia da mulher, mas sob a imagem de Henriette. Retratá-la, procurar pelo menos reproduzi-la o mais semelhantemente possível, e expor o quadro ao público, já era uma vingança... O cambista reconheceria a amante na tela. E com este pensamento despertaram-se-lhe pruridos tentadores de ampliar o assunto, meter uma cabeça ao fundo, uma cabeça que fosse a sua, em meia-tinta, no diluimento de uma visão, rindo nervosamente, malditamente, um riso escancarado, debochativo, de Sileno⁴⁰, que se aclarasse numa alusão, patenteando ao tourino olhar do *outro* a irreverência do seu desprezo pela mulher gozada. Agitado, andava pelo quarto, as mãos trêmulas nos bolsos, os dedos álgidos. A condensação nervosa apurava-lhe o trabalho imaginativo, sensibilizava-o como uma placa de câmara-escura, e no seu recôndito desenhou-se, coloriu-se a idéia dessa desforra, fazendo-lhe ver o seu quadro já pronto, já acabado, metido no dourado duma moldura, exposto aos olhos de quem passasse, num cavalete em *galeria* de rua freqüentada. Tomou do lápis e esboçou, sobre o primeiro pedaço de papel encontrado, a sua caricatura silena, mofando, a boca franzida num ríctus de desprezo, o sobreceño mefistofélico erguido em filões negros ao contrário das órbitas e as carquilhas sulcando o velino bístreo da caraça, horripilando a zombaria do riso. Mas, inutilmente! Caía num carnavalismo desesperador. O seu pequeno nariz grosso, ventas de cônego e *bulldog*, impediam a complexão da máscara satírica de Fauno; ao contrário, pela arredondada e miúda disposição dos traços reproduziu Pierrot idiota, alvar, funambulesco, rindo zorramente no mais estúpido ataque da parvoíce hilariante. Embestou furioso. A impotência caricatural abismou-o de repente. Que inferno!... Ele que sempre encontrava docilidade no lápis para a deformidade ridícula, estupidificava-se neste momento! Procurava-a então, de *croquis* a *croquis*, começando traços que não acabava, traçando linhas a esmo, esquemas de máscaras incompletas, rabiscos sem expressão, pequeninos ziguez de lápis, finíssimos, incommunicativos, às vezes grossos, bojudos, terminados em longas tremuras agoniadas, outras vezes tão rilhantes, tão calcados de pulso que rompiam o papel. E nada! Consumiu, em vão, segundos, minutos, horas. E nada! A caricatura negava-se, repetia-se no mesmo carnavalismo, exasperava-o. Berrou um palavrão, quebrando a ponta do lápis com um soco sobre a mesa. Ao esforço criador sobreveio-lhe um aborrecimento penoso. Ergueu-se entediado, com vontade de sair, buscar alguém que o distraísse. Correu à janela. Neste mesmo momento Henriette punha a cabecinha de fora, e ao vê-lo, após a ausência de tantos dias, levantou

para ele o veludo de seus olhos, com a fisionomia iluminada por um sorriso resplendente:

— Bom dia, ingrato. Onde tem estado?

O português em seus lábios tinha uma metalização de prata, timbrava como braceletes chocados, numa graça deliciosa de meiguices.

Agrário recebeu-a de chofre para poder reagir. Levantou os ombros, indiferentemente:

— Aqui.

— Ah?! — fez ela, admiradíssima, e perguntou, solícita, se havia estado doente... notava-o tão triste!...

Ele sacudiu a cabeça, assoviou, e torcendo o fio em que ia a conversa:

— Como vai o Silvano?

Henriette teve um sobressalto, embranqueceu. Disse que não o compreendia.

Ele insistiu:

— Pergunto: como vai seu *marido*?

— *Meu marido?!...*

Abriu uma grande pausa, erguendo os belos olhos para o alto quadro do céu. Uma expressão de mágoa, de ingratidão sofrida, alastrou-se pelo seu rosto. E com a voz nervosa, trêmula, aguda e longa como um grito perdido em planuras longínquas, exclamou açodadamente:

— Como sou infeliz!... Meu Deus.

Retirou-se, e sobre ela a chita de ramagens verde-malva, que encortinava a janela, caiu como um pano de teatro sobre a última frase de uma cena.

Agrário, debruçado para a área, ficou a olhar aquele sovado pano de chita que o separava dela, que se antepunha à sua vista, levantando ante ele o mistério de uma alma, a dor de um coração; estranhas, indecifráveis cousas para a sua impenetrabilidade analítica.

Afinal... o mau era ele. Por que se queixar, por que odiá-la? Ela, ao contrário, se mostrara resoluta para o seu amor; as explosões, que tivera, deviam-lhe contentar de sobra porque tocavam a extremos. “Fujamos”, dissera-lhe, “para onde quiseres. Que me importa que seja para uma cabana, para uma caverna, para o quarto do teu companheiro?...” E que mais desejar? Aí estava a paixão que ela lhe tinha, aí estava o desinteresse que ela lhe mostrava... E ele, que fez? que resolução tomou? Veio para a *mansarda* consultar a Melo Castro, ouvir cinismos e sandices, ficar incerto, sem vontade, sem deliberar. Henriette, forçosamente, teve que ceder ao cambista, permaneceu na companhia do *outro* à espera que ele, Agrário, viesse lhe dizer: — Vamos, partamos hoje, tenho um palácio, uma casa, um quarto para nós e nosso amor. Vamos.

— E ele não se mexeu, ficou a martirizar-se naquele ódio porque a rapariga não se pôs a correr pela porta a fora, em saias, descabelada, esconjurando o Silvano.

Ah! era mau! Ela por duas ou três vezes chamara-o da sua janela, e ele não respondera, quis afastá-la com uma ausência; outro dia ela subiu à *mansarda*, correu a oferecer-se impudicamente e ele até conteve a respiração, quis esquecê-la como um passado. Henriette voltara. Ele a tinha notado resplandecente, toda ela alvorotada como uma ave que quer começar o ninho, e para esta felicidade de amor ele só teve uma mágoa...

O seu espírito debatia-se, cansado, nesse remorso da ofensa. Retirou-se da janela, recomeçou o passeio pelo quarto. Ao *peccator* que acabava de entrar no seu íntimo incumbiu-se de responder com uma absolvição plenária. Realmente fora bruto. Mas isso que era senão amor? Quem amava, ali, entre essas duas almas, a sua e a de Henriette, era a dele. Enquanto a rapariga, embora contrariada nos seus desejos, encontrava a consolação nos braços do cambista, ele *jazia* no quarto, só, sem o lenitivo de uns lábios, encarcerado nas quatro paredes, a bestializar-se com desenhos para gravuras em madeira!... E...

Bateram à porta, foi abrir. Era Camilo Prado que chegava esbaforido, suarento, com o chapéu à nuca.

— Olá! grande Manet!... Cá está a cousa.

Entrou, sem retirar o chapéu, e foi-se abancar sobre a cama, com um jornal aberto.

— Cá está a catilinária. Ah! se isto fosse em Paris!... estaria eu jantando esta noite no *Chat Noir*, numa roda de artistas, com champanhe.

Dobrou lentamente o jornal, a falar sobre a probabilidade de um sucesso em todo Paris, vivórios pelo *Quartier Latin*, nome nas crônicas, glória universal, e terminou, depois, franzindo o lábio, descrente:

— Mas aqui... Quem lê? Você, o Franklin, o Sabino... meia dúzia de rapazes. Para os demais eu continuarei a ser uma das muitas bestas que encham o globo.

Esteve olhando o seu artigo em rodapé, impresso no tipo estafado e desgracioso da *Folha*. Agrário pareceu-lhe preocupado; inquireu dele o que tinha, que diacho! estava macambúzio. O pintor confessou-lhe tudo.

— Imagina tu que isto é um desassossego para muitos dias.

Camilo fitou-o, assombrado. Quê! Agrário estatelava numa paixão!... — interjectou mentalmente, sem uma frase para acudi-lo. E deixou-se ficar, olhando-o; ambos mudos, ele constrangido, obcecado o artista. Por fim, como

o silêncio crescia e o tempo se escoava penoso, difícil entre tão diversos sentimentos, Camilo murmurou:

— Mas, homem, olha que tens outro destino. E o grupo?

— O grupo! — exclamou Agrário, levantando os ombros. — Ora o grupo!... Nem eu me animo mais a falar com esses pulhas. Não vês tu? Há quanto tempo estamos nós a tentá-lo e a cousa não passa de palestra de botequim? Somos assim.

— Mas, esta manhã, pensavas de outra maneira.

Agrário enrolava preguiçosamente um cigarro; preparou as pontas, acendeu-o e sem pronunciar uma sílaba, deitou pelas narinas dous esguichos de fumo. Camilo continuava a inquiri-lo, sobressaltado por aquela transformação:

— Que queres fazer dos teus julgadores? Que resposta darás à injustiça? Que fim almejas?

E calou-se. Ergueu-se vagaroso; com uma das mãos à cinta, passeava o olhar indeciso pelas paredes procurando um argumento, mas sufocado como se o desalento do artista se lhe tivesse vazado n'alma. Depois, sorrindo amargamente e com uma palmadinha irônica no ombro dele:

— Somos assim, meu caro senhor Agrário, somos assim. Não temos perseverança nem idéias; quando muito pedimos emprestado à França, a Portugal mesmo, duas idéias que não compreendemos mas que nos trazem o deslumbramento da novidade, e começamos a dançar em derredor dela, como selvagens, em torno de um manipanso. Somos assim, meu amigo, e por isso seremos, eternamente, uns imitadores, minados pela ociosidade, aterrorizados pela obstinação das criações, preteridos pela imbecilidade ovante...

Agrário estremeceu com o desabafo do amigo; sentiu-se impelido para diante por aquela simples força de ideal, por aquela queixa de crente que se via desacompanhado. Mas esses sobressaltos de espírito, esses tropeços de volubilidade, eram-lhe tão naturais, tão do seu sangue, das suas funções psíquicas, que não teve a penetração bastante para avaliar do que ouvira e opôs a sua vaidade à intenção do companheiro:

— Não, tu não me compreendeste. Eu ainda continuo o mesmo, unicamente desanimo. E não é para menos...

Tragou uma fumarada logo despejada num sopro forte, que parecia expelir a sua desilusão; e de repente, castanholando d'alto os dedos:

— Ah! sabes?... Encontrei um título *esplêndido* para o nosso grupo. Imagina. Dize lá. É uma novidade. Veio-me agora, inesperadamente, à cabeça. Anda. Vê se o dizes.

Camilo não podia adivinhar. Era impossível penetrar-lhe nos bizarrismos do seu espírito, mesmo que professasse ciências ocultas.

— Pois ouve, é só isto — Zut!

— Zut! — fez Camilo admiradíssimo. — Mas, qu'ê isto?

— Eu sei lá! É Zut. Qualquer cousa, cousa nenhuma. Grupo Zut, assim como Club X, assim como *V'lan*.⁴¹

— Donde te veio este Zut estrambótico? Verdade é que é bom.

— Vais te admirar, veio de Henriette. É uma exclamação que lhe não sai dos lábios.

Camilo parou sobre ele o olhar, sereno, longo, sem um sinal que o perturbasse. Aquele rapaz não podia ter mostrado melhor a sua alma que neste momento. Foi uma revelação sintética, perfeita, uma dessas constatações flagrantes da involuntariedade que anatomizam o indivíduo, dissecando-o num só momento, voltando-o de dentro para fora, como num estudo de anfiteatro. E a clarividência do crítico apanhou-o completo, surpreendeu-o. Naquela psicose uma só força, um só elemento impulsor davam-lhe atividade, punham vibrações — era o sensualismo. O íntimo deste homem externava-se, tinha uma correlação na sua exterioridade, servindo-lhe o corpo de molde à alma. Gordalhudo incipiente, começando a tomar roliças rotundidades burguesas e sem ser feio pelo másculo aspecto do torso espadaúdo e um carão largo mas simpático, faltava-lhe o quer que fosse de superior, de espiritual e delicado que vencesse a puerilidade exarada na sua fisionomia. Indo aos encontrões pelas idéias, apenas uma irradiação o animava, enfeixando suas emoções, concentrando as suas impressões para um só ponto, e esse foco — esse *sensorium* — era a sensualidade desenvolvida num grau tão alto que tocava a mania erótica. Na sua retina, no poder assimilante e associável de suas idéias, na persistência da sua atenção, a mulher era o objetivo primordial, a força sugestiva, a fascinação. E por lhe faltar a delicadeza espiritual dos educados, a timidez adoradora dos idealistas, o requinte dos criadores, esta predominância tomava nele uma forma material e rude, que o animalizava, sacudia-lhe o corpo em ímpetos de luxúrias, em olfactação da carne, de uma concupiscência selvagem e irritada que anseia a farejar, narinas dilatadas no ar, olhos ávidos, o almíscar provocante das transudações do cio. A arte que deveria vir dele fatalmente seria isto, a fêmea — mas, única, exclusivamente a fêmea: a carne destinada ao gozo.

Camilo, inda estudando-o, respondeu tranqüilo, meneando a cabeça:

— Realmente, o título é magnífico. Nada significa — isto é o que serve.

VII

Uma tarde, nas colunas da *Folha* explodiu o *Zut*.

Camilo soltou o primeiro grito num ousado folhetim, escalpelando as condições antiestéticas do meio fluminense e, sob a ironia fundibulária da sua prosa, apresentava o *Zut* como um — bando rebelde — proclamando a liberdade absoluta das escolas, salvando e dignificando a Arte.

“Zut, este simples vocábulo, por mais frívolo que pareça, resume uma revolta; é uma divisa de Cruzada. Nascido da ruidosa alegria da mocidade, silvando entre um assobio de corrimaça, e a gargalhada de um ridículo, será como a onda do poeta do *Année Terrible*⁴² — fluxo marítimo cuspidito à praia, mas, de imprevisito, tornando-se dilúvio...”

À porta da *Havanese* comentou-se o folhetim, em grupo. Agrário distribuiu dez números da *Folha* aos rapazes, e Artur de Almeida leu a meia voz, na calçada, sob a oscilação trêmula do crepúsculo penetrante, as cinco colunas do rodapé, com aplausos do Sabino, do Franklin, do Alves Pena que exultava com a vitória dos “seus artistas”. Quase à noite, chegou o Braguinha a grunir despeitos porque Camilo não se referia à música.

— E demais — dizia a sacudir-se, a gingar, atrapalhado com o *pince-nez* que desmontava-se a todo o momento — eu não sei o que seja *Zut*. Estudei dez anos o latim, fui seminarista, conheço o vernáculo como a estes cinco dedos e a respeito de *Zut*... palavra de honra! estou raso como uma porta.

O fuinha Sousa chegou, também, a chalacear com o título:

— Qu’ê? Vocês sabem?...

O grupo crescia. Reuniram-se-lhe o Vieira, com o seu maço de recibos a cobrar, um lenço nas roscas do pescoço, debruçado em ângulo sobre a gola; o *Zebrão*, um pintor de estatura agigantada, espadaúdo e bruto, cujo nome Sebrão os companheiros corrompiam n’alcunha ofensiva; um marselhês chamado Julien Story que pintava por não ter ocupação; o rebelde Sforzani a mascarar palavões com a ponta dum cigarro de fuzileiro; o Lóssio, um dos *Insubmissos*, que abandonara a aula d’escultura; o queixoso Valeriano Costa com o seu profundo curso de perspectiva, outros e outros... A rebeldia avolumava-se. Formou-se uma legião ao rebate de Camilo.

Sebastião Pita, derrubado das suas ilusões, também queria fazer-se rebelde. Pedia, suplicava, já choramingando, que aceitassem a sua *Partida de Colombo* na primeira exposição; e, com uma esperança parva no olhar, apertava sob o braço o embrulho da sua tela repudiada. Um sussurro suspeito e odiento colmeava por entre o ajuntamento, em permuta de planos. Depois da leitura do folhetim falava-se em voz segredante, com cautela nas frases e nos olhares.

De então a curiosidade farejava por aquelas portas, à hora presaga dos poentes.

Vultos timoratos cosiam-se com os umbrais, dissimulantes, perscrutadores. Artistas gafados que iam fazendo a sua bolsa como a sorte os ajudava, engendravam ardis para se acercar das rodas, com disfarces d'esculcas. Cousas fabulosas estonteavam arrevesos sibilinos de morcegos a respeito dos rebeldes. O grupo reunia-se secretamente, tomava atitudes misteriosas de conluio, era de supor que tivesse uma sinaxe⁴³, a caverna druídica das sessões, o homízio de uma catacumba e se correspondesse com símbolos maçônicos!

Agrário, apontado como cabecilha intemorato dessa revolta, tendo se retirado definitivamente d'Academia, expusera a sua tela preterida no concurso — o *Sacrifício de Abraão* — e a imprensa, embasbacada diante das barbaças empoladas do austero bíblico que corava, envergonhado, no seu terrível colorido acadêmico, rompeu des'logo, sacudida d'indignação, contra a injustiça. A *Folha* flamejava, como um gládio vingador, apontando os julgadores à execração pública, e vergastava-os, zurzia-os com flagelações de apóstrofes, numa convulsão de cóleras antigas.

Daqui, dali, de um e de outro ponto, surdiam represálias aos que não vinham comungar com os *Insubmissos*, e logo as perseguições, os desrespeitos, as desforras espoucaram. Já não era a Academia o espectro mau, a sombra maldita que se antepunha à claridade das inovações, à luz levantina do progresso da Arte; outro elemento a combater antojava-se ao desenvolvimento do gosto público — a incapacidade dos velhos artistas. Contra esses, que formavam o privilégio do Sanhedrim da Arte, as usanças retrógradas e tirânicas das bolorentas leis, seria precisa uma avalanche formidável que os solapasse, porque conservavam o monopólio da profissão e o esclarecimento atendido da Estética. Eles eram, por sua vez, um esteio moral d'Academia, a coluna d'Hércules do Sancionado.⁴⁴ Fazia-se urgente golpear o esteio dos preconceitos, derribar a mole erecta do inquestionável. Volveram-se contra eles. Le Grand, um retratista notabilizado na burguesia comercial, sofreu o primeiro e violento embate da derrocada.

Uma tarde, Alves Pena apareceu na porta da Galeria “Moncada” com um embrulhinho misterioso. Acercaram-se dele, curiosamente. E o boêmio, na sua impertubabilidade cínica, desmanchou vagarosamente o embrulho, retirando pedaços e pedaços de papel, pedaços e pedaços de pano. Ao termo dessa operação, que ele praticava com lentidão e gozo, uma asquerosa imunídia ficou-lhe na mão, sobre um molambo.

Camilo cuspiu, com náusea:

— Porco!... Isto é uma indignidade.

Alves Pena, porém, aproveitando-se da inadvertência do empregado da Galeria, foi sujar um retrato de *benfeitor de Irmandade* que o Le Grand expusera.

— É o justo prêmio — afirmou, com a consciência tranqüila dum executor da lei.

As chufas, os anúncios deprimentes, as obscenidades, choviam sobre os quadros expostos nas duas galerias da Rua d’Ouvidor. Elas, por fim, já se negavam a expor. Um terror alastrava na ala dos contrários.

E todas as noites, após a confabulação d’*Havanesa*, Alves Pena guiava o grupo para o chope da Guarda Velha ou seguia Camilo para a *Brasserie Pelotense*, onde se questionava os projetos de uma exposição e as vinganças futuras. Artur de Almeida persistia na idéia de um *Salon*, à maneira dos dissidentes em Paris, mas Franklin discordava por achá-la imitadora, propunha um assédio à burguesia, trabalhando cada qual para expor o maior número de quadros em diversos pontos da cidade, assim o rude burguês não daria um passo sem esbarrar com o nariz numa tela que tivesse arte, que fosse o protesto irrecusável contra o que até então lhe tinham empulhado... Seria um processo novo e eficaz.

Uns propendiam para o projeto do Artur, e esses formavam a maioria; outros, raros porém, inclinavam-se para a inovação do Franklin. No entanto, de parte a parte, o entusiasmo faiscava sob a influência conciliadora de Camilo.

— Sejamos coerentes — aconselhava ele — aceitemos as cousas como elas são e não como as desejáramos. Antes de tudo, e isso para afirmar a existência de vocês, precisamos de uma exposição, que seja um documento, que se torne um fato... — Aplaudiram-no, unânimes, com júbilo. E dali partiram a procurar assuntos, dispostos à vitória. Sabino, antes de agarrar-se ao trabalho, queria modificar o nome, porque o seu lhe parecia vulgaríssimo e desagradável à retenção memorial da posteridade. Sabino Gomes era chulo, desgracioso, mole... Desejava um nome que soasse como um rufo de caixa de guerra, à maneira do de Courbet, ou tivesse a extensão de uma nota triunfal

como o de Delacroix!⁴⁵ Estes, sim; eram nomes! E cansava-se, ciliciava-se, na combinação de anagramas dissonantes, impenetráveis, cacofônicos que produziam imprevistos irrisórios, até que lhe fizeram notar que o seu nome trazia o fatalismo benéfico de uma semelhança — Gomes era o apelido de um já imortalizado, do *glorioso* Carlos, o Carlos Gomes. Assim seria outro Gomes notabilidade, que deixaria ao Futuro a dúvida biográfica de uma privilegiada família de artistas: o Carlos Gomes músico e o Sabino Gomes pintor. E — Agrário explicava — “o acaso carregara mais na *tinta* ao Sabino para não atrapalhar aos Vasari”⁴⁶.

Resolvida esta importante questão, Sabino decidiu entrar em labor, arqueando com o sacrifício de vender alguns cacarés e contrair dívidas para adquirir uma tela grande e larga como uma porta d’armazém. Meteu-se no afã duma exposição histórica — Vercingétorix⁴⁷ diante de César — coadjuvado pela boa vontade de Alves Pena, que se prestou a duas sessões para o Vercingétorix, munido duma cabeleira de teatro e cruzando pelas gâmbias peludas cadarços de lâzinha vermelha como atilhos de coturnos. César, o dominador, foi apanhado no bosquejo de três horas sonolentas, por provada dedicação de um barbeiro, amigo do rapaz. Espapaçou-se na tela um César sacristão e dengoso, com adiposidades suínas de apolentado, que lhe traíam as origens aldeãs; mas, uma fita branca, diademando a cabeleira e um lençol fazendo de clâmide — deixavam suspeitas d’autenticidade do sexo. Apesar da celebração que lhes emprestava o quadro, eles julgaram de melhor aviso continuar a obscuridade de seus destinos que se esfalfarem com bocejos e impassibilidade de postura em frente de Sabino; desertaram de seus postos e a tela ficou abandonada no fundo dum mísero quarto sem luz, enchendo, em diagonal, do teto para o soalho, a parede desmantelada com a largueza do seu arabesco clássico, lançando num desenho seguro e limpo, que faria inveja a um artista.

Ao mesmo tempo o Sousa andava numa azáfama, nervoso, mais gago e mais *original*, a caricaturar-se em todas as posições d’elegância e exageros de roupa, a reproduzir-se por todos os sistemas de desenho, a lápis, a pena, a carvão, consumindo três volumosos álbuns de capa de linho; e o Artur de Almeida, num sótão da sua serena habitação de filho-família, atacou resolutamente uma tela *doze* com prodígios de transformação anatômica num busto de *Favorita*, opulento de cor, mas em que se inculcava, irritante pelo detalhe, a erótica preocupação de um sovaco cabeludo. Franklin falava a miúdo n’*Arrepêndida* que estava compondo ninguém sabia onde, conquanto ele dissesse, a martirizar as duas falripas loiras do buço tardio, “que não se apressa-

ria, havia de mostrar quais eram suas idéias de arte, porque *Arte* não é isto que rola por aí...". O Lóssio, o escultor, também preparava *uma cousa* em gesso, que viria embasbacar o burguês e fulminar as *Múmias* d'Academia. Camilo afadigava-se com a peregrinação diurna à casa dos *Insubmissos*, religiosamente resignado, com o seu bigode chinês caído sobre os recalcos desdenhosos da boca emudecida e, no seu passo largo e vadio, de cada uma trazia desilusões que, temerosamente, ocultava, ensacava no íntimo. Um dia, em casa do Vieira que aquarelava um quadro, não lhe foi possível sofrer a estupefação:

— Mas, qu'ê isto?

O gorduchito sorriu, frisando a finura do seu entendimento de artista moderno. — Está em mau lugar... chegue-se mais para aqui... mais um pouco... olhe agora.

Camilo observou:

— Hum! sim. Vejo melhor. É um rio... com dous barcos...

— Nada... nada... É uma estrada... Lá estão dous bois... Repare com atenção... Não vê uma árvore no fundo?

— Uma árvore?

E Camilo apertava as pálpebras movendo a cabeça, inclinando o busto para trás. — Uma árvore!... hein?... uma árvore!... — Enquanto o aquarelista, amparando-o com ambas as mãos pelos ombros, procurava, cauteloso, colocá-lo no raio da perspectiva.

— Daqui... Neste ponto... Repare.

— Ah!... bem. Então aquilo lá no fundo é uma árvore?

— Com certeza! Você sabe que a escola moderna tem dessas cousas, não detalha, é tudo simples, *manchas* e tons.

Camilo deixou-o falar. Estava vencido diante daquela formidável *bota* e o único recurso que encontrou para desembaraçar-se foi o de elogiá-lo, animadoramente.

Ao voltar duma dessas acabrunhadoras visitas, em uma fresca manhã em que as pernas o levavam, preguiçosamente, por lajedos esbandalhados de ruas poeirentas, sentiu uma pancadinha no ombro.

Volveu o rosto. Era o Valeriano Costa, com o seu carão de caboclo nostálgico, que lhe rogava o favor de "dar uma chegada à casa de um amigo... ali perto, para mostrar-lhe um trabalhinho que estava concluindo... Destinava-o à *exposição*".

Camilo cedeu. Enquanto caminhavam o Valeriano rosnava contra a sorte, exaltando o seu profundo curso de perspectiva, dizia-se vítima d'Academia

e do estrangeirismo que ameaçava apoderar-se da arte nacional... E a sua queixa tinha o quer que fosse de cavernosa e tocante, como uma voz plangente que viesse de geenas das galés.

— É aqui — disse ele, parando numa soleira.

Um corredor escuro e úmido estendia-se, sem fundo, à força da luz vernal que batia fora, nas fachadas brancas.

Penetraram nele, galgaram os dous lanços duma escada íngreme, esbeiçando degraus gastos que resmungavam sob os passos; em cima havia uma suja parede sem cor, tristemente ensolarada pela tosca clarabóia do teto esfumado.

— Sem cerimônia, vá entrando.

Ao termo deste segundo corredor pararam defronte de pesada porta pintada de branco, escarrada de manchas, amarelecendo no deleixo. Valeriano bateu com o cabo do guarda-sol d'alpaca. Uma máquina, que rodava vertiginosamente, parou, súbito, lá dentro. Houve um raspo seco de cadeira, arrastar de passos; depois a porta despegou-se do umbral num estalido desengatado de trinco, desdobrou nos gonzos, devagar.

Um sujeito, de versuda cabeleira e bigodes marciais no escarvado rosto lívido, arredou-se um pouco, cortesmente, para lhes dar entrada. Era um homem muito alto e físico, com os ombros montados no pescoço, enrolado numa manta sebosa; o casaco miserável pendia-lhe no corpo carcomido semelhante a asas desconjuntadas duma ave sortílega.

Valeriano Costa fez a apresentação de Camilo, que o honrava com a sua amizade. — É, Senhor Castro, um jornalista considerado...

O físico dilatou uma boca sarrenta, dignificado, cheio d'admiração e respeito, e foi logo apanhar uma cadeira imunda, que estava num canto, atopetada de panos, para oferecer descanso ao moço.

— Só um instantinho — disse Valeriano — vou buscar o trabalho.

E embarafustou por uma porta, ao fundo da sala. O sujeito sentou-se diante da sua máquina Singer, de pedalo; tinha o aspecto desolado dum penitenciário, todo curvo como uma vara de pântano; mudamente, enleado com a presença do jornalista, começou a estender tabaco desfiado sobre uma *mortalha* de milho, arrumando o canutilho do cigarro com a unha rapinosa do polegar. Por duas janelas abertas, em frente aos muros claros dum sobrado, entrava uma grande claridade alegre na sala, forrada de restos descorados dum papel que fora branco; por cima o teto em losangos escurecia emporcalhado pela moscas, o soalho negro tinha placas d'escarros e neste quadrado nu, sem mobília, desmantelado, batido pela luz franca, compreendia-se a indiferença

duma miséria devassada, sem resistências, a agonizar. O Valeriano voltou com uma tábua em que branquejava a folha de um papel preso, nas quatro extremidades, por lentilhas douradas de *carrapatos* de desenho.

— Cá está...

Foi colocar a tábua no chão, d'encontro à parede. Na brancura do papel, em traços rústicos de nanquim, avultava um informe desenho carregado, num corte oblíquo, em perspectiva; sobre esse corpo bruto, representando os muros duma fonte pública, surdia do centro dum terrado barroco, o remate decorativo duma esguia pirâmide cujo ápice ostentava a esfera armilar do escudo brasileiro, fisgada das três setas de São Sebastião.

— Sabe o que é?

— Sei. É o chafariz do Largo do Paço.

Valeriano sorriu envaidecido a explicar as dificuldades da perspectiva. Os seus olhos esbugalhados, laivados de bñlis, saíam do desenho a perscrutar a impressão de Camilo, mergulhando no seu olhar melancólico, com uma angústia interjectiva.

Camilo percebeu a febre que inquietava o pobre desenhista, tranqüilizou-o com engano e piedade:

— Sim, senhor!... É uma prova... é de quem sabe o que estudou...

Os olhos de Valeriano volveram ao desenho, voltaram ao moço, rolando desconfianças atávicas no revolver dos globos, mas o jornalista congelava uma grande calma na fisionomia macilenta e triste; e ele, confiado, respirou com soberba:

— E é a quem faz isto que se despreza, que se ameaça com um concurso permitido a estrangeiros, que se deixa morrer à fome!...

O tísico uivou na sua cadeira, num travo prosaico de alentejano:

— Morrer à fome... não! que não lhe faltam amigos... e bons, pobres, é verdade, mas honestos...

Valeriano teve um vislumbre de agradecimento na caraça brônzea, arrebatou-se numa confissão íntima, contou a Camilo que se não fosse aquele *amigo* ele não teria o que comer nem o que vestir, vivia daquela dedicação... Ah! era esta a vida de um pobre artista num país que enche os bolsos do mundo inteiro!...

— Nesta terra — trovejou surdamente o tísico, erguendo-se — não se quer quem saiba... Ela é de quem mais rouba. Eu por mim lho digo, que também sou um artista, de *outra arte* é verdade, mas sou artista, porque ser alfaiate é ter uma arte...

Camilo restringiu, com dificuldade, num sorriso concordante, a franca

risada que lhe ia rasgar a boca, e os olhos desconfiados do Valeriano abaixaram-se, humilhados.

O tísico, porém, continuava numa afluência de queixas longamente repressadas.

A sua elevada estatura, d'ombros curvos, crescera na sala vazia; mais hirsuta tornara-se-lhe a cabeleira, os gestos das suas manoplas esqueléticas continham arrebatamentos a ferver-lhe no sangue e todo o seu arcabouço anfracto lembrava um profeta apocalíptico a bramar, a injuriar numa voz subterrânea e arfante. De momento a momento pigarreava, sugava fumaraças largas que recolhia à garganta, despejando-as pelas narinas, despejando-as com as apóstrofes; mas um dos tragos, sob a emissão duma palavra, convulsionou-o em acessos de tosse. E foram minutos de ânsia, a esburgar os pulmões corroídos, que ele cuspiu a esmo, pelas paredes, pelos cantos, no soalho negro.

Então Camilo despediu-se com uma consolação para o Valeriano — prometeu defender a sua causa nas colunas da *Folha*, e pisou a calçada com uma opressão n'alma. Realmente, tudo isso desapontava-lhe, desiludia... Mas, que poderia ele fazer? Convencê-los de que iam errado? que pouco sabiam para tentar um confronto com os *acadêmicos*?... Não, certamente; seria desazo, ofenderia pretensões...

Acurvou-se ao acaso, mentindo-se, a si próprio, em complacências que se arrastavam por seu espírito como uma gosma senil arrancada com esforço; mentindo aos outros, em superabundantes elogios que aqueciam vaidades como uma ternura sensual; mas, por horas, em momentos de concentração e verdade, resfriava-se aterrorizado dos resultados futuros dessa covardia. E entregava-se à inação dos *vencidos*, desabava para a casmurrice das cervejarias onde ia encontrar o Colaço parado diante do chope, a fumar sossegadamente, a sonhar com Wagner, idealizando uma música espiritualmente regressiva, que vivesse na sinceridade religiosa de Palestrina e tivesse o poder sugestivo do gênio de Bayreuth.

Agrário, por este tempo, aparecia raramente, afirmando que lhe eram poucos os minutos para os seus estudos. Às vezes, à noite, bebia um chope com os rapazes, mas com um pretexto qualquer despedia-se, à pressa, prometendo voltar no dia seguinte.

A grande exposição tão falada, tão questionada que parecia já uma realidade, foi adiada por falta de local apropriado; os dissidentes cansaram em arranjar um salão digno, com clarabóia, boa luz e entrada de escadaria. Desistindo dessas vantagens obtiveram a sala de um fotógrafo, mas surgia a neces-

sidade de ornamentá-la, fazer um biombo de veludo grenate para os quadros, pregar estores às vidraças, correr um capacho pelo corredor até a sala, e para tanto não havia dinheiro, adiaram a exposição. Desistiram por mais uma vez dessas suntuosidades, resolvidos, então, a levantar um mesquinho, ordinário biombo de paninho roxo, mas somados os gastos faleciam recursos para a compra das molduras, outra vez adiaram a exposição. De novo voltaram a tentá-la, sujeitar-se-iam às velhas paredes manchadas da sala oferecida; cada qual arranjaria as molduras que pudesse, fabricando-as com suas próprias mãos; prescindiriam de catálogos e especiais convites impressos, era uma economia e um meio direto de realizá-la, mas desta vez adiaram-na... para todo o sempre, porque, arranjadas as cousas, não havia trabalhos!

Os únicos que podiam expor eram o Sousa e o aquarelista Vieira...

A decepção encachaçou o grupo, vergou-o à golilha da impossibilidade como a um bando de sentenciados. Demais — os principais interessados não reclamavam. Agrário tornara-se invisível, havia oito dias que não tinham notícias dele; Camilo, cada vez mais magro, ósseo e pálido, ia declivando por uma melancolia de *spleen* que ele procurava rebater com abusos de cerveja. Para se o encontrar era necessário correr as *brasseries* solitárias, onde o desencavavam no recolhimento de um canto, quase sempre só ou com o Colaço, defronte do seu chope espumarento. E daí uma luta para se lhe arrancar as palavras. O *spleen* trazia-lhe rudezas e violências, mesmo no desdém pelo entusiasmo dos companheiros tinha assomos de ira, e os sarcasmos lhe vinham espontâneos aos lábios com a saliva. Que fazer?

Duas semanas depois, reuniu-se parte do grupo em um Café. A proposta partiu do Sabino. Foi ele quem, aprumado, num segredante puxar de cadeira, e com voz gutural a fazê-la baixa, lançou a primeira idéia. Propunha, sensatamente, um acordo — entre eles que formavam o *Zut*, e o Estado, que mantinha a velha Academia. Conduziu com cuidado a proposta à evidência dos acontecimentos — estavam sem meios de estudos, eram paupérrimos, ninguém os coadjuvava nas suas aspirações e se achavam incompatibilizados com a corporação acadêmica, assim fariam um abaixo-assinado pedindo ao Governo para fechar a Academia reduzida à frequência de meia dúzia de discípulos, e instituir *ateliers* livres.

Em derredor as cabeças inclinaram-se, aprovando; mas, numa cadeira, luziram dous olhos redondos, esbugalhados tranqüilamente para o ar, como se procurassem com vagar, resignados e preguiçosos, uma quimera perdida e fugitiva. E esses dous olhos à flor de um rosto cavo, muito branco, donde saía

sob o queixo agudo uma pequenina touça de pêlos acastanhados, duma fineza virgem de primeira barba, pararam, cheios de claridade, sobre os companheiros. Eram os olhos do Lóssio. Todos, a um tempo, volveram-se para o colega. Ele ia dizer alguma cousa, trazer a firmeza de um argumento à proposta. E no mutismo da roda caíram essas duas palavras, lentas, largas, claramente pronunciadas, vagarosas como seus olhos:

— Bem pen-sa-do.

Correu em torno, fechando os lábios, um sorriso respeitoso.

— Pois está feito! — disse por fim o Sabino. — Procuremos *seu* Agrário para assinar em primeiro lugar.

— Qual Agrário nem meio Agrário! — exclamou o Sousa, alvorotado; e curvando o busto para a mesa, queixo sobre o castão da bengala, o seu álbum de linho sobre as coxas, terminou: — Vão saber por onde ele anda... vão saber.

— É verdade! Que fim levou Agrário?

À pergunta do aguarelista crispou-se a boca do Franklin como se quisesse acentuar uma descrença; entr'olharam-se desconfiados, temendo indiscrições preconcebidas. Então, Artur de Almeida noticiou que o companheiro estava de "rabicho" com a francesinha do *Zut*.

Ah! a francesinha do *Zut*! Maldita frase! Entrou imediatamente a preocupar a todos. Falaram dela com entusiasmo, bastava ser francesa! O Lóssio, no entanto, protestou contra o culto às francesas. Ele, por sua parte, queria as italianas, que eram mulheres da cabeça aos pés. Paixão só na alma de uma filha de Sorrento. As italianas! as italianas! interjectava ele, rolando os grandes olhos para o teto do Café. — Ah! as italianas!...

— Eu cá, sou pelas francesas — acudiu o Franklin.

Arthur de Almeida e o Sousa eram pelas espanholas. — *Salero!* Que diabo! a espanhola tem sangue, gosta de touradas e serenatas. Mandem uma espanhola arregaçar a saia e vocês hão de ver sapatinhos escarlates e meias amarelas. São as cores quentes, impetuosas, que desesperam a gente a poder de tanta vida! E o perfume, vocês sabem? o perfume das espanholas? Ah! se vocês soubessem!... É cheirar o peito de uma rola e cheirar a pele de uma andaluza. O mouro andou pela Ibéria, e os tais Abbu-r-rahman deixaram sol d'Oriente naquele povo. *Viva la gracia!*

— Afinal — atalhou Sabino — a nossa brasileira não fica a dever nada às melhores mulheres do mundo. Os nossos *jambos* são saborosíssimos.

— Certamente — concordou o Arthur —, certamente. Uma boa mulata de ancas grandes, hein!... peituda... Ah! filhos!...

Risadinhas nervosas casquinaram. Artur já se não podia conter no entusiasmo, passava ao gesto, mordendo os lábios, aspirando forte, olhos alquebrados, braços estendidos, visionando o corpo sensual de uma mulher:

— Deixem-se de histórias, *mulatame* na ponta!

Mas estacaram. Camilo chegava, entediado, mole, desfeito em nojo:

— Isto é horrível! é horrível! — disse com uma careta enjoadiça. E sentou-se, derreado: — Vocês não imaginam, há dous dias que não durmo, não me alimento, não sei da minha cabeça, não vivo! Telésforo me rouba o sono, Telésforo me tira o apetite, Telésforo me emporcalha. Para onde volto os olhos, no ar que inspiro, nos passos que dou, encontro este maldito Telésforo de que os jornais andam indigestos, arrotando-o desde o cabeçalho até a última letra da quarta página. E já não sei que faça para me livrar desta perseguição. Se deixo de ler, os conhecidos me falam dele; se fujo dos conhecidos, os muros, as esquinas, as *vitrines*, os quiosques estão cheios de anúncios da sua exposição; se me deixo ficar em casa, os vizinhos, o caixeiro da taverna, o moço do açougue, a cozinheira, os mascates, mo lembram, porque Telésforo é uma epidemia, Telésforo é um bacilo.

Fez-se um silêncio: um assombro pairou em todos os olhos, dilatou alguns lábios. Até este momento Telésforo merecera-lhes respeito, era o Messias que devia chegar às portas da Cidade, com o ramo verde da reforma e ao som das aleluias dos crentes... Havia dias os jornais anunciavam a sua chegada e o sucesso europeu da sua enorme tela, a maior entre os primores na arte de pintar batalhas. O seu nome excedia ao de Bellangé, escrevia-se-o na mesma linha em que houvessem posto o de Horácio Vernet, obscurecia a glória moderna de Neuville!⁴⁸ E, agora, nesta desconsideração, eles sentiam alguma cousa de heresia, quase uma blasfêmia. Camilo compreendeu-os.

— Percebo que vocês estranham o que eu digo — observou ele, mansamente. — Talvez seja uma injustiça! Aretino pretendeu conspurcar Miguel Ângelo e, em Paris, houve quem sujasse o grupo da *Dança* de Perraud, na Ópera...⁴⁹ Mas, que querem? sou assim e, assim me expressando, estou de acordo comigo próprio; é do acordo íntimo que nasce a força de afirmar...

O Vieira teve um sorrisinho mordaz, não se pôde conter:

— Então os que o elogiam, na Europa, são uma tropa de bestas!...

— Não serão bestas! — volveu o rapaz —, mas ou interessados em elogiá-lo, ou indiferentes ao resultado do elogio que, generosamente, dispensam.

“Aqui, neste canto de terra selvagem, há quem possua uma carta encomiástica de Victor Hugo; um senhor qualquer rabiscou umas cousas, fez

imprimir os seus rabiscos, mandou um exemplar deles ao grande poeta e o grande poeta agradeceu-lho, dizendo que o tinha lido, apesar de não saber patavina de português, mas, com o auxílio do latim conseguira entendê-lo!... o que faz supor que o livro desse escritor seja ininteligível aos que não sabem declinar o *hora*, *horae*. Agora, vá um de nós, pobres-diabos de bugres com *cartola* parisiense, dizer a esse escritor que o seu livro é uma borracheira!... Que vale uma eloqüente crítica indígena diante de uma simples frase elogiativa do poeta?... Aí tem o senhor Vieira o valor desses aplausos. Uma obra de arte não se faz pelo elogio, é ela que se impõe ao elogio... quero dizer, o seu autor não convida críticos ao seu *atelier*, não procura amizades na imprensa, não pede opiniões dos “condecorados”, entrega-a, confiadamente, ao público; julgue-na os que puderem. E, desde que o senhor me fez esta pergunta, eu estou com o direito de fazer-lhe outra. Quem foi que mandou à imprensa patrícia essas notícias que ela publica diariamente? Acredita o senhor, porventura, que fosse um ato espontâneo dela? que ela se desse ao trabalho de manusear revistas de que nunca recebeu senão o número de onde extractou esses artigos?... Ah! meu caro senhor, eu sou, infelizmente, um *cozinheiro* da imprensa, conheço esses truques e lá no meu toco de trabalho tenho também, já traduzida e impressa, uma meia dúzia de encômios à “estupenda criação do gênio brasileiro” assinada por outros gênios que ninguém conhece. Olhe, veja se consegue a intimidade do Telésforo quando ele pisar a *terra conquistada* e procure, na sua bagagem, as rumas de edições dessas vitórias, que ele há de trazer aos milheiros.

O risinho mordaz do artista-cobrador amareleceu nos lábios como se os tivessem untado com cera encardida. Franklin alteou o busto, e sacudiu a cabeça aprovando.

— Mas, seu Camilo — arriscou o Artur de Almeida com um jeito habitual de pescoço, de quem o sente estreitado no colarinho —, algum mérito ele há de ter.

— E eu lho não contesto. É forçoso atendermos às condições do nosso meio, para avaliar desse mérito, que você pretende descobrir: a *artezinha* que possuímos está cediça, a senilidade invadiu a Academia; chegou a hora da derrocada, os deuses foram-se. O Pedro Américo já deu o que podia, o Meireles está esgotado; dessa geração entanguida, que foi o fruto temporão de uma árvore transplantada e não cuidada, resta-nos o que se pode ver na Pinacoteca e a nova glorificação do Bernardelli,⁵⁰ na escultura... Depois, o luxo e as delicias d'espírito, que são expressões concretas da civilização, vieram aparecendo com o tempo nesta sociedade roceira e meã... Compreende-se que luxo

e que requinte espiritual poderia produzir uma civilização que nos chega como restos, nos alijamentos do grande continente ocidental!... Mas, pouco importa!... O que é certo é que esperávamos alguém, pedíamos alguma cousa. Surgiu Telésforo! E surgiu num tempo que o acaso tornou feliz. Não lhe saíram à frente concorrentes temerosos, é ele só, é o único! Há certas épocas que produzem caricaturas de gênios; então na história das artes os casos não são raros. Eis o seu mérito. Por si, o esforço foi pequeno, tudo mais resultou de circunstâncias favoráveis — a falta de concorrência séria, a proteção imperial, a apatia do meio... até a necessidade de vibrar na esmorecida fibra patriótica, concorrendo para o prestígio da monarquia quando as aspirações republicanas entram no domínio das realidades... Considerem bem estas cousas e não de ver que a verdade está comigo.

Por sua vez o Sabino meneiou a cabeça concordando. O Sousa ergueuse, gemendo a sua preguiça como se lhe doessem anquilósis, desculpou-se da retirada com afazeres inadiáveis e saiu em passadas inglesas, levando sob o sovaco o seu inseparável e grande álbum de linho cinzento.

— ...E, com franqueza — continuou Camilo —, a esse que surge por entre girândolas de admiração, eu prefiro os meus velhos românticos... No entanto, temos aqui um artista digníssimo que vive obscuro como um habitante da Tebaida.

— Cesário Rios?... — murmurou Sabino, cheio de crença.

— Sim, o Cesário Rios, esse convicto e modesto *pedreiro* da *Cativa*, que possui o mérito de não imitar ninguém sem conseguir nenhuma novidade.

— Mas o que executa lhe sai da cabeça — atalhou Lóssio, destragando o fumo do cigarro que acabava de acender; enristara o indicador, no ar, para grifar a observação.

— Muito bem! — apoiou o Artur — muito bem!

E dava com a cabeça para os lados, concitando os companheiros.

— Muito bem! — disseram.

A concordância estendeu uma pausa reverenciosa. O grande salão do café continuava vazio e soturno; caixeiros recostavam-se às mesas em que brilhava a louça branca dos serviços sobre bandejas de *electro-plate*²¹; numa das entradas, por trás do mostrador de cigarreiro, um caforina de rosto macio e alvo, com bigodinho em arrebuque, cochilava sobre um jornal.

E, no silêncio, sussurrou a voz de Camilo:

— O pior é a idade. O Rios está velho e embezerrou no que aprendeu.

— Não — contestou o Lóssio —; o maior defeito do Rios é ser brasilei-

ro. Este povo quer gente de fora; nacionais — rua!

O Franklin estendeu-lhe a mão, com entusiasmo:

— Toque.

A palestra recaiu no Cesário Rios. Tinham-no tomado por ídolo porque necessitavam de alguma admiração e o escultor, até ali vivendo no seu *atelier*, desiludido, reumatizado por um grande dissabor de sonhos extintos, representava o obscuro orgulho de um convicto. Mas, visivelmente, a sua persistência descambava para a improficuidade, posto que fossem confiados e incessantes os seus esforços criadores. Às vezes, um gesso vazado com facilidade, um bloco cortado na linha clássica, deixavam perceber a firmeza da mão que os trabalhara, porém, a esse gesso ou a esse mármore falhavam o amor febril das almas novas, o delicado cuidado entre o meticuloso e o apaixonado das primeiras ambições de glória.

A veneração que teciam em torno do seu nome era mais um acinte à gente d'Academia que entusiasmos por sua obra. Cesário Rios constituíra-se um protesto contra as facções, vivia só, quase como um cenobita, sobranceiramente desdenhando da intimidade dos *aceitos*. Durante a existência do Costa Barbosa, que fora o *laureado* professor d'escultura, os gessos acadêmicos sofreram sempre confrontos irritantes; ainda hoje a sua respectabilidade de artista idoso e “prêmio de viagem” ameaçava pretensões oficiais e notoriedades fáceis. Sobre isso, Cesário Rios possuía uma qualidade simpática ao exagero nativista dos moços — era um brasileiro de sangue, sem atavismos estrangeiros a não ser em colateralidade remota, e sofrendo pela sua desproteção a concorrência dos que vinham, mas com uma notável e silenciosa resistência sistemática de sua presença em todas as exposições.

Era este conjunto de detalhes característicos, que levava os rapazes a procurarem a sua convivência, exaltando-o como um mártir do trabalho e do indiferentismo coevo.

— Ah! — exclamou o Lóssio — se vocês vissem o *Gênio das Indústrias* que ele está terminando!... Aquilo é que é vigor... hum!... aquilo é que é toque!...

Apenas conheciam as primeiras massas da grande estátua ornamental que o governo lhe havia encomendado para um estabelecimento público, a *maquette* fora modificada em grande parte e prometia uma obra de valor.

Camilo lembrou a oportunidade de ir surpreender o “velho” no trabalho, seria uma prova de respeito. Aceitaram-na e, quando se erguiam, entrava o Alves Pena que rondava os Cafés, à procura dos “seus artistas”.

— Para onde vão?... É assim que recebem um velho dedicado?... —

perguntou ele, estacando, com a sua bonita mão num gesto usual, fechando um círculo entre o polegar e o índice.

— Vamos para a Arte — respondeu Artur de Almeida.

— Neste caso... — retorquiu o boêmio, dando com o ombro — iremos.

— Menos eu... — discrepou Vieira, a estender os dedos aos colegas. — Que tenho serviços... são quatro filhos a sustentar!... e mulher! e sogra!...

VIII

Era ao rés-do-chão, nas vastas lojas dum velho prédio para os lados da Misericórdia, que Cesário Rios tinha o *atelier*.

— Com licença... — gritaram do portão, empurrando-o.

O batente pesado ringiu, ríspido, num som farrusco de ferragens brutas e gonzeou, vagarosamente, cedendo, rouquenho, ao impulso.

Cesário Rios, que trabalhava em grande, avantajada mole de barro, uma estátua colossal plantada em meio da oficina, volveu a cabeça para a porta-cocheira. Um clarão irradiou, súbito, no seu rosto rapado e ósseo:

— Olá! rapaziada.

Despegou-se do trabalho, todo pequenino na sua sovada blusa de brim pardo, raspando o asfalto com os gastos chinelos de tapete e estendia a cada um deles o dedinho calejado, com o rórido debuxo duma alegria na boca incisiva de talho:

— Então, qu'ê isto?... Vocês vêm ver o velho que não presta para nada! Qu'ê isto?... Tudo aqui vale coisas...

Falava apressado, bicando os lábios sobre a dentadura amarelecida e forte.

Os rapazes entravam, um por um, respeitosos, chamando-lhe Mestre. Sob o surrado gorro de veludo grenate, de miúdas, desmaiadas ramagens à seda frouxa, seus olhinhos de pássaro bravo brilhavam; a sua fisionomia reanimou-se, resplandeceu, circundada do branco puro da cabeleira comprida, aparada sobre a nuca, que lhe dava a seca expressão de um pastor protestante, austero e bom.

Apanhou logo o cachimbo, meteu-o entre os dentes:

— Abanquem-se, abanquem-se. Isto aqui é casa de pobre... Não há cerimônias... Eu vou dar uns toques neste *bicho*, mas o ouvido fica para vocês.

Os rapazes desfilavam em derredor da mole esculpida, admirando-a, trocando-se comentários à meia voz. Lóssio exaltava as belezas, em atitude d'entendedor, elogiando o acabado das formas com um gesto pródigo de mão em concha como se tomasse peso a um corpo, e os olhos sonhadores do Sabino evocavam arrogâncias geniais de Miguel Ângelo

nas largas linhas do monstro arcabouçado em barro.

Cesário tornara ao trabalho. Parecia mais leve, mais revigorado, indo com maior interesse à sua obra. Um grande alívio ou uma grande esperança predispunha-o. Esteve por segundos, cabeça inclinada, olhinhos minguados para difundir o efeito, amassando, devagar e absorvido, uma bola de tabatinga; recuou passos, avançou, calculou de olho a proporção e depois, de repente, assaltou a perna gigantesca da estátua, correndo o polegar sobre o tríceps da coxa, fusiformando o volume distendido do músculo *direito anterior* para acentuar a energia poisada do membro.

Uma luz igual, batida de cima, pela vidraça de uma janela rasgada até o teto, descia sobre o enorme recinto. Telas esquecidas, desconjuntadas em molduras duma pobreza d'ouro roído pelo tempo, remendavam a espaços o severo vermelho Van Dyck⁵² dos muros; desordenadamente, sem disposições decorativas ou simetria de ordem, cabeças partidas a bustos, modelos anatômicos, *molhagens* de membros, dependurados por cordéis, entregues à lepra da poeira grossa e falripas de teias, lembravam soturnas sacristias recamadas de *promessas*. Dividindo a grandeza da loja, corria de parede a parede, um tapume negro, coberto pela metade com medalhões, ovais de lápis-lazúli cavados em baixo-relevo, *croquis* d'estátuas, esboços de grupos de monumentos ideados, em cera, em plastelina, em barro; e, ao centro, sobre peanha, uma pequena moldagem francesa, de corte clássico, do busto de Augusto Comte,⁵³ alvo de gesso, muito sereno com o seu rosto liso de pároco e o olhar indefinido, vazio de pupilas. Por cima de sua cabeça, respeitando a curva das auréolas e das inscrições solenizadoras, sobressaía o lema positivista escrito a giz, com meticulosidade gráfica, num cuidado de mão que acaricia: "Amor por princípio, Ordem por base, Progresso por fim."

O grupo dispersara-se. Alves Pena, menos seduzido com as belezas da estátua, fora segredar ao *aprendiz* acorçado a um canto, no preparo das barras de tabatinga que, à força da massagem, estereotipava a compressão dos dedos. O rapaz ergueu-se, dolorido, vagaroso; estava caimbroso pelo excesso da postura e com dificuldade distendia os músculos do corpo, gemendo. Entendeu-se com o boêmio, de quem recebia palmadinhas íntimas nas espáduas, fez-lhe um sinal concordante e escapou-se por uma aberta do tapume.

Passava pelo ambiente o frescor das primeiras horas da tarde, um cheiro tônico de terra molhada transudava do colosso, aprazia o olfato como absorções do *fartum* das terras virgens, por encostas e montanhas, após a inclemência duma insolação... E, apesar do aparato de ferramentas esparsas, da confusão dos utensílios d'escultura abandonados no soalho, havia na oficina uma

paz obscura, envolta num doce silêncio de casal remoto, só e feliz na rusticidade do seu teto, à sombra das suas árvores. De quando em quando, um canário prisioneiro, no grimpapé do mesquinho cárcere de arame, em frente à janela, trinava a ópera da sua desgraça, sob a impressão clara da luz, lá fora.

O aprendiz voltou a cochichar com Alves Pena, trouxera uma garrafinha verde, breada do barro das mãos, e ambos acolheram-se num conciliábulo, cuspinhando risadinhas canalhas.

— Mestre! — disse o boêmio —, não quer retemperar a fibra?... — E oferecia um cálice de aguardente.

— Olé! vocês também gostam da *cana*?

Com uma careta engoliu o líquido, limpando os lábios na blusa:

— Bem. Agora, vamos a uma fumacinha.

Enquanto preparava o velho cachimbo de madeira, atulhando-o de tabaco com o dedo ósseo, calejado pelo trabalho, rodeava lentamente a sua obra, observando-a, notando pontos a retocar, comparando as partes terminadas. A grande massa de barro, quase a tocar o teto, erguia a cabeçorra acompanhando o movimento do braço direito que levantava um pedaço de tábua bem alto, como um troféu à contemplação do mundo.

— Senhor Rios! que vai este *bicho* levar na mão?... — perguntou Camilo.

— Ora!... que há ser? Um livro. Pois você não vê que ele é *O Gênio das Indústrias*?... Lá em cima vai um livro aberto, a invenção de Gutenberg.

E o Lóssio, solicitamente:

— A ciência positiva de Mestre Comte.

— Está bem. É uma boa idéia. Você aí tem um sucesso.

— Qual coisas! Isto vale nada. Talento, só os estrangeiros.

Cachimbou forte, emudecido, alanceado no seu orgulho; mas, logo, começou a mover-se em derredor da estátua. Tudo bem. Pela umidade baça do barro escuro os contornos, as saliências, tomavam à luz o tom uniforme e sereno duma ceragem severa. Cesário estacou defronte do seu dorso, a contemplar o vigor da linha, a harmonia titânica dos panos dorsais; os seus miúdos olhos lambiam o monstro; iam-se arrastando lentos e amantes, por este conjunto energicamente espatulado. E caminhava insensível, automático, a olhar sempre, músculo por músculo, membro por membro, vendo, reparando, sentindo as felicidades da mão, a segurança dos cortes, numa ilusão de merecimento que obliterava a percepção crítica. Em certos detalhes a satisfação ressumbrava-lhe da fisionomia; demorava-se mais a contemplar, extasiava-se. Assim esteve embevecido a considerar a massa muscular de uma perna

que o Gênio tinha curvada, calcando um troféu d'engrenagens e bigornas, símbolos da Mecânica e do Trabalho; passou à anatomia do braço esquerdo distendido para trás, em linha oblíqua ao torso, acusando a contensão nervosa dos dedos que apertavam uma galhada de loureiro; foi ao modelado do tronco, às cordoveias do pescoço, à conformação apolínea da cabeça, largamente esculpida, com exageros talhados à antiga na cabeleira curta, atirada em madeixas para o parietal.

Camilo acompanhava-o no estudo e como, por vezes, os seus olhares se encontrassem após a atenção de um mesmo ponto, o escultor animou-se, confessou-se-lhe *satisfeito*:

— Não me desgosta... este *bicho*.

— Perfeitamente — concordou Camilo — vai negavelmente bem. Você é o derradeiro moicano do Romantismo.

— Do Romantismo!... do Romantismo! — murmurou Cesário, encolhendo os ombros — coisas!... palavras... modernices... A arte há ser arte, sem rótulos, sem papeletas, sem dísticos... Ela é o que é.

— Mas... — ia objetar Camilo, Cesário interrompeu-o:

— Coisas!... O que ela tem é um destino. Isso, sim; é o que ela tem. Quanto a designações, são baboseiras.

— Mas... — insistiu Camilo — as artes plásticas acompanham o movimento da arte escrita...

Cesário arregalou os olhinhos, sem compreender; o outro, porém, explicou que da cediça literatura, a poesia e a prosa, fizera-se um arte nova, sobretudo da prosa que vivera sem feição, por parecer uma propriedade comum da extenuação espiritual do homem... Hoje ela é uma arte, que exige cuidados e subtilezas escapas às idades anteriores, da mesma maneira que, por observações e experiências, a pintura viera da informe coloração conhecida no Egito, recomeçada nas catacumbas e renascida nos estudos da Meia Idade à fulguração moderna...

Cesário escutava-o quase desprendido da longa explicação, a cachimbar, com os seus sentidos voltados à estátua. Quando o rapaz terminou, recaindo no motivo de classificar de romântica a sua arte, ele tinha-se alheiado de todo da questão, nem teve que objetar. Encolheu, outra vez, os ombros, significativamente e, molhando o polegar na língua, foi esbater um contorno veioso que se intumescia demasiado numa das hercúleas panturrilhas do Gênio.

Mas, presto e curioso:

— Então, qu'ê do *Zui* ?

Camilo sorriu como se aquela palavra, à força de ser pronunciada, fosse

uma realidade. Sabino também sorriu, poisado sobre um tamborete, porém crédulo, confiado, prevendo a divulgação vitoriosa do grupo.

— Está feito, Mestre; o *Zut* é um acontecimento.

— Homem! feito ou não é qu'eu não sei, mas a verdade é que muita gente fala nele... e tem-lhe medo...

Esta confissão inesperada, saindo da boca sincera do Mestre, pareceu-lhes uma consagração. Desataram os cordéis à imodéstia e começaram a comentar as perseguições realizadas, o efeito aterrorizante que supunham causar aos *acadêmicos*... Cesário atendia-os, a cachimbar com fleugma; por momentos corria-lhe pela máscara escanhoad a contração de sorrisos, os lábios se lhe retorciam sobre o canudo curvo do pito, agarrado aos dentes; por vezes, ele estalava a língua na palatina, a inculcar sabor, ou aprovando, cauteloso, retirava o cachimbo, salivava de jato esguichado, com risadinhas guturais.

O batente do portão ringiu: era o Bacharel Silvério Lima, um amigo do escultor, que chegava. Dous círculos azuis, retintos, em aros de ouro, reluziam nas suas órbitas, amarelecendo doentamente o seu rosto chato e rude; na sombra, ao fechar-se o batente, a sua figura, vestida de negro, tinha a imobilidade trágica dum mocho fantástico. Ao perceber os rapazes forçou, por desprezo, as carquilhas do mento, pondo o beijo em ressalto e com a unha do indicador coçava devagar, ao pescoço, a cabelugem áspera da barba rasoirada, indeciso sobre se devia entrar. Afinal resolveu-se; avançou gravemente para o Rios, com uma pancadinha fraternal nos ombros dele:

— *Maestro!* como vai a *nossa* obra?...

Estendeu a mão ao Lóssio e aos demais, curvou, ao de leve, uma simples cortesia, obrigada.

— Cá está... vai indo... Mais uns cuidadinhos e... pronto! — respondia-lhe Cesário, achegando-se-lhe camaradamente.

O bacharel pôs-se em observação; como via pouco e os vidros azuis aumentavam a raridade vespertina da luz, esticava o pescoço a meter o nariz na estátua, e andou a cheirá-la vagarosamente, paulatinamente, a ruminar umas palavras encomiásticas, uns conceitos filosóficos; depois afastou-se, procurou notá-la pelo torso, pelas linhas finais do seu ápice, e ficou-se, esparramado defronte dela, a fitá-la, com a cabeça derreada para a nuca, como se houvesse adormecido.

Cesário aguardava, respeitosamente, a sua autorizada opinião, mas o bacharel paralisara-se nesta postura incômoda, de lábios entreabertos, os círculos de vidraça azul assestados para a cabeçorra monumental da obra.

— Vai indo, vai indo... mais uns cuidadinhos... — repetia o escultor.

Então, como acordando dum enlevo, o bacharel espalmou a mão no espaço, com ênfase, e recitou com uma voz nasalada e larga, de tribuno:

Pugna e vinci, o pugna e muori

D'un morir che tricolori

*Le sembianze ai vincitori!*⁵⁴

Volveu-se para o Lóssio, cabeceando com os seus óculos azuis à procura dos rapazes:

— Conhece?... hum! — fez sarcástico, esticando o beijo — É do grande Giovanni Prati.⁵⁵ Ah! vocês só conhecem os franceses.

— ... Ou as francesas... — emendou Alves Pena, pondo a sua bonita mão em gesto explicativo.

O bacharel cabeceou a procurá-lo e fitou-o com os vidros reluzentes de seus óculos, numa insistência. Alves Pena compreendeu o desdém, dilatou um sorriso negro, de insusceptível, e com o intento salvador de desmoralizar a gravidade pulha do outro, ofereceu-lhe um cálice de aguardente.

Ele repeliu-o:

— Não; obrigado. Eu não me embriago.

A risadinha tossida, gutural do Rios casquinou seca. Desdobrou-se, rápida, uma contrariedade entre os rapazes, sentindo a espontânea hostilidade daquele homem que coçava as lêndeas da cabeleira deleixada; ele, também, enregelou-se numa parcialidade insustentável, prejudicando as intenções conciliatórias do escultor, que se constrangia perante a animadversão dos seus visitantes. O bacharel cedeu, retirou-se com a gravidade fúnebre com que entrara, com as mesmas cortesias hostis.

Cesário acudiu admirativo e convicto:

— É um esquisitão, mas uma grande cabeça!

— Que produz lêndeas — replicou Camilo, sacudindo do espírito a opressão que a irritante presença daquele agressivo, enfadonho e pretensioso, lhe causava.

O escultor tossiu a sua risadinha:

— Eh! eh! vocês são esmagadores!

Fez-se um silêncio. A tarde baixava. Estendia-se insensivelmente, com vagares, uma sonolência de fastio e alquebramento. Houve, no ar, uma tímida surdina de pipilos... E o silêncio caiu outra vez. Bocejava-se. O aprendiz começou a preparar os molambos para cobrir a estátua, retirando-os de uma barrica — fazia o seu serviço automaticamente, a chupar um mau cigarro sarroso, a boca em arreveso, o olho esquerdo apertado à consumida espiral do fumo. De novo a surdina ensaiou solfejos, estremeceu franzindo a baixante

quietitude roxa do crepúsculo; e parou e ficou-se num *smorzo* de queixa, num titubeio pueril, a morrer quase... pouco a pouco foi-se acordando, ritornelou, emergiu clara, espalhou-se mais alta, desdobrou-se, nítida, em gorjeios agudos em que se alongava a angústia repetida de um chamamento ou a nostálgica saudade duma fronde... À última nota inda a vibração do canto ondulava sumindo-se num diluimento de suspiros, fundindo-se no fusco vespertino que mais intenso baixava... Pelos ângulos murais já havia mistérios de trevas, e indecisões de penumbras vinham ganhando o espaço, envolvendo também a *grande obra*, esse *Gênio das Indústrias* que permaneceria extático e colossal na “pose” eterna duma *fundição*, onde olhos demorados, que melhor vêem porque mais entendem, viriam procurar, um dia, aflitos, o traço criador, a alma do artista vazada na consubstanciação de sua idéia... Da idéia muitas vezes falsa e iludidora ou eternamente incompreendida!...

Já pouco se falava. A paz religiosa da tarde trazia espasmos contemplativos de meditação. Sabino, de olhar esvaído e beijo pendente, acompanhava a faina do Rios e do aprendiz a enrouparem o colosso com panos umedecidos; tinham arrastado para junto dele uma enorme escada em forma de A e, grimpado à altura da cabeçorra do Gênio, o escultor ia estendendo os largos molambos barrentos. Lóssio e Artur ciciavam em palestra a que Alves Pena, sonolento, parecia atender, com a ponta do cigarro apagado no lábio, e despertando uma vez por outra para bebericar os últimos goles d’aguardente. Cesário desceu, com presteza o aprendiz fechou a escada e foi arrastando-a para o tapume, alarmando a loja com o barulho do seu peso e o choque tintilante dos seus eixos; depois voltou a ajudá-lo no último enroupamento.

Camilo, abancado sobre um caixote, caíra na sua melancolia intermitente, absorvido numa contemplação de cismas, esquecido de tudo em derredor, a sonhar talvez...

— Írribus! qu’isto estafa — exclamou o Rios, terminando o serviço. — Agora é mais uma *ajuda* e descanso... Vamos nós correr à coxia... — Apanhou o tubo de irrigação e seringou o monstro de alto a baixo. A água, impelida num jacto de chuveiro, estalou nos panos, cingindo-os à estrutura monumental do colosso. Estrias deslizantes raiaram o asfalto, sucederam-se, transbordaram, encharcando-o. E mais forte, no ambiente, derramou-se o *fartum* de terra molhada.

— Ora, aqui está — despertou Camilo — porque chamam divinos aos estatuários. Foi assim que o bom Deus fez o homem.

— Mas — roncou Sabino, pesado de *quebreira* — fez mal, porque o habituou à *chuva*.

O dito morreu desatendido, perdeu-se na tristeza ampla das sombras que mudavam a forma real das cousas. Já aos olhos a oficina distendia-se, alargava-se, tomando proporções vastas, de cavas subterrâneas, num outro aspecto; e com a estátua toda coberta, discretamente envolvida em seus trapos, fazia pensar no anfiteatro dos museus onde houvesse terminado a canseira dos serviços antropométricos para a investigação de um gigante pré-histórico, petrificado no soterramento de cataclismos obscuros. Agachado, de canto a canto, arrastava-se o aprendiz, recolhendo os *esboçadores* e ferramentas. No fundo, sobre a negrura completa do tapume, o busto gessado de Augusto Comte esmaecia numa doçura mate, tom sereno de rememoração modesta, que é a pátina macilenta das esculturas talhadas para o nicho interno dos recolhimentos claustrais do estudo. Era nesta paz imensa de obra apenas lembrada ao culto limitado dos intelectuais, que ele ia desaparecendo na noite próxima; paz dos justos, lenta e suavíssima, que ainda o fazia dominar com o seu alvaiadeecer de túmulo o aniquilamento de todo aquele esforço d'espírito que o cercava, que entrava na treva mansa do dia morto, deixando unicamente uma vaga lembrança de existência pelo esmaecer pálido dos medalhões cerúseos. E agora — ele, ele só! Nem o lema da sua escola, arrancado ao fervido coração das cartas à Clotilde,³⁶ nem esse mesmo restava, embora furtivo bruxuleiar de lâmpada, luciolando aureolizante sobre a sua erecta cabeça inteligente, a que severidades apostólicas puseram securas simpáticas de excluído. Nem esse!...

Um sino tangeu Trindades, som tristíssimo de balido que rolou, cavan-do o silêncio. E sobre a dormência final do eco, outro mais distante, também gemeu a Anunciação numa plangência saudosa de tradições longínquas que vêm, através dos séculos, repercutindo a hora liquescente de uma tarde em Nazaré, segredar à alma humana a inefável poesia da natividade de uma religião, que vive porque é o eterno engano do Amor e a doce quimera da Consolação.

IX

O desrespeitoso gracejo dos rapazes, na exposição de Telésforo, ultrapassou do restrito testemunho em que se deu para o conhecimento de “todo o mundo” literário e artístico.

A boca babugenta do Feliciano trouxe-o para os *ateliers*, a indignação do “grande artista” não soube ocultá-lo nas reservas do seu critério nem o desculpar com o generoso esquecimento da sua longanimidade. Pelas redações comentava-se o caso, em rodas circunspectas, em torno das escrivani-nhas de respeitáveis articulistas macilentos; nos *ateliers* desfibravam-no com recriminações. Excedia da insolência esse desrespeito a Telésforo, o *Extraor-dinário*, sagrado pelo óleo ciborial da prosa clássica do grave e potente Conselheiro Costa Vargas, a pena notabilíssima que sustentava os créditos castiços do idioma português n’algaravia ignara do falar crioulo, e, ao consi-derarem as honras que engrinaldaram, nas terras cultas d’Occidente, o ilustre nome do autor desse paradigma da pintura marcial, sentiam no arrojo dos moços a criminalidade duma inabsolvível tentativa de lesa-majestade.

A procela das censuras não se encastelou, porém, à vista dos rapazes.

Entretanto, algum tempo depois, eles começaram a notar, sem que pu-dessem precisar a causa, uma má vontade para tudo quanto lhes dizia respeito. Era-lhes difícil, mesmo impossível, conseguir notícias de seus ideados quadros ou efêmeros projetos; o próprio Agrário, que fora saudado, incondicionalmente, com adjetivação feérica, considerado um halo a for-mar-se sobre a cabeça laureada da Arte, não mais lograva uma simples refe-rência nas linhas esparsas dos noticiários e Camilo, por duas vezes, tinha sido admoestado pelo *redator* da *Folha*, um luzeiro de metro e doze, escuro como os mestiços insulares d’África, que trazia a sua ciência médica e suas convicções republicanas numa enorme sobrecasaca cinzenta e cartola de castor. O moço jornalista embasbacou com a reprimenda, quis explicações ao ouvi-la reiterada e o *chefe*, a quem se atribuíra erudição lexicóloga, empertigou a cabecinha arrogante, hieroglifou com o indicador um desprezo soberano, porém supondo inexpressão nesse gesticular que escapava à inferioridade, respondeu-lhe capcioso e maciamente num aforismo latino — que era da

precaução de atinados não esvaziar os alforjes na distribuição dos favores.

Camilo espichou o lábio, retorquindo com igual desdém, mas bem depressa esbarrou numa imperativa recusa de publicidade a um folhetim sobre o *Impressionismo na pintura*, em que o nome do amigo Agrário flamejava como o bolsão dos cavalheiros de saio escudado nos prelos das távolas.

Adergou, então, com o motivo, sem procurar estimá-lo na importância maior do que a que ligava às muitas conveniências e servilidades do redator-chefe e, para opor à subserviência do jornalista republicano o seu desassombro de moço, pensou em obter do gravador Forjaz o apoio pecuniário a uma publicação periódica, no gênero panfleto ou revista, em que pudesse escrever independentemente, desacorrentado do ferro das concessões e plantando a haste incurvável do seu galhardete revolucionário em anúncio de hostilidades abertas.

Mas, vagando pelos pontos costumários, subindo e descendo as escadas da *Pension Beaumont* onde raramente conseguia trocar palavras com o amigo que se tornara inencontrável, gastou semanas a rever, a ampliar, a modificar o seu projeto sem lhe dar solução, até que, já esmorecido e por um acaso, pisou os degraus do *atelier* do gravador Forjaz.

Antônio Forjaz era o resultado do seu próprio esforço, a energia vencedora duma vontade. Saído da sua aldeia beirã, nas vizinhanças escarpadas da Serra da Estrela, ainda amadorado dos mimos maternos, tomara rumo às areias faiscantes das praias brasileiras para tentar a posse do sonhado futuro dos *comendadores*; mas, refractário à especulação comercial, meteu-se numa oficina tipográfica e des'logo começou a ensaiar xilografias, que vira trabalhar por um velho parente a quem veio recomendado. À força de vontade e vocação o buril docilizou-se-lhe aos dedos; em pouco tempo as suas gravuras satisfizeram exigências industriais de que resultou para ele larguezas de bem-estar. O seu *atelier* abriu-se a todos os artistas desprotegidos e necessitados, porque obtinha no desenho das madeiras os recursos para fugir à fome; a sua mesa, em casa da família que havia feito, era uma sucessão de tábuas de vinhático cobertas pela toalha alva da paz e da abundância, em derredor da qual sentavam-se os que tinham necessidade do pão alheio e os que tinham coração agradecido; à extremidade, presidindo a honesta refeição frugal, entre uma doce senhora, simples como uma sertaneja, bondosa e solícita, e duas moreninhas infantis, que eram as fibras da sua sentimentalidade, o seu rosto pálido de sedentário, de longas barbas quase brancas, tinha a calma patriarcal de um Abraão.

Camilo foi surpreendê-lo na sua banca de pinho, à luz franca de uma

janela aberta para telhados de prédios térreos, o braço erguido sobre o bloco, a escavoucar uma gravura que visava pelo disco de grande lente fixa. Ao lado, num esbandalhado sofá de mogno, um sujeito magríssimo, ossos e nervos ressequidos, escassa cabeleira grisalha encrespada em torno da *calotte* nua, *pince-nez* de ouro montado no nariz, manuscava, com indolência, uma revista de Arte.

— Há que anos!... há que anos não se o vê!... — disse o Forjaz suspendendo, por instantes, o trabalho. Nunca estendia a mão a apertar senão os dedos maiores porque não largava o buril, e sem dar tempo a explicações perguntou-lhe *como ia de saudinha*.

O esqueleto preguiçoso levantou a caveira encurricada, fitou-o, franzindo a testa e ergueu-se com estouvamento:

— Ora, viva! seu revolucionário. Ora, viva!

Vestia um fato claro de casimira inglesa, uma enorme gravata de seda azul-escuro enchia-lhe o peito cavo, agarrada sob o botão do colarinho pelo aro de prata de pretensioso mosaico miniaturado.

— Ó Mestre Lourival! como vai esta bizarria?

Apertou, familiarmente, os ossos ao esqueleto que o fixava com os negros olhinhos inteligentes, duma vivacidade alegre de garoto, através dos cristais do *pince-nez*. O curto bigode, apenas mediocrementemente peludo nos talhos da boca, dava-lhe ao pequeno nariz afilado um retraimento característico das narinas, como se aspirasse, desagradavelmente, um cheiro enjoativo e, sob o maxilar, falripas lanígeras, retorcidas em duas pontas mefistofélicas, rompiam a dureza do queixo largo.

— À espera da trompa de Josafá — gracejou o Lourival, em resposta — ... ou que o *Zut* me venha galvanizar... Homem! a propósito...

E desatrelou a língua. Possuía o dom precioso da palestra. Os assuntos ocorriam-lhe prontamente, as respostas saíam-lhe fáceis e eram trocadilhos, ditos d'espírito, reminiscências, anedotas, numa linguagem fluente, corriqueira, mas insinuante. Costejando pelos promontórios septentrionais da idade, o seu lastro de vida espiritual pesava valiosamente pela variedade desordenada dum *bric-à-brac* curioso, em que sobressaíam os entusiasmos democráticos da geração de 1854, filiada à escola progressista de Teófilo Ottoni,⁵⁷ mas, por acidentes que lhe ofereciam assuntos de faceta ironia, atirou com a sua mocidade sobre uma escrivaninha de Secretaria d'Estado, onde começou a apodrecer alegremente para não encurricar-se na seriedade burocrata de "um bacalhau seco". Solteirão e boêmio à sua maneira, ganhando o bastante para uma existência meã, empregava as sobras dos seus vencimentos n'aquisição de modes-

ta coleção de arte, que ele farejava e catava por todos os belchiores, regateando com impertinência para a posse de tudo quanto lhe parecia valioso e original. Esta agradável e inofensiva monomania atraiu-lhe a camaradagem dos artistas, aos quais prestava o apoio da sua pena de folhetinista e crítico-amador.

O caso do *Zut* interessou-o. Ele se lhe referia com expressões simpáticas, a confessar que fora dos que, a princípio, embasbacaram com o *termo*, achando-lhe, contudo, um sabor boêmio e algazarrento; depois os seus ossos ringiram e desengonçaram numa tétrica macabrice, ao ritmo da dança de Saint-Saëns,⁵⁸ mas por crises de gargalhadas com o susto de Telésforo e a caricata oscilação dos sarrafos pintados do *Panteon*... E, não sabia Camilo que Telésforo andara de redação em redação a queixar-se da ofensa?... Pois fora. Até parecia um Irmão Inácio esmolando da caridade cristã!

O Forjaz desembuchou uma risadinha e, sem largar do trabalho, disse que o caso não valia os comentários que se fazia... Fora uma troça de rapazes, nada mais... Posto que ele — explicou, parando de escavoucar — admirasse o talento de Telésforo, era um vencedor!

— Não se lhe contesta, Sr. Forjaz, não se lhe contesta o mérito — pulou o Lourival —, unicamente desconta-se-lhe o valor excessivo que lhe pretendem dar.

— Com sinceridade o Sr. Forjaz acredita nesta vitória? — perguntou Camilo.

— Como não?... se eu lha reconheço.

— Neste caso, perdoe-me dizê-lo — está iludido. Telésforo será *um vencedor da Vida*, mas nunca um artista vitorioso. E, senão, diga o senhor que originalidade ele desenvolveu e apresentou na sua obra, qual a Escola que ele chefia? Tudo o que vemos nesse quadro, tudo, sem exceção de um ponto, já foi feito, já foi reproduzido, é um composto de regras usuais e cediças. O ilustre Telésforo não teve mais que combinar e arrumar o que encontrou à mão, a exemplo de outros, aos quais se nega os menos escorreitos encômios. Pedíamos, no entanto, uma maneira nova de pintar, o modelado seguro, palpitante dos mestres contemporâneos, um arrojo de cor ou de pincel, alguma cousa que nos empolgasse d'improviso ou nos atraísse paulatinamente, fascinando, e nos obrigasse a murmurar emocionados: — Aqui está um artista! E tem, o nosso amigo Forjaz, esta emoção diante da obra de Telésforo? Diga-me o Sr. Forjaz: — tem esta emoção?...

Antônio Forjaz despegou-se outra vez do seu bloco:

— Mas, Sr. Camilo, por esta doutrina são raros, são raríssimos os que têm direito à glória.

— Certamente! — carregou de novo o Lourival, pulando no meio do *atelier*. Os berloques da sua *châtelaine* tiniram.

— Nem se discute! — ajuntou Camilo — Os inovadores, os gênios das reformas não têm a propriedade dos cogumelos; mas, quando não se possui a chama criadora, faz-se necessário, para conquistar os planos projetados pela glorificação, um mérito, um valor provado que destaque o indivíduo da vulgaridade... Demais, não é, como pode supor o nosso bom amigo Forjaz, uma questão de indisciplina da idade, esta revolta contra a preponderância de Telésforo. Nós todos sabemos que os mestres de *ontem* sofrem os ardores rebeldes das gerações sucessoras. Vinci teve a oposição do nome de Miguel Ângelo, como esse a do de Rafael; nós todos sabemos que a obra-prima de Watteau⁵⁹ — o *Embarque para Citera*, — foi alvo das bolas de pão dos discípulos de David numa sala d'Academia de Paris, como — *O Rapto das Sabinas* — não ficou incólume sob as chufas da meninada contemporânea do ainda estudante Delacroix. A mocidade não se exime ao domínio do em voga. Ela é a impulsora do seu tempo ou, em outros termos — o esforço vitorioso da própria moda... Mas, amigo Sr. Forjaz, o nosso caso é outro. Não temos um nome a opor ao de Telésforo, uma simpatia para sufocar uma antipatia; não se trata de merecimentos em concorrência, nem de nomes em moda. O nosso caso é de justiça na distribuição das palmas. O que exigíamos de Telésforo, note o senhor que preciso o termo, o que *exigíamos* desse vencedor era a sua vitória... Onde está ela?... Ele criou alguma cousa?... modificou as linhas do arabesco acadêmico?... alcançou alguma perfeição no expressivismo das suas figuras?... descobriu processos de pintura que nos dessem efeitos novos?... fundou a arte nacional?... Espero que se me satisfaça estas interrogações, porque essa obra parece-me vazia de tais predicados.

O gravador curvou os ombros, subjugado, continuando a sua tarefa, e logo saiu o Lourival com outro argumento que fazia desconjuntar, estalar a reputação de Telésforo. O grupo dominante, que o Conselheiro Costa Vargas dissera “a mais grandiosa criação [a] que jamais o engenho humano deu forma objetiva na superfície do painel”, não passa de flagrante reprodução da *Batalha d'Austerlitz*, de Gérard; os demais grupos são cópias flagrantes das composições de Horácio Vernet, de Yvon, de Philippoteaux.⁶⁰ Viva o gênio! Toque-se o hino.

Forjaz recuperou ânimo, não quis desfraldar-se da sua admiração sem opor às investidas dos críticos os últimos argumentos:

— Pois, senhores, estou boquiaberto!... E ainda mais me pasma esta ovação que lhe fez a imprensa, unanimemente, sem discordância de um só jornal!

— Ora! — exclamou Lourival — a imprensa! A imprensa entende tanto de arte como eu de sânscrito. Não há muitos dias, encontrei o Conselheiro Costa Vargas extasiado de admiração diante de uns quadrinhos da mais reles, da mais infame carregação de *bazar*, e o chefe deste nosso Camilo, que publicou dous artigos sobre as decorações da Capela Sistina, perguntava-me, uma ocasião, o que vinha a ser pintura *a fresco*!... Aí está o que vale essa coisa informe, pegajosa e incolor que se chama crítica de belas-artes no jornalismo indígena. Aqui tem o nosso amigo, diante de seus olhos, um exemplo das habilitações dessa crítica: aqui me tem, a mim, Lourival d'Abreu, que apanhou nos livros umas tinturas de arte e prepara neurastenias com o esforço de receptividade das suas células emocionais.

Camilo tinha acendido um cigarro, esperando que Lourival terminasse para “lançar” o seu projeto. A oportunidade clareara com as referências do folhetinista. E, procurando cortar a probabilidade da volta à questão de Telésforo, falou na necessidade de uma propaganda ativa em favor da estética moderna, que nos chegava por informações de correspondências estrangeiras, nas colunas da imprensa. Fazia-se urgente a fundação de uma revista que desenvolvesse o gosto público, iniciasse-o nos progressos da arte européia, despertasse-lhe o interesse por esses assuntos. E isto só se alcançaria numa revista, numa publicação periódica que consentisse a seriedade dos artigos e a independência na externalização das opiniões... Poderia ser feita com cuidado, bem impressa, acompanhada de reproduções de alguns quadros notáveis... Seria uma publicação de valor, onde o amigo Forjaz teria margem para demonstrar os seus méritos de xilógrafo... E não estava o amigo Forjaz por largar uns cobrinhos para a tentativa?

Forjaz coçou a barba sob o queixo, ponderativo e grave:

— É dinheiro perdido!... Neste país o que se quer é isto que estou a fazer, grosseria, cousa de comércio...

— E por que se não há de combater este defeito? — protestou Lourival.
— Sejam fortes, resistamos à estupidez.

— Sim; porque, se não houver resistência seremos nós os esmagados — acrescentou Camilo, encorajado pelo espontâneo concurso do companheiro.
— O Sr. Forjaz tem o exemplo em si. Considere o que pôde alcançar por seu esforço, considere que aproveitamento teria tido se, ao invés de se contentar com este trabalho puramente industrial, se dedicasse a produtos de arte, como os alemães... E por que o Seu Forjaz não o fez?... Certo que não foi por incapacidade, mas por circunstâncias mesológicas, porque o meio lhe não consentiu...

O rosto macilento do gravador teve uma alegria e, num gesto de aquiescência que lhe curvava os ombros, atalhou:

— Só mais tarde, só mais tarde, Sr. Prado, poderei dar-lhe a resposta. Por enquanto as cousas vão mal, vão muito mal. E, creia, sinto que lhe não possa prestar desde já o meu apoio, porque me tenho na conta dos seus mais exaltados admiradores. Creia.

— Que diplomata! — exclamou o Lourival, ajeitando o *pince-nez*; na falange do mínimo reluzia uma jóia, um rico gravado de ametista. Camilo admirou-a:

— Estás com uma preciosidade! Deixa-ma ver.

O esqueleto farsista estendeu a mão encarquilhada, a explicar como tinha desencavado a raridade nos bolsos de um mendigo, mas, caso estranho, detalhe de um inestimável sabor romanesco! — era um fecho de liga.

— De liga! — pulou espantado, na sua cadeira, o gravador Forjaz.

— Sim, de liga. Eu ainda possuo o fecho.

À confirmação do Lourival o gravador esgazeou os olhos, pismo, emocionado diante daquele luxo asiático; e com a boca babada de assombro ia dizendo — que devia ter pertencido a alguma rainha... E, então, esse *misterioso* mendigo talvez fosse um emigrado político, um príncipe nilista evadido da Sibéria...

— Não sei. Comprei-o a um mendigo boêmio ou turco, ou nazareno, um mendigo imundo, cor d' enxofre e grenha trevosa. Numa tarde de lama, por intermitências das chuvadas de junho, aproximou-se de mim um maltrapilho a choramingar piedade, repeli-o com asco porque o desgraçado cheirava mal; ele teimou, insistiu, e como eu o ameaçasse com a hipérbole do concurso policial, sacou do bolso esta preciosidade, ofereceu-ma por qualquer preço... Estive para estender-lhe quinhentos réis, mas, temendo perder a ocasião, propus-lhe dous mil-réis, recusou; lancei mil-réis a mais, ele recusou ainda; desdobrei-lhe aos olhos ávidos uma nota de cinco, novinha em folha, farfalhante e dum lindo amarelo de oca, o desgraçado ganiu o quer que fosse, aceitou-a, talvez iludido com o seu valor... Desde aí desconfio de consangüinidades semitas na minha origem... Eis a história, algum tanto descorada no *estilo* para não chamar sono à necessária atividade do nosso amigo Forjaz.

— É interessante... — murmurou Camilo, ia voltar ao caso da revista, reatar os pontos da proposta, quando o gravador insistiu na narrativa do Lourival.

— ...E a cara dele, Sr. Lourival?... e a cara dele não era a de um fidalgo, não tinha traços de gente fina?

— Se me não falha a reminiscência era um tipo entre São João Batista, das sacristias, e Murad-Bey... Conheceu Murad-Bey?...

— Não, senhor.

— Pois bem, pode acreditar na minha palavra; esse mendigo era o retrato vivo do famoso Murad-Bey, o célebre aliado de Kléber.⁶¹

— Mas — retornou o gravador — eu creio que não há nada de estranhável nem de ridículo na minha suposição... Esse mendigo esfomeado, com cara de fidalgo, essa jóia de valor...

— Talvez — conjecturou Camilo para satisfazer a curiosidade do gravador — houvesse pertencido a alguma Favorita...

O Forjaz meneou a cabeça, concordante; Lourival, porém, rompeu numa contestação:

— Favorita com meias! — E os seus olhinhos brilhavam através dos cristais, a medir o jornalista. — Onde viu você semelhante cousa, senhor crítico de arte?

Camilo encafifou. Realmente, fora uma cincada desmoralizadora. Sorriu, desculpando-se com o estado febril em que a curiosidade trazia o amigo Forjaz, tornava-se-lhe urgente um calmante, um paliativo, embora sem resultado eficaz.

— É, o Lourival tem razão — voltou o xilógrafo, obstinado nas conjecturas —, tem razão; as Favoritas não calçam meias, segundo nos ensinam as gravuras e os quadros. Neste caso seria de melhor aviso atribuir esta liga a uma rainha...

— É possível... mas, inclino-me, com bons motivos, a supô-la utensílio duma meretriz.

— Duma meretriz! quê, Sr. Lourival?

Retorceu-se o Forjaz, abismado.

— Sem dúvida! Creio mesmo que já li, não sei onde... Se me não enganar num livro que atribuem a Richard Wallace,⁶² que no leilão de Alphonsine Plessis, mais conhecida por Margarida Du Plessis, a célebre *Dama das Camélias*, de Dumas Filho, figurava entre os lotes cobiçados um par de ligas com fechos d'oiro e ametistas gravadas... Ora, essas ligas foram adquiridas a preço de luíses por um grande *viveur*, o Barão de... três-estrelinhas, diz-nos discretamente o autor; é bem possível, pois, que o Sr. três-estrelinhas houvesse constelado com elas as deliciosas pernas dalguma estrela e como os astros do firmamento de Citera desabam no lodo, a garra desse mendigo pouco trabalho teria para ir até a sarjeta...

— Ou, quem sabe? — acrescentou Camilo — esse mendigo não seria

ele próprio um decaído! esquite abandonado duma nobreza que se perdeu nos esbanjamentos da fortuna?... Nada de maravilhoso, amigo Forjaz, neste caso hipotético; os romances são a vida triste da triste humanidade. O fidalgo enquanto teve dinheiro impou de invencível e soberano pelo asfalto indigno de seus pés, porém, estendido para o casco ferrado dos seus “puro-sangue”. Não contou o venturoso que os bilhetes bancários ficam na mão da Fatalidade, dando passagem para a Miséria!... E um dia chegou em que os braços de seus antepassados valeram menos que o caldo de sebo das tascas. O infeliz ensaiou, então, os expedientes, passou às maroteiras, caiu no descrédito que tem a porta d’entrada nas tavolagens e a saída no pátio das prisões...

— Com licença — objetou Lourival —, tomo a liberdade de prevenir-lhe que tenho o meu fraco pelos romances... mas escritos.

— E eu declaro ao Sr. Lourival que o meu requinte imaginativo destinase ao Sr. Forjaz.

— Dou-lhe ouvidos, Sr. Prado, tenho muita honra em dar-lhe ouvidos, que a sua história é interessante... talvez seja verídica!

— Qual verídica! isto é patranha, patranha à Münchhausen.⁶³ Quer o senhor saber a verdade do caso?... Eu lha digo. Esse mendigo era...

E Lourival andou nas pontas dos pés a espreitar os cantos, depois veio para eles, arrastou Camilo para junto do gravador, curvou-se confidencialmente e, temeroso, soprou-lhes nos ouvidos, numa delação aterrorizada:

— ... Era... Jack, o estripador!⁶⁴

Forjaz aplaudiu com um bom riso jovial, sem melindrar-se; Camilo arregou o farsista com desdém:

— Sai, mistificador!

Entre os portais, erecto e mudo, surgiu um rotundo John, como se fora um agente secreto da polícia londrina acudindo à indiscrição duma cumplicidade.

Foi um espanto.

— Entre, Sr. Dr. Pais Ferreira, entre. Este teto é de amigos — disse-lhe o xilógrafo. Lourival perfilou-se à militar:

— Continência à Direção das Obras Municipais.

Pais Ferreira entrou grave, em passadas, num terno cinzento, de fraque e guarda-sol na mão e sob o sovaco um embrulho quadrado. Vinha suado e esbaforido, depositou sobre a banca do Forjaz a sua *cartola* de castor negro.

— Subi para descansar um pouco e, como a ocasião faz o ladrão, aproveito-a para roubar-lhes alguns minutos com uma *bobagem*, porque, agora, depois de velho, dei para cousas que só se toleram aos moços.

— Versos? — indagou Lourival, esticando o pescoço pelhanquento, de galinholo morto, e já as pupilas esfuziando irônicas.

Pais Ferreira crispou sarcasmos na boca sensual, relanceou olhares dubitativos para o lado de Camilo, mas o folhetinista apresentou-lhe o moço, assegurando-o de “que era um distinto camarada, digno de apreço e estima por seu talento... Era notável crítico de belas-artes”.

— À vista destas honrosas e, certo estou, justas referências — retorquiu Pais Ferreira, suspendendo a trabalhadeira de desatar o nó ao barbante do embrulho —, o dito por não dito, porque o meu pecado não pode ser indiferente ao ilustre senhor.

— É algum desenho? — Lourival inquiriu, teimoso, com mais curiosidade.

— Andou por perto — esclareceu o doutor —, não é propriamente um desenho, tem do desenho, é pintura.

— Olá! vamos a esta habilidade. Como sabe eu tenho pela pintura uma predileção que me ridiculariza, tanto ela se aproxima da mania.

— Não se constranja, senhor doutor, não se constranja — aconselhou atenciosamente o Forjaz —; mostre-nos mais esta feição do seu talento, que há de ser digna... Aqui o Sr. Prado é um amigo.

— Só com uma condição — disse Pais Ferreira voltando-se para Camilo —, é a de esquecer-se das suas habilitações. Quem está diante do senhor possui unicamente a boa vontade de um *curioso* que não é, em absoluto, destituído de alguma inteligência.

— Diga antes — de um grande talento — emendou Lourival.

— Oh! senhor... — E Camilo desfez-se em cortesias, protestando contra a posse de qualidades que foram apontadas pelo companheiro. — Eu, também, sou um amador, sem os méritos do senhor doutor...

— Sendo assim, cederei confiadamente — agradeceu Pais Ferreira; ia voltar ao nó, mas puxou o lenço, enxugou o largo rosto rubicundo, cortado por duas patilhas em costeletas, tão ruivas e ralas que, à distância, confundiam-se com a tinta apoplética da sua epiderme. Transpirava copiosamente; o colarinho vergara os bordos, metendo-se-lhe pela gola do fraque, sob as roscas do cachapo tourino. Volveu a trabalhar com seus dedos gordos e curtos no barbante atado, mas, por outra vez, deixou a tarefa para acender um cigarro. Lourival acudiu à faina de desatar o nó, o xilógrafo também aprontou o buril para cortar o nastro quando ele, de cigarro na boca, decidiu a dificuldade com a chama do fósforo.

— Para a espada de Dâmocles o fósforo de Pais Ferreira!... — exclamou

mou Lourival a meter os ossinhos dos dedos pelo embrulho, porém o doutor foi presto, sacou do papel um quadrado de tela, cheio de figurinhas, sobrecarregado de cores, como páginas dum álbum de *cromos* para a distração infantil.

— Dei agora para isto, é uma mania se quiserem, mas que me distrai imensamente.

Colocou a tela sobre uma alta pilha de in-fólios, que adormeciam na paz poeirenta de antiquário consolo derreado. O Forjaz suspendeu o buril com respeito. E o doutor, vindo observar a colocação da sua obra, preambulava, modestamente, que era apenas um ensaio, uma tentativa de quem só contava com os seus próprios esforços.

Olhavam com curiosidade: em metro quadrado de tela havia uma barra azul, chapada e crua; laivos alaranjados formavam a descida gradativa do horizonte pincelado de amarelo-jalde, zebreado de borrões roxos como cúrrus crepusculares; uma linha quebrada em ângulos escurecia ao fundo, depois era um verde desesperado, sem gama, e uma variedade de bichos, de traços negros a fingir espiques, troncos, ramarias... e pedras cinzentas, róseas, vermelhas, numa confusão irritante, numa dureza de recortes oleografados.

— Que tal? hein?... — interrogava o amador.

E como não obtivesse resposta, explicou que “era uma paisagem característica em que procurara reunir os três reinos da natureza. Tudo isto, tudo, é observado cuidadosamente, é reproduzido com a máxima fidelidade”. Aproximou-se do quadro, estendeu o dedo duro a umas cousas verdes:

— Temos aqui, por exemplo, a *Cyathea camambaia* dos tupis, a samambaia vulgar... estoutra é a *Alsophila Miersii*, *Alsophila procera* da Serra dos Órgãos... Enfim, a nossa incomparável flora, a que prestaram culto os Martius, os Agassiz, os Darwins⁶⁵...

A sua voz nasalada abria, longamente, as sílabas finais das palavras numa moleza adocicada e cantada; e o seu dedo gordo corria pelos borrões sarapintados a explicar os espécimens com o arrevesado nome das catalogações científicas. Depois bojou-se diante de Camilo:

— E que tal? hein?

— Magnífico! — gemeu o rapaz. — É uma arte que instrui.

Pais Ferreira sorriu glorioso.

— Diz bem. Eu sou dos que pensam que a arte tem uma missão nobre. O inútil não existe. A paisagem pintada é o arquivo das belezas naturais de uma região... E, senão, diga-me: Para quê Deus deu ao homem os pincéis e as

tintas? Para quê?... — E ficou com o olhar parado sobre o rapaz, momentos logo voltou-o para o gravador, para o Lourival, a insistir na sua interrogação: — Para quê?

Fizera-se um silêncio. A luz forte escaldava as telhas do casario térreo em frente à janela; nalguma construção vizinha, pedreiros cantavam melopéias gementes, ritmando o impulso de pesos guindados e, do movimento das ruas, chegava, de vez em vez, o bruto rumor dos carroções, abafado pela distância; os muros estremeciam, abalados.

—... Sem dúvida — concluiu o doutor — para immortalizar pela cópia as belezas do seu fértil jardim.

Mas, sem perder o gesto do dedo autoritário que se enrastara no espaço, acrescentou com entusiasmo:

— Porventura, terá o artista um espírito pueril, que não medita, não raciocina, não tem deveres?...

Camilo arfou, emudecido; agarrou um cigarro, chegou-lhe fogo quase a queimar os dedos. Lourival berrou uma concordância, que fez tremer o Forjaz absorvido n'audição deste delicado ponto d'estética.

Pais Ferreira respirou largo a sua alta missão na Terra:

— O nosso dever é este, é o de reunir a arte à ciência, num consórcio enobecedor... Por exemplo: — aqui têm os senhores estas pedras. Estão vendo? Ao princípio se lhes não dará grande importância, parecerão um capricho do pintor para embelezar um dado ponto do quadro, mas... notando a sua cor, a sua forma, estes veios, se verificará que são um conjunto proposital para os olhos claros da ciência, quero dizer, do naturalista!

E continuou a discorrer sobre o seu quadro. Entrara na explicação das figuras. Com a nomenclatura zoológica ele dissertava sobre os hábitos de cada indivíduo, fazia uma extensa preleção catedrática, a que procurava amenizar com anedotas de excursionista.

E o dedo gordo marcava com autoridade:

— Isto, este bichinho insignificante para os senhores, é um exemplar dos *sciurus* da espécie *Sciurus brasiliensis* de Cuvier,⁶⁶ o nosso esperto caxinguelê, comum em todo este vasto Eldorado que se estende do Amazonas ao Prata. Na minha província, os caçadores...

Camilo, encostado à parede, mãos mergulhadas nos bolsos, mordida o cigarro, resignadamente. Quase não ouvia a preleção do doutor. O seu pensamento volvera ao projeto da *revista*. Talvez o Forjaz cedesse. Era preciso entusiasma-lo, falar-lhe mais persuasivo, deleitar o seu amor-próprio na promessa duma recompensa moral.

— ... Tudo isto, tudo isto, é nosso, exclusivamente nosso — prosseguia Pais Ferreira.

Tinha regressado à Botânica, que, a par com seus propalados méritos d'engenheiro, formava o seu cabedal de diletantismo científico, galardoado com diplomas honoríficos de várias academias estrangeiras.

À proporção que falava ia despejando pelas narinas as fumaças que chupava ao forte cigarro de palha. Lourival também consumia uma *cigarette* caporal. O ar toldara-se de tabaco queimado, tornara-se acre. Forjaz pigarrea-va, escarrava, de jato, às paredes, excitado pelo fumo que lhe era insuportável. E no ambiente asfixiante, a voz monótona, cantada e melosa, de Pais Ferreira, provocava sonolências d'esfalfamento, numa prostração narcotizadora. De repente calou-se, e dando com o olhar no Lourival, que o observava, com a cabeça erguida, nariz no ar a desenhar-lhe uma expressão d'enfado, inquiriu dele “que dizia da sua obra?”

— Eu... Eu... — Lourival gaguejava, aflito, em busca de uma frase; seus ossos enroupados moviam-se desordenadamente, as mãos procuravam-na pelas algibeiras, nos botões do colete, nos berloques da *châtelaine*, atarantadas e febris:

— Com franqueza, Pais Ferreira, nem sei o que hei de dizer. Tudo isto me assombra!

Pais Ferreira enrubesceu, aturdido.

— ... Talvez, porque não presta?... não é, hein?... — interrogou com lentidão, suspeito, apreensivo.

— Ao contrário, homem! Antes pelo contrário. Porque nunca imaginei que, vivendo um pobre ente absorvido por cogitações da ciência, pudesse ter sensibilidade tão extraordinária! Você é um artista!...

Lourival engasgou-se com a inflexão que pretendia dar à palavra, mas, acudiu, temendo molestar o doutor:

— Com sinceridade, você é um artista!

Mansamente e envaidecido Pais Ferreira perguntou:

— Porventura não foi o nosso velho José Bonifácio um poeta?... e dos mais *mimosos*?...⁵⁷

A palavra ficou boiando, abandonada nas ondulações da sua emissão. Ele próprio concentrou-se, esgotado de idéias. Lourival tinha apanhado o chapéu de feltro branco, metera-o na cabeça, disposto a safar-se e trançava o seu braço ao de Camilo com intenções misericordiosas. O engenheiro, porém, rogou-lhe o obséquio de atender, por alguns minutos, a uma leitura — “bem sabia que abusava da sua camaradagem, não obstante, conhecia-lhe o coração, tinha certeza de que se acolhia à mais provada condescendência... Era

uma notícia, que pessoa da sua amizade tivera a gentileza de escrever sobre a sua paisagem... (porque ia expô-la) — asseverou, gravemente, em parêntesis.

O *pince-nez* do Lourival desengatou-se-lhe, e logo seus movimentos nervosos puseram os pobres ossos numa lastimosa atividade de dedos. Ao cabo d'esforços engatou o *pince-nez* e com um rancor disfarçado, esperou a leitura.

Pais Ferreira sacara do fundo do bolso umas tiras de papel, tinha-as desdobrado diante dos olhos e começou a ler os elogios com que se recomendava ao público “essa obra, talvez imperfeita para os exigentes, mas inegavelmente trabalhada com uma inteligente paciência que chegava à minúcia dos miniaturistas, donde o seu valor pela verdade dos importantes espécimens da incomparável riqueza brasiliense de que dava copiosa e sintética amostra”.

— Agora, já não é ao insigne pintor a quem tenho a honra de apertar a mão em despedida, é ao ínclito literato... Ambos extraordinários!

Pais Ferreira pretendeu dissuadi-lo dessa suposição, o artigo não era seu... garantia sob palavra, mas Lourival não lhe deu ouvidos, arrastou Camilo para a escada, aos tropeços pelos íngremes degraus do *atelier*. Na rua estacou exagerado, aspirando o ar livre, sob a luz doirada do sol e rilhando os dentes, transfigurando a caveira numa carantonha vingativa e possessa, disse ansioso:

— Rendo graças a Deus por não estar armado!... Senão... teríamos uma tragédia — Pais Ferreira no Necrotério, Lourival nas masmorras.

X

Lá se iam contados trintas dias que ninguém sabia de Agrário; o único que poderia adiantar informações era Camilo, mas este, também, estava senhor do mesmo sabido romance que todos contavam: Agrário desaparecera do quarto do primo, Henriette desaparecera do quarto do cambista.

Quando Melo Castro, a cofiar o seu grande orgulho de bigode loiro, lhe participou, nervoso, de que o pinta-monos batera com a *fraldiqueira* para uma toca desconhecida, Camilo não fez nem um movimento de surpresa, concentrou-se abatido, hipocondríaco, antevendo o irremediável desastre do Zut.

Em nessa mesma semana, inesperadamente, apareceram na *Glace Éléante* dous retratos de apopléticos comendadores palermas — pintura lisa e chata, como a fatura de que o Le Grand tinha a patente d'invenção. Que seria? Andou pelo espírito de todos o impertinente moscardo da interrogativa. Em vão procuraram o motivo da tremenda *apostasia*, em vão buscaram em complacência explicativa de necessidades a causa do estranho transviamento. Agrário continuava oculto, na *toca* ou em um *ninho*, deixando sobre sua ausência a aflição de uma dúvida.

Com a exposição dos retratos a *Ilustração Semanal*, do Saurel, encontrou oportunidade para arremeter contra o grupo. Em duas colunas do texto, a folha caricaturista louvava o pintor por ter provado que não era ele o chefe (como se propalava à boca miúda) desse *bando de tolos e presumidos*.

A violência do Saurel tocou a postos nas avançadas dos jornais. Secundando o arremesso da *Ilustração* outra folha, mas essa diário de tiragem notável, instigada por Telésforo, lançou desentrelinhado de doutrinário estético e com parêntesis propositais, descobrindo o intento do artigo, apedrejou valentemente “a pulha pretensão de uns paspalhetes jactanciosos que se julgam capazes de, com artuaças e insubordinações de malcriados, anular e destruir o valor de reputados artistas...”

A reação fora sempre surda, movida cautelosa e matreira pela habilidade de Telésforo, em desabafo daquele *vitioso* sábado de outubro, fomentada pelos “perseguidos”, à socapa, rastejando por intrigas e vilanias sob a sistemática oposição dos *acadêmicos* à entrada do grupo nos cursos oficiais; mas,

nesse dia, rompeu considerações e vinha franca, descoberta, resoluta, em assalto vencedor sobre a descuidada alegria desse pobre rapazio a que falhavam aspiração determinada e razões de resistência.

O grupo recebeu o ataque sem compreendê-lo, julgando-o uma sortida prestes a espatifar-se na chacota costumária; mas o reforço do choque, sob a poderosa carga dos jornais, depressa espalhou o terror. À tarde o aguarelista Vieira apareceu, enfiado de desconfianças, pálido e lagrimejante, protestando que não estava disposto a “perder o seu futuro, tinha família a sustentar... tinha filhos...”

E o fuinha do Sousa veio cheirar à porta d’*Havanese* o que se decidia... “mas, não se decidindo cousa séria, ele não queria embrulhos, estava farto de desassossego, até já havia perdido uma viagem à Europa por causa do *Zut!*”

Sabino e Franklin ouviam as recriminações, calados, jungidos ao mesmo ideal, porém inutilizados pela impossibilidade de ação; só o Lóssio protestava, em voz baixa, levantando o pulso magricelo prometedor de socos incríveis à pulhice da mestranga condecorada. A presença de Camilo fazia-se urgente. Por vezes Sabino arrimou-se ao portal, desalentado; gestos obscenos, disfarçados na aba coçada do fraque, contraíam a mão do Franklin, e balbucios obscuros ziguezagueavam por seus lábios. Cortava no ar um friozinho úmido de começo hibernal. A multidão noctâmbula passava. Vultos encapotados entrecruzavam-se pela estreiteza da rua; burguesinhas amareladas, abrindo olhares cobiçosos para as vitrinas iluminadas, seguiam pelo braço de seus homens circunspectos; algumas *toilettes* de teatro eram adivinhadas sob os metros confeccionados de casimiras à *water proof*...

— Ali vem Camilo — apontou Sabino para a calçada oposta.

O rapaz se aproximava, numa lentidão de abatimento. Emergira da sombra duma grande casa fechada, e logo a viva chama dos faróis de duas portas de modista banhou-lhe por inteiro: o seu rosto parecia mais macilento, mais afadigado; os fios pendentes do seu bigode, que crescera e se avolumara ultimamente, envelheciam a sua doce fisionomia de tuberculoso romântico, espiritualizada pelo vago olhar doentio e queixoso. Já se lhe notava privações ocultas, íntimos suplícios de existência necessitada, um abandono de cuidados nas roupas destingidas, enrugadas, túmidas de bócios, n’articulação dos braços, dos joelhos.

Franklin saiu ao seu encontro, febricitante por lhe ouvir a resolução, porém ele encolheu os ombros: “Que fazer?... Tudo perdido. A Academia estava com a força, tinha a imprensa, tinha a sociedade, tinha o governo.”

Sabino arriscou, tímido, numa voz quase chorosa:

— E A Folha?

— Pôs-me no andar da rua.

Por minutos, dessoros de lágrimas intumesceram as pálpebras dos dous *dissidentes*. O friozinho hibernal cortou mais forte. Camilo teve um arrepio. Entre eles a soturnidade da esperança perdida lavrou um longo mutismo presago.

Alves Pena surdiu dentre transeuntes, aos tropeços, cambo, adormentado, olhos sangüíneos e turvos.

— Queria saber... — oscilava, a cuspir, a procurar idéias. — Queria saber... do que havia. — E a insistir em sílabas mastigadas, repetindo palavras, esforçando-se por emiti-las, por libertar-se da gagueira regougante que o acometia, expunha confusos projetos, um hebdomadário para combater os “trancas”, dizia, para achatar a súcia.

Ouviam-o desatentos, esquivando-se do seu hálito pútrido. Eles também tiveram essa idéia, mas o capital, esse imaginário saquitel de lona, rotundo de moedas, aparrado e farto, desafiando a cobiça humana com suas pintadas cifras a negro; o capital, a sonante, a maravilhosa força de empreendimentos e vitórias, antolhava-se-lhes como um espectro. O boêmio, no entanto, retorquia que era facilímo arranjar capital.

— Quê!... hum!... Capital?... hum!... cap!... cap... — E emperrava, amnesiado, batendo as pálpebras congestas, o corpo a vacilar como uma velha barçaça a ferros. A língua tornara-se-lhe pegajosa, arrastando-se nos esforços da vocalização que desprendiam bafios nauseantes de cloacas. Enublara-se-lhe a percepção da realidade; aos gorgolhões de palavras emaranhava contradições, depois mascava uma porção de fantasias abstrusas, cousas insensatas e inquietadoras. A mão tremia-lhe numa pertinácia de crise nervosa; na epiderme um tom oleoso de suores fétidos relaxava-lhe os músculos. Ia a pior. Por esse tempo, uma tosse cavernosa amiudara os acessos e o olhar, de quando em quando, imobilizava-se atônico, estúpido, alteando as pupilas para o bordo empapuçado das órbitas com espasmos de rês vitimada.

A dolorosa impressão, que esse alcoolizado lhes causava, aprofundou o mutismo do grupo, como se um marasmo angustioso, pressentida vizinhança da morte, paralisasse as últimas energias de suas ilusões. Sobretudo em Camilo, ela deixava uma tristeza intensa, que sonambulizava o seu olhar e lhe riscava nos talhos da boca violentos vincos de descrença.

Instantâneo, num acordar brusco de epilético, ele estendeu a mão aos rapazes:

— Bem... Vou andando...

E foi-se. Varou pela multidão, num passo largo de fugitivo desiludido, que se arreceia do ruído otimista do mundo; trepou a um bonde, e arrumado ao canto do banco, encolhido, muito só, estranho a todos os passageiros que invadiam os lugares, nem reparou numa rapariga que lhe pedia consentimento para entrar, suspirando com uma doçura de voz enrouquecida:

— O senhor dá-me licença? — Foi necessário que ela lhe tocasse na perna, furtivamente, insistindo: — O senhor dá-me licença?

— Ah! — fez ele, e ergueu-se atarantado, com um safanão. Ela entrou, inclinando a cabeça, agradecida. Camilo voltou ao seu lugar, mais espremido contra o balaústre do banco, mais só e desesperado. O bonde rodou, enfim; ásperas tiniram correntes enferrujadas dos tirantes e a parelha arrancou com o peso num trote rítmico e balançado.

Lojas abertas, cheias de luz e rebrilhos de vidraçarias, sucediam-se, com vistas cosmorâmicas. Às vezes, pelas soleiras, transeuntes encolhiam-se, desviando-se do bonde, ou de pé entediados negociantes conversavam agrupados, a chocarem-se obesidades dos ventres monstruosos. E já, na mutação dos aspectos, vinham escuridões extensas de prédios desabitados ou melancólicas claridades de isolados combustores da iluminação, para outra vez reaparecer a alegria da luz jorrada dos faróis do comércio noturno.

Depois, para diante de uma praça, o movimento foi-se perdendo, afastando-se, reduzido a ecos de vez a vez mais longe, e vieram as ruas desertas, as praças abandonadas, os lugares escuros e quase trevosos, a zona intermediária dos arrabaldes, área recolhida e triste onde se refugia a miséria resignada dos incapazes, o ódio dos esmoedores da vida sem esperança.

Camilo, agarrado pela sua nevrose, caíra no cruel exame da existência. O artigo do Saurel, a guerra dos jornais, a deserção de Agrário subjugavam-o, traziam-lhe histerismos à sensibilidade escoriada, procurando revolver toda a dolorosa mágoa do seu espírito enfermo, indagando-se, a si mesmo, numa obsessão alucinante, por que criara essa fantasia de levantar um grupo?... E quem ia lutar? Ele só? Mas que poderia fazer contra *todos*?... Ah! inda não se tinha estribado na vida!... Galopava nesse cavalo da existência sem saber como, sem governo, sem apoio; e a cada corcovo do animal sentia o temor de vir à terra, sob o ridículo cascalhante da vaia. A vida era assim. Cada ser passava sobre o dorso de uma montaria; uns sobre o aprumo esguio de corretores esgalgados, balouçantes e lentos como se exibissem triunfos do *sport*; outros corcéis, duma brancura nevada d'espumas, rompem ao trote largo, alegremente, levando à sela os que folgam; e outros, luzidios e louros como o fumo crestado de Cuba, vêm à desfilada, entre ovações e borboletear de len-

ços, zimbrando o espaço, deixando em pós o aroma sensual de tranças desfeitas, ou frangalhos de mantos gloriosos.

Os artistas, os nobres eleitos do Sofrimento e da Dor, esses, os artistas, montam corcéis fantásticos, produtos fenomenais do desespero do coito sádico de rebeldes brutos nervosos com a luxúria em cio das lindas fêmeas de alta cotação nos *turfs*. Desse hibridismo satânico de forças — cópulas horríveis, doloridas e sangrentas, em que range e se desloca a ossatura das ancas nos paroxismos do desejo lúbrico e varrem entranhas apunhalantes relinchos de gozo estupendo, nascem os monstros insofridos e estéticos que levam, destino em fora, em tormentos incontados e resfôlegos de febre, os nobres eleitos do Sofrimento e da Dor... Byron passou, à rédea abandonada, na sela de coldres dum árabe nitrente — upa! upa! — galope feito pela noite maldita dos Sabats... e Baudelaire cavalgou, no *aplomb* dum estranho príncipe satânico, elegante e cruel, o dorso luzente de indomável poldro azeviche, de grandes clinas flutuantes, revoltas como labaredas negras dum inferno de trevas, que mastigava, raivoso, alucinado, o brunido aço dos freios entre ensangüentados flocos espumosos, abundantes e espessos, espojando-se no solo, nos extravasos do rancor e pelo delírio dos pinchos, em florescências perversas que ainda borbulham, que ainda seduzem e envenenam como amorfófalas lúgubres.

A gente burguesa, todo o mundo pacato e bovino, os *simples* e os *bons*, a imbecilidade e a hipocrisia, atravessa a Vida sobre burregos pacíficos, de marcha rebolante e certa, batendo os cascos monotonamente, espanejando as ancas, frascariamente, caminho afora, caminho além...

E ele devia vir ao dorso de uma alimária pérfida, tinta de uma cor cinzenta e suja, abjeta, asquerosa, como um parasita imundo de casa deserta: um rato funâmbulo, esconso e trôpego, que treme pela podridão o nevrosismo macabresco de uma coréia, faminto e caquético. Ele o percebia. A besta o levava ridiculamente, tresloucadamente por silvedos e escarpas, às tontas, aos encontrões, ferindo-o, supliciando-o. E para onde ia?... Que desejo, agora, de saber do seu destino, de antever o seu poiso? Nunca o teve tão aguçante... Desencasulara-se d'adolescência sem percebê-la. Tudo quanto lhe ficara na memória constava de impressões dispersas, fragmentos interessados do seu pessoalismo que luziam, por momentos, com um leve entreabrir de pequeninas bocas inocentes para sorrisos de sonhos. E só!... Só! Nenhuma direção, nenhuma prova consciente de destino. Saía de uma idade para outra idade pela invariável sucessão do tempo.

E que mais?... Os corsários zarpavam ao acaso, entretanto, nos grandes silêncios dos bravos mares, entrando a mainar para a manobra do aparelho,

não perdiam a rota, e quando era preciso retroceder, para fugir à caça do cruzeiro implacável, a agulha indicava o rumo a seguir. Ele sabia nadar em terra firme.

Um alastrante desamor pela vida começava a dominá-lo, arrastando-o para a indiferença dos repudiados — desapego de mendigo que vai de terra em terra, sem afetos, sem nome, implorando às portas a lamúria decorada do poiso, por noite alta, e entra sob a desconfiança dos piedosos para, ao clarear de outro dia, partir em seguimento de outra desconfiança... Até ali levava a esperar... uma cousa indeterminada, indefinível. O acaso, afinal!...

...Que vinha ele fazer na vida sem uma profissão, sem um apoio, sem um rumo, desencontrando-se de todos, em conflito com tudo? Por toda a parte, a mesma, sempre a mesma irreconciliabilidade: na família, na sociedade, na sua própria existência íntima da razão com a espontaneidade de seus atos, surgia o antagonismo. Era a besta que o levava quem se incumbia da dispersão. Não tinha mais o exemplo do *Zut*?... Esse, sobre todos, apertava-lhe o coração, comprimia-o como uma prensa supliciadora, porque nenhuma idéia lhe ocorria, nem de luta nem de salvamento...

E ansiando, o espírito às cegas, perguntava-se: — Que iria fazer?... — repetindo, repisando sempre o mesmo estribilho interrogativo: — Que iria fazer?...

Uma pressão macia de braço tentou, cauteloso, o seu braço. Talvez o tentasse há mais tempo. Camilo olhou discretamente. Era a vizinha de banco, a de voz gemida e rouca.

Reparou-a de soslaio; teve de fingir atenção a um ponto oposto para notá-la melhor. Nada feia; um rostinho de costureira, clorótico, e olhos pequeninos, muito vivos, com dous pingos brilhantes de ardência no cristal negro das pupilas. Não o incomodava aquele contacto, ao contrário, trazia-lhe um bem-estar, uma certa felicidade de vida, amenizante, compensadora de todos os desgostos. Chegava a ser um lenitivo. Foi com cuidado que levou, muito de leve, o joelho ao alcance da pema da rapariga, que, sob o enfronho das vestes, tinha o acuso brando de um belo cachimbo recurvo. E deixou-se estar, afetando distração, com o joelho suspenso, à espera. Um solavanco do bonde pôs em contacto as duas pernas; instantes logo a rapariga encolheu-se, arisca. Camilo olhou-a: ela mordiscava os lábios, faiscando os dentinhos alvos e cravou os olhos para diante, muito cheios de severidade. Mas, a pressão do braço voltou, ainda mais longa e ainda mais convidativa. Era preciso certeza: forçou por sua vez o contacto, premiu o braço aninhador a mais, paulatinamente, a mais, e ele não fugia, ele ia-se ficando com a intumescência

gelatinosa de suas carnes, provocando encostos, sensualizante, numa preguiça compressiva dos friorentos brutinhos domesticados. Ela queria-o, ela necessitava dele, e o chamava devagar, um pouco duvidosa, mas vencendo-o. Todos na vida eram assim, iam para onde deviam ir, fatalmente, ajeitando-se, insinuando-se com a audácia vagarosa de fera pisando calma, pata por pata, na grimpá agulhenta de penhascos altos.

E era assim a vida! Definidade em tudo: atração, retenção, colocação. Um lugar para cada qual. E o cavalo selvagem que ele, havia pouco, idealizara, reduzia-se a uma imagem chata, desmoralizadamente romântica... Ah! pobre dele! Que era senão um sentimental, atormentado e jogado na existência pela crueldade do seu organismo, pela fraqueza do seu espírito?...

Já não era a pressão suave daquele braço que o desviava do acabrunhamento mórbido; agora, havia-se-lhe ajuntado ao corpo a comunicabilidade sensual da perna, de uma perna roliça, túmida, muito ofertante de gozo, tão deliciosa, tão cômoda, tão boa, como uma almofada de paina, feita entre cuidados piedosos de entes bem-queridos, para o descanso de um pobre corpo enfermo. Ela vinha-o domando com tanta perícia, com tanta inteligência distribuidora de sensações que se lhe esvaziava o cérebro, amolentado de nervos, entregue quase a um suspiroso torpor de volúpia.

E este pedaço de corpo quente, rígido no torno da coxa, afogado, macio no volume cheio da nádega, a fantasia lho desnudava, punha-o nu, completamente nu, com a sua palidez suavíssima de um velho *biscuit* muito delicado. E demorou-se a reparar o rostinho da rapariga, cheio, gorduchito, mas de um triste branco-bístreo, laivos de insônias e de febre, que o negro do olhar vivificava um pouco com claridades aflitivas de desejos.

Sobre o baixo arrumo dos cabelos, a mantilha espanhola de renda preta descia ao pescoço afagando-o, fazendo valer, sob o destaque do emolduramento, a meia-tinta branca das faces; busto arqueado, comprimido pelo vestido também negro, de fazenda reles, e em ofegos lentos que levantavam cadencialmente o pequeno tufo dos peitos, adivinhados em dous pomos transbordantes da borda vaseada⁶⁸ do colete pontiagudo sobre uma barriga flácida de mulher cansada. Ela inteira, ela toda, lhe encheu o instinto, palpitou dentro dele num alarma carnal de abraços bruscos e beijos estonteados.

E teve um temor obscuro, incompreensível, de que não poderia agarrá-la para a satisfação da sua animalidade: "Ora, covardia!... Ela se lhe entregava... Mas, onde possuí-la?... como lhe agradecer?..."

O bonde parou com um ringido áspero de *break* aperrado. Tinha chegado ao ponto. Camilo desceu e após a rapariga, que safou-se num salto, lesta e

firme, castanholando os tacões pela rua acima. Tentou segui-la. Mas... para quê?... E diminuiu os passos: depois abalou, caminho além, na sua marcha certa e derreada de homem sem *chanças* na vida. Nenhuma comoção. Frio, frio, sempre frio, indo pela existência errante e insensível como um monstro nas alvíssimas paragens boreais, à luz cineral de uma lua merencória e trágica, toda empalidecida e trêmula à neve eterna. Ah! isso é que ele era? Engano. Nem monstro nem indiferente, apenas um tímido, um delicado e imaginário oposto à corrente bravia da Multidão. Eternamente a persegui-lo, eternamente a devorá-lo essa superexcitada existência dupla do seu Eu, desdobrando-se em si próprio numa voraz insaciabilidade de mais viver, sofrendo mais. Chegava a ver grande, a ver fantástico onde só havia pequenez e vulgarismos, e era de todas essas insignificâncias que se formavam as suas dores tentaculadas, os seus desesperos cortantes, que o iam minando, dia passado, dia presente, como uma moléstia secreta e endêmica.

Por que não nascera como todo o mundo, indo lisamente, escorregadiamente de uma inconsciência para outra inconsciência, gozando de tudo e nada sentindo?

E ao levantar o olhar, já nem vestígios havia daquela rapariga, nem o seu corpo rebolante e esculpido no artificialismo da *toilette*, nem o castanholar provocador dos seus tacões. Vazio. Rua deserta e, de quando por quando, os esguios lampiões negros, chamejando muito amarelos, muito tristes, num contido sono de vigílias de todas as noites.

“Quanta dor, quanto revolver de feridas traumáticas, num encontro inútil, caso de todos os dias, acidente de todos os momentos?... Ia-se palmilhando a calçada sem atentar aos passos, subindo a rua, num desejo de ir longe, de ir muito longe, ignorando o destino, ao termo da terra imensa que o cercava.

“Nasceu para isso, para ser um condenado ao acaso, um estigmatizado da dor, filtrando os males que outros sofreram, de que outros se saturaram, e que vinham fazer dele um pobre irresponsável etiológico das diáteses remotas que transmitiram ao seu sangue nos minutos fartos d’animalidade procriadora... E esses desgraçados têm alguma cousa de alucinante obscuridade duma fantasmagoria, que ainda não foi contada: esquife negro, perdido nas vagas de um naufrágio; boiando à sorte, ora levantado, sacudido no espaço sobre o dorso espumarento dos cachopos que se encurvam e rugem; ora submergido na queda roncadora das águas, abraçado, retido pela massa raivosa dos vagalhões, ou levado no embalo cadenciado das ondas, fechado, fantástico, misterioso, à luz dourada dos sóis, sob o azul tranqüilo dos dias; à prata luminosa dos luars, sob o ciânico claro das noites; ou como um monstro estra-

inho vagando, sem vida, cetáceo ressupino, faixeadado de listrões fulvos, na rarefação das trevas, por onde escorre a espuma despegada das ardentias após a leva crescente das vagas, e sempre, e eternamente, e indefinidamente boiando de plaga em plaga, recusado por todas as ondas, repellido por todas as costas...

“Que fazer? Sempre o conflito da vida, sempre o mesmo desespero... Ora, para que rasgar o coração!...”

E teve um grande silêncio mental, como se a alma se recolhesse, muito pequena e medrosa, ao isolamento mais obscuro do seu âmago.

Apenas, a sua marcha certa cantava na rua, lembrando aos que se recolheram ao quente conforto dos lares, que alguém ainda vivia lá fora... ... e ia passando.

XI

E o coração transbordando doloras de infelicidade — ele penetrou na treva farfalhante de um recanto agreste de arrabalde. Entre vultos de troncos eretos e frondes esgalhadas cinerava, como a greda de um túmulo, o muro acaçapado de casinhola pobre, por onde esgrouviavam sombras doudas, espectros ébrios de ramarias agitadas pel'invernial ululante.

Camilo empolgou a maçaneta da entrada, mas empurrou a porta devagar, com temor d'escancará-la brutalmente à rajada fria da noite. No entanto, alguém tossiu lá dentro, e este augúrio temeroso de enfermidade melindrada, fê-lo estremecer, entrar prestes, fechando rápido o batente.

Uma lâmpada de petróleo, com o seu zimbório lácteo de quebra-luz, sobre a mesa do centro, cortava as paredes em duas barras de claridade — a de cima, serena como a estagnação dum crepúsculo, amaciava a policromia rude do papel ramalhudo, subindo igual para o alvo teto onde descansava o fantasma de uma lua diluída, que a chama refletia pelo círculo estreito da chaminé de vidro; outra — intensa, jorrada d'opérculo do abajur, batia na bárbara folhagem sarapintada da parte baixa das paredes, acusando efeitos d'água-forte nos móveis e, na mancha escarlata do pano de sobre a mesa, alegrava cruezas jáspeas nos morins de costuras desdobradas. Em contraste escuro opunham-se-lhe a baeta esverdinhada do mandrião caseiro de uma rapariga clorótica e o esgarçado xale dum cavernoso busto de senhora, cuja cabeça pálida, amarelecendo à meia luz do abajur, lembrava suavidades de pátina de velha pintura italiana na dormência isolada dos palácios inabitados.

Aos passos do moço, esta penitente cabeça lívida voltou vagarosa para ele, envolveu-o na fixação cismarienta e misericordiosa do seu olhar; por seus lábios clareou o outono de um sorriso e, com a carícia untuosa das mãos doentias na voz abafada, indagou dele cuidados que o acompanharam. Camilo respondeu tomando-lhe a emagrecida mão marfinada, beijou-a meigamente, poisou a boca, quase com religiosidade, nos fios brunidos da prata que adornava a sua simpática, sofredora verônica de boa e bem-querida. Depois, como se cumprisse um hábito, estendeu, indiferente, a ponta dos dedos à rapariguinha clorótica de rosto escaveirado, oblongo, disforme de feto, engastado com

dous imensos esferóides oculares, úmidos da melancolia concentrada das pupilas negras, que lhe davam à fisionomia a repelente passividade dos ídolos rudimentares e completada pela mísera magreza do peito onde a Puberdade tentava, dificilmente, levantar os pomos raquíticos do seu Frutidor infeliz.

Enquanto ele tranqüilizava este coração amigo, dizendo-lhe felicidades que não tivera, mentindo-lhe esperanças que não sonhara, aqueles bugalhos extasiados em pálpebras sangüíneas, enormes e persistentes, fixavam-se nele, ávidos, a íris rútila, toda uma expressão d'esforço arrancado de desespero e resignações, protuberando, deslocando das órbitas os grandes glóbulos claros como estranhos óvulos gosmentos de monstrenços. Mas, nem atendeu-os, ele! Sentara-se, ainda com o chapéu à cabeça, a trocar palavras soltas com sua mãe. E sim... e não... — ia dizendo a esmo, esmorecidamente... — E sim... e não... E suas falas sussurravam apenas, eram como discreto ruge-ruge dos folhos engomados de volumosos vestidos flamengos na paz deste interior calmo, d'aspecto limpo e grave de lareira holandesa, que seus olhos estavam notando com pausas de alívio, revendo com carinhos minuciosos de retornado, trazendo ao seu espírito a segurança dum conforto em que se temperavam suas forças vergadas ao desalento, conduzindo-o até a sua alma, balsamicamente, num revigoroamento de vitalidade excitada.

Afinal, não era tão desgraçado como se julgara!... Restava-lhe, na solidão do seu viver, esta incomparável criatura que o martírio macerara, dedicação constante e terna, que ele, embora deslembrando cuidados e afagos, lia na santificação da fisionomia, na cova violácea das órbitas, no descarnado estreme do corpo, imagem esculpida pelo sofrimento com o escopro agudo das dores em uma harmonia dolente de ruína. Ah! bem ele sabia existir ali, nesta lembrança de uma beleza romântica, litании desvairantes de um passado, assunto de angustioso romance sentimental de onde se destacam, de onde se desprendem, nas surdinas evocadoras da Ilusão, as esquálidas, cerosas, lunáticas figuras lendárias das noctâmbulas do Amor, amortalhadas de noivas, noivas formosas do noivado sepulcral dos vermes, coroadas de trevo e rosmarinho, engrinaldadas de feno e tojeiras, as capelas nupciais da Loucura, e saem procissionalmente pelas margens desertas dos tranqüilos lagos, resfriados à reverberação dos Idílios mortos, desfolhando malmequeres brancos, salmodiando, soluçando, gemendo versos soturnos dessa tristíssima, apunhalante canção de Ofélia...⁶⁹

Foi em criança que este segredo inflamou a sua cabecinha fútil, delineando hieróglifos cabalísticos de fosforescência sobre a treva de um vácuo.

Um dia, estalou no seu espírito a curiosidade impertinente de afetuoso

companheiro das primícias colegiais, que lhe perguntava pelo pai. Ele arregalou os olhos, acordando dessa ignorância:

— Meu pai!... — E um atordoamento obscureceu-lhe o senso. Esteve por confessar que nada sabia, mas os olhinhos cúpidos do outro não se despejavam dos seus, havia a injúria de uma suspeita má no glabro rosado daquele rosto seráfico, e mentiu, mentiu com um desembaraço imaginativo que passou a credence infantil do bisbilhoteiro, boquiaberto, atônito, diante do valor do colega tão manso e tão modesto, tendo, no entanto, um pai recamado de títulos, fabulosamente rico, viajando a Europa na comitiva de um rei!

Camilo partiu para a casa escaldando numa vergonha. Por horas, por dias, teve a pergunta nos lábios, a arder-lhe na língua. Por fim, ele próprio, começou a sentir uma terrível curiosidade, supliciado pelo temor d'inquirir de um caso que sua mãe nunca lhe falara; mas, sem saber por quê, se acovardava, se reduzia à vista daquela mulher pálida como a Senhora do oratório, boa e carinhosa, cujo pisar tinha vagares meditativos de aparição e em cada gesto a soberania venerável duma paciente.

Então, no seu respeito de criança, desproporcionado no remanso severo em que se educava, corria vexado para os ângulos da sacada, a cuspinhar na rua, alvejando um determinado ponto do lajedo, embaixo, numa distração imbecil por não compreender a razão desse mistério que lhe doía n'alma nas íntimas contorções de rancor contra a agressiva interrogação do condiscípulo. Por uma feita, uma velha parenta, a propósito de semelhanças fisionômicas, descobriu-lhe a roxidão quaresmal do velador, que guardava o coração de sua mãe em perene Endoença: fora uma paixão romântica, irresistível e flamante. Os seus dezoito anos líriais, recendentes e imáculos, transformaram-se, d'improviso, em tuberosa infernal e tentadora: vieram pelos cismares enluarados as árias d'*Elvira* soluçadas ao piano, a fascinação dos devaneios ao ritmo dos *noturnos*, quando os dedos se erguem molemente do teclado, escorrendo ardentias sonoras extravasadas d'alma; vieram os vãos silfídicos, estonteadores das valsas, sob a crepitação feérica dos cristais iluminados; as rimas plangentes que joalheriam pautas esmaccidas — como suspiros finais de gozo — em bilhetes perfumados; as visualidades da elegância num porte airoso de mancebo lóbrgado nas páginas de livros que as lágrimas marcaram; todas as sedutoras, perversas, cambiantes magias mefistofélicas do Desvario... E ela, trêmula, tresloucada, tímida e febril, demorara num anseio de volúpia a recusa do pudor aos cílios rogativos e ardentes de um belo Fausto... Depois... Ora! o poema das Margaridas é tão sabido!...⁷⁰ Depois, essas garras enluadas em carícias, que tinham escaldado as mãos dela, se abriram em

esbanjamentos delirantes, roubaram-lhe com a sua virgindade, num raptio romanesco, o oiro dos seus maiores, a constelação lapidada dos seus escrínios, e uma vez esalfado, saciado, empobrecido, repentinamente e numa esfíngica urdidura de causas, arreventou o crânio no cano de um revólver, chancelando com o suicídio uma humilde carta de perdão.

Dias após ele nascia e essa desgraça, começada na desonra, terminada numa tragédia, afastara sua mãe da sociedade, levando-os, ambos, a uma dolorosa reclusão de luto.

Descerrou-se para ela a porta pesada do martírio, o oculto purgatório da obscura luta pela existência dos que não têm amparo e trazem nas espaldas a inicial tisonada do opróbrio. Com exageros de trabalho, que a longanidade tornava produtivos, educou o filho e o mantinha nos transees difíceis do seu fatalismo boêmio, sem uma queixa, serena no padecer, só e resignada na sua precariedade honesta, que a nobreza dos seus sentimentos e os esmeros educativos exemplarizavam com o asseio corretíssimo de todos os seus atos, envolvendo-os em uma lhança digna, tradicionalismo de costumes distintos relembrados na prática de uma outra existência feita no exílio, a que o infortúnio levou-a como a queda dum poderio conduz à mansuetude dos destierros as exterioridades reprimidas das naturezas fidalgas.

As intermitências da saúde, já cedendo sob a tenacidade dos sacrifícios, fizeram-na procurar um retiro silvestre onde o ar fosse puro para os seus pulmões feridos e, para os seus monótonos dias d'*excluda*, conseguira uma companhia de teto, enfermeira e amiga — uma órfã desprotegida —, essa rapariguinha clorótica, feiosa e óssea, de olhos disformes, pasmados sobre Camilo num encanto de hipnose, quase sem pestanejos a poder da retenção fitante, e dessorando o esforço numa umidade viscosa, pela agonia de querê-lo.

Revolvendo, mentalmente, os sucessivos episódios desse passado, Camilo sentia a satisfação amarga de compreender-se, de anatomizar o seu próprio Ser, nestes retalhamentos de análise, sensibilizando-se mais profundamente n'afetibilidade por sua mãe, qu'ele ora notava, enternecido, na serenidade meiga das suas ocupações, madonal na doçura velínica de seus cansaços e afãs. E todas as delicadezas de su'alma, todas as vibrações ilesas do seu recesso, todo o poder simpático das suas faculdades, iam para ela, unissonamente, idolatramente, aureolar-lhe a cabeça com o resplendor apoteósico do seu culto: Bendita, misericordiosa Senhora da Resignação!...

Ao menos, o anestesiamento deste consolo iludia o seu nevrosismo, e

mesmo a certeza da realidade, a percepção do seu Eu, não lhe irritavam nem carregavam a supuração do tédio: “Era o que devia ser. Nada mais” — concluía, a refletir, acalmado pelo sossego honesto desta larcira, onde as agulhas reluziam às mãos escarvadas desses dous entes, que trabalhavam, ali, que trabalhavam nos seus linhos alvos à luz veladora da lâmpada, que trabalhavam continuamente, silenciosamente. Depois, pelo mesmo torçal de idéias, como no tornear dum fuste espiralento crescem e recrescem as mesmas conjunturas enfeixadas, seus pensamentos remontavam outra vez à sentimentalidade envolvente desta isolada existência, ele e sua mãe, a sós, escondidos do mundo, sob um teto pobre, entre paredes que não encarceravam ódios... Sem dúvida, em outros lares, haveria gozo; a vida correria contínua, maciamente, como um fio de mel aromático da ânfora das zagalas do Himeto,⁷¹ no tempo pascal da recolta aos favos... Nenhum, no entanto, teria nem mais amor, nem mais doce, confortante simplicidade que o seu esconderijo! Decerto, nenhum! — Que lhe importavam, pois, os acidentes da Sorte? o isolamento do viver, a incompreensibilidade dos outros?...

Nascia-lhe, deste íntimo entendimento, uma rijeza d’ânimo para suportar as desventuras, que sua hiperestesia aumentava com a nitidez e a grandeza das pesquisas microscópicas, dentre as quais ressaltava este percebido insucesso para o requêstro, esta falha de masculinidade para o gozo comum da mulher... que ele, agora, desprezava, insexualizando-se numa elevada espiritualização de desprendimento da Carne, té a suposição alucinante da hipocrisia abjeta do próprio Amor, na sua mais imperiosa mutualidade de tendências gestativas, sublimizadas pela estesia poetizante de cada ser.

A digressão reminiscente, penosa e demorada que fizera pelo Passado, exumando dores, ressuscitando épocas, agitou-lhe, excitou a complicada filigrana do seu aparelho nervoso, predispondo-o a trabalhar nas suas frases atormentadas de incontentável, consubstanciando a irregularidade heteresial na contextatura sintética de páginas originais, com a fina penetração das autopsicologias. Ergueu-se sonambulizado, esquecido de si próprio, conduzindo-se para o interior. E seus passos perderam-se à distância...

A entanguida acompanhou-o com o olhar, atenta de ouvidos, cabeça inclinada para onde ele se fora. Após, momentos decorridos num silêncio, o raspo arrastado de um móvel soou, abafado... Pelo tope duma porta, través a vidraça do caixilho, a vermelhidão de uma luz feita abriu um quadro na treva quieta do corredor.

Ela compreendeu-a. Camilo sentara-se a trabalhar. Era sempre assim quando se recolhia cedo, e seus olhares volveram lentos, desenganados,

mádidos, arrastando-se por onde ele passara, lambendo o rasto esvaído da sua sombra, esfregando-se pela erradia exalação do seu corpo de moço, inapercebida para outrem, para ela — infiltrante, inconfundível, intensa! — e vieram tontos deste servilismo de desejos pasmar nas paredes da sala, atônicos, estranhos, abstratos...

Minutos logo, volveram a devagueiar aflitos, de um para outro ponto, estonteados e desiludidos; mas, encontrando o piedoso semblante da senhora, toda curvada à sua tarefa, o envolveram num afago, demoraram-se a contemplá-lo, dominados, vencidos pela semelhança dessa máscara com est'outra que estava dentro de si, moldando os seus pensamentos, revestindo a sua atividade cerebral, vivendo da sua vida como se ela fosse, de fato, a sua existência consciente, o seu espírito... E ficou-se, atentamente, a notá-la, extasiada, esquecida dos seus afazeres, abandonada à sua imaginação.

Súbitas, nas comissuras das suas pálpebras oftálmicas, apontaram tremulinas de mágoas; suas pupilas, enoitadas de segredos, levantaram-se vagarosas, como discos ascendentes de astros carbonizados sobre a concha de opala de um imaginário céu de melancolias, para a maciez albente do teto, em busca do fantasma da lua diluída, que se imobilizara lá-cima — claridade espectral de um sonho que ela devia encontrar sempre, embora houvesse trevas, no mesmo ponto e sempre merencória, em toda a parte e sempre a mesma, porque era a irradiação do seu almejo, o luar fantasmagórico de su'alma amorosa e casta, que ninguém talvez entendesse, que ninguém talvez quisesse, mas transbordando puríssima do impulso púbere do seu corpo pela febre de seus olhos, já lindos, já lindíssimos, magnoliando-lhe o rosto com a beatífica beleza tuberculosa das Heloíças macilentas, tanta amargura, tanta angústia, tanta sinceridade idólatra transudavam no expressivismo agônico do seu fitar!

XII

Num dia lúcido de junho, ao vigor penetrante dum frio azul, poeirento d'ouro novo do sol a pino, Camilo sacudiu ombros ao tédio — bateu passos firmes de caminhada, antegozando o imprevisto de impressões consoladoras em fortalecentes aspectos de paisagens, ou sensacionalidades curiosas de recantos rudes da Cidade.

Ao acaso! Que lhe importava a escolha?... Pela sucessão dos desenganos chegara a uma espécie de resignação estoica de obscuridade desdenhosa, vencendo o enjôo da existência com a extraordinária energia provadora dos penitentes reclusos. Ao acaso, pois. E como o dia estivesse lindo, tonificando o corpo pela oxigenação do ar glácido, vitalizando os músculos com elasticidades rejuvenescentes, deixou-se ir, saindo de ruas para entrar em ruas, a esmo, levado pelo desejo de andar e de ver, sem se admirar do exagero da marcha conseguida até as vizinhanças salobras das marinhas fabris da Gamboa.

Subitamente, o chamamento álares de voz amiga e *pst, pst* insistentes fizeram-o estacar. Agrário saltou, açodado, de um bonde. Correu para ele, sobraçando telas novas, a gesticular, a gritar:

— Olá!... pst... Ó Camilo!...

E agarraram-se, aos abraços.

— Tu!... Por aqui!

— E tu!... A que andas?

A surpresa trazia-lhes sorrisos espasmódicos no dilatar dos lábios, punha-lhes interjectivas extasiadas nas pupilas. E mal sabiam que dizer, atordoados de alegria, num alvoroço de felicidade inesperada.

— Mas, dize-me tu: que fazias por estes confins? — interpelou Agrário.

— Eu? nem sei... Foram as pernas que me trouxeram, ou o Anjo da Conciliação quem me guiou... E tu? Estás pintando trapiches?...

— Qual!... Eu vivo neste canto do mundo, um pouco adiante, no Livramento. Vamos lá. Quero mostrar-te o meu *atelier*.

Seguiram calçada além, acotovelados, interessados em saber, cada qual, que se havia feito nesse longo tempo de ausência. Camilo resumiu tudo quanto tinha a contar em uma frase simples e motejadora — vivera como um sapo,

desprezível e estúpido! — porém, Agrário dava à língua, esmiuçando ao amigo o seu viver de dous meses, dia por dia, desde a misteriosa e romanesca resolução de fugir com Henriette, deixando o cambista estupefacto. Ao princípio, correu o tempo em plena bonança, houve dinheiro e amor; mas, dificuldades surgiram cedo, encrespam-se necessidades. A subsistência a dous, tinha obrigações aterrorizantes. Agarrara-se aos retratos de comendadores, concorrendo com o Le Grand, que deveria andar furioso.

E agarrara-se bem, de unhas e dentes, porque com eles era que se arranjava, deles lhe vinham os cobres para manter com decência a extravagante fantasia de viver com uma *maîtresse*!... Começava-lhe, já, o fastio da posse, disfarçado em receios do futuro, impossibilidades de estudos na Europa, comentários maldizentes de comprovincianos que iriam desacreditar suas pretensões nas graves rodas de ricos generosos e bairristas... “...Uma enfiada de maçadas. Era o diabo!”

E fazendo-o parar diante de uma antiquária casa térrea, d’entrada larga, soalhada de lajes de granito:

— É aqui o nosso ninho.

Entraram. Camilo relanceou com o olhar em derredor. O aspecto desagradava-lhe, parecia-lhe o de uma locanda reles de vila, com o eterno pó nos velhos trastes imutáveis, a resguardada luz das sestas, a mesma paz vadia das moscas e um mofento cheiro de roupa servida, erradio e característico. Mas, no alto da escada, à porta do sótão onde domiciliava o pintor, a cabecinha jovial de Henriette sorria, toda doirada.

E logo apagou-se-lhe a má impressão da moradia, revendo este claro rosto de rapariga bonita, que lhe falava numa meia língua encantadora, de cançoneta brejeira, com retintilantes silabadas duma delícia acre de framboesas maduras. Nunca vira-o tão de perto, nunca sentira em suas barbas este hálito fresco de fruto, como agora! Teve uma comoção.

Foi ela quem lhe tomou o chapéu e quem empurrou as gelosias das duas janelas para dar claridade à saleta, deslumbrando-o com o belo panorama do mar alcançado daí, num horizonte circular de baía.

— Oh! magnífico!... Magnífico! — exclamou Camilo. — Estás, Agrário, num *Belvedere*. Isto vale tudo!

Parou à janela, estendendo os olhos sobre o teto negro das casarias, pobres habitações arrumadas umas às outras, arqueando à podridão do madeiramento carcomido. Para os lados, assediando, comprimindo os casebres operários, brutas paredes sujas dos trapiches, galerias d’estaleiros, chaminés fumegantes de fábricas. Para distante, num aberto de praça, o quadro branco de

um mercado: depois — uma floresta hibernal de mastros; e ao longe, sob o azul glácido, tranqüilo do céu, o chão azulino do mar onde modorravam bulhentos bojos de patachos à carga, cetáceas galeras nos seus ferros, uma ilha de carvão, a negra faixa oblíqua de um transatlântico, e além, alvamentos guachados de areias longínquas, meadas verdíneas de morros, gibosidades cobaltas de serras...

— Soberbo. Hein? — disse-lhe Agrário batendo no ombro. E já no seu casaco de brim, um cigarro queimando ao lábio: — Agora, uma novidade — forço-te a jantar conosco. Passas mal, mas dar-nos-ás o prazer da tua companhia.

Camilo deixou-se ficar sem protesto, esquecido de si próprio, ignorante dos prejuízos que poderia trazer à economia daquele casal. A graciosidade de Henriette, com seu tipozinho de mundana, satisfazia-o, enchia-o de bem-estar, trazia-lhe uma ternura por esta concubinação moça, gozada num extremo da cidade, por uma hora feliz de belo dia fresco e extenso, como se a vida assim s'escorresse — sempre esta fluidez bendita de ambiente e sempre a mesma louçania garrula⁷² de mulherinha boêmia: céu imáculo e puríssimo azulamento nas pupilas, oiro de luz a neblinar o espaço e luz de oiro na cabeleira seca, farripada e esgarça sobre a testa pequena de frívola!

Bruscamente, o pintor puxou para o meio da sala, à luz de uma das janelas, o grande cavalete de carvalho, corrediço e mecânico, traste novo comprado com os últimos ganhos do trabalho.

— Olha, Camilo, somos bastante íntimos para nos constrangermos com cerimônias... Desculpa-me a pressa que tenho em esboçar este *calunga*... Senta-te, ou anda... Faze o que quiseres, é como se estivesses em tua casa.

— À vontade, Agrário, à vontade — retorquiu-lhe o amigo e foi reparar as brochuras sobre uma mesa, a um canto de parede. Henriette, porém, veio para ele, garrida e desenvolta, a indagar “se se lembrava dela” — e riram, confusos, sem saber o motivo deste rubor discreto.

Agrário abancara-se num tamborete de campo, defronte da tela; tinha uma fotografia à mão e pusera-se a fitá-la, procurando o contorno geral da cabeça. — Era uma cabeçorra suína, de apolentado e rico senhor de negócios e falcatuas, pasmada para diante com os lúzios esbugalhados em useiro atender de cifras. — Dividiu a tela com o *fusain* à frente do nariz, pálpebras cerradas: de um golpe marcou o centro, logo, em dous rabiscos apagados, levíssimos, a altura da cabeça, o comprimento do pescoço, a largura do busto.

A francesinha arranjara um tema de palestra para entreter Camilo, discorria sobre uma brochura que ele folheava, ao acaso, um livro de Loti que ela

dizia amar; qualificando-o de *chic*, à falta de melhor termo; referiu-se também a Bourget, passou a gabar Paul de Kock, que lhe parecia inimitável na graça... e, decerto, ninguém sabia ser mais alegre!

Camilo disse algumas cousas vagas, citou Zola, Flaubert, citou Villiers de L'Isle Adam,⁷³ atarantadamente, emocionado pela presença desta irradiante alegria carnal que voltava à sua retina. Desorientado, embrutecido, voltou os olhos para o lado de Agrário; Henriette murmurou uma desculpa e afastou-se, e ele em passos inconscientes aproximou-se do cavalete.

O pintor esboçava e, já notando a fotografia em busca dos detalhes, já afastando-a para ter o conjunto dominante, foi esquisando rápido, em traços bruscos, algumas vezes desgarrados e confusos que desapareciam à pressão do dedo. A figura surgia. Vinha como uma esmorecida lembrança que se chama à memória, imperfeita, vaga, indecisa; esfumada ao princípio, empós mais nítida pela persistência do *fusain* que rebuscava as linhas enegrecendo de vez a mais, tentando minúcias, acusando pontos. O carvão riscava mais, muito ao de leve; mas, por momentos, a mão carregava-o; dos traços mais forçados, que pareciam rasgões, uma poeira finíssima caía toldando a mas-sa suave da tela. E aos poucos a cara foi aparecendo, avivando-se, num tom dulcíssimo de trevas diluídas, sobre a claridade serena da lona, como se aquele rosto espapaçado, completamente perdido da sua forma humana, sofresse o trabalho lento de uma ressurreição e viesse do nada criando-se outra vez, tomando de tudo as suas propriedades esparsas, fundindo-as, combinando-as, recuperando sua feição originária e primeva pela força agregativa de um poder criador. À proporção que descia ao busto os traços rareavam, tornavam-se apenas indicativos. Um aqui, outro d'outro lado, formavam o toro do pescoço; depois, ladeando-os, quebras pontiagudas do colarinho, e como remate, nervosamente, para a direita, para a esquerda, ásperos, retesos, deslocados, trêmulos... acusando o peito, o friso da camisa, a cava larga do colete, os panos dobrados da gola...

— E pronto! — exclamou Agrário pulando do tamborete.

Camilo agarrou-o pelas espáduas:

— Bravo! Bravíssimo! Ah! se eu tivesse a tua habilidade seria um chefe d'escola.

— *Zut!* como diz ali, a madama: mestre-escola é que serias.

Henriette correu ao cavalete, estacou diante da tela a considerar a semelhança do esboceto com a imagem fotográfica. O seu corpo flexível e túmido, da rara elegância dos desenhos improvisados de Grévin,⁷⁴ transfigurava-se aos olhos de Camilo numa leveza gracil⁷⁵ de visão eterizada, perturbadora

pelo indefinido conjunto que se lhe apreendia — porque em suas formas, agravadas pela cassa branca do vestido, havia o garbo flocoso dum cisne e o exalo sensual duma neófita celebrante de Vênus, o quer que fosse dessa carne rósea d'antiguidade, fresca das águas das piscinas, que encheu de voluptuoso encanto os mármorees famosos do glorioso Feminino! E durante a análise que ela fazia, a fingir-se entendedora, procurando, como os que sabem, as posições para obter os efeitos, ele atendia-lhe, com matinas estivais n'alma jubilosa, às suas menores harmonias do conjunto, os mais subteis traços da sua delicada estrutura, descobrindo detalhes encantadores. De revés, com olhares furtivos, notava e estimava cariciosamente cada uma dessas minudências, quase num gozo mole de senil, que ia do ressaltado gorduchito do submento, separado, por um diminuto filão, do queixo mordiscado duma reentrância umbilical, ao azulado vaporoso da barba onde crescia, superficialmente, uma pelúcia d'ouro... Descia, então, com o olhar voluptuoso, às extensas linhas contornantes, ao arfo aninhador dos seios, à desesperadora mancha branca do vestido que, apenas, desenhava a grande pera invertida dos quadris... E, quando ela sorria, numa festa d'escarlates brandos e neves sem frio, pequeninas tentações emergiam nas suas faces, em duas fossetas minúsculas, numa excitante graça de amor.

Agrário, porém, veio despertá-lo.

— Sabes? Camilo. Henriette vale por vocês todos, entende de crítica d'arte... como eu do cultivo dos repolhos!

Ela protestou — conhecia-se desautorizada, mas não lhe faltava *bom-gosto*... E, dissessem-lha⁷⁶, o *bom-gosto* não supria a incultura?... A prova tinha o pintor nas suas observações, até no último retrato fora ela quem lhe avisara de um desagradável efeito, que foi *corrigido*... — grifou.

— E queres tu saber que defeito foi esse? A falta de dobras em uma das mangas! — berrou o pintor, às gargalhadas.

Henriette fez-se escarlate, houve um brilho na sua cabeleira e bem depressa, com a ladinice peculiar à raça, clareou a alegria de seus dentes no caprichoso recorte da boca, a rir, a rir.

Uma campainha tintilou, retiniu lá-baixo. Era a chamada ao jantar.

— Aos feijões. Camilo. Aqui as horas são inglesas.

À longa mesa entoalhada de linho, em uma das extremidades, estavam já três hóspedes, moços estudantes e faladores. Um deles, de *pince-nez* sobre o nariz cheiradiço, soergueu-se da cadeira, fez uma cortesia a Henriette:

— *Madame, allez-vous bien?*

Ela correspondeu com um sorriso e arranjou, à sua direita, lugar para

Camilo que retomara o seu ar cerimonioso e tímido. No mesmo instante a sala encheu-se de *ylang-ylang*,⁷⁷ entrou uma senhora morena, clorótica, em percales brancos e laçarias azuis. O estudante de nariz cheiradiço sugou as narinas, olfatando:

— Flora surgiu!

A morena arrebitou um momo, contrariada, arrastou num safanão a cadeira.

Camilo, calado, dedilhando o cabo da faca, notava os hóspedes, perscrutava-lhes os hábitos, observava-os, disfarçando a análise com o calculado interesse que punha em reparar as paredes desalentadoras, com o seu surrado papel de cenas chinesas, onde só restavam quiosques em tons grisentos e, de espaço a espaço, na sucessão do mesmo motivo, um borrão de sangue coagulado no saio de uma figurinha insípida; e ao fundo, aos lados do grande guarda-louça de vinhático, sobreposto a um corpo de cômoda, as molduras variolosas de duas antigas Goupil⁷⁸, *Moisés Salvo das Águas* e a *Visita de Marco Antônio a Cleópatra*.

Outra senhora tomou lugar à mesa; era alta, alourada, rosto claro e grande, olhos serenos, de pálpebras baixas. Vinha num merinó escuro, direita, com a circunspecção religiosa de uma Irmã de Caridade.

Lá-baixo, da roda dos estudantes, partiu um suspiro intencional. A grave senhora enrubesceu. Olhares entre reprovativos e concordantes arrevesaram-se, de soslaio; a morena do *ylang-ylang* mordeu os lábios reprimindo um sorriso. Mas a Don'Ana, a locatária, com o seu aspecto d'*abelha-mestra*, grisalha e desiludida, postou-se à mesa, destampou a terrina da sopa e começou a servi-la por intermédio de um símio moleque testudo, gingador e caricatural, retinto como os carvões dos roçados. E, neste momento, entrou outro pensionista, pardavasco espadaúdo e gigantesco, de ventas largas em nariz caçanje, enfronhado num terno preto de sobrecasaca, afetado de gestos e alto colarinho luzidio, de diplomata. Sem curvar a cabeça, uma grande cabeça à escovinha, testa ampla, uma grisalha barba rente às faces, bicando no queixo, fez cortesias, levemente, aos demais hóspedes, falou em francês com Henriette, sorrindo com o garbo de seus fortes, claros dentes de gorila, e sentou-se correto, quase automático, retendo o aprumado tronco sobre a articulação das pernas, à inglesa.

A locatária arrastou-lhe uma reverência humilde, ele, porém, indiferente, calcando a ponta do guardanapo no colarinho, abriu palestra com Agrário.

Camilo minguarda-se ao lado de Henriette, arrebatado num atordoamento d'espírito, talvez vexame de ali estar como um medíocre ou um nulo, sem

palavras; talvez sobrepujada percepção da sua esquerda atitude de estranho, recebendo o favor de um jantar, sob conjecturas plausíveis daquela gente ao seu flagrante acanhamento.

Por duas vezes quis falar, aventar o interesse de um assunto, animar-se a sacudir emoções duma palestra, e, por duas vezes, acovardou-se, inútil, desmemoriado, nervoso, angustiando na vergonha que lhe comprimia o coração, reduzindo-o a um pequenino músculo latente, pendulando a dinâmica bruta do organismo. Perdera o apetite, recusava desastradamente os pratos, tinha monossílabos guturais d'escusa que traíam roceirismos falsos, e a voz autoritária, larga, cavernosa do másculo mestiço cavava nele vazias estupidificações, que não sabia dissimular pelo mutismo enleado, imbecilizado em que caíra. Agrário, esquecido dele, deliciava-se na conversa do *inglesado*, chamava-lhe doutor, Doutor Heráclito, Senhor Doutor Heráclito das Neves, e este simples fato, esta nonada de sociabilidade, doía-lhe como se o amigo estivesse desprezando-o. Sobretudo, quando Henriette dirigia-se ao doutor, às vezes no seu idioma, às vezes na sua meia língua graciosíssima, a confusão aumentava-se-lhe, transbordava-lhe para os seus menores gestos — desassossejava-se na cadeira, uma reuma renitente de defluxo obrigava-o a fungos e esmoncos contrariadores. E, anulado, insignificante, deprimido, voltava a notar os apagados quiosques chineses do papel, os borrões de sangue coagulado no saio das figurinhas insípidas, acompanhando a reprodução dos mesmos desenhos a ver se por igual se desmaiaram, té cansar a retina que se impressionava idiotamente com outro reparo, o poeirento *étagère*, oposto ao armário, os pratos que estavam sobre o mármore do tampo, as garrafas servidas que foram abandonadas nas suas prateleiras... Mas, um momento, Henriette encheu de vinho o seu copo, estranhou o seu silêncio.

Ele gemeu que estava ouvindo a palestra. Forçou um sorriso agradecido e pôs-se a escutar o Doutor para quem se volviam os demais hóspedes. Fizera-se uma discussão política a propósito de momentâneo assunto. Heráclito discorria, enfaticamente, sobre a inutilidade da propaganda republicana que cederia à reação de um “pulso de ferro”, e um dos estudantes, aquecido pelo seu demagogismo, antepunha-lhe à argumentação a fatalidade do advento da Democracia, mais próximo do que se esperava. Escorregavam-lhe, na boca oleosa de gorduras, palavras carregadas de ameaças revolucionárias, nomes populares de propagandistas, teorias e autores, Macaulay, Spencer,⁷⁹ Comte... E Heráclito, superior, profundo, desdenhoso sem agressão, limpava os beijos no guardanapo, delicadamente, suavemente, afastando os pêlos rentes do bigode aparado:

— Entusiasmos da idade!... — disse, pondo remate à arenga do estu-

dante. Inopino, com uma palidez de raiva, Camilo acometeu-o de face:

— Não! Não, senhor. Não são os entusiasmos da idade que nos fazem prever o dia da República, é o conhecimento das causas, é o acúmulo dos fatos que nos trazem esta certeza. Aí está a abolição dos escravos abrindo as represas da oposição, das classes dirigentes, à Monarquia.

Parou, excitado, trêmulo, embotado pelo rancor. Heráclito fixou-o imperturbável, suspendendo a garfada num gesto correto:

— E... acredita o senhor que essas “classes dirigentes”, hipotecadas até os cabelos, quererão antes reduzir-se à miséria, entregues aos desvarios de um movimento subversivo, que ceder a uma conciliação?...

Vozes atropeladas gritaram da extremidade da mesa:

— Isto é a negação de um princípio social — a causa comum!

O Doutor mastigava devagar, apumado sobre a cadeira, com ademanos de civilizado; um sorriso contraía-lhe os músculos faciais, deliciava-se com a inexperiência dos rapazes; e, dividindo num talho seguro de faca o naco da batata que tinha fispado no garfo, respondeu com gravidade:

— Os senhores são a mocidade, vêm as cousas pelas cambiantes do ardor... Nem tanto! Nem tanto! meus caros. A abolição é, em si, um pretexto. Sabem onde está o busflis? — Adentou e deglutiu o naco de batata; depois, calmamente, tornou: — Está na carteira hipotecária dos bancos, no *Deve e Haver* dos comissários. Os fazendeiros nunca perdoarão à Princesa-Regente o golpe dado nas suas finanças desmanteladas, mas apoiarão a Monarquia se ela cuidar de indenizá-los. Acene-se-lhes com esta promessa... Acene-se-lhes... e veremos.

Sorveu descansadamente o seu cálix de vinho generoso, em dous, três goles espaçados, gozando-lhe o sabor.

O argumento foi inesperado, parecia irrespondível pela autoridade política do Doutor. Fez-se um retraimento, durante segundos ouviu-se apenas o bater metálico dos talheres sobre a louça.

Camilo concentrou-se, amordaçado com esta lógica profissional; distraidamente recortava uma migalha de côdea sobre a toalha; de chofre, porém, seu orgulho ressumbrou duma revolta contra a suposta capitulação que a mudez inculcaria, e retorquiu:

— Seria a bancarrota.

Heráclito não o atendeu, entrara a narrar para Henriette episódios da escravatura na Martinica, penetrava nas páginas românticas de *Bug-Jargal*⁸⁰ exaltando as metáforas hugoanas.

E Camilo, apunhalado por esta involuntária indiferença, voltou doloro-

samente ao silêncio. Servia-se a sobremesa. Heráclito mandava vir cálices para Agrário, para Henriette, e com afetada delicadeza, perguntou a Camilo se lhe consentia a oferta de um pouco de vinho do Porto. O rapaz recusou vexado, num sorriso amarelento, com duas palavras selvagens, regougadas; mas o pintor instou para que o aceitasse. Foi com a mão trêmula, uma vergonha a dilacerar-lhe a alma, que ele recebeu o obséquio, tocou o seu cálix no do Doutor, engoliu essa terrível bebida que amargava na sua palatina, que o envenenava... E o jantar não terminava! Todos tinham abandonado a mesa. Passaram os estudantes, o de nariz cheiradiço fizera salamaleques para Henriette; passou a morena recendendo a *ylang-ylang* numa nuvem de percales brancos e laçarias azuis; deslizou grave e de pálpebras baixas a que parecia Irmã de Caridade... Só restavam eles e o Doutor à mesa suja de migalhas, cigarros acesos. O moleque saíra com as últimas levas de pratos e a Don'Ana trancava as últimas garrafas. Já rareava a luz, o dia rolara. E Agrário cada vez mais questionava, descortinava causas para o Heráclito explicar, esgaratava questões que se distendiam, que se alongavam, que se eternizavam.

Por fim, Camilo aventurou, tímido:

— Vamo-nos, Agrário?

— Sim. Vamo-nos.

E não se mexeu, interessado noutro assunto que o Doutor expunha, tranquilo, o gesto lento, acadêmico, a palavra clara e dominadora.

Um mal-estar afligia o rapaz visivelmente. Henriette notou-o, bateu no braço do amante, ergueu-se. Heráclito suspendeu logo a narração, arrancando-se da cadeira; tivera um remorder imperceptível de lábios, como contrariado, mas despediu-se afável, cortesmente.

Foi um alívio para Camilo. Apenas na escada do sótão suspirou com desabafo:

— Írribus! Que falador dos diabos!

Henriette sorriu. Realmente, em se lhe dando corda, era insuportável aquele *macaco*.

Agora foi Camilo quem riu, nervosamente, vingado, no qualificativo da francesa. E, já outro, já desagravado das contrariedades do jantar, galgou os degraus, correu à saleta:

— Ah! Isto vale a vida!

— Em família... — acrescentou Agrário, que recolhia a um canto o seu cavalete mecânico, resguardando-o com um pano. Depois veio debruçar-se no peitoril, ombro a ombro com Camilo, ambos absorvidos na contemplação dos longes marinhos.

Um vago torpor doentio errava pelo crepúsculo suavíssimo, fluidificava-se, penetrava n'alma, amolentando-a com reminiscências turbuladas, em volteios enlanguescentes, no incensário invisível das Saudades. O ar resfriara. Soprava, muito fina, uma aragem glácida. Sombras noturnizantes desciam lentas, e lentamente estendiam o luto das horas magnas carpidas nos bronzes sacros dos templos a que respondem cicios fervorosos de preces, persignaões reverentes de humildade e crença... Em torno, as massas acumuladas dos planos próximos, o casario tortuoso e recalçado, a carcaça dos estaleiros, os pesados trapiches agachados, as grandes fábricas silenciosas varando a solidão com o obelisco enegrecido das suas chaminés, fundiam-se, soturnamente, num tom sujo e compacto, rasgado de escuridões esconsas, ângulos lúgubres onde o crime corveja, desnudando navalhas que rematam desavenças do labutar diurno. O mar oxidara-se na calmaria, lucernas ardiam suspensas, a vigilar; escureciam montanhas n'horizonte lívido. Henriette debruçara-se no peitoril vizinho. A sua cabecinha loira, destacando-se do friso vertical da janela, fazia pensar num fantasioso motivo d'escultura decorativa, duma fina policromia de imagem nichal, tão impassível ficara e tanta suavidade havia nas suas frescas tintas claras! E, vagarosamente, um mugido doloroso, quase indistinto, em seu começo, alteando-se, alando-se de mais a mais, cada vez mais trêmulol, mais agudo, mais dilacerante, rompeu pela coma da tarde morrente.

— Que é isto? — perguntou Camilo.

— Não conheces? É a *Gondoliera*⁸¹, em oficlidade.

Ficaram em silêncio a ouvi-la, ombro a ombro, meditativos, enlevados. E o mugido doloroso ia ascendendo, subindo, desdobrando-se, derramando nas alturas a sua larga queixa sonora de titão banido e moribundo... Dormiam no imperceptível embalo desta *Extrema Confissão* gemente a ruína negra do casario, a mole escura das edificações limítrofes, as longitudes vagas, aguatintadas na penumbra da noite, que descia. Mais longa fizera-se a tristeza dos espaços. Imobilizavam-se as pupilas fascinadas... E, na corrente dos sons, seguia o espírito, pairando e ondulando, desde a incoerência sugestiva dos cenários campestres, por melancolias vespertinas de paisagens esquissadas, quando os mansos bois nostálgicos roncam a mágoa estertorante da sua miséria d'escravos castrados, ao bafo cheiroso das fêmeas em caminho dos currais... até vaporosidades de miragens, longes decorativos de Canaãs, promessas d'ouro esgrafiadas na poeira violácea do Abandono, dúbias faixas distantes de claridades desconhecidas... e a região imensa do Abstrato, o infinito dos Sonhos, distendidos em céu sobre a vulcânica aridez frágil, lascada, bravida da Matéria!...

Só, no imenso recolhimento das cousas, no desprendimento astral dos seres, a cabecinha loira de Henriette se materializava inconsciente da sua própria vida, estranha a tudo, sem destino... talvez!

XIII

Durante dous dias Camilo lutou com uma estranha, sôfrega vontade de voltar à moradia de Agrário, mas temia ser importuno, acovardava-se com a idéia de parecer indiscreto. Uma vez, porém, embora pesasse a pretendida extemporaneidade da visita, deu consigo quando já no lanço bifurcado do Livramento. Andara sem saber como, andara por instinto, impulsionado por uma inconsciente propulsão do destino talvez. Nem sequer o despertaram o movimento ruidoso do grosso comércio trapicheiro, o desesperado afã fabril desse bairro marítimo. Um extraordinário poder instintivo, dirigente como uma força hipnótica, conduziu-o através o raivoso atravancamento da tortuosa Saúde, pelo entrechocar-se brutal das tropas d'homens da labuta, que se esmurram n'agitação delirante de "ganhar a vida", em borrascas de palavrões duros como pedras e infamantes como o estalar em alvo da lama arremessada. Nenhum estorvo o acordou. Seguiu indiferente, em passeio meditativo e lento, pelas imundas vielas do Valongo e da Gamboa sob uma atmosfera asfixiante de forjas e usinas, saltando poças lodosas, vencendo as rumas enormes das descargas dos trapiches, pisando um solo revolvido, es-corregadiço e nauseante. E, quando teve perfeita noção de si mesmo, estava a pequena distância do lugar que o amigo escolhera para refúgio do seu amor. Então parou. A primeira vez que por ali passara não atendera bem a este canto de habitação, perdido nos monstruosos intestinos de uma cidade comercial. Notava-o, agora — achava-se perto de três árvores desprezadas que se contorciam em frente duma soturna botica empoeirada: a estreita rua descia em pendor, nua e pardacenta de lama ressecada, margeada de construções irregulares, grandes massas de paredes escuras, ameiadas de janelas em dous andares, alguns azulejos esboroados de antigas moradias ricas beijando sacadas corridas com balcões de ferro; em trechos extensos espremiavam-se fileiras de casario térreo, vivendas modestas, de peitoris com gelosias, covis de gretadas rótulas sebosas e oblíquas, interrompidas de quando em quando por desmantelados portões de *cortiços*, portas escancaradas de estalagens. Lá-baixo, num declive brusco, bracejavam ramos de *flamboyants* desfolhados, enforcando pingentes de grandes favas negras. Errava na luz d'oiro do dia uma doçura de

ar confortante, repassada de arrepios do outono meridional, a desdobrar-se.

Camilo continuou a subir a rua. Desde já percebia a Pensão Don'Ana numa fila de paredes baixas; a sua cor de pinhão destacava-a da oca de um muro, do caio de uma casa lateral, tinha duas janelas de caixilhos em quadradinhos ao gosto primitivo, uma entrada de gradil verde. Estacou diante dela. Da calçada onde ele estava podia enfiar o olhar pelo corredor garatujado de pinturas, em cujo fundo uma alta porteira de varões envernizados velava a discrição interior com um pano surrado, de ramalhos vermelhos.

E aí deixou-se ficar enleado no embaraçoso atropelo íntimo, até que, em inapercebido disfarce de seus próprios sentimentos, uma curiosidade cresceu nele, desculpando-o com o interesse de amigo por ver acabado o último retrato que ficara no cavalete. Nada mais natural, em suma! Ele, de fato, estava curioso de rever essa obra, tão largamente esboçada, havia três dias... Provavelmente estaria terminada... Provavelmente...

E a enrolar um *caporal* esteve por atravessar a rua. Ainda um instante acovardou-se, indeciso entre o seguir ou ficar. Riscou um fósforo, acendeu o cigarro, soprou algumas fumaças longas, acompanhou com o olhar um bonde vazio que passava... Lentamente a imagem de Henriette levantou-se no seu cérebro, dominou-o. Uma necessidade de satisfazer-se, de ir lá, subir àquele aposento, ter diante dos olhos essa mulherinha loira, ouvi-la falar, sentir n'olfato o calor transudante do seu corpo, o aroma delicioso da sua pele, forçava-o a atravessar a rua. Contudo, num esforço, conteve-se. Pensou em desconfianças, suposições ofensivas de Agrário, dos moradores da Pensão... A Don'Ana, mais que todos, deveria ser matreira, de uma perspicácia exercitada: tinha o tipo clássico das inculcadeiras... Apesar de que Agrário seria incapaz de prejudicar falsamente da sua lealdade... De resto, mais dias, menos dias, *aquilo* terminaria... E, realmente, deveria ser um estorvo para o amigo a manutenção da amante. Considerava as dificuldades que podiam surgir aos recursos do pintor, avaliava das obrigações que lhe pesavam e... Uma idéia súbita, inesperada, estalou, flamejou no seu espírito: "E se tivessem um filho?" Insistia na pergunta a si próprio, sem esclarecimento, pasmo deste imprevisto: "E se tivessem um filho?"

Arrancou-se dali, caminhando com lentidão, fisgado por esta idéia assaltante que de si vertia miríades de borbulhas frias pela teia de seus nervos, escorrendo logo para o coração. — "Henriette com um filho de Agrário!... Não. Não era acreditável..." — concluía, repelindo a suposição, mas, passo a passo, entrava n'análise dos sintomas, esquadrinhava pródromos mórbidos, característicos somáticos, esculpando com a memória a esbelteza estrutural da rapariga, cansando-se na investigação forçada dessas meticulosidades

prognosticadoras; e, insatisfeito, misturando conjecturas e negativas, decidia desatinado, vencido — “Então é que Agrário ficar-lhe-ia amarrado para todo o sempre!... Que infelicidade!” No declive da rua parou de novo, lívido de emoção. Do lado oposto, por uma *rótula* escancarada devassava o interior de um acanhado pátio, fechado entre calça de muros: uma mulher, do tipo ceroso dos europeus desaclimados, com as saias em apanho entre pernas, batia roupas a uma tábua sobre grande celha extravasante d’água de anil; de quando em vez, tomava os panos pelas extremidades unidas, torcia, retorcia e abria-os, levantando o busto com altos gestos de braços, os seios trouxados bojavam o paletó, e as saias, despegando-se, abaulavam sobre um ventre grávido, pesando o seu farto volume roliço nos largos quadris duros que enchiam as vestes.

Aquela gravidez desalentou-o, veio subjugá-lo com uma densa tristeza comparativa. Imaginava Henriette deformada pela gestação, passeando um ventre saliente que a obrigasse a decair para trás a linha graciosa e ligeira do seu torso, as faces tumefactas, um relaxamento doentio e penoso nas suas roupas, na sua graça feminina, nos seus encantos de mulher, e esse constante, enjoativo cheiro lácteo das parturientes perturbando a excitante exalação de gardênia da sua pele de moça... Afastou-se, voltando pela mesma calçada. — “Seria horrível! E para que desejariam um filho? Se, sem ele, estavam à mercê dos acidentes de recursos incertos, em que condições iriam viver com esse vínculo estreme, esse estreitamento amoroso forçado pela nascença de um filho, envolvendo ambos na mesma convergência de sentimentos afetivos, ligando-os mais profundamente?...”

Com o mesmo passo de convalescente a passeio, achou-se, outra vez, defronte da Pensão Don’Ana. Os caixilhos continuavam descidos, a cortina vermelha, da entrada, antojava-se à curiosidade insofrida dos seus olhares. O mesmo silêncio da rua pairava sobre a casa. Passou adiante. O temor tornara-se-lhe maior, mais latente pelo agrupamento de motivos.

Um bonde rodava, quase vazio. Camilo assaltou-o dum pulo, resolvido. Arrumou-se no banco, com tédio por tudo, enjoado de si mesmo. Enquanto o veículo corria, dificilmente, aos trancos por ziguezagueantes ruelas cloras⁸² e atravancadas, chocando-se d’encontro carroças e mercadorias, num berreiro obsceno de cocheiros, ele pusera-se a procurar a melhor maneira de empregar o tempo que, então, lhe parecia demasiado longo e fastidioso, sob esse monótono azul dos dias de sol.

Logo, ao saltar do bonde, no Largo de São Francisco, deu de frente com

um estabanado *cavaleiro* de enormes bigodes trevosos, que altivo passava com o seu vistoso *sombrero* de castor branco, uma festiva laçaria cor de gema d'ovo no papo escanhado, calças de casimira clara e a suar copiosamente num *veston* de veludo negro.

— Oh! Bendito acaso! — berrou o *cavaleiro*, estendendo os braços para ele. No movimento luziu-lhe um enorme brilhante amarelado no anelar esquerdo. — *Che sorpresa!*... Eu andava a sua procura. Agora, você é meu por alguns momentos. *E che fate?*...

Entrelaçou o braço com o de Camilo, familiar e alegre, roçando-lhe pelas faces o seu formidável bigode de trágico romântico. Era um paisagista célebre, ultimamente chegado da Itália, o Florêncio Gvasco, de quem a imprensa dizia maravilhas num exaltamento admirativo. Estavam no passeio do deleixado jardim da estátua, toda repintada, brilhante de verniz do seu novo verde-escuro. Pequenos italianos vendedores de jornais, sujos e descalços, e imundos moleques com bandejas de balas, suspensas ao ventre, pasmaram, atraídos pela riqueza de tão rara *toilette*. Gvasco sentiu-se vexado com esse embasbacamento de feira, voltou-lhes costas, e, notando a estátua, trejeitou um momo de surpresa numa exclamação:

— *Per Bacco!*... borraram o Bonifácio.

— Como de costume. É uma medida de precaução — Camilo esclareceu — e de patriotismo... Se a *pátina* viesse aveludar-lhe as formas, seriam capazes de julgar o “patriarca” contaminado pela lepra moral, que nos conso-me, e descreeriam da excelência do metal...

— *Andiamo* — atalhou o paisagista. — Mas, *mio caro*, estou satisfeitíssimo com este encontro. Vamos daqui à minha “quitanda”, porque não sei se sabes que abri uma “quitanda”, há dias.

Camilo disse que sabia, lera nos jornais, não que ele houvesse aberto uma “quitanda”, mas, uma exposição, cuja importância estava explicada no sucesso obtido.

Iam descendo para a Ouvidor. As pontas adejantes da gravata festiva do Gvasco tremiam, alvorotadas, n'aragem dessa confortante manhã serena, e os seus grossos, bem cuidados sapatorros de couro cru, à campônio, batiam no lajedo, despertando reparo. Transeuntes, na pressa das especulações da Bolsa, volviam a cabeça para ele, espantados; meninas passarinhas, embonecadas em detestáveis *toilettes* que andavam de loja em loja, na vadiagem tagarela das compras, olhavam-no deslumbradas, mas sorriam afetando superioridades de gosto. Camilo seguia contrariado por esta evidência, por esta petulância de rude que repartia com ele o assombro ou o motejo da multidão. E,

agora, o paisagista falava mais alto, levantava com mais arrogância a cabeça romântica, belamente impressionante nesse largo *sombrero* branco. Tinha orgulho de ser fitado, sentia nessa bisbilhotice de beco a admiração da sua beleza, a popularidade do seu nome.

Afinal, romperam por um acanhado corredor de fotógrafo, penetraram numa sala que abria duas janelas para a rua.

Uns graves senhores, empertigados na correção de seus vestuários, entretinham-se com a análise dum quadro, posto no amparo de alto cavalete luxuoso.

Imediatamente, jogando o *sombrero* para uma cadeira, o artista abandonou o braço do companheiro:

— Tem paciência. Já volto. Vou falar ao Conde de Sabugal, ao Comendador Monteiro...

E fez rumo para o solene grupo, com ambas as mãos estendidas, agradecido e exclamativo.

Camilo ficou a olhar as paredes tristonhas, escurecidas por um velho papel castanho, de que pendiam molduras douradas, telas verdes e azuis, roxas e amarelas, pontos pedregosos de Capri, cantos da Sicília, lagos de Veneza, ou rasgões barrentos d'estradas, pequenos quadrados brancos de casinhas sob manchas verde-sombrio de frondes. Um delírio de cores, empastadas, misturadas, lanhava o pano áspero dos quadros. A violência do colorido, o desasseio dos tons, a confusão das tintas que a espátula pretensiosamente tinha breado, que os dedos distenderam e as brochas gretaram, atormentavam a vista, inda perturbada com uma luz escassa, reverberada de paredes fronteiras, muito próximas, dum róseo vivo.

Na roda dos respeitáveis senhores falava-se o grosso português reinol, de dentes cerrados; roncavam elogios. Um deles, com desembaraços de entendedor e palavreado de comerciante de quinquilharias, floreava o dedo indicador em meneios de quem pinta febrilmente, ou enconchando a mão imprimia-lhe movimentos expressivos de acariciar uma esfera. Camilo prestou ouvidos. Fizera-se uma questão técnica, louvava-se a maneira nervosa da pintura contemporânea, que chegava a esculturar os relevos... O entendedor citava franceses, citava italianos... Ouviam-no com respeito e confiança.

Momentos depois o grupo retirou-se erecto, e firme no pisar; o entendedor sacudiu a mão do artista num aperto significativo, deu-lhe palmadinhas carinhosas no ombro, cochichou-lhe ao ouvido uma cousa importante que lhe dilatava os bugalhos e o obrigava a abraços e confidências. Gavasco afirmou com a cabeça uma resposta, acompanhando-o até o patamar e curvou-se,

reverenciosamente, para a escada:

— Os meus agradecimentos, *grazie, a rivederle...*

Correu, então, para Camilo, acenando com um bilhete de visita:

— Mais um vendido! O Conde comprou aquele, o que está no cavalete. Um conto e quinhentos, entrando os trinta por cento da comissão. Foi de graça. Não concordas, hein?

O rapaz fez um sinal afirmativo e sentiu a mão rebrilhante do Gvasco apoderar-se da sua gola. O bigodão trevosos roçou-lhe as faces, a boca do artista procurava os seus ouvidos. Queria dizer-lhe um segredo e puxava-o para si, com uma carantonha de mistério, e olhadelas esconsas; depois duma demora de confidência que se medita, berrou:

— É o pior *agrião* que tenho na “quitanda”.

Riram. Camilo, porém, levou a mão ao ouvido, atordoado com o grito, enquanto o paisagista girava pela sala, com os braços agitados, a dançar a *tarantella*, muito contente.

— Mas — perguntou-lhe o outro —, onde está o quadro grande, o famoso panorama da Itapuca?

— *Che, signor!* — disse Gvasco. — Pois não sabe o que aconteceu? É novidade corrente, todo o mundo sabe-a, até no Japão não se comenta outra coisa! Ora, esta!... Você, está me parecendo, tem vivido em Mato Grosso.

— Mas, em suma, que aconteceu?

— Fui obrigado a dividi-lo em duas partes.

Camilo deixou cair o queixo, estupefacto.

— Sim, fui obrigado a dividi-lo em duas partes — afirmou Gvasco e contou, com ufanía, os pormenores: — O quadro era, na realidade, muito grande. Desejava *empurrá-lo* para o governo, mas tinha encontrado má vontade, o dinheiro andava escasso, as finanças comprometiam tudo. Nesse *mezzo* tempo apareceram dous amadores ricos, que mostravam disposições para adquirir a obra; não o faziam, porém, por motivos discordantes: um ficaria com o quadro se ele se limitasse ao rochedo, outro contrariava esta simpatia, desejava a parte oposta à pedra da Itapuca. O negócio era grave. E o momento melindroso. Entrei a pensar. Perder a ocasião seria estupidez. *Che cosa potevo io fare?* E de que maneira aproveitaria essa oportunidade, se o quadro era um panorama, e cada amador simpatizava com uma determinada parte?... *Allora*, lembrei-me de que, em pequeno, me ensinaram a história de duas mulheres, ambas pretendendo ser a mãe duma *piccola* e, como não se entendiam nas razões, foram ao rei... *et coetera*. Você sabe o resto... Fiz, pois, como o Rei David...

—... o Rei Salomão — corrigiu Camilo.

— Sim, ou Salomão, que vem dar na mesma... Unicamente não houve grito de entranhas maternas. *Per guadagnare un po' di denaro*, cortei a tela pelo meio, exatamente pelo meio. Por esta forma coube a cada qual a parte de seu agrado. E, acredite você, ficaram magníficas, assim separadas... emolduradas... Magníficas! Ainda eu lucrei mais um *par* de quadrinhos, aproveitando uns quatro palmos cortados às metades, para reduzi-las na largura. Foi um negócio da China! Um negócio!... *Per la Madonna!*

E terminou assoviando, castanholando os dedos, num alçar de destra para o ar: — *Ma, è bene trovato*.

— É extraordinário! É inaudito! — regougou Camilo, estupidificado por esta proibidade artística. Gavasco, porém, sorria orgulhoso, agitado, feliz; correria ao cavalete para colocar na moldura do quadro o cartão brasonado do Conde de Sabugal.

— Ah! é verdade — voltou-se, de repente. — Em que jornal você trabalha?

— Em nenhum. — Camilo notou o resfriamento brusco do paisagista, refletiu um pouco, emendou: — Mas, ainda escrevo para a imprensa, até tenho convites para me ocupar de crítica.

— Em que é exímio — pospôs Gavasco. Mudou de tom, poisando a mão sobre o ombro dele: — Perguntei isto porque preciso de saber onde deixar uma lembrança, que fiz para você... uma *pochade*, nada vale, mas é uma *ricordanza*...

Suspendeu a explicação, fitando um vulto negro, que surgira na porta. Uma cara morena, com apagados traços gentílicos no desenho duro da cabeça, sorria-lhe, sob curto bigode rente, numa larga dentadura esmeradamente tratada.

— *Dunque! Entrate, mio* Silviano Pinto. — Gavasco correu a abraçá-lo, arrastando-o pela cintura: — Que honra me dais! *Entrate, fratello mio*.

Silviano Pinto, severo na sua sobrecasaca nova, de abas pendentes aos joelhos, *cartola* na mão, apertou os dedos a Camilo, correu o olhar pelas paredes.

— Que sucesso! Quase tudo vendido.

O paisagista fez um trejeito de saciedade, mas, afetando modéstia, objetou que não passava de “uma queima”, corria tudo a restos, de barato, como nos leilões arrebatados. A cabeçorra chata do outro oscilou, luzindo o negro oleado da sua cabeleira:

— É isto. Sempre a mesma desgraça! Morreremos de fome nesta terra.

— Uma miséria! — acrescentou Gavasco, com desolação, e espichava comicamente o beíço, descrente: — Uma grande miséria! — cruzava os bra-

ços, resolvido ao sofrimento; a enorme jóia anelar coriscou, relampejou em prismas multicores.

Então um sorriso dúbio fendeu, devagar, os lábios de Camilo que, ameiando a voz para não comprometer o gracejo, bateu nas espaldas do “festejado” expositor:

— Até me parece que a miséria já te conduziu ao crime. Tens tão linda roupa, um brilhante!...

— *Per Bacco!* — gritou Gavasco, num pulo. — Isto é para armar a efeito. A Fortuna só protege os pintores históricos, assim como o Silviano Pinto que recebeu, há pouco, quarenta contos de réis, do Rio Grande, pelo seu *Poncho Verde*.

— Sim, sim, quarenta contos — retorquiu Silviano. — Não obstante, um quadro histórico exige despesas, muito gasto com modelos, com acessórios. No fim das contas o que se pode apurar é uma ninharia. Pra lucro, meu amigo, só a paisagem. Aí está o Feliciano que vai fazendo “bem bons cobrinhos” com as *saladas*.

Gavasco sacudiu um gesto desdenhoso com a mão abrilhantada, de quem repele uma impertinência; mas concordou com ele a respeito do Feliciano, que se lhe antojava n’aceitação oficial. Chegou mesmo a rilhar uma ironia ao valor do concorrente. Silviano secundou-o, distendeu comentários deprimentes ao mérito do colega e, na corrente da sua maledicência, entrou na vida do Julião Vilela e de outros. Telésforo, entre todos, incomodava-o; contudo, ele aludia ao “grande artista” com uma descrição velhaca, quase encomiástica.

Era um nada rouco, precipitava as palavras, salivando, de instante a instante, os lábios com a ponta da língua. Depois de negociar o seu quadro histórico, dedicava-se à última demão dum romance, *Nha Cotinha*, cujo aparecimento fora previamente anunciado pelos jornais com louvores da crítica. Silviano tinha um grande orgulho de seus méritos literários, ainda mais que do seu laureado diletantismo musical, e esse livro prometido enchia-o de presunção, porque lhe parecia o início duma era regeneradora da literatura patricia, transviada dos assuntos caracteristicamente nacionais por desprezíveis imitações francesas. O seu apego ao nativismo era ferrenho e feroz. Nos seus quadros históricos a preocupação nacionalista esbarrava com exageros irrisórios. Em *Poncho Verde*, que a meia voz pública comparava a um cromo de barraca, ele colorira com vermelhão e ocre uma cabocla nua, sobraçando imenso balaio de ananases e cambucás, no intuito de *abrasileirar a cena* numa pretensa alegoria à uberdade do solo, que voltava ao laborar das enxadas com a paz entre Farrapos e Monarquistas! As suas composições musicais tinham sempre

títulos característicos, lembrando os *dengues* peraltas da mestiçagem escandescida. Estava narrando o enredo do seu romance, quando Gavasco o interrompeu para receber umas senhoras que permaneciam, indecisas e tímidas, à porta da sala. Na cauda de seus vestidos vieram outros visitantes. Despertou-se um rumor de passos, um ruído surdo de pisar feminino, de leques agitados. E logo um murmúrio cresceu, encheu as quatro paredes da exposição. Camilo aproveitou a oportunidade para retirar-se. Dissimulado e cortês esquivou-se por entre as cerimoniosas pessoas que entravam; ganhou, enfim, o corredor da saída.

Nas portas d'*Havanese* encontrou o Sabino a suportar as lamúrias do Sebastião Pita que, depois de raspar o bigode, dera para cortar a barba, metodicamente, dia por dia, suprimindo-a com pausas supersticiosas. O desalento consumia-o: deixava os cabelos, muito crescidos, granulados de lêndas; a fisionomia tornara-se-lhe alucinada, o seu vestuário miserável pesava empapado de lama, e sob o braço, aconchegado ao flanco esquerdo, o eterno "recusado" trazia a eterna *Partida de Colombo*, num papel rafado, corroído, a desmantelar-se.

No mesmo momento chegava o achavascado Julien, o *espirituoso* Julien Story, que arrumou um tabefe na obra infeliz.

O pobre diabo recuou, furioso:

— Vá bater na...

E engasgou-se com um palavrão de insulto. Mas o Julien desculpou-se, desfez-se nos mais súplices perdões, vergando zumbaias sarcásticas, os braços abertos, gesticulando com uma caixeta d'estudos.

Sebastião Pita tranqüilizou-se, cedeu; notou com inveja a caixeta, apalpou-a — "que era muito cômoda, valia bem uns cobres" — e tentando abri-la:

— Que é que aí tem, *mossiú*?

— Um *pot de chambre*.⁸³ Sabe o senhor Pita o que seja um *pot de chambre*?

Pita arregalou os bugalhos, sorriu parvamente com a sua trevosa ignorância, meneiou a cabeça e respondeu muito simplesmente:

— Pois que o sirva e o regale.

O Zebrão veio ter com o grupo. Descia ao lado de dous conselheiros, seus comprovincianos, a tratar de "uns arranjos" e, como as promessas fossem confiáveis, estava nas suas boas horas, respirando satisfeito. Entrou logo a pilheriar com o maníaco, passando dos dichotes à perseguição gracejadora dos murros, das estortegadas.

— Que é que este maluco está dizendo? Ó gira! que dizes?

O infeliz fugia-lhe.

— Está quieto, diabo!... — E persistia em abrir a caixeta d'estudos do Julien.

Sabino e Camilo também insistiram com o francês para abri-la; o Zebrão pretendeu arrancar-lha violentamente. A resistência comprometia-o. Julien aquiesceu aos pedidos, fez saltar o tampo falso para mostrar uma tabuinha manchada, em *pochade*, tintas azuis de céu e de mar, um roxo Pão de Açúcar n'horizonte, o triângulo branco dum pano latino sob⁸⁴ o borrão escuro dum bojo de barco.

Observaram, silenciosos, sem saber que elogiar; só o Zebrão foi quem achou um qualificativo — bonzinho — para encorajar o colega.

— Mas... o mar, hum! o mar... — Fazia uma careta arremetendo com o polegar espatulado. —... Está um pouco duro. Está chato.

Julien protestou, afirmando ser do natural, foi assim que vira. Não admitia a arte corrigindo a *natura*, porque ela, a *natura*, em suma, é a própria arte.

Aceitaram. Zebrão coçou a nuca desaparelhado para retorquir. Sebastião Pita levantou os ombros com desdém e seguiu o seu caminho. Pouco depois os dous desceram a rua, deixando Camilo e Sabino encolhidos nos portais, sem palavras, absortos.

— E o *Zut*, Seu Camilo? — perguntou o *dissidente*, após longo silêncio, desalentado, num suspiro.

— Ora!... Foi-se... — murmurou o outro com desprezo, seguindo a palavra com um gesto expressivo de mão, de cousa terminada, abandonada.

Caíram na mesma melancolia muda, imobilizados pela visão acovardante de lutulentos pântanos íntimos, silenciosos e extensos, por onde não passa a claridade do dia nem retremula a elétrica coréia voejante das rútilas libélulas dos sonhos...

...Por fim, Sabino voltou à conversa, extenuado, lento, arrastando as palavras na gosma veladora dos tuberculosos monologando, com um vagar humilíssimo de resignado. Falou de seus dias de fome, nos prejuízos contra a sua cor que lhe dificultava obter discípulos, até mesmo a confiança das encomendas!... E tão raramente ele se queixava, que Camilo atendeu com uma doce bondade, recebendo suas mágoas, partilhando delas, com um carinho de irmão. Mais dolorosos foram os minutos da volta ao silêncio. Na leve, alegre claridade deste belo dia, eles sentiam, ambos, o *spleen* do desamparo, a dor sombria e voraz do repúdio, do insucesso. No entanto, Sabino tinha retornado

à palavra. Agora preocupava-se com os seus colegas. Participou que o Lóssio abandonara a profissão, o Valeriano Costa seguira para o Piauí, sua terra, onde ia procurar a subsistência lecionando primeiras letras... O sorumbático Requião entregara-se de todo às tabuletas. Até o Rios, apenas terminasse a estátua, estava disposto a fechar o *atelier*, mudar de vida, porque Telésforo, que já tinha lavrada a sua nomeação de diretor, pretendia mandar vir da Europa o novo professor d'escultura!...

— É uma ruína. Tudo por terra, tudo derrocado.

Camilo concordou, vagamente, acenando a cabeça. E emudeceram, aconchegaram-se aos portais, errando os olhos nervosos pela multidão desocupada que aumentava, obstruindo a rua, em grupos faladores, às portas das lojas, em frente das vitrinas, encostados às paredes.

Outra vez Sabino tentou palestrar:

— Sabes? O Julião vai propor ao governo a fundação de *ateliers* livres, já tem o projeto pronto. Que julgas disso?

— Ah! Boa idéia.

Passava uma rapariguinha loira. Camilo lembrou-se de Henriette, acompanhou-a com o olhar. Instantâneo acometeu-lhe um desejo ansiante de voltar ao Livramento, invadir a casa da Don'Ana, galgar as escadas do sótão, deixar-se estar ao lado da francesinha, em parola, enquanto Agrário pintasse. Hoje, nada mais queria senão esta existência junto às saias daquela rapariga, daquela encantadora mulherinha, cuja cabeça loira, curvada às páginas dum livro ou às malhas do *crochet*, esperava uma ovação chilreante de beijos. Nascia-lhe uma aguda vontade de possuir também uma amante, mas que tivesse o linear conjunto gracil de uma tulipa e fosse loira, que retratasse Henriette, fielmente, com a confundível aproximação fisionômica dos gêmeos ou a reprodução imagética dos espelhos; enfim, que lhe fosse parecida, parecidíssima, tão parecida que, à força de semelhança, deveria ser a própria Henriette. Deliciava-se nesse ideal, alimentando-o a pouco e pouco, corporificando-o no modelo integral da outra, vitalizando-o num sonho irradiante de felicidades, em que já prelibava as volúpias cariciosas dos lábios sobre a rósea nuca tépida, dum sabor de favo cheiroso que se deglute viciosamente, impregnando o paladar de todo o seu perfume, molhando a mucosa dos lábios, da boca, do esôfago, as fibras da língua, o marfim dos dentes, de toda a doçura, de todo o sabor sugestivo, sensualizante e fino que parece penetrar nos tecidos, infiltrar-se na complicação orgânica do corpo todo, dessorar para a alma, embebê-la dele, deixá-la eternamente sentindo e gozando-o.

Sabino continuava a contar os projetos do Julião, e ele, alheiado de tudo, ouvindo-o falar sem entendê-lo, fantasiava a sua “casinha com uma Henriette”, escorregando pelas velhas pieguices reeditadas nos namoros líricos, bucolismos sabidos e paisagenados nas vaporizações cismadoras das puridades sentimentais, donde, por delicadezas inerentes ao seu aristocratismo espiritual, ressaltavam impressionismos subtis de colorido e forma em cenários paradisíacos...

E o companheiro expunha as pretensões do Julião, previa o renascimento dos entusiasmos, conjecturava do triunfo provável da *causa*... Mas, fazia-o numa lentidão de melopéia, sem vibrar, como se pusesse neste resto de ideal os últimos arrancos das suas esperanças.

O tempo corria sem que aparecessem os camaradas. Ninguém vinha! O Artur de Almeida acorrentara as largas asas de suas ambições de artista nas oficinas de um editor musical, a desenhar capas para polcas; o Sousa, sempre esfalfado de orgias a rolha queimada, rabiscava caricaturas num hebdomadário arreventado, imaginando heranças de imaginários tios aventureiros; o aquarelista João Vieira jornadeava pelas serranias de Minas Gerais; outros tinham debandado, corriam os municípios cafeeiros, as zonas produtivas e ricas, as províncias inexploradas, na peregrinação estafante do ganho.

Que derrocada! Nem já se sabia de Alves Pena!... Um deles, o Sforzani, partira para a França por generoso concurso de um grupo de admiradores; um outro fora para a Itália... Assim se desmoronava esta boêmia de um tempo, se desmembrava, esboroando com a desagregação dos meses, das ilusões caídas, dos ideais perdidos; rolando obscuramente para a dispersão das nulificações, para o murmuro parasitarismo das inconstâncias e das pusilanimidades.

Restavam o Franklin e o Sabino, os únicos que se ficavam à espera do ressurgimento, mas já vacilantes na sua crença, insensíveis quase ao desdobrar moroso dos dias sobre dias, hoje e amanhã, hoje e amanhã, sempre escorrendo para o passado, desabando sempre para o abandono.

Numa dor que se aviva, Camilo voltou para o camarada:

— Que dispersão! — disse amargurosamente. E descoroçoado, com a mesma loa queixosa do outro, falou no ideal morto, n’ardência dos primeiros dias... — Escuta. Sabes tu a idéia que tenho disso? É como o ímpeto patriótico de uma hoste bisonha que seguisse, voluntariamente, para a guerra, a quem faltassem disciplina e munições. Ao primeiro impulso partiu, confiada na sua causa, confiada no seu valor; depois viu-se batida, assediada, fuzilada, sem recursos de resistência, sem ordem e sem armas. Veio a retirada a todo o transe, a impotência avolumou o terror, o egoísmo do instinto de conservação

provocou o pânico e fez-se a deserção, fez-se a fuga... É a imagem que formo da nossa infeliz tentativa. Não concordas?

Sabino deu com a cabeça que sim, o seu olhar tinha o reflexo turvo de um crepúsculo de visões e lágrimas. Calaram-se de novo.

Sibilante, encravou-se trêmulo, no espírito de Camilo, o intermitente desejo de seguir para o Livramento... Mas, ponderou — fazia-se tarde, chegaria à hora do jantar e decerto encontrar-se-ia com o Doutor, suportá-lo-ia à mesa, sofreria o seu autoritarismo de bom pagante naquela casa, atenderia à sua prosápia de político... Um horror! Encolheu-se mais ao umbral, infeliz e só; ainda mais infeliz, mais desprestigiado pelo rememorar das audácias do Heráclito que sitiava, perseguia Henriette, prevalecendo-se da sua importância, do seu dinheiro, da calidez colorida do seu tipo de forte, da sua coragem fria de macho. E uma aflição remordia, escaldava-o num ímpeto de romper pela casa adentro, sem conveniências, berrar às faces do Doutor desaforos tarimbeiros, ultrajar o amigo pela posição humilhante a que se sujeitava mantendo relações amistosas com um indivíduo que lhe requêstava a amante...

“Estúpido! Estúpido! — gritou em si mesmo, num desespero que retumbava. — Ela se quiser há de possuí-lo, independentemente da tua vontade, desdenhosa da tua vigilância. Estúpido! Estúpido!”

Emudeceu, mentalmente, recalcado, domado, como se tivesse sobre a alma uma horripilante pata escamosa de dragão, de monstro fabuloso, pesada, tenaz, esmagadora.

Sabino, encostado na ombreira lateral, permanecia meditativo, alcançando-se pelas asas das quimeras ao vago dos sonhos, com aspirações confusas, indeterminadas, arfantes, da sua raça.

XIV

Camilo bocejava à porta d'*Havanesa*, a esperar os companheiros. Ninguém lhe aparecia. Nem mesmo os dous mais perseverantes dissidentes eram pontuais.

Subia, então, para o Livramento, sombrio e desdenhoso, mas à aproximação da casa da Don'Ana, retemperava-se-lhe o ânimo, refazia-se num saudável desprendimento de enjões e irritabilidades. Galgava depressa os degraus do sótão para surpreender os dous na intimidade dos seus amores, revertendo para si o melhor das carícias com que se retribuía, como se lhe fosse dado o poder de imiscuir-se n'alma de ambos, fluidificar-se, astralizar-se no espírito deles ou, por uma desconhecida hiperacuidade, se lhe fosse dado a suprema sensibilidade afetiva de uma dedicação progenitora que goza pelo sereno gozo da prole, que vive pela vida venturosa dos seus, na simpática inanimalidade duma velhice honrada, inteligente e meiga.

Uma vez deixou de subir ao sótão porque o pintor lá não estava e a Don'Ana disso lho participou, sem que ele a inquiresse. Lavrou por seu espírito superagitado uma desconfiança, suspeitou de que fosse um estratagemma de Agrário para arredá-lo de Henriette quando ela estivesse só. A rapariga tranqüilizou-o um dia em que lhe falou do tristíssimo retorno. Disse-lhe que nunca deixasse de subir, porque o isolamento a mortificava. O pintor também concordou, pediu-lhe que se considerasse dono daquele aposento, que não eram simplesmente bons camaradas, eram amigos, deveriam tratar-se de irmão a irmão.

Desde esse momento Camilo entrava livremente para o sótão e lá se deixava ficar amolentado, perna trançada, cigarro aceso, a chalar.

Henriette tecia *crochets* ou costurava perto de uma janela. Por vezes o Doutor Heráclito passeava o jardim procurando, discretamente, lugar donde fosse visto; Camilo percebia-o, impacientava-se, despertava o reparo da francesinha:

— Lá está o gorila.

Henriette alvaciava⁸⁵ sorrisos, magnetizando-lhe o zelo com um olhar.

Se o Doutor persistia, se a francesa, por acaso, ficava à janela, Camilo externava contrariedades, despedia-se com pressa, frisando despeitos enigmáticos para ambos, sempre admirados dessas resoluções inopinadas. No dia seguinte lutava com a vontade de voltar, mas vacilava, enfraquecia e lentamente, passo a passo, esfiando razões, desfiando dúvidas, caminhava para a rua conhecida.

Houve ocasião em que procurou conter essa habitual passividade, arquejou enérgico, julgando-se resolvido. Apanhara Henriette debruçada ao parapeito e o Doutor, por entre as franças tramadas de um caramanchão, a sacudir disfarçadamente aos dedos uma flor comprometedora. Fora um flagrante. Resistiria, agora, a essa ignóbil submissão, a essa inércia de idiota, e no seu furor de represálias cegava-se-lhe a percepção trivial do seguimento que levavam essas diurnas emoções, obliterado da sindéresis peculiar aos mentais, desde o mais rudimentar discernimento té a clara interpretação do valor desses diagnósticos passionais, com uma assombrosa rudeza d'espírito, a ponto de perder completamente a noção da recíproca lealdade que se deviam, ele e Agrário, formando ciúmes dum fato que, se descaísse do desvario da hipótese para a segurança da verdade, apenas afetaria a fidelidade da rapariga com prejuízo para a confiança do amigo.

A relutância conseguiu a duração de uns dias. Insensivelmente, no quarto ou quinto, lá se foi ele para os lados da Gamboa, sob o peso grisento de um céu tempestuoso. Era inverno. O ar da tarde, muito úmido, golpeava o corpo, emperrando tendões; a lama cortava o calçado, despertando reumas nas cartilagens. Andava uma tristeza nas cousas. Camilo caminhava indeciso. Súbito, teve o empolgo duma saudade a esmagar-lhe o coração. Franqueou a porta da locanda.

Agrário estava desesperado com a luz, queria acabar um retrato e o diabo do tempo pregava-lhe esta peça!

Abandonou o cavalete, depressa acalmado da contrariedade e, a berrar uma canção de opereta, passou o braço sobre o ombro do amigo, levando-o para a janela aberta ao espaço proceloso, empolado de nuvens torcicolantes como ventres de monstros ofídicos que se escabujassem de roldão, em montões promíscuos, rolando pelos céus. O vento soprava forte. Longe, para os limites d'horizonte, se desenovelavam massas disformes e cinzentas, esgarçando-se, esgrenhadas, em ramas brancas de algodão, desdobradas; uma poeirada neblinosa caía sobre os planos mais afastados e o imenso chão do mar era turvo, dum verde pantanoso e compacto; mastros oscilavam, retremiam flâmulas marítimas, doudamente, freneticamente; cascos pesados de navios

arfavam lentos, compassados, cavando a água que se encrespava raivosa em torno deles. Havia uma ânsia no ar. O vento soprava impetuoso, em rajadas velozes, arrebatando estorvos. Agrário e Camilo recuaram quase sem fôlego, e o ímpeto da borrasca recrudescceu, uivando e sibilando. Logo a opressão caliginosa do espaço se desfez; passou uma claridade álgida, rápida — o aguaceiro desabou. Desceram os caixilhos, precipitadamente, colhidos pelo assalto da chuva. As taramelas das portadas ringiram nos engates e agora aqui, já ali, mais além, se ouvia o bater de portas, o baque de utensílios, o tinir de vidraças partidas, sob o fragor do temporal pelas alturas, que vinha estalar nas telhas, nos muros, nas pedras.

E porque se fizesse noite Henriette teve pressa de acender o lampião. Camilo deu de face com ela, reparou-lhe as pálpebras pinceladas de sangüínea, doloridas de lágrimas.

Que seria?... Ela chorara. Fora, com certeza, por ter assim os olhos que o não recebera na saleta, a fugir de constatar o epílogo de uma rixa caseira talvez, talvez o traumatismo de um desgosto...

Um alastrante, inesperado contentamento se apoderou dele, trazendo-lhe vivacidades comunicativas, ilógicas, incongruentes com o seu temperamento. Lembrou-se de uma porção de bons ditos, casos farsistas, pilhérias de rapaziadas, que o pintor acolhia às gargalhadas, também muito rememorado de facécias, de troças acadêmicas, tal se se desforrasse dalgum dissabor com ostentação de contrafeita alegria.

Enquanto as lufadas raivavam por fora e a chuva batia contínua, eles se abancaram ao derredor da pequena mesa, sob a quieta claridade do lampião armado do seu largo quebra-luz de papel creme, estriado em *plissés*. Descobriram uma garrafa de Villar d'Allen e havia um copo e um cálix. A noite estava convidando para o tépido regalo de uns goles, a luz caindo em cone sobre a mesa, respeitando penumbras tranqüilas pela cornija das paredes, propinava gozos de intimidade, recordando aconchegos de lareira eslava, parlenda à meia voz, bom tabaco nos cachimbos, a lenha queimando seca no velho fogão d'inverno onde chia a chaleira para o repasto noturno.

Camilo ergueu-se, foi oferecer, solicitamente, a Henriette o seu cálix; ela, porém, recusou-o, esquivava, sem lhe dar tempo de a fitar, entrou no quarto. Então, ele, vexado e temeroso, mas percebendo as reticências de uma cena de arrufos nesse desabrido proceder, pasmou, de sobranceiras erguidas, interjectivo e interrogando com a expressão a Agrário que esparramara os braços sobre a mesa e descansava o queixo nas mãos engrenadas, escarranchando a cara com um riso boçal de Sileno, a que o clarão da lâmpa-

da acentuava o charro esbeijorramento da parvoíce dum lorpa de Hogarth.⁸⁶

Outra vez Camilo voltou ao oferecimento, insistente, um pouco teimoso.

Ela prosseguiu na recusa, protestando enxaqueca, o desprazer de beber...

Os pedidos, os rogos do rapaz tornaram-se persuasivos, sussurravam labiosos, com inflexões smorzadas de súplicas. Henriette aceitou. Veio à saleta. A sangüínea das pálpebras esmaecera e os botões celíneos das suas pupilas brilharam na vitrificação dum esmalte de Sèvres. Ainda por insistência do rapaz ela tomou lugar à mesa, sorriu à proposta que ele fazia de uma partida de bisca, à maneira burguesa, como uma pequenina família obscura e pacata. E já, para garantir a paz, Agrário ofereceu do seu copo à amante.

Camilo exultou:

— Bravo! Assim é que eu os quero ver. Assim.

Henriette saboreou os goles, bebericando, rendida e feliz, encostada no ombro do pintor, unindo à face dele a sua loira cabecinha leviana, agora do oiro fosco, translúcido dos velhos bronzes decorativos, obscurecidos em manchas tênues de pátina onde bruxuleia o meio-tom cálido dum vigor adormecido, pela luz macia do abajur que lhe deixava em contraste, à força da chama escapa pelo círculo do velador, n'ardidez dum colorido novo, o ruborejamento álcacre da saúde sob a transparência nevada da sua fina pele de clara.

A vivacidade loquaz de Camilo fundiu-se paulatinamente, escorregadiamente, em invasora, absorvente concentração. Pouco a pouco ele perdeu as palavras, monossilabava, suspenso de lapsos e distrações, como se as torrentes desabadas, que o alentaram com reverdecimento de planta estiolada nos estorros verânicos, o abatessem, curvassem e castigassem, pela continuidade bruta das deságuas. Tentaram o jogo. Camilo entrou a embaralhar as *vazas*, ocultando bocejos; mal sabia como disfarçar o aborrecimento crescente. Por minutos caíra em espasmos sonolentos. E apenas abandonaram as cartas, levantou-se:

— Bem. Vou andando.

— Quê! — exclamaram ambos. Era uma loucura! Ele não ouvia a chuva?...

Contudo relutou por sair, arrepanhou desculpas, mas, inutilmente. Agrário ameaçou extremos — “trancaria a porta” — Henriette arrebatou-lhe o chapéu, toda exclamativa: *Zut!*

Tiranizavam. Que podia ele contra a força? Nem um apito trazia! Deixou-se cair na cadeira, inerte, indefeso, com um momo de resignação. Tinha voltado aos seus lugares. Para passar o tempo Agrário ensaiou silhuetas

de Henriette, a sua própria, a do amigo, esquemas d'expressão, caricatura de tipos populares, perfis de companheiros; e, distraído, esquisando um contorno feminino, perguntou-lhe, por acaso:

— E o teu livro?

Camilo encarquilhou a boca com indiferença:

— Continuo a trabalhar...

Agrário sorriu incrédulo e, enquanto o cigarro, pendente do lábio, se consumia num levíssimo fumo de pira, ascendendo frouxo e em fio e se alongando em volutas lentas té se fundir com a penumbra do espaço, o lápis corria ao impulso frenético da sua mão, debuxando, estonteado, incerto, um enorme livro esfolheado.

Camilo observava o desenho, recostado ao espaldar, o cotovelo na mesa e a destra em pala sobre os olhos. Por um resto da superexcitação passada, sentia certo gozo em acompanhar o movimento do lápis; atendia o seu esgrafiar, seguia-o nas suas volutas, nos seus traços, arabescando, pontilhando, contornando formas, que a sua imaginativa completava e engrandecia, em sequência vagarosa, mas logo num tropel rufado d'evocações satânicas.

Era um fólio atarracado, de páginas manuseadas, amorfanadas⁸⁷ pelo febril compulsar de uma garra mefistofélica que lhes abria rasgões esgarçados d'unhadas, desesperando rictus tétricos de marcas nas extremidades, quebrando-as com a violência agoniada dos delírios rábicos, numa voracidade aflitiva de apontamentos.

Dentre páginas pendiam tiras de missais apocalípticos, pingenteadas com lágrimas funéreas ou terminando em escâncaras medonhas de alados fabulosos, torcegando mandíbulas crocodilintas à fúria esgazeada de bugalhos desgatados de órbitas cancerosas. Enovelava-se-lhe fina meada labiríntica, ora contínua, fibrosa, tecida com visgos de teias; ora numa serpentina de bocetes agudos, ouriçados, aduncos, d'armaria dum monstro... E já s'enevoavam, confundidas numa mesma trama, vaporizando-se para os espaços em espirais ondulantes, em revoltar fumacento que se distendia, depois, num Sabat desembestado, povoado de gnomos barbaçudos, truculentos, ébrios e ridentes; cornos encaracolados de feios Capros lascivos perseguindo, por sob frangalhos imundos, roliças formas excitantes de fêmeas que esterçavam ósseos pescoços de horrendas carrancas de bruxas orgíacas; safadas cabeçorras de sádicos Faunos, impudentes Sátiros devassos carregando, nos cachacos nédi-os, Ninfas bêbedas que se escarranchavam na montaria, rebolando aos guinchos, entesando mamilos de seios pulcros a vampiros sófregos e sugantes, descendo em revoada, arrebitando cartilagens epilépticas d'asas satânicas,

com investidas obscenas de priápos pompeianos...

— É este o teu livro. Vês?

— Como te iludes!... — murmurou Camilo. — Eu o abri com a fanfarra alarmante da Luxúria, mas, à proporção que trabalho, e isto há muito tempo, vou esbatendo-o num êxtase de claustro. É quase um sonho.

— Então Frinéia deu pra Santa Teresa?

— Não. Não é isso. Parti da mitologia para o idealismo cristão e é, precisamente, neste ponto, que encontrei uma corrente purificadora.

— Hein!... — fez Agrário abandonando o lápis — diz-nos isso, Camilo, são sempre interessantes essas cousas de convento, mesmo quando em *serões*.

— Estás te excedendo, a ironia é demasiada.

— Desculpa-me, mas estou aflito por saber o que tu fazes com o cristianismo.

— A cousa a mais simples, a mais lógica, num livro que se denominará *Símbolos na Arte*. Convenci-me de que interpretar, sem o guia jesuíta ou a mão condutora da teodicéia, essa balsâmica religião do divino Jesus, é penetrar em um novo mundo para a arte futura.

— Quase que descobres a pólvora, meu velho. Olha que os livros e as artes estão cheios de santos, e tresandam a incenso, que é um horror!

— Estás doudo. Só duas artes encontraram a forma cristã, ou melhor, se compenetraram da espiritualidade do cristianismo: foram a Música e a Arquitetura, o que parecerá uma incongruência pela dessemelhança interpretadora de ambas. A música sacra possui uma maravilhosa combinação de sons, uma tão fina expressão harmônica que traduz admiravelmente os êxtasis da Fé e o fervor da Prece, e a isso responde a arquitetura com a múrmura grandeza das suas naves, com a linha aspirante das suas ogivas, das suas colunas, das suas torres, onde o religioso encontra a paz da alma, o agasalho do espírito, a elevação dos sonhos... Reunidas as duas artes para a concretização do ideal, o conjunto alcança forçosamente o intuito primordial dos seus executores. A pintura, nem mesmo a decorativa, a antiga, a bela pintura mural, conseguiu este caráter; por enquanto tem sido secundária; e mais do que a esta a influência cristã falhou à estatuária, arte por excelência simbólica e mítica, mas que perdeu seu destino na ornamentação, fundindo-se na escultura. Neste ponto a degeneração foi completa. A Grécia construía templos para as estátuas, os séculos passaram e as estátuas foram feitas para os templos... e depois, com o andar da civilização, passou-se a modelar bonecos para as salas. O boneco de sala dominou tudo, até mesmo a estatuária monumental, que se procura fazer, em nossos dias, como se fosse ornamento de salões ao alcance da curiosidade

dos detalhistas. A linha, o conjunto do monumento estatuariário, são cousas mortas, porque a imaginativa burguesa não vibra, não é um produto inteligente de nervos apurados, apenas se remexe com sobressaltos de moluscos, lambuçada com o apuro paciente dos japoneses de Iedo escarafunchando o estanho em uma fantasia indolente de opiados. Ah! nem tu sabes a raiva que esta artezinha *titiladora* me provoca!... Se ela se ficasse na sua especialidade, fazendo bibeloteria para as alcovas das meninas de luxo, dos consolos e dos contadores de palacetes, se não ultrapassasse do seu fim aplicativo de anéis e berloques, de tinteiros e pesos d'escrivadinha, eu a compreenderia como uma rica futilidade aceitável às exigências elegantes da vida. Mas esquecem o destino dela e fazem-na ultrajar a Arte para o gáudio de uns rotundos burguesões, aos quais a fortuna permite direitos de gente!

— Que queres? — disse Agrário. — É uma questão de época.

— Sim, é uma questão de época, eu sei, e por sabê-la⁸⁸ não irei, inconscientemente, na correnteza das aceitações. Mas, não a julgo uma questão de chapéus à moda... No entanto, eu bem sei que a época influi poderosamente nesse transvio... — comentou ele com tristeza, e repetia abstrato, monologando: —... influi poderosamente nesse transvio...

Num gesto entediado estendeu o braço para a chaminé da lâmpada, fez arder a ponta do cigarro e continuou:

— E que se pode esperar dessa influência? É claro que ela, resultando da burguesia, sai dos moldes dos seus atos e aspirações, e estes dous fatores cingem-na caricaturalmente, aos rendimentos econômicos da sua capitalização bancária, à tolerância boçal das suas convenções, à comodidade soma dos seus gozos compensadores das humilhadas canseiras do corte às mantas de carne-seca, do peso dos fardos, das morrinhentas lucubrações do dolo e dos negócios desonestos. E, pois, a arte do seu agrado será a desses pechisbeques, cousas mais ou menos semelhantes às comendas que lhes ornem o peitoral; e, por isso, o seu prazer estará na contemplação de obras que não ultrapassem da estreiteza da sua compreensão, tais como os bois de canga nas pequeninas paisagens do natural... por uma analogia recordativa das estafas passadas...

— Írribus, que sova! — gracejou o pintor. — Mas, tu hás de concordar que a escultura moderna, mesmo a estatuariária, adiantaram alguma coisa.

— Que foi?

— Pelo menos a expressão, se o detalhe não está implícito no modelado.

Camilo sorriu:

— Que um mau amador dissesse tão grande heresia, compreende-se, mas, um artista, e artista novo, dar curso a semelhante barbaridade, era caso de arrancar impróprios a um casto! A expressão, meu caro Agrário, está fora de comentários, porque os gregos faziam da serenidade fisionômica um dever educativo. Os deuses, como majestades, deveriam ser imperturbáveis e tanto cuidavam desse particular que o período do *criselefantismo* combinou o oiro em todas as suas ricas nuances para lhes dar ao corpo a beleza pomposa do sobrenatural, restringido à humana forma de colossos. E tu sabes que os gregos condenavam os aleijões, o povo era idólatra da perfeição física e os jogos clássicos constituíam tanto diversões públicas como concursos de belas formas desnudadas; até o trajo nacional era feito de maneira a evidenciar essa beleza sem destruir a liberdade dos movimentos. Os usos desse povo, a sua vida mental, o espírito da sua filosofia, o intento e a forma da sua literatura, explicação, perfeitamente, essa grandeza concretizada na imagem de seus deuses e nas massas dos seus monumentos arquitetônicos. Demais, meu amigo, a calma não exclui a expressão. A Vênus de Cleômano⁸⁹ tem a angelitude tímida de uma donzela, a Calipígia o orgulho tranqüilo da sua beleza, a Vênus de Milo inculca a segurança da sua supremacia no concurso de Páris como o célebre Gladiador, de Apolônios,⁹⁰ a fria força bruta dos seus extraordinários, leoninos panos musculares... Aí tens tu; esta questão foi, há muito, explanada e vencida. Quanto ao detalhe, que deve ser separado do modelado, sendo este o único progresso da arte contemporânea, por causa da participação escultural e talvez das diferenças físicas das raças de hoje, ele foi tão preciso e cuidado como está sendo em nosso tempo; dadas as ressalvas d'aplicação. Se algum dia passeares a Europa dir-me-ás, por tua observação, o que nos dizem os bons entendedores, da impressão causada pela soberba anatomia do Gladiador, pelo inexcitável trabalho do corpo do Hércules Farnésio e do Sileno da biblioteca de Veneza. Observarás de perto as moldagens áticas, de uma verdade, de uma minúcia excessiva, por vezes amaneirada... E, para que desejariam os gregos respeitar as minudências, se as suas estátuas não serviam de *pièce montante*⁹¹ nos banquetes, nem de ornamento aos fogões de inverno?...

Estacou com um frenesi. O cigarro tinha-se-lhe desenrolado nos dedos, pôs-se a recompô-lo nervoso, mas dominando-se. Henriette, com os olhos pálpitos, a pestanejar de sono, ouvindo-o, nescava simulados sorrisos de atenção e admirativa, inconsciente das causas desta fluência questionadora, que resvalava das pasquinadas para capítulos d'estética.

A tempestade diminuía de ímpeto, batia cantante lá fora, rolando pelas goteiras, estalando nas telhas; de quando em vez lufadas violentas pas-

savam, roncando nas portadas, sibilando pelas frestas dos quícios... depois só se ouvia a queda sonora da água, como um marulho de cachoeiras no recôncavo das florestas.

E Agrário, para provocar o amigo, alentou de novo a palestra:

— Tu tens dado saltos mortais pela Grécia, espatifaste o burguês, mas, a respeito da tal estatuária cristã, nem patavina!

O companheiro esvaziou o resto da garrafa no cálix, bebeu fleugmático, aos goles, forte dos seus argumentos, mentalizando o arrazoadado da exposição como se demorasse, por certeza de vitória, o gozo d'esmagar a ignorância ridicularizadora do outro.

— Iremos lá... Antes de tudo é preciso notar que não está nas Nossas Senhoras sofredoras ou gloriosas, nem no aspecto galinha choca das inúmeras representações da Caridade, esse simbolismo de que falei e o qual estás farto de ver, segundo dizes. Para concebê-lo na sua grandeza sintética e cortá-lo firme no mármore, para lançá-lo com a linha febril duma criação, é preciso, meu caro senhor Agrário, ir buscá-lo nas eras iniciais dessa religião. Eu, se fosse estatuário, procuraria dar-lhe forma porque o imagino, porque o sinto e vejo. Infelizmente... — sacudiu os ombros, resignado e nulo: — Infelizmente, nem bonecos de miolo de pão eu os sei fazer! Mas... Ah! se eu soubesse manejar um esboçador que obra não daria!...

Henriette, cansada pela imutabilidade em que estivera, procurou outra posição na cadeira. Camilo suspendeu o que ia dizer; ela porém, passando as mãos pelas pálpebras a afugentar-lhes o sono, sorriu para ele, acariciou-o com uma consolação: — “que essa obra deveria ser bonita como as suas palavras.”

Então ele reviveu neste elogio, respirou largo e orgulhoso nesta admiração que lhe parecia um salmo de glória, e cresceu na frase, expandiu-se com uma confiança de superior:

— Imaginem que eu iria surpreender o meu assunto no tempo das perseguições à cristandade nascente, quando a grande Besta, do Apocalipse, o monstro romano, rastejava pelo pó do circo para martirizar as crianças e as virgens. Seria brutal, hein?...

— E por que não escreves isto?... — atalhou Agrário. — Farias uma obra prima.

Camilo chupou pelo cigarro, resfolegou o fumo pelas narinas; durante algum tempo esteve a olhar vagamente o abajur da lâmpada. O devaneio dum pensamento luzia nas suas pupilas. E, num rompante, despertando da sua meditação:

— Querem ouvir uma cousa?... Querem?

Houve uma curiosidade nos amantes. Desembaraçado de gestos ele retirava dos bolsos uns papéis amarrotados, manchados de uso, obreitados de borrões negros de tinta. — “É um capítulo do meu livro” — informava, enquanto revistava as tiras procurando endireitá-las, desenrugar suas dobras. Seus olhos corriam por elas, d’alto a baixo, em verificação; tremiam-lhe os dedos n’atrapalhação do rebuscamento. Agrário e Henriette esperavam emudecidos. O silêncio fizera-se maior. Lá fora a chuva estalava.

— Creio que está certo... — disse ele, e continuou a ordenar os seus papéis, recorrendo à numeração, substituindo-os de lugar, emaçando-os sobre a mesa. Afinal apanhou a ruma com os dedos precípite, poisou-a na palma da esquerda e batendo com a destra sobre ela:

— Querem ouvir?...

Disseram que sim. Ele explicou que era um esboço, um rascunho. Tinha incorreções, muitas falhas, mas era para dar uma idéia...

Agrário o interrompeu:

— Deixa-te de histórias. Lê!

Ainda por momentos Camilo permaneceu duvidoso, a considerar as linhas rasuradas, cortadas por chaves de emenda, riscadas a golpes, rabiscadas em explicações, que faziam do manuscrito uma intrincável hierografia, mas, para fugir à opressão que começava a pesar-lhe, aproximou-se da lâmpada, embebeu as tiras na claridade, à distância dos olhos. A sua voz saiu trêmula, porém forte. Era uma descrição do circo romano, por uma tarde d’espetáculo:

— A multidão enorme, de cem mil espectadores, fora sacudida nos seus nervos por sensações bruscas e, para terminar o dia, esperava que lhe dessem o costumário suplício encenado de uns esfrangalhados cristãos, trôpegos velhos barbaçudos, esqueléticas crianças imundas, macilentas moças espectrais...

À proporção que lia a sua voz era mais clara, cantava distintamente as sílabas, numa precisão de metrônomo. Atendiam-no com religioso recolhimento, sugestionados pela cristalinidade da sua prosódia. E a descrição, nesta leitura, ganhava intensidade iluminada de cenários, vivia pelo movimento, pela ação dos seus personagens:

—... Houve um momento de largo silêncio. Só, nessa concentração d’expectativa, o ar se refrangia pelo resfôlego de milhares de narinas, e pelo arfo compassado dos peitos, o farfalho brando, vago, ruflante, dos grandes leques de penas de pavão que, nos vaivéns lentíssimos, relampejavam, em

calmaria. Do alto do anfiteatro, escravos núbios sacudiam, de quando em quando, para a imensa roda d'arena, largos panos repletos de malacacheta triturada, aromáticos pós de canela e sândalo. Uma atmosfera pesada resplandecia numa névoa de visões fantásticas, faiscante como o esmeril das minas preciosas, perfumada e violácea.

“De um dos extremos da bancada ocidental, os espectadores delineavam-se como silhuetas de guaches na neblina d'oiro e roxo dum horizonte indiano. Doutro extremo, oposto ao ocaso donde o sol dardejava num incêndio jalde, o metal dos capacetes romanos reluzia à semelhança de faróis ardendo, sobrepujados pelo agoiro da loba faminta; diademas feéricos em cabeleiras violetas à força da luz e por efeito da distância, explosiam em prismas ofuscantes... Alvas túnicas de vestais transluziam num tom lavado de oiro, brilhavam nos ebúrneos pescoços das virgens moedas pingenteadas e minúsculos fálus de âmbar, e a púrpura dos senadores ardia em amplas labaredas, envolvendo largos troncos musculosos de que emergem fortes cabeças glabras, de cabelos rasoirados...

Depois entrava na descrição do cenário, colorindo com largueza, golpes certos d'impressionismo, os acessórios históricos desse ato:

— Um troço de ignóbeis servos, estreitos frontais cerdosos, de quadrúmanos, e cachaxos tourinos de atletas, acabava de plantar no solo uma rústica, pesada cruz invertida, quando sob a lufada quente de milhares de bocas que se abriram exclamativas, apareceu a vítima escolhida, arrastada, violentamente, pelos pulsos carniceros dum hercúleo serviçal, de saiote azul. Era uma pálida cristã, donzela e tímida, d'olhos suavemente negros, duma doçura contemplativa e meiga.

A frase, nesse momento, escorria-lhe contínua e harmônica, sons que se transformavam, que se combinavam num bloco intangível, donde surgia o elance divinamente lindo, dessa figura de mártir, fazendo-se corpo na imaginação dos que o ouviam, como se a tivessem diante dos olhos, num entalho magistral, na plasticidade de uma pedra amaciada pelo dessoro do plenilúnio das baladas, na qual parecesse tremer a nata magnolial dos coalhos lácteos...

— Ela ficara ultrajadamente nua para a curiosidade da multidão, mas, essa nudez, não excita à luxúria, não irrita os instintos, é como uma forma androgínea, sem sexo e sagrada. No entanto, não lhe falta beleza à supliciada posição em que a deixaram; dir-se-ia que houve na crueldade um requinte estético, tão completa e eurítmica é a linha do seu conjunto! A brancura pálida de uma das suas pernas traça um contornado e formoso rolo oblíquo à extremidade do toro encruzado do lúgubre instrumento; a outra está forçada

em ângulo, presa pelo pequenino pé dolorido à juntura da cruz; seu corpo tem a lividez marfinada de uma antiga escultura de Templo, em que a luz vésper e o polvilho cintilante d'atmosfera põem ineditismos deslumbrantes de tons delicados, ora aveludando o ventre virgem num efeito macio e terno dum enorme nenúfar branco, ora lilaseando o busto, os seios puros numa transparente carnação, suavíssima, de aparição celeste. Para o alto distenderam o seu braço esquerdo, enquanto o outro fica-lhe curvado, com a mão sob o pescoço claro e fino de imagem dos cantares bíblicos. Desenastraram-se-lhes os negros cabelos em tumultos sobre os ombros, sobre os seios, como a esconder os esferóides pomados da sua nubência enflorada. Na ira, na presteza do crucifícamento, as garras desumanas dos servos romperam a miserável túnica que a envolvia, e, agora, restavam dessa grosseira veste farrapos pendentes dos rudes laços duplos que equimoseiam sua carne; um frangalho repuxado e mole, num abandono de panejamento accessorial, desce do seu braço erguido à massa muscular exterior da coxa curvada... E...

Camilo emperrou a repetir a copulativa, a procurar na tira o seguimento da frase:

— E...

Aligia-se, sem poder decifrar o que escrevera; tartamudeava meios períodos, atrapalhado com o entrelaço das emendas.

— Bem — atalhou com uma resolução. — Aqui faltam umas cousas. Passemos adiante. Começa o suplício. É este o momento... Atende, Agrário.

E continuou:

— Ásperas soaram as grandes tulipas de prata dos arautos. Do arco trevoso de uma das *caveas*⁹² arrastou-se um monstro, zambro, desengonçado, pantera ou leão no fulvo pêlo eriçado, hiena nas cautelas hediondas do pisar. Correu pelo povo um arrepio de terror; peitos ofegaram, todos os olhares ficaram paralisados nele, como num assombro. O monstro caminhava devagar, medindo o terreno, urrando, quase agachado no pó, mas já d'esguelha, desajeitado, contorcido pela deformidade das pernas traseiras, saiu aos boléus, horivelmente ridículo, num trote macabro de aventasma.⁹³

“Outra vez, no extenso circo, as buzinas erguidas, reluziram, soaram ásperas.

“Um silêncio caiu. Ao ofego da respiração as moléculas cintilantes do ar retremularam, agitadas, semelhante a um enxame de microscópicos insetos luminosos.

“Então o monstro ergueu-se nas patas, aprumou o dorso e, sob o basto pêlo fulvo, viu-se o corpo de um homem. Dos imensos anéis superpostos das

arquibancadas, naquele anfiteatro colossal onde viviam cem mil espectadores, cresceram para o espaço, solenemente, milhares de mãos espalmadas em juramento. Era a saudação muda ao César. Mas, prestes, ao cessar o respeitoso aceno, o monstro retirou do cinto uma esmeralda côncava que aproximou à vista míope; precisando a posição da vítima, devagar recolheu a lente e caiu nas patas outra vez.

“Outra vez caminhou, agora em direção à cruz.

“E vai. E urra feroz, e bufa, e reboleia desesperado, às gatinhas. Pouco depois galopa, aos solavancos, aos galgões, aos guinchos e em frente da virgem pára, fareja com o focinho no ar, recua, roja-se no solo, espoja-se com esganiços depravados, arma-se num pincho.

“Ela não o vê. Ela não o olha. O seu rosto está levantado para o céu, resplendorado d’inspiração divina; há um brilho de astro nos seus olhos, uma doçura de graças na sua boca.

“Pronto, com um rugido, voa o monstro sobre ela, que treme ligeiramente, que procura fugir, debalde, à fúria do arremesso; mas, presa imbecile, não tem defesa nem mais tenta se esquivar das garras, fica imóvel, torna-se insensível, toda a sua vida na grande luz da Fé.

“No rápido salto, a Fera raspou-lhe o busto alvo e macio com as curvas unhas aceradas e, como duas lágrimas, se desprenderam da carne dela dous filões de sangue que deslizam céleres. E à vista da carne ferida o desespero do monstro recrudescer.

“Não se lhe pode acompanhar o movimento desordenado e louco, não se pode atender ao assalto frenético, alucinado, bravio, que executa; unicamente se compreende que as suas garras rasgam, dilaceram, esfrangalham essa beleza imóvel que apenas ofega sem gemidos, que agoniza sem dores. Nesse momento, de um lugar ignorado, talvez do fundo dos subterrâneos ou da base do anfiteatro, talvez dos muros das bancadas, não se sabe de onde, arrebenta uma melopéia dolorosa e grave, que irrompe, compassadamente, pelo espaço, num clangor de súplica. São os cristãos prisioneiros nas *caveas*, que cantam, imprecando de Deus o conforto para Ela. Ao clangor dolente de suas largas vozes clamantes, respondem, em estrondo, os rugidos e berros das feras enjauladas. O circo enche-se de uma procela bramante. Estrugem buzinas, reboam trompas, tantaneiam címbalos. O coro apocalíptico rompe das fúrias em maldição à prece lagrimosa da cristandade acorrentada! Retinge-se de sangue o ocaso, as alturas ruborejam num clarão, há sangue nas visões. Sangue! Sangue! Em cada idéia borbulha o sangue, em cada olfato espumeggia o sangue.

“Esse gozo, que arrebatava e epileptizava a multidão, é vermelho, satanicamente vermelho, como vermelhas, horrivelmente vermelhas são as garras do monstro, a carne escoriada da vítima, a poeira ardente que retreme no ar, o rebramar dessa música infernal, delirante, ciclópica... E tudo ameaça desabar numa loucura rubra, de labaredas crepitantes: o circo parece abalado, roído por fogaréus subterrâneos, que roncam pavorosos; o céu prestes a explodir num incêndio, a terra a estalar nas convulsões vulcânicas de um cataclismo. Ecos retumbam. A borrasca atordoa...

“Súbito, fez-se um aterrorizante silêncio. Todo o fragor cessou.

“Na cruz o corpo da Santa é um bárbaro troféu de carnificina. A fera gosmou a sua carne impoluta, mordeu-lhe os polpos musculares, cravou as unhas na tumescência alva das regiões glúteas, num desespero de concupiscências. Da hímen clandestina e delicada⁹⁴ mais não resta senão o quente sangue extravasado, sangue que seus dedos arrancaram, que a mão brutal, febril, provocou dilacerando as genitais sem mancha, forçando-lhe a entrada ao grosso pulso d’homem, uivando de prazer, escabujando de gozo, babujo, caprino, rábido, sob os aplausos desvairados da multidão canibalesca.

“E o monstro arqueja cansado, retrocede a reparar sua infâmia. Como ele também o povo arqueja, suando d’emoção, à espera do endemoniado pensamento que o contém e enleva. Correm rápidos os instantes, porque a Besta, não satisfeita, quintessenciando a maldade, refinando as explosões sádicas, funambulou, corcoveou pinchos diabólicos d’urso dançarino, escorjando aos rinchos, tarantulento, pandiculariento, movendo-se num lúgubre cômico de fúria coreográfica ao tarampatão tantaneando o jongo bárbaro dos antropófagos cafres, agachou-se n’arena, fungando as ventas, haurindo sangue, zurrou lascívia, regougou asperezas siflantes d’esfalso e, num ímpeto, escarrou-lhe na vulva dilacerada, arrebatada, floreando numa papoula purpurina de chaga, ardendo o vivo gotejante da carne e por fim atirou-lhe com escárnio, a contento do povo, um punhado de areia, carantonhando o nojo que aquela devastação de chagal despertava pelo informe amálgama d’úlcera revolvida...

“No delírio desse espetáculo, ninguém notou que os últimos raios sangüíneos do ocaso reverberavam sobre a carne poluída da virgem, o clarão vermelho dum triunfo! Ninguém reparou que Ela ainda vivia, mas que a sua vida estava nesse rosto duma palidez etérea, de que são feitos as visões e os sonhos, as imagens sonâmbulas do Além, as evocadas silenciosas do Mistério!... E Ela vivia!... Ainda nos seus olhos a morte não havia fechado o tabernáculo radioso da alma, ainda nos seus lábios não se extinguiu a graça da esperança! Que valeu ao anticristianismo o dilacerar desse corpo, a igno-

mínia desse ventre? Esse corpo exposto ao ultraje público tornou-se abstrato porque a injúria foi feita à Carne, a mão infame do monstro só encontrou a matéria! Esse sangue gotejando na Terra, entranhou no mais recôndito das suas camadas a glória dos Mártires; esse ventre infamado na sua vulva, ferido e lacerado, deixou passar pela virgindade rota o germe produtivo da Crença, crescida e reproduzida por séculos e séculos sem termo... E quando a noite veio, no silêncio do anfiteatro deserto, quando os servos volveram para arrastar esse corpo ao pasto das hienas ou às jaulas das feras, quem pôde ver, quem teve olhos para ver, viu bem distintamente que sua alma se desprendeu num brandíssimo suspiro de alívio... Houve, nesse instante, uma claridade nos páramos siderais, que talvez parecesse o prenúncio do luar surgente... Mas ao certo, foi sua alma que se abria nos céus, reunindo-se à eterna vaga da Luz Eterna, em que o universo gravita e que forma o resplendor de Deus!...

Camilo parou extenuado. O calor que pusera na sua leitura, o interesse em dizer claro e impressionante, esforçando-se por completar com a palavra o valor da frase, deixavam-no exausto.

Henriette, vencida pelo sono, levantou-se, mas sorria-lhe num pequenino esforço contra o abatimento, com elogios para o animar. Agrário também ergueu-se. Houve um ruído de cadeiras arrastadas no sossego da casa. Passava da meia-noite. A chuva estiará.

— Está soberbo! Está admirável! — afirmou o pintor, alçando os braços num espreguiço bocejado: — Fizeste um primor.

Camilo agradeceu-lhe, comovido. Declarou que ainda faria umas emendas, umas modificações. E, como ouvisse bater meia hora num relógio, exclamou com espanto:

— Virgem Santa, que abuso!

Apanhou o chapéu, atrapalhado, ensacando no bolso a sua papelada, e repetia:

— Que abuso!... Perdoem-me. Madame, até amanhã. Perdoem-me.

— Estás em tua casa... — observou-lhe o amigo, mas encolheu-se esquerdeado, sem meios de lhe oferecer um leito, pelo menos de improvisar um repouso. Camilo apressou-se. E, àquela hora perdida, ao frio penetrante da madrugada, destinando-se a um arrabalde noutra extremidade da cidade, numa distância de léguas, ele desceu do sótão acompanhado por Agrário, atravessou a calma ressonante da casa fechada, andando na ponta dos sapatos a temer o rumor dos passos. No alto de uma porta uma claridade velava. O ruído quase imperceptível do dormir punha na treva um murmúrio misterioso.

A rua estava solitária, o ar cortava. Camilo sentiu um desânimo, veio-

lhe uma tristeza de ingratidão sofrida, como se lhe houvessem enxotado de casa, abandonando-o nas sarjetas enlameadas daquele enxurro. Chegou a queixar-se da friagem, levantando a gola para se agasalhar. E mergulhando as mãos nos bolsos considerou com o olhar o isolamento da rua.

O pintor murmurou também o quer que fosse de sentido por não poder oferecer-lhe pouso, ao menos um agasalho...

E após a indecisão de um mutismo:

— Boa noite, Agrário.

— Adeus, Camilo.

A porta bateu seca. Tiniram ferrolhos.

XV

Uma tarde Agrário travou o braço ao do amigo e saíram a passeio. Seria uma volta por perto.

Em meio do caminho, estreitando Camilo numa confidência feliz, noticiou-lhe que estava com a viagem tratada, conseguira por intermédio de influências políticas uma pensão da sua província. Exultava de contentamento. Agora o Paris sonhado, o Paris idealizado, era uma realidade. “Mas... — interrompeu-se contrariado — mas... havia sempre um estorvo na sua vida. Tudo arranjado, tudo quanto dizia respeito à realização deste ideal, menos o meio de *descartar-se* da rapariga. Precisava de um motivo qualquer para abandoná-la. Até hoje andara às cabeçadas; fizera vida de boêmio, sem cuidar do futuro; tirara Henriette do gozo do cambista só pela fantasia de manter a sua amante, um luxo imitativo, para afetar existência parisiense de artista... Hoje é que via claro o estouvamento em que vivera. Só a brincadeira do *Zut* trouxera-lhe maçadas e prejuízos! Por último, quando parecia ter chegado ao seu desejo, era isto! De que modo seguiria para a Europa com a sobrecarga da rapariga?...”

Desciam a rua, a passo. Camilo caminhava calado. A boa nova do amigo tomou-lhe o coração como as molhagens de gesso que envolvem um membro, comprimindo-o sem dor, resfriando-o devagar. Sobre tudo a queixa contra o *Zut*, esta recriminação injusta e sempre repetida, neste momento mais o acabrunhava, sem mesmo saber por quê, quando já lhe eram raras as vezes que se recordava do seu grupo rebelde, da sua utópica revolta!

— Tu não me ofereces um *expediente*? — perguntou-lhe, subitamente, o pintor.

Camilo estava tão absorto que, despertando, indagou admirado:

— Para quê?

— Para que há de ser?... Para me desligar de Henriette.

— Ah!... — e depois de uma longa pausa. — Homem, eu nestas cousas sou nulo. Nasci sem *expedientes*.

Continuaram o caminho em silêncio. A tarde descorava numa palidez

convalescente d'inverno a extinguir-se, recolhida e dolente; saturava a friagem do ambiente a acridade enjoativa dos carvões e graxas dos estabelecimentos fabris já em repouso; e esse descanso de possantes maquinismos adivinhados lá dentro dos vastos recintos fechados, a quietação modorrenta do lugar, aumentavam a tristeza de em torno, enchendo-o duma vagarosa dúvida de próximos pores-de-sol refulgentes, como promessas dúbias de alento. À proporção que desciam, o aspecto do bairro encenava-se mais soturno, mais lóbrego. O cheiro das lubrificações mecânicas delia-se à invasão do bafio salitroso das maresias do cais. Começavam, por aí, as tavernas da maruja, os botequins imundos onde se retalham a facadas os ébrios agressivos, os *ship-chandlers*⁹⁵ sombrios, um ar úmido de porões infectos; e, do lado oposto, descendo para as proximidades da Prainha, o silêncio dos trapiches, a pesada calma dos estaleiros, exalando resinas alcatroentas de materiais náuticos, o olor meloso de seus fardos de açúcar. No fundo de uma betesga, negra e lutulenta, luzia uma faixa de mar. Agrário parou, surgiu-lhe a idéia da propínqua viagem, um antegoço de se ir dali, águas em fora, pelo desconhecido, singrando as vagas para os portos da Europa, em busca dessa terra sonhada, a Canaã dos espirituais que se consomem no cativoiro dos países bárbaros.

E bateu com a bengala na calçada, numa exasperação:

— Mas, isto é um inferno, Camilo, é um inferno!... ou eu abandono Henriette ou corto a minha carreira!...

Este arranco egoísta, mas justificado pelo desejo de completar aspirações, este inteligente arrebatamento de moço que se teme estiolar na vulgaridade de um meio ronceiro, sem amplitude de limites, sacudiu a alma de Camilo, esfuziou por seus nervos como um relâmpago no céu tranqüilo de uma noite larga.

— Abandona Henriette, mas não prejudiques o teu futuro. Vai, custe o que te custar. A mulher é um estorvo para o artista, e quem vence a mulher conquista a vida. Vai.

Houve nestas palavras uma melancolia que ele próprio não poderia definir e tão firmes, e tão emocionantes pela sinceridade elas foram, que o pintor ficou emudecido, o olhar posto longe, talvez para além-mar, talvez para o seu grande sonho — abstração inexprimível, que se há de concretizar, que há de vir um dia, um dia que sempre se espera e que sempre tarda, mas que não tem ocaso, que não acaba nunca a sua deslumbrante fulguração simbólica. E, devagar, como se surdisse dos enevoamentos de uma meditação, Agrário disse:

— Eu não sei, não me posso compreender. Às vezes sinto-me estúpido, incapaz de uma resolução; outras vezes sou capaz de tudo, cometo violências,

decido das circunstâncias as mais complicadas com uma extraordinária presença de idéias... Assim como agora, encontro-me idiotado, sem saber o que fazer... Será isto amor?...

Começaram a galgar para o Livramento, concentrados, lado a lado, sem se ombrearem, lábios grudados. À entrada da Pensão, Camilo se despediu. Estenderam-se as mãos no mesmo silêncio. Um — desapareceu por trás da encortinada cancela da casa, o outro — desceu rua abaixo, embrutecido com o azoinar cafurmento das conjecturas e apreensões. E, longe da Pensão, abriu a boca para sorver o ar, aflitivo, numa agonia. Agrário partiria... Agrário iria para a Europa fazer o seu nome, preparar o seu futuro, viver, enfim!... E ele?... E ele?...

Penetrou-lhe mais envolvente uma fria desesperança, garoenta e triste; sentia se afastar de uma ilusão feliz que só agora percebia, mas que não podia determinar; desprender-se de um tempo manso em que amainou sem preságios, numa venturosa ignorância de inculto; e essa ilusão que se alava, asas largas, claras como a caiagem nova das ermidas, batendo para as distâncias do *Nunca mais*, e esse tempo que diminuía e se acrizava num afastamento panorâmico de porto eternamente deixado, traziam-lhe uma saudade funda, dolorosa, como se, aos poucos, gozando o suplício causado, lhe espremessem o coração ferido sobre a palidez da alma letárgica.

“Agrário partial! — murmurava de si para consigo. Um silêncio de tumba fechada ficava nele, acompanhando-lhe os passos... Mas, logo, uma pergunta reboava por sua alma, como uma rajada inópina de vendaval arrebatando as portas duma nave: — E Henriette?... Henriette para onde iria?...”

E, no desalento de outro silêncio, caía sobre o pungir das incertezas a realidade glacial: para ele é que tudo findava!...

No dia seguinte Camilo vagou pelas ruas, esteve horas e horas à porta d'*Havanesa* à espera do Sabino e do Franklin que não apareceram; decidiu-se, então, a visitar o Rios, a quem foi encontrar inda mais amargo nas desilusões, todo preocupado com um catecismo positivista de Letourneau⁹⁶. Ao atravessar uma rua deparou com o Braguinha que acabava, dizia ele, de ir ao correio franquear uma carta para o Puccini,⁹⁷ porque talvez Camilo não soubesse, o Puccini escrevia-lhe, tratava-o por *tu*, adoravelmente familiar... De resto, um belo rapaz, esse Puccini. Na carta, a que se referira, participava ao jovem maestro que o iria surpreender brevemente... Ah! é que o amigo Camilo ignorava, sem dúvida, que ele, “este seu criado Samuel Braga”, terminava o inventário de um tio rico, uma bagatela, apenas uns quinze a vinte contos de réis para uma temporada na Itália... *Sento una forza indomita*, sabes?...

Assestou melhor o *pince-nez*, com o seu jeito habitual de calcar dous dedos sobre a curva da mola e lembrando-se:

— Homem, é verdade!... Sabes duma cousa?... Não sabes... O nosso Alves Pena, o nosso famigerado Alves Pena, de quem não havia notícia, está a morrer. Disse-mo um parente dele, há horas. O *delirium tremens* declarou-se, depois um insulto cerebral paralisou-lhe o lado esquerdo. Está a morrer... e no hospital.

Camilo informou-se com ele da maneira por que lhe seria possível visitar o doente. Convidou-o para esta prova de camaradagem, mas Samuel Braga esquivou-se-lhe, enumerando uma enfiada de compromissos inadiáveis, que lhe tomavam todas as horas deste dia.

— Neste caso vou só. Adeus.

E, despedindo-se, Camilo seguiu caminho.

Quando entrou no *quarto particular*, que lhe foi apontado, o pobre rapaz jazia inerte sobre o leito, apenas se lhe percebia a vida pelo respiro siflante, cansadamente rítmico da carcaça, sob o vermelho áspero do cobertor. A cabeça, muito pálida, pondo em ressalto todo o desenho ósseo, era como uma cousa abandonada sobre o encardido linho das almofadas, e seus olhos, velados por uma penumbra de inconsciência, pregavam-se a fitar o vidro de uma oleografia, pendurada no muro fronteiro, representando o beatífico São Francisco de Paula, barbaçudo e bom, na concha do seu capuz.

— Então, Alves Pena, qu'ê isto?

Mas o boêmio não ouviu, não se mexeu, continuou esterificado, a siflar, com o olhar atônico, volvido para a efígie do santo.

— Qual!... É inútil falar-lhe. Está por horas — advertiu o irmão enfermeiro, um velhusco abadacial, beijada mole de baba, venta negra de rapé, alambazado na sua batina surrada, nodoenta de mezinhas. E, por hábito profissional, contou todos os pormenores da moléstia, as crises do *delirium*, as condições d'apoplexia proveniente de uma garrafa de álcool roubada à farmácia da beneficência... Arrastou uma cadeira e prosseguiu com a sua cantada inflexão açoriana:

— Sente-se, senhor, sente-se. Olhe, que é o primeiro e... o último que o visita. Por aqui tem vindo um mocinho saber dele, mas é como se andasse a vapor. Nem sobe!... Ah! se fosse noutro tempo, quando o falecido Comendador Alves Pena tirava do seu bolso os benefícios desta casa!... Mas, a vida é a vida. Desgraças!... Sente-se, que Deus lhe pagará este ato de caridade. Eu aqui me vou a outro...

Afastou-se, pesado, com os olhos oftálmicos, o seu corpanzil a estalar o pano da batina.

Camilo passeou o olhar pelo pequeno quarto forrado de velho papel, sem cor, depois voltou-o para o moribundo, com uma curiosidade fria, indiferente por este resto de corpo humano que se preparava para o desaparecimento eterno. Seria difícil reconhecer o incomparável boêmio neste esqueleto enlulado numa pele peganhenta e lívida. A sua grande cabeça calva perdera o polimento antigo; tinha-se-lhe crescido a barba, já grisalha, hirsuta e seca; a cabelugem que ia ganhando as faces, contornando as têmporas, aumentava a fealdade do escaveiramento; o nariz, que lhe fora lustroso e arrabanetado, sumia-se, enrugado, destilando sedimentos de humores, como um fruto apodrecido. E este conjunto que a morte começava a resfriar no seu crepúsculo macilento, entrou a interessar Camilo com aproximativas e comparações, retiradas das suas lembranças, avivadas no longo repouso do hospital, apenas cortado, de quando em quando, em intermitências profundas, por uma tosse catarrenta, cavernosa e esburgada, que vinha de um aposento próximo.

A luz era escassa, ainda o sol descambava e já nesta tristeza de casarão lúgubre as sombras tinham noturnidades, picumando o alto das paredes num tom neutro de betume pinturesco. Através o peneiramento de trevas entrantes, da escuridão que se fazia, a cor dos muros, confusa de valor, mistura de cinzento e pardo de terra, eterizava-se num vácuo, como se eles, os próprios muros, fossem a continuação deste espaço pardacento, grisento, entenebrecido, de cava tumbal. Só na parede fronteira ao moribundo, onde o seu olhar se gravara, seguindo, inconscientemente fascinado, um imaginário cordel rebrilhante que s'enrolava sobre uma haste retesa continuamente, sempre no mesmo vaivém, fadidamente, como estranho pêndulo dum relógio invisível, o vidro da oleografia luzia com a friagem de um aço parado, à espera, instrumento de ceifa ou arma de homicídio, pronto no silêncio para o momento marcado.

De repente, a escuridão cresceu. Camilo levantou os olhos para a porta. Era o corpanzil do irmão enfermeiro que entrava. Vinha acender a lamparina.

E do corredor chegavam convulsões d'esbúrgos pulmonares, arrastados, penosos, terminados em gemidos, por vezes em uivos.

— Também está a preparar-se... — explicou o enfermeiro, referindo-se ao tísico que tossia —, também está com o seu tempo contado.

Acendeu a lamparina, atirou uma olhadela para o leito e espichou a beijada mole, num gesto significativo, bambaleando a cabeça.

Arrastou-se outra vez, na sua faina, automatizado pelo hábito; à porta,

parou, desdobrou o seu *alcobaça* enxovalhado, assoou-se com estrondo e abalou, sem rumor de passos, pelo soalho envernizado.

Alves Pena tornara-se mais lívido. À claridade sua pele ganhara um laivo esverdeado, diminuíram-se-lhe os olhos, um pouco, como adstringidos por uma coma muito leve e baça, que lhe ia apagando a luz espectral das pupilas; a boca dilatara-se mais, a feia boca quilotada, negra sob o sarrento bigode envelhecido, e o ronflo do seu respirar, até ali compassado, ia-se graduando numa ânsia.

“É a morte que chega” — pensou Camilo e continuou a fitá-lo. Nesse novo atendimento a cabeça do boêmio pareceu-lhe fantástica, uma cabeça exumada, que lembrava o quer que fosse de crime ou profanação, o hiato da sua boca esculpia a trágica expressão de um terror e os globos dos seus olhos, quase sumidos de pupilas, permaneciam imóveis no fundo bístreo das órbitas como o branquejar de denúncias na treva de um antro.

E Camilo, numa imobilidade de pedra, continuava a fitá-lo. A sua atenção convergira toda para este mísero companheiro de ilusões, retinha-se magnetizada por uma força já menos curiosa que involuntária, tão misteriosa e dominadora se tornara.

Nos largos espasmos lúgubres, que os esbargos catarrosos do tísico deixavam sobre a calma ronflante do hospital, era-lhe de tal modo absorvente esta contemplatividade, que lhe despertava apreensões tétricas, um pavor infantil do silêncio, a custo rebatido pela energia, uma crescente excitação nervosa, de febre.

Então, para se inanir à hipnotização que o empolgava, Camilo entrou a procurar nos móveis, nas paredes, nas suas próprias roupas, motivos fúteis para se distrair; levantava na memória episódios alegres do viver boêmio de Alves Pena, lembrava-se de frases, ditos, gestos... Mas, impensadamente, querendo desviar dele a sua atenção, volvia a notá-lo, a observá-lo, pela associação de idéias que se encadeavam num círculo vicioso, pondo-o, teimosamente, diante da sua visão, trazendo-o, obstinadamente, à sua imaginativa, que se inflamava com o siflo daquela respiração entrecortada e penosa, com aquele contínuo arfar de suspiros mal chegados à boca dilatada e sôfrega, donde se escapavam em bufar de válvula aberta duma caldeira resfriada. E a esquelética cabeça do moribundo tornava-se mais gélida, a pele seca e cingida, acentuavam-se-lhe as cavidades da ossamenta num impressionante modelo de cabeça perdida no fosso sombrio de um túmulo, onde estivesse a apodrecer. Com a rigidez do desenho esquelético os primeiros sintomas da decomposição advinham lentamente, cavando em lucarnas de solitária as órbitas

obscuras, laivando de roxo a radicalização do nariz, esfriando em tonalidade de cera os restos carnudos das faces donde eriçava a cabelugem sem brilho da barba...

Assim, à luz dessa lamparina soturna, trêmula, com estalidos presagos, a sua cabeça era uma cousa morta, entrando no esfacelamento das desagregações orgânicas, sinistramente abandonada naquele leito.

E com a observação dessa outra existência que ia começar, imperceptível e dispersa, Camilo acompanhava a desumanização desta cabeça no segredo absoluto da Terra, imaginariamente penetrando por suas camadas, fazendo-se larva, escorregadia e penetrante, animalico fossador e visguento, descendo ao recôndito dos aterros tumulares, para surpreender essa decomposição, para assistir ao esfacelante trabalho nivelador da Morte. E bem depressa que restaria dessa máscara donde o espírito fugia?... Nada mais que sobejos, uns maxilares cravados aqui e ali de bocados de dentes negros, o descarnado desconjunto de uma caveira. Nada mais! Um dia, nos escombros das exumações, na remoção do entulho sepulcral, essa cabeça despida rolará aos pés dum taciturno Hamlet meditativo, ou dalgum visitante de Necrópole, fechado amarguradamente no seu luto, e, para ambos, ela será um despojo de vermes, resto desprezível de ser humano que, à falta de quem o amasse, foi despejado da cova.

Que piedade a tomará entre mãos para repô-la na terra, a coberto da profanação dos indiferentes e das intempéries? Pobre caveira anônima!... Já começa a tua verdade, entras desde agora no desvestimento do que eras. Dentro de ti mesma começará o trabalho da tua anulação. Dos teus nervos, dos teus tendões, das menores fibras do teu tecido sairão milhares de seres microscópicos, desenvolvidos pela decomposição, avigorados pelo apodrecimento. E da terra, ou do Ignoto, virão milhares e milhares doutros seres, tão resumidamente pequenos que às centenas se confundirão num insignificante corpúsculo rastejador, mas sôfregos do repasto do aniquilamento, famintos para o banquete horripilante da carne morta.

Num momento tu serás chaga pútrida, cancro fétido, monturo nauseante e deletério! De teus lábios, que mentiram; da tua boca, que o vício aqueceu e tingiu, existirá apenas lama, sedimento de gangrena, apenas!... Tuas mandíbulas, descobertas, terão um riso paralisado no pus fervilhento, riso que será a decomposição do próprio riso humano: ilusão, perfídia, imundície! quer se entreabra nos lábios amorosos de Desdêmona, quer na boca peçonhenta de Iago, no segredo perverso de Dom Basílio, no cochicho dissimulado de Tartufo⁹⁸... Uma matéria sifilítica encherá tuas órbitas, substituirá o delicado

aparelho da tua visão, por onde a valsa rósea das miragens arrastou a lascívia tentadora das Frinéias e a lentejoulada voluptuosidade felina das Cleópatras ou, nos simuns da embriaguez, o torvelinho das paixões encenou incêndios de Sodoma e noites tempestuosas de regiões antárticas... No interior desse crânio, perdido na mudez do túmulo, enquanto a luz resplandecer nas alturas, as ramarias virentes florirem nas aléias dos idílios e a sucessão do tempo rolar o ardente topázio do sol, rolar a opala acesa da lua sobre o firmamento tranqüilo, um chiar obscuro, um fermento d'esterquilínios, crescerá de instante em instante, de dia a dia e de noite em noite. O esplendor da vida continuará brilhando no verde das plantas, na riqueza dos minerais, nos aspectos sugestivos da paisagem, orvalhando a pele sadia das raparigas, levantando o afrodisíaco pólen d'anil dos cabelos negros das mulheres!... Os luars virão, como sempre, iluminar os lagos, nevoar com a faúla dos sonhos os cílios semidescidos das virgens, as pálpebras meio cerradas dos mancebos!... E tu apodrecerás, cabeça morta, cabeça inútil, tu apodrecerás! Corpúsculos esquivos e moles, filamentos movediços e glácidos, estrias coleantes e gosmentas, fiapos viventes e sórdidos, serão vida dessa cousa lívida, complicada, labiríntica, intumescida, semelhante, na sua exterioridade, na sua aparência, a um intestino desentranhado à navalha. De instante a instante, o gríseo gelatinoso da massa cobrir-se-á duma opacidade fria, lentescente; nas circunvoluções desse miolo inerme estender-se-ão, em manchas d'aguarela, derramos de verdes venenosos. E logo começará o trabalho devastador do Nirvana, a consumação niveladora do lodo que se transformará na continuidade imperceptível do Pó.

Faz-se, no interior do crânio, um repouso agourento, pesado e longo das remotas solidões polares, em cujas sombras mortuárias passeiam, boiando, os fantasmas silenciosos das geleiras. Em cima é uma abóbada esquelética, de cripta secular, destilando bolor, enrugada, vincada, maciça, ameaçadora como a masmorra de uma cárcova; embaixo uma colina esbranquiçada, desse branco dos pavores e dos preságios, aparentemente deserta, aparentemente amortalhada numa quietação eterna.

Depois vem um ruído abafado, de ventania marulhando por paliçada e canas de um brejal muito distante, muito longe... Sons indefinidos, que lembram o estalar de velhos seixos lambidos por labaredas, sussurro de lufada que passa pela rama ressequida de uma campina... Depois, de onde em onde, invasoras rajadas asfixiantes se levantam, correm pela abóbada, que transluz num macilento riso louco de múmias... E depois a treva baixa, a treva continua, mas treva sem impenetrabilidade, luz negra de ataúde fechado, som-

bras de catacumba emparedada, de cujo fundo se acorda, lentamente, um rumor cavo, de vez a mais crescente, de mais a mais mudado em ronronear convulso de ventre vulcânico.

A massa esverdeada e opaca dilata-se, as suas paralisadas contorções aparentes incham devagar, o seu volume aumenta; gases pestíferos se desprendem; um burburinho de efervescência põe-lhe crispações, fá-la tremer, espoucar em variolas que extravasam catarros amarelentos. Das curvas resfriadas e gráxeas, do bossudo, sinuoso, recalcado e estofado conjunto dessa matéria compacta e porosa, brotam carbúnculos que se fendem paulatinamente, gretados, em crostas, e expelem vermes. Um lodo mefítico sobe com o vagar de uma infiltração, vai ilhando a colina que aos poucos se esboroa, aos poucos, em pústulas, em desligamentos tetânicos, em extravasos cancerosos, aos poucos... E a luta da partilha podre cresce, recrudescer. É um desespero que arrebatava os vermes. Em arrancos de hordas bárbaras, escalam promiscuamente, aos milhares, num amontoado de protistas, confusamente, em turbilhões demoníacos, qual por cima, qual por vencido, as fibras indissolvidas, os restos que se vão liquefazendo e escorrendo.

Ao peso dos exércitos essas camadas ruem, subvertendo-os n'avalanche do seu desabamento. Mas, incansavelmente, os vermes voltam, rolam englobados em óvulos pegajosos, asquerosos, pela gosma putrefacta; e atacam outros bocados, outros resíduos, escarvadas bostelas, polvilhadas do mofo dos esterco, revolidas fezes de que se escapam exalações tonteadoras d'excremento de corvos. Uma vez por outra, parece que a agitação se paralisa fulminada — há uma vaga ondulação estrebuchante nos corpúsculos, o arfar quase imperceptível das larvas: um *monstro corcoveia, distende-se com o coleio lento e nervoso das boas nas florestas adustas, galga a mistura confusa dos invertebrados, rompe pela terra em marcha para outras podridões distantes: é o vítreo corpo escuro de um anélido que vem do âmago dos túmulos, repleto de mortos, faminto de mais cadáveres...* E a infinidade verminosa retorna, continua a devastar, a sugar, a aniquilar.

Na derrocada, de quando por quando, ascendem para o espaço carregado de esferóides efêmeros, restos perdidos de idéias, talvez!... Ascendem e pairam por instantes, trêmulas borbulhas d'escuma, pequeninos balões irisados, azuis como sonhos, vermelhos como ódios, doirados como ambições... Mas, têm, apenas, a duração de um relâmpago, possuem a intensidade do que foram: idéias embrionárias, idéias desamparadas...

Ah! em que belas podridões não desaparecerá a cabeça dos poetas, dos sonhadores, dos artistas!...

Quem sabe se suas idéias, transfundidas para a terra, não vêm, pelos poros da terra, ao ar puro e livre das planuras, procurar outros espíritos, viver noutros cérebros?... Quem sabe?... Nessa decomposição, porém, as forças desorganizadas são gastos pensamentos descoloridos pelo vício, reduzidas idéias desbotadas pelo álcool!... Uma chama de poncheira a extinguir-se, vaga por cima do caos desse fermento mortuário, à maneira dos fogos-fátuos sobre os túmulos e logo se apaga nas alturas sombrias, coruscando d'encontro os vapores caminheiros e tétricos d'abóbada óssea.

E a devastação prossegue. Das ruínas irrompem vermes, e mais vermes emergem dos coalhos liquefeitos e na lama crescente apontam, mergulham, sobrenadam, movem-se outra vez e sempre, aos milhões, aos bilhões, sôfregos e repulsivos, vorazes e danados, vencendo outros obstáculos que, como os primeiros, se derrocam, se espriam numa precipitação de lavas, vazando de ígneas crateras em atividade. Mas, de novo eles vêm, de novo eles surgem, legiões e legiões infindáveis, exércitos que se multiplicam, tal se por si mesmo cada um se fecundasse e procriasse vertiginosamente.

De momento a momento a massa diminui. Da alta colina, que fora, resta um montículo irregular, cujas faldas mergulham, em pendor, no lodo turvado, movimentado, agitado.

Aqui, de repente, se escancara uma minúscula, pequenina caverna retalhada, fendida nas corrosões de ruínas, escarrada d'escória; ali já é uma anfractuosidade de ribanceira ou penha, carcomida e oscilante. O lodo forma um solo ondulado, sobre o repassar dos vibrões brancos, que se entrecruzam ininterruptamente, que se tramam e desenlaçam repentinamente... Adiante fez-se uma cárcova, cristalizada de estalactites d'esmeraldas e ametistas que, de quando em quando, desabam, sem rumor, se desligam surdamente, como gotas contadas que se escapassem dum estreito tubo.

E mais resistente que esses restos, a grimpá do montículo tem a lividez de um cabeça nevado por noite de rude procela. Os relâmpagos rompem por ela cinerações fantasmagóricas de sepulcros divisados por entre trevas. Parece que ele restará intacto, que se petrificou numa fria rigidez de mármore. Mas, por fim, chega a sua vez. Também ele é perfurado; os alviões invisíveis dos desesperados fossadores cavam-no sem cessar. E já suas paredes vacilam, e já sua resistência se reduz... Agora é como se a neve lúgubre tivesse movimento, ela treme, palpita, fervilha...

E com vagar, também esse resto vai desaparecendo, baixando, liquefazendo-se, desmantelado, minado, devorado... E acaba numa deflagração, fosforescências sulferinas,⁹⁹ que se diluem nos roxos carbunculosos dos can-

cros. Toda essa cavidade craniana, esse mundo ignorado, regressado aos caos, iluminou-se, subitamente; dir-se-ia que por ele passara o último alento de uma força, faixa investigadora de um foco luminoso! E foi como o exalo de uma saudade, porque sob o clarão sinistro desdobrou-se uma acerba tristeza na cambiante vespertina do seu diluimento... Mas, que agonia foi essa? Teria sido a decomposição natural de um elemento químico que as retortas analisam, que os laboratórios determinam?... ou seria a fluidificação de uma ignota molécula despercebida à análise presunçosa dos homens, segredo eterno da vida indecifrável, que aí restara, à espera da completa transformação da matéria?... Que ridículo é o saber humano diante da Grande esfinge da Criação!... Célula apodrecida, fluido desprendido, esborão de matéria, deslocação de espírito... qualquer que seja o teu nome, a tua essência, a tua verdade, aí foste, sem dúvida, o último crepitar da vitalidade, o resto infinitesimal da vida orgânica que se deslocou com a separação das forças retribuídas à Força Suprema, partícula condensada de um poder imaterial, embolia endurecida de um vigor que deixou de ser fluido pela precipitação dos frios mortuários... Idéia... Pensamento... Alma!

Quando nada mais restava, tu te foste, saíste para o infinito misterioso, para a imensidade do Universo, a continuar a tua existência, insignificantíssimo átomo do Poder, luz derramada por toda parte, renovação da Vida! E a tua missão, ou a tua resistência, extinguiu-se nesse relampejar estranho, num clarão sulferino que recebeu do sangue evaporado a matéria corante, a cor das chagas dolorosas, chaga que foste! porque foste uma dor, a dor de um gozo mal gozado, de um poder não fruído, de uma existência inutilizada. E nessa massa, que se extinguiu, estivera, talvez, a convergência simpática de todas as obscuras sensações derradeiras da tua vida animal; nela se concentrara a reprodução retrospectiva dos longes deixados na marcha dos anos: imagens de uma câmara escura abrangendo o largo espaço do tempo que viveste... Saudade, enfim! Saudade! Mas, de quê... ou de quem? Oh! mísero indiferente! se tu fugias à vida, se tu te consumias sem esperança, se ninguém te amava no mundo?... De quê... ou de quem? ó mísero indiferente!...

Camilo teve um sobressalto: uma claridade cresceu repentinamente no aposento.

O moço levantou o olhar e encontrou um volume negro, que se arrastava, pesado e bamboleante, do corredor para o quarto; sobre o volume negro uma esfera enrubescida ardia d'encontro à palheta de fogo dum círio... Fixou-o, estupefacto. Mas, atendendo-o, percebeu o corpanzil do irmão enfermeiro, que volvia, trazendo uma vela de cera, cuja chama, batendo-lhe no rosto,

inflamava-o num lustroso vermelho de lacas. Não obstante, interrogou-o com o olhar, o velho serviçal respondeu num gesto de cabeça, indicando o moribundo. Ah! o Alves Pena! lembrou-se Camilo. Sim... E ergueu-se presto, compreendendo o momento; procurou sob as cobertas a mão do boêmio, e suas mãos esbarraram numa cousa esquelética, álgida, visguenta. As pupilas do infeliz tinham-se volvido para a concha das pálpebras, acompanhando, talvez, o movimento do pêndulo fantástico que se reproduzia, vertiginosamente, para mais alto, para mais alto, para mais distante, para mais distante, reduzido a um fio de teia, a uma fiapagem quase invisível, sempre fugitiva, cada vez mais imperceptível, para mais longe, para mais longe...

Chegara a sua hora. Ajudado pelo velho, Camilo cruzou-lhe os braços sobre o peito e, no piedoso trabalho, sentia-lhe o coração espaçar as pancadas, de vez em vez, de mais em mais, vagarosa uma... lenta, difícil, fraquíssima, a esvair-se outra... outra... E n'olhar do moribundo retremia, sumida e bruxuleante, uma pequenina luz pálida, o final duma visão terrena, o termo duma imagem. Era, talvez, o pêndulo que desaparecia, vertiginosamente, no seu movimento de vaivém... vertiginosamente... De repente, foi um tropel, o *maelstrom* dum extermínio brusco, nos recôncavos dessa carcaça; um vagido flébil, de criança enferma, veio suspirar, dolorido, na sua boca entreaberta e negra. E nem mais um movimento, um leve estrebuchó, o mais ligeiro frêmito...

Com presteza, Camilo abaixou as pálpebras do companheiro, enquanto o velho, procurando segurar-lhe entre as mãos cruzadas o círio, murmurava dizeres confusos de prece, de que se desprende, numa vocalização vaga e dulcíssima, o remate misericordioso de um — “Deus o tenha”.

E no fundo do corredor o esburgar do tísico, era como o uivo plangente de um cão de casa à entrada do esquife do seu dono: gania em finais aflitivos, desoladamente.

XVI

Depois da comunicação do amigo, a vida tornou-se para Camilo uma dolorosa inquietação.

Rondava, abatido e casmurro, das cervejarias para a *Havanese* e d'*Havanese* para as cervejarias, torturado por apreensões de futuro, numa triste vadiagem de expulso. Cresciam-lhe, às vezes, rancores contra tudo e contra todos, percebendo-se desamparado, e repellido pela sorte. Nessas ocasiões tornavam-se-lhe necessárias energias sobre-humanas para conter-se, porque arrebatava-se na delirante combinação de planos vingativos, pensando em se fazer agitador de oprimidos, um perturbador social, sanguinário e perverso, filiado aos segredos das seitas reacionárias; mas, empós a fadiga do planejamento, sobrevinha-lhe a ponderação, considerava a sua instintiva antipatia pelas massas, a imperfeição espiritual das classes ignorantes e concluía pela anulação da sua existência no ímpeto libertador do suicídio... E esta idéia voltava-lhe intermitentemente, no silêncio das meditações; era como um gérmen que se desenvolvia à mercê cultural das circunstâncias, começava a dominar-lhe a vontade, entrando na posse da sua cerebração. — Há de ser o meu fim — pensava —, trago comigo a tara, sou um *marcado* pelo Destino..."

Erguia os ombros com indiferença e prosseguia o seu caminho de acaso. Mas, a sentimentalidade resignada de sua mãe, aquela suave longanimidade que a enobrecia na desgraça, dessorava dos seus recônditos, socorria-o nesse esmorecimento moral e ele engolfinhava-se nos pensamentos de uma obscura e doce existência de paz, na proteção dum claustro onde su'alma se retemperasse nos esplendores da Fé... Distraía-se a compor o seu fantasiado existir monástico, iludido numa sagrada serenidade d'espírito, sob pesadas arcarias góticas ou nas extensões solitárias de uma esquecida região, a terra antiga dos anacoretas, iluminada por um luar azul de piedade, a cujo clarão languescente sentia-se passar como um monge branco, meditativo e penitente, errando pelas areias das estradas claras a sombra taciturna da sua silhueta. Vincaram-se-lhe na lividez do rosto duas linhas de tristeza que lhe torciam a boca num manso desdém das Cousas e quando, cansado de esperar, retirava-se desiludido de encontrar algum dos antigos companheiros, a gente do seu

grupo qu'ele reunira em camaradagem íntima, julgando fazer dela o convívio de seus afetivos e afinados, transfigurava-se o desdém destes sulcos em resignações de converso, para quem o sofrimento destila o suco balsâmico da santidade e da misericórdia.

Quem lhe apareceu um dia foi o Pita, sobraçando a eterna *Partida de Colombo*. Agora trazia o rosto escanhoad, à pároco, e a cabeça rapada como um galé. Camilo não pôde conter o riso quando o infeliz descobriu-se para cumprimentá-lo. Tornara-se de um cômico desafiador, extraordinário, fantástico, dolorosamente hilariante. Sem um fio de barba no rosto néscio e repisado, sem um fio de cabelo no crânio pontiagudo e acidentado, tomava o aspecto irrisório de um macaco farsante, a que as extravagâncias de feira ridicularizassem borrando-o de alvaiade.

— Que é isto, Pita?

— Nada! Higiene... — explicava o infeliz, passando e repassando a mão espalmada, acariciadora, pela aspereza do couro cabeludo. — Foram cá umas aranhas que fizeram teias. Botei os bichos pra fora. Sabes? Higiene... limpeza pública.

E, sem um motivo que explicasse o desvio da conversa, aportou para as queixas, dizendo-se perseguido, guerreado e invejado; arquitetou novos sonhos de glorificação que o deviam eternizar como um deus aureolado pela sua *Partida de Colombo*, e continuou seu caminho, estúrdio e ridículo, apertando sob o braço a tela eternamente conduzida e que lhe ia servindo de passaporte à Loucura.

Nesta mesma tarde Camilo recebeu uma carta de Agrário, escrita às pressas na mesa de bordo de um vapor que levantava ferro para Santos. Era quase um bilhete, inexpressivo pela rapidez. Informava-o de que partia a despedir-se da família, e de lá seguiria para Europa. Rogava, também, e isso em nome da *velha amizade*, o favor de, *se estivesse com Henriette*, explicar-lhe as razões desta precipitada partida, e obter para ele, escravo do seu futuro, o perdão da *deliciosa amante*, “que te cede, entre um milhão de abraços, o eterno amigo...”

Camilo releu, atônito: “... que te cede, entre um milhão de abraços, o eterno amigo...”

E pasmou estúpido, azoinado, sem compreender a obscura declaração, que rolava por seu íntimo uma avalanche entontecedora de conjecturas. “Mas que era isso? Que lhe desejaria insinuar esta frase?...” Revolveria o bilhete entre os dedos, dobrava e desdobrava-o: “E esta!...” Memoriava, então, o que fizera, excogitava os casos, temendo de suspeitas deixadas por uma inconsci-

ência, por alguma espontaneidade; revolvía minudências com pequeninos tremores de remorsos por infidelidades que se escaparam sob disfarces infelizes e logo indignava-se, estremecia sacudido por cóleras de honestidade ofendida, repulsão pelo desprezo com que se lhe atirava o sobejo de um gozo... Retornava a inquirir, caminhando por esconsas vielas do coração da cidade, do que tinha feito, da maneira por que se portara... e acovardava-se diante de despertas fagulhas recordativas que lhe pareciam denunciadoras da paixão surda e lenta por Henriette. Mas, com a mesma presteza, rompia em revolta contra a perversidade de Agrário que não atendera a sua linha de nobre conduta, respeitando a rapariga como se fora legítima mulher sua... recalcando os desejos maus que a carne despertava e triunfando como um Puro sobre o conflito desesperado dos apetites e a invulnerabilidade imposta pelo afeto. Se outro fosse o seu proceder, se através uma amizade hipócrita tivesse cautelosamente requeestado essa mulher, talvez esse pobre espírito lhe não viesse atirar ao coração o vitríolo desta frase gargalhante, este corrosivo sarcasmo: "que te cede entre um milhão de abraços..." Ah! cedia-a, depois de cansado de gozá-la, depois que se saciara e uma perspectiva de melhor existir se lhe abria em claridades promissoras. Generoso amigo!

E foi ainda sob a noite deste tormento que veio às mãos de Camilo um bilhete de Henriette, pedindo-lhe *que chegasse ao Livramento*.

O seu coração refrangeu-se ferido. A indigna cessão que o amigo fizera ganhava alvíssaras com este convite. E desceria à baixeza de se evidenciar sobre o fusco de uma suspeita, dando a alguém, a quem quer que fosse! o direito alcoviteiro de dizer que ele continuava a visitar Henriette, para satisfazer à irônica perversidade do ex-amante? Não. Nunca! Doía-lhe à sensibilidade cristalizada desse amor, desse mais que amor, dessa paixão sombria e oculta por onde ele fora como um galileu sentenciado levando às costas o peso de seu martírio, doía-lhe a recusa de um pedido nesta ocasião, talvez pedido clamante, talvez aflitivo, mas que lhe não chegava claro nem explanava intuítos.

E decidiu não atender ao chamamento.

Mas, na tarde seguinte, soube n'*Havanesa* que uma senhora, cujos traços descritos combinavam com os da Don'Ana, o procurara insistentemente, deixando-lhe, num recado, a notícia de que Henriette estava de cama, em perigo de vida.

De que modo resistir? Como seria qualificado o seu procedimento se desatendesse a participação, quando ela envolvia uma confiança?... Estava vencido. Nem mais pensou, correu ao Livramento.

Henriette caíra enferma, subitamente. Aos primeiros sintomas da moléstia a Don'Ana aterrorizou-se com os prejuízos, que teria, se fosse um caso de febre amarela. O médico, porém, tranqüilizou-a: o mal não merecia a importância que a sua aparência despertava. Não obstante, a febre queimava a doente, ardiam-lhe as faces em que os raros pontinhos das sardas mais se acusavam, como faíscas daquele fogo que lhe vinha das entranhas; seu olhar fulgurava estranhamente, uma agitação contínua prenunciava o delírio, a sede crescera supliciadora.

Camilo emudecera, emocionado por esse fatídico reconto, e era com uma expressão de sonâmbulo que ouvia os gemidos e os resmungos narradores da velha locandeira.

Durante dous dias ele desvelou-se nos cuidados de enfermeiro, sem demonstrar o cansaço do trasnoitamento. Orgulhava-se dessa dedicação *espontânea*, engrandecia-se com a oportunidade desse préstimo em que revigorava suas forças esmorecidas e, só quando a febre cessou e a Don'Ana se lhe referiu sobre as despesas do tratamento, foi que ele se lembrou de que nem sequer prevenira sua mãe do motivo dessa ausência!...

Partiu com uma mentira sensibilizante nos lábios; penalizaria o coração da sua pobre *velha* com a calorosa descrição de um piedoso dever cumprido — fora um amigo, sem afagos, sem recursos, prostado por uma doença, que o retivera à cabeceira da sua enxerga. As mães sempre foram ingenuamente crédulas!... E, de permeio, ia minudeando a maneira de obter dinheiro para aquelas despesas. Henriette nada possuía nem tinha quem a valesse. Agrário estava longe e, mesmo que ainda não houvesse partido, seria incapaz de abrir generosamente a bolsa para salvá-la. Era preciso um meio, qualquer que fosse, para atenuar as necessidades, ao menos por momentos. Lembrou-se, então, de uma valiosa prenda que herdara de sua avó, um anel d'ouro engastando a claridade branca de uma pedra admiravelmente facetada na Holanda, jóia de família vinda dos acervos de seus avoengos e que, por ser preciosa, a mãe guardara com uma triste ironia sobre o destino dela: "Será para as despesas do meu enterramento".

Esse anel bem poderia vir às suas mãos, inventaria um pretexto para usá-lo; ou, para fugir ao titubear da falsidade, retirá-lo-ia em segredo. Era um desses objetos guardados de que a gente tem certeza da posse, e que só uma necessidade ou a casualidade dum minuto põem-no diante dos olhos. Se tal acontecesse, ele desculpar-se-ia, fora um compromisso a que o vexame das explicações lhe forcara criminoso procedimento... Três palavras trêmulas e um beijo apagariam o negror das suspeitas, a humilhação da censura.

E breve voltou à *pensão* satisfazendo todas as contas, té a da mensalidade que Agrário descurara de pagar.

Começou para ele um período afanoso de sacrifícios. A convalescença d'Henriette requeria cuidados, gastos extraordinários, que Camilo ia prodigalizando com os criminosos pedidos à mãe, os insolváveis empréstimos aos agiotas, arrastando responsabilidades de fiadores que ele, numa desvairada inconsciência do delito, rebuscava nas mais esquecidas amizades de família.

Enquanto não tinha o necessário para os gastos, enquanto no seu bolso não sentia o contacto das notas do Tesouro, ele sofria como um vesânico a insuperabilidade da sua perseguição; mas, em o possuindo, embora a custo de rebaixamentos implorativos, a alma se lhe expandia felicíssima — cercava a rapariga do necessário e do supérfluo, despendendo a mãos largas como um petulante morgado frascário livre d'autoridade paterna.

E horas, após o matutino passeio, que fazia levando a sua convalescente pelo braço, ficava-se naquela saleta tão sua conhecida, a falar em cousas inúteis, frouxo d'espírito, embevecido nas miragens dos sonhos, construindo quimeras, levantando utopias, por onde se emaranhava, desnorteado e mole, roçando nas meditações o manto clássico do sentimentalismo em que acolhia regenerações de Madalenas conversas à fé do Amor, com desenastradas cabeleiras para a grande purificação dos matrimônios reparadores... Já se lhe enchera a cabeça de tantas idéias lustrais que, dentre elas, surgia imácula, como as pecadoras da Sinagoga sob a unção das palavras do divino Jeschoua¹⁰⁰, o precioso projeto de um consórcio bendito; e, enquanto mentalmente revia sua obra regeneradora, descansava o olhar sereno no elegante busto d'Henriette, curvado à leitura dalgum livro: “Seria uma ventura, seria, ter junto de si, amante e amada, aquela criaturinha feita de rosas e de sol...” E Henriette, nestes momentos, ao levantar os olhos das páginas, vendo-o cismar, vinha sentar-se perto dele. Ainda por suas faces a palidez da moléstia deixara laivos de sofrimento, no azul de suas pupilas boiavam os últimos mormaços da febre; mas, assim, fanada ao calor da enfermidade, metamorfoseara-se num delicado e lívido tipo de Mártir a que o esteticismo dos crentes, por espontaneidades atávicas, concretiza na graciosa forma profana das mulheres amadas.

Esta transformação, sob que vagamente se reconheceria a *outra* Henriette, era como uma remissão de culpas. A doença absolvera a pecadora rapariga de ontem, delindo a treva do seu passado nos nevoeiros albrantes de uma madrugada nascida, e Camilo já perdia a noção intrínseca do que ela fora na doentia persistência de desejá-la. As circunstâncias acidentais que os aproximaram

outra vez, pareciam-lhe um fatalismo a que ele se curvava resignado, calculando o gozo resultante e que, por sua natureza desviando-se da linha comum dos seres, imaginava excluir da ofensiva bisbilhotice mundana com a realização idílica de um lar de paz, por onde o rosto sério e bondoso de sua mãe confortalecesse, como um beneplácito sagrado, a mútua e uniforme amizade de ambos.

Das platônicas conversas íntimas, lado a lado, e diurnas, amanhecera um namoro casto, doce engano d'alma sonhadora de Camilo. Henriette também partilhava, humilde, desse delicioso prazer de amar como nunca amara, instigada por uma ingênua curiosidade de iniciação. Ela mesma, sem saber por quê, adalgava-se, tomava atitudes recatadas de virginamentos, uma atraída confiança de instintos apenas acordados. E tinha regressões sentimentais, nostalgias poetizadas que lhe comungavam e indultavam a alma para a entrada pura neste Novo Afeto.

Por vezes falou na sua terra, o país nevoento da Bretanha, uma costa bravaria da França Norte, e vieram-lhe lágrimas num bater furtivo de pálpebras que baixam oprimidas; por vezes reticenciou o remorso da sua desgraça, sob irresponsabilidades dos primeiros anos, no delírio de Paris dos *ateliers*... E a volata do arrependimento soluçava, sobre cada retornar das folhas do passado, o velho ritmo angustioso dos dramas...

Nunca seus lábios pronunciaram o nome do pintor. Dir-se-ia que Agrário jamais existira para ela. Camilo, em momentos, referia-se ao amigo, com um propósito em que borbulhava mais o ciúme que a recordação. Ela, porém, fazia-se surda, desatenta, esquecida. Ele, então, não teimava nessa dolorosa lembrança; seria mui feliz se também perdesse memória dessas relações invejadas, por onde suas energias desceram até a suave escravização de hoje.

Assim corriam as manhãs, deslizantes como um fio manso de fonte, que vai lentamente enchendo a longa cavidade de uma represa.

Por uma dessas manhãs o Doutor Heráclito subiu ao sótão. A presença daquele homem sobressaltou Camilo: "Que desejaria o intruso? Por que vinha perturbar a paz de seus sonhos?" Para afastar Henriette dos que pudessem requêstá-la, conseguira que a Don'Ana mandasse as refeições ao seu próprio aposento e quando a julgava, enfim, segregada do suspeito convívio dos pensionistas, aquele que mais concorrera para esta deliberação, solapava todos os ardis, galgava as conveniências, e vinha tripudiar sobre seus intentos!...

Enquanto não o viu descer esteve em febre, desassossegado e bronco. Foi um alívio quando o doutor saiu, e logo acometeu-o um desejo de dizer a Henriette que não recebesse aquele homem... Mas... "Por que ofendê-la com

uma imposição? Com que direito assenhorear-se da vontade sua? Por pagar?... Não. Pagava por misericórdia. Diante da ex-amante de um amigo, ele não era mais que um generoso e caritativo companheiro, para quem se apelara! Impor, seria dominar, prevalecendo-se do dinheiro com que satisfizera necessidades; desceria, se assim fizesse, à repugnante brutalidade de um especulador da desgraça. Custasse-lhe vergonhas, ele nunca se nivelaria com *os demais!*"

Na manhã seguinte, durante o passeio, voltou-lhe o desejo de falar a respeito de Heráclito. As palavras ferviam-lhe nos lábios. Temeu molestá-la. Mas a imperturbabilidade, a pretenciosa correção daquele homem desenhavam-se-lhe no espírito como numa placa imagética, e a persistente percepção dessa irritante figura, nitidamente refletida na sua visão interior, despertava-lhe sufocações de emparedado, uma aflição de asfixiado. Olhou Henriette: ela restabelecia-se. Já o revigoramento do sangue distendia por suas faces uma guache carmínea, de maçãs a colher, mal se lhe distinguiam as esparsas, pequeninas sardas; a sua esvelteza d'estatueta, esse donaire de estrutura galante que lhe dava a sedução duma fantasia do Século Dezoito, reaparecia sobre angulosidades da sua ossamenta descoberta pela moléstia. Loiros e mais finos eram-lhe os cabelos; a epiderme fizera-se de flor nova, as pupilas tinham quietações meridianas de lagos estivais refletindo o azul luminoso, a boca sangrenta, em arco de Cupido, alacrizava-se com o riso túmido duma orquídea bipetalada, caprichosa e rubra, e no seu braço ele sentia o rolo carnudo do braço dela, num suave peso de corpo levado para o Amor.

— Sabes, Henriette?... Eu abomino àquele Doutor...

— Quem? — ela perguntou-lhe, admirada, colhida de surpresa.

— ... O Heráclito...

— Sim? Eu também, querido.

E calaram-se.

"Eu também" ela dissera tão firme, tão sincera, que o resto das frases ficou-lhe reprimido na garganta. Ia dizer mais, precisava de falar mais, para provar a sua antipatia por aquele *intrometido*, e continuou o passeio, sem palavras que o acudissem. *Eu também...* E por que duvidar?

Irradiou-se-lhe pelos músculos, pelos nervos, a macia pressão do busto d'Henriette. Ela o assegurava, entregando-se-lhe: "Se duvidas, aí me tens, sou tua..." Talvez fosse a expressão discreta desse comprimir de corpo!

Voltaram à pensão.

Henriette estava num dos seus dias felizes. Bailava-lhe pela alma uma

grande festa e na vermelhidão mádida dos seus lábios, palavras e risos eram como regozijos duma alegria dominical de aldeia. Tinham caminhado muito e como o calor começasse com os primeiros sóis de agosto, ela transpirara fortemente. Apenas entrou no sótão correu ao quarto para mudar as roupas.

Camilo acendeu um cigarro e esperou. Donde estava percebia o vulto dela, através os brancos *stores* dos vidros, alteando gestos que alongavam debuxos de camisa a ser vestida, esboços de corpo a desnudar-se. A porta ficara encostada. Uma idéia rápida ocorreu-lhe: — “Henriette fazia de propósito, era mais que uma provocação, entregava-se... Tivera, contudo, o pudor do convite...”

Levantou-se, foi até a porta, ia pôr a mão à maçaneta, quando ela indagou dele, numa frase nervosa, o que queria.

— Até logo — Camilo disse, sem saber o que dizer, imbecilizado.

— *Eh! bien. Alors, au soir...*

E ele desceu degrau por degrau, com um peso no coração, que lhe trazia aos olhos confusões desesperadas de lágrimas.

XVII

— Sabe?... Li a obra que me inculcou... *A Relíquia*¹⁰¹...

— Ah! Sim!

— Não é má, não é de todo má, como humorística, falta-lhe, porém, pureza de frase, o português castiço e terso do nosso imortal Francisco Lisboa, a quente imaginação do grande Alencar.

Camilo piscava os olhos, atarantado. E o Doutor com um alçar da destra, em fidalgo gesto de alto entendimento:

— Ah! meu amigo, a literatura portuguesa está enterrada nos Jerônimos, no túmulo do Herculano... Agora, é a nossa vez...

— De enterrarmo-nos?... — perguntou Camilo, ofegando.

Heráclito sorriu, bateu-lhe no ombro:

— Tem graça!... É a nossa vez de assombrar o mundo.

— Pois... é assombrá-lo, Doutor, que nos não falta o feitio...

Camilo suava com a palestra do Heráclito, travada no corredor da Pensão. Ultimamente não podia entrar ali que não caísse na presença do Doutor. Fosse proposital ou fosse acaso, a porta da sua boa sala mobiliada, na frontaria da casa, ficava aberta sobre o corredor. Para esquivar-se do encontro o rapaz procurava meios de penetrar na locanda, fazia-se cauteloso ou apressado, caminhava nos bicos dos sapatos ou invadia a casa com a precipitação de quem leva uma notícia urgente, mas o doutor apanhava-o de surpresa, voava sobre seus passos:

— Olá! meu jovem amigo.

E era uma perseguição de amabilidades, perguntas, palestras políticas, novidades sensacionais, oferecimentos atraentes. Por uma ocasião, vindo Camilo no seu passo abafado e prudente, saiu-lhe o Doutor ao encontro, com os braços acolhedores:

— Aqui tenho uma lembrança que lhe reservei. Deve ser, creio, bem agradável a um homem de letras. Perdoe-me a insignificância... — ia dizendo enquanto intrometia nos dedos do rapaz um volume embrulhado.

Camilo, que se lhe esquivava, hostilmente, apenas teve a simples cortesia de lho agradecer num resmungo e abalou para o sótão.

Foi diante de Henriette que ele abriu o invólucro do presente:

— Isto é uma preciosidade! — comentava, a desdobrar o ordinário pedaço dum *Farol* de província. — Com certeza uma maravilha saída das estantes da Pompadour, um roubo feito à biblioteca do Trianon! — Dezfaz o embrulho. Um espanto, desmesurado pelo trejeito cômico, torceu-lhe a boca. Era uma grosseira, roída, deteriorada edição da *Douda* de Montépin¹⁰²!

Hoje, mais do que nunca, a importunação do Heráclito o exasperava. Ele voltava, depressa e submisso, à casa donde saíra com lágrimas, compreendendo-se um incapaz, achincalhado no seu orgulho de homem, que devia ter descido à nivelção dos eunucos pela suspeitosa timidez demonstrada. E nem sabia por que voltava. Existia nisso um fatalismo, uma obsessão animal, talvez um impulso mórbido. Mas não sabia. Voltava porque tinha necessidade de voltar.

Se tivesse deliberado nunca mais entrar nessa casa, automaticamente para aí teria caminhado. No entanto a *cilada* do doutor acordava-o desta insciência de ato, e agarrava-o diante da sua vergonha, punha-o como em frente de um espelho mágico em que ele via nitidamente a flutuação de sua alma abandonada à dormência misteriosa desta paixão estranha. E decidido:

— Bem. O Doutor desculpar-me-á...

— Vai subir? Como tem passado a nossa convalescente?

— Até ontem, antes da noite, deixei-a boa.

— Estimo. Creia que muito estimo, porque Madame Henriette é digna de todas as atenções, é digníssima.

Esboçou uma gentileza com toda a dilatação sensual da sua enorme boca de gorila.

— Se não fosse incômodo subiria também...

Camilo empalideceu, fez um ah! muito longo, comprometedor, desprevenido de recursos e ia deixar-lhe a mão, quando o Doutor com um movimento resolutivo puxou a porta, deu volta à chave:

— Creio que não há inconveniente, é uma visita de vizinhos, prazerosa delicadeza...

— Sim... Certamente... Pois não... — balbuciava o rapaz, atropeladamente.

Subiram. Henriette, ao enfrentar com o Doutor, purpurejou-se, tremeu-lhe os lábios, mas soube sorrir com o encanto da sua pequenina, voluptuosa boca de adolescente, procurou os olhos de Camilo tranquilizando-o, inutilmente, porém, porque aquele possessivo, aquela frase — *a nossa convalescente* — ficaram dentro dele, oprimindo o seu coração. *A nossa*, ele dissera.

A *nossa!* e por quê? Que direito de intimidade assistia àquele estranho, conhecido à mesa comum de uma casa de aposentos, para chegar à externalização de uma posse, irrefletida embora, mas, sem dúvida, desejada e em luta?...

E na sua requintada emotividade de artista, na sua psicose dúctil de nevrotizado, a interpretativa deu-lhe, pela vez primeira, a mais dolorosa e completa análise deste ente amado.

Aquele possessivo não passava do flagrante de uma natureza revolvida pelos instintos. O doutor desejava-a. Mestiço e forte, imperiosamente a branca e débil deveria atraí-lo, chamá-lo, magnetizá-lo para o contraste combinador dos seres. Estava, pois, agindo inconscientemente, pela oculta dinâmica das tendências.

Ela, por domínio das mesmas leis, arrastava-se fatalmente para ele, alquebrantada pela persistência do requêsto.

Foram estas razões que a conduziram, desprevénida, ao quarto do cambista e à concubinação com Agrário. Provavelmente das mãos deste homem, depois de usada por ele, sairia para as mãos de um bruto, acabaria nos braços de um héracles. Era o seu organismo que pedia estes extremos; era sua infância miserável — o escasso fogo da lareira, os molambos aproveitados no casal; era su'alma nascida à face do grande mar bramante, melancolizada nas invernias saraivas dos crepúsculos, afeita à admiração da coragem, do arrojo, da perseverança dos marítimos; era o seu isolamento no mundo, quando a adolescência rasgava diante das suas pupilas os véus difusos do formilamento da vida, sozinha numa capital imensa, sem afetos puros, sem teto, e depois levada para o Desconhecido onde ela não passava de molécula obscura de um todo anônimo; era o seu corpo, a sua carne, a combinação anatômica do seu íntimo ser, que exigiam dela esta simpatia, que lhe impunham esta necessidade do homem sadio, do homem robusto, do fauno cabriolante e concupiscente, do bode morrinhento e sádico. Como esperar desta criatura a sinceridade de uma aguda paixão serena, a penetração idólatra por um pálido doentio, filigranado de nervos, espiritualizado para as subtilezas da arte e da existência? Bem se compreendia a si, para falsear neste cruel diagnóstico. Mas, contudo, era este o tipo de mulher que ele também desejava no seu extravagantismo d'esteta e na sua felina sensualidade de nevrotico.

Este rosto, assim, deste mesmo oval; assim, desta mesma epiderme; o nariz pequenito e petulante, os olhos azuis e sagazes; esta boca formada no lanço dum beijo, guarnecida de miúdos dentes alvos; o hibridismo atordoante desta fisionomia, ora ingênua como duma criança, ora maliciosa e impudica, a que os respingos das sardas mordiam de sintomas lascivos;

a orelhinha vexada, a meio escondida na crespa fiapagem de oiro brando; este conjunto estrutural, elegante e formoso em que as roupas tomavam aspecto novo, vestiam amorosamente, eram a construção ideal da mulher que ele queria, que ele ambicionava através o esteticismo de seus desejos. Tivesse, esta pobre rapariga, uma alma delicada de visionária, romantizassem-na desde criança, restringissem sua primeira educação à quietude sonhadora de um convento, e outro ser-lhe-ia o idealismo, a carne ter-se-ia subordinado ao espírito, outras deveriam ser suas tendências. Talvez!

A imperfeita natureza erra sempre, mas errou muito na Mulher. Mais que nos homens, a animalidade tem nos recônditos desses artificializados, preciosos seres, os impulsos indômitos das feras quando em épocas. Eles trazem no âmago do corpo uma tuberosa envenenada — a corola lúbrica do útero, que lhes comunica a tormentosa agitação dos infernos...

A saleta, com as duas gelosias dobradas para fora, à claridade ampla dum sol verânico, estava cheia da larga voz autoritária do Heráclito. Na calma do azul havia a profundidade imponderável do mistério que seduz. E sob a luz desse céu, sob o conforto dos olhos de Henriette, ele contava, comunicativamente, cousas alegres.

Camilo penetrara muito no alvéolo desta paixão para atender às puerilidades do Doutor. Duas vezes interrogado respondeu sem tino; vieram-lhe arregaços de sorrisos sem motivo.

Henriette notou a distração e, compreendendo-a, empregou o encanto do seu olhar numa carícia indagativa para que ele falasse.

E o Doutor, amabilíssimo:

— Aposto em como construí alguns versos.

— Engana-se. Nunca os fiz.

— Pois ainda está neste bom tempo, há muito pouco que eu me deixei disso.

— Ah! o senhor fez versos?

— Alguns de pé quebrado. Passatempo da ociosidade. É um tributo da mocidade que, às vezes, alcança a velhice, como no meu caso — explicou sobranceiro, salvando a circumspecção utilitária da sua pessoa. Ajustou a gravata ao colarinho por hábito de correção, e continuou:

— Entretanto, nas minhas raríssimas horas vagas, dou-me à amena leitura dos meus poetas, que são poucos, apenas dous, o grande Gonçalves Dias e o arrojado Castro Alves. Que pensa, meu jovem amigo, desses dous corifeus da nossa poesia?

— Eu? Nada.

— Nada! — interjeitou o Doutor admiradíssimo.

— É d'espantar esta negativa, sou o primeiro a reconhecê-lo. Mas, confesso rudemente, em questões de arte literária sou e serei de uma rudeza anti-pática. Por que mentir, Doutor? Eu só acho bom, só amo e elogio os artistas que me comovem, os que entram na minha alma, os que me despertam para novas emoções; e, por isso, possuo a qualidade excepcional de não convencer a ninguém que Baudelaire, que é o meu poeta, seja superior a Musset¹⁰³. Cada qual que pense consoante o seu temperamento.

Heráclito acompanhou com um movimento de sobrancelhas um gesto dos lábios, indicando desprezar a questão. Nesse momento Henriette, que fora remexer numa cestinha, a um canto, depôs sobre a mesa três copos e uma garrafa de cerveja *Guinness*.

— Bravo! Madame — gracejou Camilo. — É do que necessitávamos. Tenho como verdade que, n'abjeção desta vida, só a cerveja merece exceção. Agora chegou a minha vez de perguntar: o Senhor Doutor o que pensa da cerveja?

Heráclito mentalizou com gravidade a resposta, depois, recebendo, agradecidamente, das mãos da rapariga o copo bordado duma orla d'espessa espuma creme, conservou-o levantado em frente ao busto, explicando com vagar:

— Não sou apreciador desta bebida. Isto é uma fermentação desagradável de vegetais terapêuticos que muito convém aos gélidos germânicos. Dou preferência ao vinho, o belo vinho que nos aquece o sangue! Mas... — voltou a ponderar — a melhor cousa que existe na trabalhosa vida, decerto, meu amigo, não é o vinho...

Camilo sorveu da sua cerveja, limpou os lábios ao lenço, afetando serenidade, e assaltou-o logo:

— Será, porventura, a Mulher?

— Sim... é uma opinião, mas eu quero estar sempre ao lado desta...

— ...da opinião, provavelmente — emendou o rapaz.

O Doutor enrubescou, riu, concluindo:

— ...se me afigura mais justificável.

— É a opinião de todo o mundo.

— E portanto... — reticenciou vitorioso, fisingando o ar com o indicador, como uma batuta que acentua o final dum compasso.

— E portanto?... — Camilo inquiriu.

— A mais admissível.

— Discordo. A mais admissível, não; queira me perdoar, a mais submissa.

— Por quê? — indagou, alteando a cabeça.

Camilo procurava a oportunidade para estontecá-lo, tinha-na segura.

— Porque todo o mundo move-se pela mesma maneira, é um corpo automático, irrefletido e oco. Pensar como o meu vizinho, como o compadre do meu vizinho, como o irmão do compadre do meu vizinho, como o amigo do irmão do compadre do meu vizinho, como o primo do amigo do compadre...

— Perdão — atalhou o Doutor — prescindindo da nomenclatura...

— Não, senhor. Isto deve ir pela ordem natural das correlações, desejo salvaguardar os detalhes mesmo em risco da sua paciência. Pois, dizia eu, como o primo do amigo do compadre do irmão do meu vizinho... é não pensar. A uniformidade do pensamento é a sua negação, porque unifica a faculdade mais extraordinária e mais variável que o homem *deve* possuir. Eu, meu caro Senhor Doutor Heráclito das Neves, eu quero pensar como eu penso.

— É mais que um orgulho, é uma pretensão — observou o Doutor, respirando, descansado com a incontada conclusão do rapaz.

— Embora!... mas é uma dependência. Entretanto — tornou Camilo, percebendo o infeliz desvio que levava a questão, — entretanto, todo o mundo tem razão, tem carradas de razão. A *onosarquia*, meu caro senhor, é um fato.

Heráclito franziu os sobrolhos. O termo era-lhe estranho. Compreendendo a disfarçada admiração do Doutor, que, talvez por amor-próprio, não constatará ignorância, Camilo rejubilou, sem alarde, com essa lancetada certa à segurança da sua inviolabilidade espiritual.

— Desconhece o termo, já sei. Garanto-lhe que é meu, exclusivamente meu, da minha propriedade e do meu direito sem foro ou ônus judicial ou extrajudicial. Uma glória, este termo! Arranjei-o do grego *onos* — onagro, o burro ancestral, o velho burro-avô, e *arché* — autoridade. Não que eu saiba grego, foi uma leitura ocasional, combinação de dicionários. Há o *snobismo*, cuja significação está entre a hipocrisia e o idiotismo; eu pretendi, por uma velha rivalidade latina, suplantar o inglês, esgaravatei a *onosarquia*, que me parece singular, pelo menos me contenta; pode-se-lhe dar um jeito e tem-se o *onosarquismo* — a burrice autoritária! Consegue ser coisa moderna, tem o sabor dos exotismos e, talvez dentro de uns dez anos, a geração futura o impinja abundantemente... Olhe, os jornalistas hão de gastá-lo a fartar...

— Como novidade.

— Como novidade e como preciosidade. Nós precisamos de termos novos como de novas sensações. Há quase cem anos que consumimos os legados literários da língua. Estão exaustos esses acervos. Mas, ao caso. O

onosarquismo é um fato. E não há nada mais cabal, mais harmonizador, mais útil, mais eqüitativo que a burrice. Ela é um poder centrípeto, uma força motriz, engrenagem principal de todo o maquinismo social. Começa por se opor ao transcendentalismo e à especulativa, duas perversões espirituais, e termina por anular a desprezível canseira do raciocínio pela cega aceitação das conveniências.

O Doutor berrou exclamações de chacota:

— Oh! oh! Magnífico!

E sempre autoritário, sem perder a sua linha de “homem notável”:

— Então a burrice é o centro de gravitação humana?

— Precisamente. O senhor pôs os pontos nos ii. Se não fosse a *onosarquia*, meu caro senhor, o mundo seria um composto de pequenas tribos ou núcleos, em lutas constantes ou em profunda indiferença de tribo para tribo. O que faz a comunidade civilizada é esta força, que escapou à sagacidade dos grandes filósofos antigos e modernos. Imagine o senhor que nos falhasse esse “poder moderador”, indubitavelmente colocado entre o talento e a obtusidade vulgar, entre os sábios e a ignorância comum; que todos os seres humanos fossem aferidos intelectual e espiritualmente por uma mesma escala... Imagine que descalabro não resultaria dessa completa igualdade! O homem seria, nada mais, nada menos, que um animal pacato e grave, a existência das nações limitar-se-ia ao roncoiro trabalho das granjas, os encantos da vida, esta série de delícias que nos distraem, consolantemente, da rapidez da trajetória entre as fraldas d’amamentação e o lençol do ataúde, seriam umas cousas mais que insossas e rústicas. É preciso, portanto, a existência de um “poder moderador”, um poder que seja como uma retorta de tudo quanto a Inteligência e o Espírito produzam para o uso dos inferiores, dos que são incompletos e inscientes. E esse poder, Senhor Doutor, realmente existe, é a *onosarquia*. Assim como no nosso sistema planetário, os rudes movem-se ao derredor do Burro, por identidade orgânica. Descerei ao particular, entrarei no detalhe para melhor explicar-me. Lance o Senhor Doutor Heráclito das Neves, lance o olhar para o meio em que vive, o seu meio político. Tome desse meio um caso raro, se é que o tem. Suponhamos que o tenha. Este caso raro será, pois, um político de talento.

Heráclito pigarreou, susceptibilizado. Camilo emendou, com afetada delicadeza:

— Abro exceção para o meu complacente ouvinte, ilustrado, conspícuo membro do Partido Liberal...

— Obrigadíssimo — murmurou o Doutor.

— É raro — continuou o moço —, é raríssimo o caso. Um político de talento como eu o imagino, com eu o desejaria, é mais difícil de nos cair às mãos do que foi a Cromwell, vitorioso, achar quem decepasse a cabeça ao infeliz Stuart, porque eu imagino um político completamente diferente do tipo comum dos mais afamados, dos mais conceituados políticos.

O Doutor, que acabava de cruzar, soberanamente, os braços sobre o largo peito, atalhou:

— Provavelmente um Napoleão Bonaparte com a diplomacia de Talleyrand...

— Mais, muito mais distante, meu caro Senhor Heráclito. Imagino um profundo interpretador de todos os segredos psíquicos da entranha humana, conhecedor da sociologia, ampla e criteriosamente estudada em todos os seus ramos, e, sobre isso, um audaz espírito de moço, ambicioso como esse Napoleão, que o senhor acaba de citar, mas com as delicadezas de um esteta, a alma de Luís II da Baviera¹⁰⁴. Impossível, como vê.

“Admitamos, porém, que essa criatura humana se houvesse desligado das secundinas maternas, que um ventre bendito a procriasse e que ela fosse uma realidade em carne e osso como nós nos orgulhamos de ser. Que aconteceria a esse homem? É curiosa a previsão. Demais sabedor para suportar o intrincado enredo da casuística politiquêira, romperia com as normas do seu partido, desrespeitando a letra obrigada do *Credo*; demais analista para voejar sobre superfícies, sua luta seria destruidora, solapando o que se não poderia reconstruir sem sacrifícios individuais, donde provada inutilidade política; rebelde e intelectual, revoltar-se-ia contra a disciplina e contra os conchavos; esteta, pensando na Arte, amando a exterioridade, idolatrando os espirituais, tornar-se-ia um esbanjador dos dinheiros públicos, um perturbador da ordem social, um louco... Em uma palavra: essa criatura seria *um flagelo*, segundo o vulgar emprego deste termo...

“Tomarei, agora, o oposto a este indivíduo, isto é: o aceito, o útil... Porque, em verdade, o Burro é, zoologicamente, inferior ao leão, mas nos limites da utilidade lhe é superior. Nesse tipo de antítese tudo é negativo. O seu espírito não passa de uma luz de candeia fechada entre cem muros de bronze. O que ele pensa, o que ele sente, é animalmente instintivo, pensa por associações morosas, elos dum mesmo tamanho e sempre duma mesma espessura; sente por acúmulo de vibrações tais que seriam capazes de derrocar, de polvilhar as montanhas da Suíça e os Andes... Pois bem, é esse indivíduo que convém, é ele que representa a segurança pública, a ordem de uma nação, a força de um povo! Compreendem-no, aclamam-no.

“Ele é como uma serra granítica que contivesse, por um flanco, a floresta, e por outro o mar, impedindo que as duas forças se encontrassem. Ele é o medianeiro, o meio-termo, o obstáculo que não cede para avante, nem recua; é, em suma, a Mediocridade, sem explosões, sem vibrações, sem ideais... O Burro, na sua compleição utilitária. O Burro que não tem contrações d’alegria nem expressão de dor, que se não excede da marcha costumária, que se não despenha dos alcantis, nem tropeça no estreito trilho das cabras... Não é um ente imaginário, é uma verdade, um tipo que está, diariamente, sob as nossas vistas, que vive conosco, que nos fala, que nos governa... É o Burro de sobrecasaca, medalhado, sério, pacato, resistente. Na política chamam-lhe estadista, dizem-no profundo em finanças, cabeça de partido, esteio moral das classes conservadoras; nas artes tem o qualificativo de trabalhador e mestre, representa o respeito às fórmulas herdadas, o bom-senso literário, o obstáculo às inovações, o crítico abalizado; na ciência é o meritíssimo senhor conselheiro, o eminente, o provector, com um pergaminho dependurado do pescoço e uns óculos nas ventas; na sociedade tem ele a designação de honrado progenitor, prestimoso vizinho, afetuoso compadre! Porque o onosarquismo, meu caro senhor, é onímodo e poliforme; sem perder a sua essência, tem várias aparências e se reveste de aspectos diferentes — tanto se enfronta numa casaca de aristocrata, como no balandrau negro da burguesia, que é a sobrecasaca da circunspecta vulgaridade; ora se o vê em fardas, ora em batinas; cabe-lhe tão bem uma blusa como uma jaqueta. O seu aspecto varia, a sua aparência possui disfarces, mas no fundo, dentro desse físico grave e austero, ou desse tipo rubicundo e risonho, ou desse nervoso e macilento, está o onosarquismo, que deveria ser o axioma de Hobbes.¹⁰⁵

“Sob tão diversas formas encontra-se-o por toda a parte, em todos os tempos e em todas as regiões. É por isso, meu caro senhor, que Pascal descreveu a Opinião, como uma esfinge com cabeça de burro... Quando sai uma descoberta dos laboratórios ou uma idéia dos gabinetes d’estudo, o onosarquismo abocanha uma e outra, submete-as a um particular processo de assimilação mental e, depois, espalha-as para o uso comum. E o princípio descoberto, a verdade encontrada, a lei concludente, tomam uma forma bem diversa da sua estrutura primeira, reaparecem completamente modificados ou depurados.

“Basta-nos uma prova, a mais. Temo-la na grande Revolução Francesa. Como o senhor sabe, foi do cérebro dos Enciclopedistas, notavelmente do cérebro do famoso Denis Diderot, e do de seus continuadores Condorcet e Danton¹⁰⁶, que saíram os princípios dessa imensa reforma. Como filosofia era

uma obra poderosa e ampla, cuja aplicação daria os mais extraordinários benefícios à humanidade. Mas o onosarquismo, na sua infalível assimilação, tornou esses princípios um proveito puramente individual, destinando-os a uma classe, utilizáveis para as dissimuladas aspirações de um meio... Não sei se me exprimo com clareza?...

— Tem sido inexcusável! — obtemperou o Doutor, com uma subtileza d'experimentado parlamentar.

— Neste caso, aí tem o Senhor Doutor Heráclito rapidamente provada a autoridade do Burro, o onosarquismo; força equilibradora, elemento de prosperidade e fortuna, princípio inestimável de ordem social. A vida espiritual dos homens, socialmente considerada, é uma eterna gravitação em torno dessa força.

Heráclito descruzou os braços, com fleugma. Sorria. Depois, esfregando e acariciando as mãos disse:

— Brilhantemente exposta, a sua teoria!... E ninguém salva-se da influência desta força niveladora, desse extraordinário poder igualitário, como acaba de provar, senão o meu jovem e distinto amigo.

Henriette, como movida por uma força desconhecida, não conseguiu reter uma risada, mas tão inesperada, tão incompreensível e nervosa, que Camilo teve um tremor, como sacolejado em todas as mais secretas fibras do seu corpo. O rosto tornou-se-lhe branco, arderam-lhe as pupilas. E desembairando-se dum pigarro de cólera, redargüiu ao Doutor:

— Perdão... eu exponho a minha teoria, jamais teria a incivilidade de o envolver nela, tendo-o por meu único e inteligente ouvinte.

As pálpebras de Henriette bateram ao peso de um rubor; e Heráclito, mordiscando os lábios, explicou com calma:

— Nem eu o julgo capaz de tão feio proceder... Sinto-me achatado sob a verdade esmagadora da sua exposição.

Abriu-se um silêncio.

Pela janela a tepidez voluptuosa da manhã declinando aveludava a paz de em torno, a luz doirava a caligem do casario amontoado e extenso, mosqueando telhados velhos, sangrando em cavas de barrancos as telhas novas de um novo teto. Estendida, para lá dos zínco fabris, a faixa do mar rutilava como uma chama de prata. Grimpas denticuladas de serras, ao longe, muravam o horizonte, sobre o azul profundo.

Mas logo a voz do Doutor expandiu-se:

— O meu jovem amigo deveria desenvolver esta original teoria em um livro, obra pensada e séria.

Ergueu-se, desdobrando no espaço a sua elevada estatura de forte. Viu horas no seu belo cronômetro de ouro, despediu-se protestando afazeres: “... tinha uma conferência política, negócios eleitorais...” E, atencioso, afável, numa leve curvatura:

— Meu talentoso amigo, até logo... *Madame, au revoir...*

Desceu lento. Os sapatos ringiam nos degraus.

— Que besta! — murmurou Camilo. Alagou-o um rancor feroz por esse feliz, sereno na vida, bem-acolhido e bem-colocado... e a risada de Henriette, aquela terrível risada histérica sob o sarcasmo do Doutor, aprovativa e injuriosa, piaçou dentro da sua alma, sacudindo-lhe num tremor de raiva. Inopino, numa crise, gritou à cara de Henriette:

— Tu sabes?... tu sabes?... Eu não quero aqui esse idiota!... nem mais uma vez!...

Tremia; as faces ficaram-lhe descoradas e cavas, as pupilas esfuziavam.

A rapariga pasmou, assombrada, mais branca que ele. Depois, uma vermelhidão manchou-lhe o empalidecimento. Ansiou, oprimida, resfolegando numa comoção. A custo, inda arfando, como um pássaro cansado, falou medrosa:

— Mas... qu’ê que tens?... que é?... Sossega.

Camilo vacilou com uma sombra nos olhos, estremeceu vibrado até o mais íntimo dos seus filamentos nervosos e desabou sobre a cadeira, a chorar convulsivamente.

A estupefação da rapariga aumentou. Oscilou atordoada, ameaçada por uma síncope. Depois ficou indecisa, idiota, torturando as mãos, uma d’encontro à outra... até que, num ímpeto, numa explosão inconsciente da natureza feminina, correu para ele, tomou-lhe a cabeça entre as palmas, meigamente a falar, a murmurar, a sussurrar:

— Que tens?... Dize-me... conta-me...

Camilo desviou-se dela, frouxamente, desleizando-se dos seus braços, das suas mãos:

— Deixa-me... Deixa-me...

E parou o olhar no soalho, atropelado mentalmente numa confusão de idéias. Respirava cansado; apoiara o cotovelo à curva do espaldar e com a mão amparava o rosto mortificado pela vergonha: “Tanta energia! tanta dissimulação! para cair num momento, para baqueiar teatralmente como uma mulher, como uma criança! Mas, que infeliz era ele!...”

A voz de Henriette suspirava, ainda, confortos pueris; rogava, implorava que lhe dissesse o que sentia. — Tornara-se-lhe humilde, arrancava-se-lhe

do peito como uma confissão de penitente, fazendo-se súplice, escrava, vencida, castigada.

Ele recusou-a, num repelão, com bruteza:

— Deixa-me...

Mas, arrependido, voltou a explicar com mansidão:

— É uma crise nervosa... Eu sou assim...

Henriette, magoada com a repulsa, encostou-se a um peitoril, levando o olhar para as distâncias, resplendentes de sol, sob o azul diáfano, deslumbrantemente limpo. No alto da sua fronte esgarçavam-se cabelos n'aragem branda, que soprava; uma pequenina madeixa, desanelada, retremulava, flamava como uma diminuta labareda d'oiro...

Camilo continuava imóvel. Havia no seu coração uma dor que o entorpecia, que o fazia mais desgraçado e menos violento — a quase certeza de que iria pôr termo à sua indefinida posição diante desta rapariga... Mas, desejando esse desenlace, temia-o, prevendo a sua desventura.

De revés, percebia o corpo de Henriette à janela, num delicado volume branco ténue, das cambraias do seu vestuário caseiro; a massa dos cabelos em apanho habitual para o alto, em torçal grampeado, e o róseo do rosto em perfil, escurecido num tom vítreo de faiança decorativa, sobre o largo quadro da janela aberta. Já o silêncio, em que permanecia, o constrangia penosamente, dando-lhe a sensação de se ter encerrado num esquite de chumbo, cujo tampo, eriçado de farpões de ferro, estava prestes a cair e a cingir-se-lhe ao corpo. Tomou uma resolução: levantou-se, deu alguns passos para a mesa, estendeu a mão ao chapéu... Tinha um pressentimento de que ela lançar-se-ia em seus braços, num grito estrídulo, de desespero, num arrebatamento dramático e comovente. Henriette, porém, não se moveu, prendera-se a fixar os longes do horizonte, quieta e enigmaticamente.

Ele falou-lhe, apreensivo, mísero na sua humildade:

— Adeus... Henriette.

Vagarosamente, ela voltou-se. Os olhares de ambos pararam, mediram-se por momentos; ambos ininteligíveis, desconhecidos... e, ao mesmo tempo, cada um desviou os olhos do semblante do outro, pelo temor de se odiarem, talvez!...

— Já te vais?... Demora um pouco mais... podes ter alguma cousa na rua — disse ela, por fim, com uma serenidade que amortalhava a alma do infeliz.

— Preciso de caminhar. Nestas ocasiões só me sinto bem quando ando. Adeus...

Correu pelos ouvidos de Camilo um sussurro de morte, um murmúrio vago, esmorecido, de despedida — adeus!... — que ele ouviu já nos últimos degraus da escada. Apenas: Adeus!...

XVIII

Agora, Camilo vai esmoendo o tédio amargo pelos tortuosos escaninhos da reclusão voluntária, fugindo de quem lhe reanime lembranças, acabrunhado pela insolvabilidade das dívidas que contraiu, vexado da inutilidade em que se arrasta. Toda a energia que em seus recessos encontra ele a emprega nesta obscura luta, singular e íntima, de esforços contra impossíveis, debatendo-se sem apelo na incerteza do destino. Mas, para vencer os ímpetos da sua paixão, para dominar as crises da sua sensibilidade, regressa teimosamente ao passado, recolhe-se ao abrigo das antigas amizades e mascara-se nesta mansidão indiferente dos desambiciosos, como se houvesse encontrado a resignação do sofrimento numa suave filosofia de humildade. A vagarosa extensão de seus dias passa-os, ele, na sala do Clementino Viotti, aquecendo sua carcaça dolorida de nevralgias numa confortante, velha poltrona de couro, a ler brochuras francesas, enquanto o Viotti, o amargo Viotti dos primeiros tempos, curvado sobre a alta mesa de cavaletes, calcula cimalhas e levanta paredes que um Carrazedo, mestre de obras, choramingadamente paga com falcatruas de judeu. Há quase sempre um grande silêncio na sala, cuja sacada de gradil se abre para o abandono úmido dum beco, no Estácio de Sá. Clementino Viotti já não tem apóstrofes, já não tem objurgatórias contra o antiesteticismo arquitetural da cidade; a bília o envenenou, derramou-se por todos os tecidos do seu organismo; não fala, rumina sem palavras o rancor de *gorado*, encanecido aos trint'anos, acasmurrado no trabalho ingrato que o trouxe do escritório dos engenheiros a este canto sossegado. Um cheiro infiltrante, de resedás em flor, evola-se da calma edênica e ciciante de inculto jardim vizinho, onde os caramanchéis descuidados distendem lindas redouças caprichosas sobre um muro limoso e triste. Às sextas, nas horas angélicas do meio-dia, cigarras estridulam nas franças e ramarias. Não há transeuntes, apenas três habitações quietas formam a existência deste ignorado remanso.

Camilo, enterrado no estofo da poltrona, esburgando os brônquios fracos, devora páginas sobre páginas, mudamente. Por vezes, na tranqüilidade do dia, surgem-lhe saudades do tempo gozado no sótão do Livramento, Henriette reaparece ao seu espírito, enche-se-lhe a mente de pedaços de telas

fluídicas, esquisando cenas, reproduzindo fatos. Todos os seus pensamentos voltam-se para ela, mais desejável nessa intangibilidade, ao fundo alborente da neblina recordativa. As páginas começam a rolar inutilmente por seus dedos. Vão passando, vão passando... E era por uma hora em que ela teve o êxtasis de um sorriso de sonho, alvo como uma garça numa marinha azul... e foi no momento em que ela descansou o calor de suas palmas nas mãos dele... e... “Que faria Henriette? Por que se escorriam tão tristemente esses oito dias sem que lhe viesse uma notícia, ao menos um bilhete indagando da sua ausência?”

Ao cair da tarde chega o Carrazedo, esbandalhado das esfalfas, chapéu à nuca, sapatarros rinchadores. Um pigarro crônico corta-lhe os palavrões costumários que a ponta mascada do charuto envolve na nojenta baba contínua; e, arrastando as solas, pesando as gorduras de baixote nas sólidas pernas de ativo, o carão pletórico por escanhoar, alerta os tratantes lúzios verdes, cuspinha pros lados, queixando-se, lamuriando a lenga minhota dos seus dizeres, a coçar a cabeça despenteada, a limpar com o dorso do polegar as comissuras cabeludas dos lábios babados, numa irritação de velho cacoete.

Então Camilo sacode as joelheiras, abala para a rua.

Como outrora, esquece o tempo n'amiga *brasserie* do Knopp, na mesma convivência do Ramos Colaço que lá está no mesmo lugar, encafuado no vão da escada, jungido à sua displicência de viver, mais envelhecido e pesado, com uma longa barba de filósofo germânico, porém às voltas com os seus *leitmotive* wagnerianos, a sonhar a beleza orquestral duma grandiosa ópera por escrever.

Mas, numa dessas tardes, quebrou-se-lhe o ânimo de resistir. E sem recriminar-se, alheiado de tudo que fizera para o voluntário motivo desta ausência, pensou na possibilidade de encontrar n'*Havanesa*, como à partida de Agrário encontrara o recado da Don'Ana, um bilhetinho comovente, amarelecendo no pó destes tão longos, tão tristes oito dias!... Seria possível. Seria bem possível...

E veio descendo para a Ouvidor, absorto no gozo da reconciliação, que encenar-se-ia terna e amolecedora como uma noite vespéral de noivado, quando, de surpresa, o refluxo ondulante de uma multidão curiosa o deteve.

La retroceder, o ajuntamento mortificava-o, mas um estranho esfuziar de vaias, guinchos d'alegria e algazarra de gargalhadas atraíram-o.

Às quinas estreitas da rua apinhava-se uma turba. Indivíduos afligiam-se por ver, em bicos de sapatos, pescoços estirados; as sacadas entabuleadas dos dentistas enchiam-se de espectadores numa festiva alacridade de mulhe-

res e risos. Cautelosamente, Camilo adiantou os passos e pôde distinguir um amarrotado, alto chapéu, listrado a cores vivas, que reviravolteava, surgia e desaparecia no ajuntamento, aos boléus, aos trancos, em parelha com informe objeto empunhado, talvez farrapos de bandeira, frangalho de lona talvez, a esgrimir com bengalas e pára-sóis, que o acometiam. E desabavam gargalhadas e redomoinhavam uivos de prazer, em gritaria galhofeira de epítetos: *ó pintamonos!... ó borra-borra!...*

O chapéu escorchado emergia do aglomerado dos chapéus como um *puff* charlatão de *maravilhas*, mas logo escornava à direita, escornava à esquerda, zurzido¹⁰⁷ às bengaladas, desequilibrado a murros, a cacholetas, que a multidão lhe atirava num diabólico delírio de pagodeira; e o informe objeto, que amparava os golpes, traçando círculos defensivos no ar, desfraldava um trapo onde o floretear dos pára-sóis batia. Aumentava a grita e a pinha humana crescia, a sufocar, na turbulência dos apertões. Aos vaivéns da troça Camilo ficou envolvido n'artuaça de modo a aproximar-se do farsante. Em meio da rua, no granito sujo da Ouvidor, uma figura funambulesca, sarapintada de listrões multicores, agitava-se douda, escorraçada, a berrar: “— É a partida de Colombo, ó burros! É a *Pinta*, é a *Santa Maria*, ó camelos!” — E esperneava, esbaforida, rouca, suarenta, a desengonçar-se já pinchando, já crescendo, numa capadoçagem acrobata, acometendo furiosa contra os açuladores que a sitiavam.

Nesta fantástica figura zebrada de listrões, o carão rapado besuntado de laivos coloridos, berrando com a boca em sangue que chagava os lanhos verdes de uns lábios clównicos, a esgazear bugalhos aflitos em cavernosas órbitas de vermelhão e trejeitando desespero nas faces sujas de oca, sujas de azul, sujas de siena; neste extraordinário doudo carnavalesco, tremelicante e pandemônico, Camilo reconheceu o Sebastião Pita, o mísero Sebastião Pita da eterna *Partida de Colombo!*... E um terror de que ele também o reconhecesse, de que o chamasse em seu socorro, envolvendo-o no mesmo ridículo, impulsionaram-no a cobrir-se com a estatura de um moço que esganiçava em falsete, possesso nos gestos, concitamentos a esbordoar o inofensivo maníaco. Outros correspondiam, com a gíria dos turbulentos, aos intuitos agressivos, perdida a noção da piedade, revolidos pelos choques contrapostos dos instintos, n'alegria satânica da coletividade, que transborda para a selvageria. Do gracejo a multidão passou à brutalidade. Não mais lhe contentavam os murros à *cartola*, as bengaladas ao objeto que o doudo manejava, os estortegões que o irritavam. Um amarelento, de dentuça africana, traços mamelucos na ossamenta facial, duma dureza de máscara de pau, vibrou-lhe um soco na

boca. O Pita recuou com um urro de dor, carantonhou uma obscenidade que saiu envolvida em sangue de mistura com a grossa salivação do cansaço. A risada estalou nervosa, rugiu. De repente, ele rodopiou nos calcanhares, recurvado e dolorido ao raspão duma chibatada nas espáduas. E, acometido de novo, batido como um bruto, vergastado como se criminoso fosse, recomeçou a dança macabra da defesa, com agilidades símias, correspondendo ao assalto.

A *cartola* voara pelos ares, em pedaços; na sua feia cabeçorra rapada o sangue rasgava filões, listrando a mais o carão pintalgado; as vestes abriam-se em rasgões... E os movimentos saíam-lhe precipites, desordenados, furiosos... A Polícia acudiu. Dous soldados tinham conseguido entranhar-se na massa alvorotada e convulsa, agarraram-se ao braço dele, sacudindo-o com bruteza. Então, despegou-se-lhe das mãos a arma singular que manejava, bateu secamente no granito, estendeu-se aos pés da súcia — era a *Partida de Colombo*, esfrangalhada, esbandalhada, pendendo em restos do *chassis* desconjuntado. Quiseram exterminá-la com as patas, mas, num safanão raivoso, o doudo desprendeceu-se dos soldados, agachou-se, colheu os pedaços da sua obra, a única, a que lhe povoara de sonhos o cérebro imperfeito e que lhe acendera, neste dia, a aurora boreal da loucura, numa deflagração de luz apoteósica! E, com os restos da tela espatifada debaixo do braço, cingida à axila, estreitada à sua carcaça, truanesco no reles carnaval das roupas, quedou-se, entregue à vontade dos agentes de segurança pública. Tinham-lhe metido na cabeça, em arreveso caricatural, o farrapo do chapéu, apenas a orla ridícula com a farripagem de uma copa arrebatada. Um suspiro tufou-lhe o peito. E seguiu. No vermelhão de suas pálpebras duas lágrimas assomaram, trêmulas e claras; e outras vieram, despegaram-se, rolaram, velozes, sobre a tinturaria ridicularizante de suas faces, a que o ríctus de uma dor silenciosa forçava o jogralismo lúgubre de uma caveira, a sorrir, bostegada da lama das covas. Estalaram gargalhadas. A garotagem moveu-se em cauda, dardejando a vaia, e ele desapareceu no fim da rua, talvez para sempre, fechando a porta da existência consciente com este tintamarresco escândalo de truão louco...

Camilo permaneceu estático, subjugado pelo imprevisto, como se houvera sido vítima de um ataque de loucura repentina. Tremiam-lhe as pernas, um calafrio eletrizou seus nervos; suores porjavam-lhe da testa: parecia-lhe que o olhavam curiosamente, que estavam a rir dele. Uma névoa passou por seus olhos. Mas, fez um esforço, desligou-se da multidão. Passos adiante, à porta d'*Havanese*, encontrou o Sabino e o Franklin. Os rapazes tinham assistido ao princípio da lamentável cena. O Pita aparecera por ali, naqueles trajes,

seguido de uma troça, a tela ao ombro, a berrar a marcha triunfal da *Aida*. Depois correram curiosos, formou-se a multidão. O pobre rapaz fazia discursos, gesticulava, tentava pendurar ao encanamento dos arcos da iluminação a sua *Partida de Colombo*, a garotagem assanhou-se...

A triste narrativa curvava-o num abatimento doloroso, vergava-o à realidade duma existência que declina irremediavelmente, a esgotar-se com o lentor das consumpções, hora por hora, inutilizando a vontade, desmoronando ambições. Para se distrair entrou em palestra com o Sabino. Quis saber do que ele fazia.

— Sofro, agonizo... mas hei de tentar enquanto puder!

— E você, Franklin?

O rapaz encolhera-se ao portal, a ameigar o buço tardio; teve um movimento entediado, de ombros:

— Não penso mais *nisso*... Acabou-se...

— E os nossos entusiasmos!... Recordam-se?...

Sabino abanou a cabeça afirmando. Calaram-se. Camilo esteve a olhar, indiferentemente, o povo que passava; depois, ferido por uma lembrança, entrou, dirigiu-se ao caixeiro e voltou lento, desanimado, numa prostração supliciada, macilento. Nada! Nenhum recado. Nada! E já um atordoamento se fizera nele, sem saber em que pensar. O tédio reapareceu. A glacialidade dos companheiros envenenava-o. Por fim disse:

— Estive a me lembrar de ti, Franklin, há dias. Sabes?... Tu prometias ser o nosso *frondeur*. Recorda[s]-te do susto que pregaste ao Telésforo? Há um ano. Não há?

— Sim. Há um ano e dous meses. Foi em outubro de 87 — Sabino explicou, e batendo com a ponteira da bengala na calçada: — Sonhos!... Sonhos!...

— E o Rios, por onde anda? — indagou Camilo.

— Está num brejal, por aí, num lugar onde a morte chega mais depressa...

Recaíram no mutismo. Os insucessos das tentativas, a impotência da união, desalentavam-os como sempre, ferindo fagulhas de desconfianças recíprocas. Um amargor de abandono alquebrava-os com melancolias de remissão palustre.

Entretanto, estavam no ruído ouvidoriano, à hora efervescente da *passagem*, às três da tarde. Mas, olhavam desatentamente, de olhos esquecidos, essa promiscuidade que fervia por entre os estreitos renques de casarias irregulares, num rumorejante movimento feiral. Na superabundante massa negra

dos vestuários irrompiam irritantes casimiras gaias de trajos capadócios, negligências sintomáticas de roupas burguesas, desasseio miserável de valdevinos, uma pompa disparatada de fantasias femininas em contraste com as harmonias dos cortes elegantes em magníficos tecidos de luxo. Amarelidões mestiças e de ingurgitamentos crônicos entristeciam os transitórios conjuntos; mas logo, entrecruzando-se, confundindo-se, mesclando-se na multidão, vinham roseamentos de peles germânicas, pupilas aniladas de olhos londrinos, palidez fina de cútis fidalgas, loiros escandinavos de cabelos, amorenados cálidos de mulheres patricias, destruindo a soturna monotonia dos rebanhos humanos que a capital agita na sua estreita calçada de rua preferida. *Camelots* arrabados, bugigangueiros indígenas arrastavam-se, ganindo ou gemendo a mercancia de suas indústrias. Militares, meneando rebenques de prata, fardas em abandono e desarmados, faziam grupos. O rumor pesava.

De quando em quando, indivíduos abraçavam-se efusivamente, com exclamações exúberas, palmadando-se nos ombros. Pregões de jornais esfuziavam no zonzonar crescente. Azevieiros gingavam, pelintramente, ladeando raparigas rutilantes de artificialismo; cães vadios farejavam-se, repasavam, requestando-se indecorosos; e mendigos imundos, velhos patifes cheirando à sarjeta, ignóbeis mulheres esfrangalhadas, criancinhas resmelengas, agarravam-se ao encalço dos transeuntes, sob a indiferença boçal de carapinhosos policiais recostados pelas esquinas, relaxados. De quando em quando, chacareiros endomingados em roupas negras ou em surrados fatos barrentos, vagueavam mercadejando flores em piramidais corbelhas, de lata, embastonadas. Sujeitos esqueléticos, disfarçando privações, paravam à porta dos Cafés, borbulhentos de povo, onde filarmônicas guinchavam sentimentalidades de óperas estafadas ou ritmavam requebros lascivos dos lundus crioulos. Pelos umbrais das confeitarias, nos anteparos das faiscantes vitrines dos ourives, às soleiras dos armazéns de modas, reuniões de gente gesticuladora, falante e noveleira, grifavam dizeres à passagem de ostentosas senhoras ricas que pisavam firmes, afrontando d'alto a convergência atrevida dos olhares, e largos rostos cloróticos de meninas tropicais seguiam direitos como cabeças de cera, sob espaventosos chapéus em cabide... Para os lados da Praça de São Francisco, o ondular escuro da população coalhava a estreiteza do espaço, numa enchente movediça. Tremia no ar um pulvísculo d'oiro fosco, nuançado em tonalidades de velho bronze, rarefazendo-se à distância, azulando-se, e de chofre batido por um clarão do sol rolante numa forte mancha, à faixa perpendicular e dura de um muro. Em debuxo, ao longe, entre frondes esgalhadas, a silhueta verdinegra da estátua de Bonifácio desenhava-

se num fundo difuso de horizonte, onde se abria a dúbia caiagem da Escola Politécnica. Para baixo, descendo às proximidades do cais, o tortulento coelho, movendo-se desordenado, dominava em tons carregados, caliginosos, sob uma densidade violácea, enfraquecendo para o lilás-dourado das longitudes equatoriais, donde surgiam luminosos golpes róseos e alaranjados nos ângulos de paredes, em aberturas do encruzamento das ruazinhas tortuosas.

Arrastado pelo acabrunhamento deste viver sem amplidões, num canal de granito e estúpidos edifícios de arquitetura pelintra e desgraciosa, Camilo lembrou-se do primeiro tempo aí passado, dias perdidos nas lojas dos Cafés e nos passeios desmantelados da rua, que a inexperiência fazia ver numa cenografia de esperanças, iludindo a visão com perspectivas de melhores épocas, pela substituição provável do cenário... Ah! que sonhara, aí, neste canal desasseiado e corrente!... Aí se formaram e aí cresceram as quimeras de um Futuro, antevisto lá-baixo, na cintilação dos enganos e dos promettimentos, prateado à luz gloriosa de um sol, como a cúpula de uma fabulosa construção, luzindo, faiscando a multiplicidade prismática de suas pedrarias d'incrustação e relevos d'esculturas, maravilhosamente erguida para o supremo gozo dos conquistadores!... Com este doentio recordar, vieram-lhe dolentes e amadas saudades do que se ficou para atrás no desdobramento do tempo, do que se perdeu no desenrolar dos anos...

Recordava-se desse Clementino Viotti, alma de visionário, imaginando a sumptuosidade d'Oriente nesta desidiosa metrópole, torta, labiríntica e suja como um bairro judaico..., desse Pereira Lemos que mergulhara suas idolatrias mitológicas nos confortos de um *home* inglês com os proventos de um consulado na colossal e fervilhante *City*..., do Ramos Colaço, *bandeirante* maníaco do ideal em busca dos sons que reboaram nas velhas naves góticas e acalentaram os histerismos das monjas meditativas..., e de outros... e de mais outros... que se desnortearam... que estavam longe talvez, nos férteis continentes da Vida ou no seu atormentado oceano, lutando desamparados, debatendo-se em arrancos, talvez desaparecidos... submersos... por onde? Nem ele sabia!

Agrário fora desse grupo. Era o original Agrário, o rebelde Agrário, o alegre, falador, irrequieto *Manet* indígena — vingando-se das desilusões no espanto ao burguês com escandalosas gravatas e botins esfiapados!... Então todos eles sonhavam... então batiam a pedra dos alicerces de suas fantasias, acastelando ideais sobre ideais, numa sucessão mirabolante de torre chinesa, de porcelana pintada, com lambrequins pingenteados de guizos d'oiro que as ilusões bafejantes, como aragens brandinhas, tintimbalavam num retinir álcere

de festas!... Dos vinte andares facetados dos seus devaneios o guizario, pendente como sequins de um colar de favorita, reluzia, tremeluzia, em agitação elétrica, doirando toda a torre esmaltada, pelo frenético faiscar de seus metálicos, pequenos glóbulos, dando, por instantes, a estranha impressão da fiapagem de uma cabeleira solta, que envolvesse a torre, tal se sobre ela se desenstrassem os cabelos loiros de Henriette!... Sim, de Henriette...

E todo ele, no seu íntimo, ficou-se a rondar, estonteado, em torno desta figurinha loira que o assaltou, que encheu o seu espírito numa teimosia perene de obcecação.

Depois, voltando-se para os camaradas, num gesto brusco:

— ... *Ce pays nous ennuie, ô Mort! Appareillons...*¹⁰⁸ Rapazes... Adeus.

XIX

Neste dia Camilo desceu mais tarde para a casa do Clementino Viotti. Tinha passado grande parte da manhã, numa lassidão de esgotado, a esgaravatar minudências inquiridoras sobre a conduta de Henriette, a mortificar-se por doudejantes conjecturas sobre o inexplicável silêncio que cavava uma enorme e penosa distância entre ambos. Foi já pelo declinar das horas do zênite que ele saiu a caminho do esquecido, sossegado beco do Estácio de Sá. Súbito, porém, na página dum jornal comprado na rua, seus olhos pararam no versalete duma epígrafe que parecia enfiada com as dezoito letras deste nome — Telésforo de Andrade.

Devagar, caminhando passo por passo, ele lia a enfática construção encomiástica do artigo, em que se anunciava ao Mundo culto que o Governo Imperial acabava de nomear diretor da Academia de Belas-Artes esse extraordinário artista.

Camilo teve um gesto de desprezo e voltou a pensar na francesinha.

Escorria-se o nono dia sem que Henriette tivesse a mínima lembrança dele, nem uma simples indagação do seu paradeiro, nem sequer a natural curiosidade de saber do que lhe teria acontecido após aquele momento de desastrada fraqueza! Perdia-se num complicado entrelaçamento de idéias indo-se esbarrar, embaraçado, na conjectura de uma moléstia. Sem perceber, de tão absorto que andava, se desviara do percurso habitual, avizinhandose da entrada do parque d'Aclamação. Mas, um momento, parou assaltado por uma suspeita:

— ... E se o Heráclito, aproveitando-se dessa moléstia, se fizesse seu enfermeiro?... Ah! quem saberia! Talvez, até retivesse qualquer participação que lhe fosse pedida...

Maquinalmente entrou no parque, seguiu pela grande ala do centro, àquela hora deserta. À proporção que avançava, ia esmerilhando a possibilidade de "um arrojo" do Heráclito, o temor da rapariga em repeli-lo, as incertezas em que ela se debateria por sua muda ausência... E, ao mesmo tempo, sentia um alívio n'alma pela terrível casualidade da comprovação do quanto fora delicado e bom, do paralelo dos sentimentos de ambos que ela teria em evi-

dência. Seria justo que Henriette compreendesse, afinal, onde estava o protetor *desinteressado*, o amigo pronto e meigo. Certamente, a concupiscência do Heráclito não respeitaria seus lábios queimados de febre, não recuaria diante de seu corpo enfraquecido pela enfermidade! Sobre ela, como um pesadelo, seus olhos enuviados, atônicos e doloridos, veriam suspensos os lábios grossos, a enorme boca carniceira daquele homem.

E arquejou com um peso no coração, a cabeça numa tonteira.

O sol queimava forte, a areia d'aléia rutilava oftalmizante. Camilo procurou, então, o asilo das sombras, num canto de banco, sob a ramada protetora duma árvore. Chamas vermelhas, rápidas transfiguradas em manchas verdes, se sucediam diante da sua retina cansada de claridade. Mas, pouco a pouco, fez-se-lhe a nitidez da visão, e ele, deslumbado pela irradiação solar das três horas, quedou-se na suavidade dum ensombrado retiro, amodorrando o seu sofrimento com observações do efeito uniformizador da luz sobre os grupos da vegetação. Acalmara-se um pouco. Tinha retirado o chapéu, a cabeça escaldava-lhe. O ar era imóvel. Nenhum frêmito de aragem nos ramúnculos! À distância, marginando alamedas, altas touceiras de arvoredor, em tufos de ornamento, alargavam a gama variegada das folhagens numa poeira circundante, verde-grisento; e nas abertas reentradas de suas ramarias, que tinham o delineamento de um recorte de bastidor cênico, fazia-se uma penumbra fria de gruta, dum índigo profundo. De onde em onde, espigando dos tufos folhudos, galhos escuros em tons ferruginosos de siena queimada levantavam ramagens tão finas que se diria, na poeira luminosa do ambiente, a farrapagem duma gaze ao de leve verdoenga. Para além, no ar doirado, a torre quadrilátera de São Gonçalo Garcia,¹⁰⁹ rósea na sua calíça, erguia a cruz de ferro do seu ápice piramidal, leproso de bolor. E, na quietude das aléias, extensos frangalhos de sombra, para longe azulentos, os mais perto violáceos, manchavam o amarelo brilhante do chão que, em trechos, cintilava como esmeril. Na volta farta de um gramado, ao fundo, tombavam flores jaldes de "algodociro-da-praia" como se um enxame de borboletas poisasse no estendal verde, banhando-se na luz... Depois, mais longe — canto de paisagem para a folha dum álbum — toros lascados de ponte, ribas cuidadas de lago, um retiro dulçoroso de sombras idílicas, a fazer-se procurado para o cálido murmurar segredante das promessas, na permuta dos beijos...

Adormecia no isolamento do parque a paz mormaçosa da canícula, que o cicio fanho de uma cigarra, irrompendo da calma de fronde próxima, impregnava da indefinida tristeza das separações recordadas, tão sugestivas e dolentes na serenidade dos ermos, nos remansos bucólicos da natureza! Co-

pas de arbustos pendiam abatidas à causticidade do sol que feria, no verniz dalgumas folhas, golpes faiscantes de aço; e, monótona, sempre no mesmo rolar intermimo, uma escassa corrente d'água batia de queda em queda, soluçando pelos pedregulhos bojudos da cascata.

Vagarosamente, nesta quietação verânica, sem pôr os olhos em alguém, sob um céu brilhantemente azul, apontou na su'alma uma dolorosa saudade, que lhe foi alquebrando as forças, num enfatiamento de desengano, em cujo desdobrar cresciam nostalgias lentescentes, doridas crepitações recordativas, como se ele se finasse num desterro, em região inóspita, entre hostilidades de gente inimiga e cruel. Tudo, para ele, se resumia em abandono. Tudo! As suas amizades dispersavam-se, levadas pelo destino que se lhes opunha à durabilidade; as suas ilusões desabavam monótonas e minguidas como aquela pobre corrente d'água que ia rolando e gemendo pela aspereza das pedras.

Inesperadamente, a areia estalou. Um piso forte de sapatos triturava o saibro d'alameda. Camilo voltou o rosto. Era um indivíduo ruivo, batendo o passo sob o *foulard* creme dum pára-sol; na clara mancha da sua alegre *toilette* percebera a correção e o asseio dum londrino. E, numa associação brusca de idéias, surgiu-lhe à lembrança o Melo Castro.

Sim, há que tempo, bom Deus, o não via! Nunca tivera por ele grande afeição, sentira mesmo um instintivo desagrado por seus exageros de vestuário, pelo feminismo dos seus costumes, por seus impulsos eróticos; mas, afinal, o Melo não passava de um pobre-diabo de maníaco, frascário e adamado, sem peçonha nos intuitos. Fora sempre um materialão, a gozar a vida animalmente. De resto, era um humilde d'espírito, que correspondia às suas injustas agressões com impertinente simpatia, incalculado e afetivo. Viera-lhe, nesse momento, um desejo de ver o Melo Castro. Tinham-lhe dito que ele estava de guarda-livros numa *Destilação*, à entrada do Areial. Seria perto, alguns passos para diante, que a rua era curta.

Levantou-se. E logo, pouco distante do portão, para além dos muros dum quartel, avistou uma grande tabuleta pendida sobre o arco de escancara-da porta-cocheira.

Talvez fosse lá.

Junto da calçada, pesado carroção estacionara, recebendo a carga de barris, que um homem imundo rolava sobre paralelos varais em diagonal; outro homem, cujo torso hercúleo modelava-se sob a meia nodoenta duma camiseta sem cor, trepado no estrado do veículo, tomava da carga entre pulsos cabeludos, arrastava-se com ela, congesto do esforço, para colocá-la em or-

dem. Sem dúvida, era esse o armazém onde Melo Castro ganhava a sua vida.

Apenas Camilo pisou o asfalto da loja lobrigou, pela portinhola de um velho biombo de vinhático, a cabeça loira de Melo Castro.

— Ó Melo!... pode-se entrar? — perguntou, surpreendendo-o.

Melo Castro desgrimpou-se de um alto tamborete, açodado, risonho, berrando uma exclamação que ecoou na profundidade vazia do armazém.

— Olá! Quem é vivo sempre aparece.

E veio recebê-lo nos braços.

Estava sem paletó, com a sua frescura de asseio e disciplinado. O bigode loiro reluzia de *brillantine* e das suas roupas, do seu cabelo bem alisado em placa sobre a testa, exalava-se a volúpia duma fina essência de heliotrópios brancos. Os mesmos exageros antigos acentuavam-se com esmero — o colarinho aporcelanado de amido, o peitilho imáculo e rígido, um inexcédível nó na bela gravata de seda grenate-carbonizada preso no termo d'abertura da camisa por um colchete de prata, as mangas, sem punhos por cuidado, suspensas a elásticos, um brilho de baile nos botins.

Camilo sorria-lhe, a repetir:

— Sempre o mesmo... guapo, feliz!... Sempre o mesmo!

Melo Castro retorcia o seu acariciado bigode, e, no mínimo da destra, um argolão de oiro fosco irradiou as facetas de uma safira.

— E você que me conta, que há feito?

Camilo grimpou-se ao penilongo tamborete da escrivanhinha, olfatando com o nariz no ar o cheiro tônico d'aguardente, que errava pelo espaço sombrio e cheio de recolhimento. De quando por quando, um bafio acre de fermentos evolava-se, toldando a emanção sacarina da cachaça.

— Ah! se o pobre Alves Pena estivesse vivo e descobrisse esse refúgio!

— Abandonaria os *seus artistas* para viver com os *seus tonéis* — concluiu o guarda-livros, abrindo a cigarreira. — Vá lá um cigarrito.

Entraram, então, em palestra, recordando o “velho tempo”, falaram de Agrário. Melo Castro disse que sabia notícias dele pela família. Fixara-se, definitivamente, em Paris, depois de ter vadiado por Lisboa e Madri. Segundo as informações ele freqüentava o *atelier* Gerôme, mas pretendia outro mestre e até o fim do ano seria possível que se passasse para o Cormon ou o Rochegrosse...¹¹⁰

Fora, para os lados da porta, houve um arranco de animais atrelados. Rodas ringiram, entre choques de ferragens. Um chicote estalou. E do fundo do armazém um matracar de tamancos veio reboando no silêncio da extensão, como num fundo de cava. Uma voz cantou:

— Ó sór Antônio?... psit!... Ó sór Antônio?...

O matracar passou, mais áspero, e a voz perdeu-se na rua.

— Homem! — recordou-se subitamente Melo Castro. — Você sabe? A Henriette foi para Pernambuco.

Camilo empalideceu, arregalou os olhos, fixando-o:

— Que dizes?

— Sim, a Henriette. Pois você não sabe?... Partiu, há quatro dias... partiu para Pernambuco.

— Homessa! — interjectou o rapaz, entontecido com a novidade. Desceu do banco, parou em frente do Melo.

— É o que lhe digo; sim, senhor. Eu li, há quatro dias, em uma lista de passageiros. Henriette Élise Fernier, não é o nome dela?

— É.

— Pois, então, se as Henriette Élise Fernier aqui não pululam como pulgas, foi ela em carne e osso, talvez com mais osso do que carne.

Camilo chupava devagar o cigarro, o olhar esgazeado para o guarda-livros, e mentalmente debatendo-se num vortilhão de idéias. Mas, não sabia que dizer.

E Melo Castro, a despejar aromáticas fumaraças de tabaco turco pelas narinas:

— A mulherinha não achou outro tolo que a quisesse, foi para o Norte dar o que roer aos esfomeados.

Camilo sorriu amarelo, atirou-se numa cadeira, aniquilado; porém, cobrando forças, num movimento de indiferente abandono esteriçou as pernas, cruzou os pés.

Os tamancos matracaram outra vez, foram passando, reboando, perdendo-se no fundo do armazém.

E, como se lhe não impressionasse a notícia, volveu Camilo:

— A propósito, diga-me cá, ó Melo! Que há por aí de boas mulheres?

— Que há? Está tudo numa miséria. Se as cousas continuam por esse modo, o código penal tem de ser reformado, porque está iminente uma pilhagem à moralidade das famílias. Será um horror!

— Ao contrário. Uma delícia, ó Melo! uma delícia! Tu montarás um harém.

Melo Castro sorriu, deleitado, prelibando a possibilidade da pilhagem fantasiada.

— Tens razão. Seria uma delícia! Por mim já tenho de olho umas duas.

— Duas? Qual, histórias! Tu realizarias o ideal do *Bardo*, substituindo-

lhe as intenções¹¹¹ — descarregou-lhe Camilo; mas a tortura continuava a macerar seu espírito. Ainda por instantes, uma réstia de claridade faroleira penetrou no seu tormento — pensou num engano, outra de igual nome, novidade falsa para conseguir confissões... No entanto, Melo Castro assegurava que lera nos jornais, vira aquele nome na lista de passageiros de um navio! Entrou numa agitação nervosa, ergueu-se para dissimulá-la, passeou o pequeno recinto do escritório, esteve a notar a velha pêndula de pesos com o seu mostrador d'esmalte lascado, onde um sol de carão alvar parara entre flocos de nuvens; cantarolou o quer que fosse, queixou-se do peito, das suspeitas de uma hereditariedade tuberculosa, do calor, do seu ócio de desempregado... Mas, a novidade espinhava dentre suas idéias, rebentava para fora da confusão em que o seu espírito se envolvia procurando iludir-se. Volveu à cadeira e, a refestelar-se, destemperou em chacota o que lhe vinha aos gorgomilos abundando em fel:

— E Melo Castro — disse ele —, que me contas do Silvano? Por onde andará aquele lorpa, que jamais tive vômitos com a sua caraça?

— Dizem que está barão. Se me não engano — Barão das Cangalhas... ou Cangotas. Ora, espera que já me lembro...

— Das Cangalhas! É boa.

— ... Ah! sim, Barão das Cangostas. E casou no Pará.

— Estupendo tudo isto! Esta terra é extraordinária, é assombrosa em ineditismos!

De um salto despegou-se da cadeira. Veio para o guarda-livros arrevesando uma careta com sarcasmos a estouta novidade. Achava o casamento do cambista de um pitoresco inaudito, à vista do muito que teria de hilariante esse par brasonado, cujo cavaleiro era nada menos que um suíno bípede, uma caricatura irresistível.

Melo Castro concorreu, também, com suas pilhérias obscenas para ridicularizar o Silvano, curioso por saber de como ele penduraria a coroa na cabeça. E, ruborizado de alegria, carregava nos comentários com picarescos de bordel. Mas, por antigo despique, ocorreu-lhe dizer mal de Henriette que se deixara conquistar por aquele parvo.

Camilo raspou um fósforo, contrariado. Ele a fugir da recordação e o Melo teimando em arrastá-lo para o suplício! Acendeu outro cigarro, tragou lentamente o fumo e soprando-o, de lábios em beijo, sobre o lume:

—... Com que, então, andas desesperado da sorte? Não há mulheres.

À pergunta de Camilo, e por lhe ser agradável o assunto, o guarda-livros distraiu-se do seu restante rancor por aquela interessante rapariguinha que

agitara, inconscientemente, a alma de tantos rapazes. Subiu ao seu tamborete, tendo logo o cuidado de repuxar as calças sobre as coxas por causa das joelheiras, e enveredou, desassombrado, pela palestra prazerosa. O outro fazia esforços para acompanhar-lhe a narrativa, queria esquecer-se daquela penetrante notícia, martirizadora, envolvendo-se no desenrolar visguento dessa dissertação canalha.

Quando Melo Castro estacava, sem expressões, todo radiante de prazer e num gesto lânguido corria os dedos sobre o bigode, fazendo reluzir a pedra anelar, Camilo socorria a sua pobreza espiritual, completando-lhe o pensamento, prestemente lhe dando outro tema em que ele pudesse bordar a imoralidade de suas imagens, para que o silêncio não viesse nutrir essa desesperante dor duma ingratidão, rematada pelo frio cálculo de uma fuga escarnecedora. Houve um momento que lhe pareceu ter se esquecido de tudo, tanta concentração conseguira em ouvir Melo Castro; mas este, por um acidente, por um acaso aproximativo em que o nome duma barregã recordara o de Henriette, retornou ao seu ódio.

Camilo disfarçou um rilhar de dentes, e não se pôde conter:

— Diacho! Estás impressionado com a rapariga. Ora, dize-me cá, tu lhe tens birra ou isto é um resto de despeito?...

— Despeito! — expectorou Melo Castro ofendido. — Despeito! Pelo amor de Deus, seu Camilo, faça-me um pouco de justiça. Pois você julga que eu lhe guardo ódio por ela se ter metido com Agrário? Que esperança! Olhe, se eu tivesse tido verdadeiro interesse em possuí-la, ela seria minha, minha como foi de Agrário e não sei de que mais sujeitos... Teria sido minha! que outras, mais pintadas, têm caído como “patinhos tontos”. Não a quis, não gosto de mulheres loiras. É como se me dessem cardos à sobremesa de um banquete. Não lhes acho sabor.

Melo Castro falava com todo o seu desplante de azevieiro, sem perceber os espinhos venenosos que levava ao coração do moço. O antigo rancor de preterido viera-lhe, instantâneo, neste incidente de recordação dum passado por onde ele escoriara a sua vaidade de conquistador, diante desta testemunha do seu insucesso que lhe parecia humilhante pela suposta existência da sua inferioridade. Entretanto Camilo sufocava, ao ouvir estas frases que lhe penetravam no coração, agulhando-o impiedosamente, e, sem argumentar com ele para não alongar o seu próprio martírio, arrependido já de o ter provocado, procurava, aflito, uma oportunidade para desviar a palestra sobre outro assunto, mas completamente outro, que o fizesse esquecer.

Melo Castro continuava a blasonar de irresistível, descabelando em ri-

dículo de alcouce a loirinha da *Pension Beaumont*. Por fim, teve uma pausa. Ah! terminara o desabafo! Mas, não; puxou fogo ao cigarro e redobrou em provas das suas vitórias de amor, em desprezos assoalhantes por Henriette.

Lento, grave como um relógio de torre secular, a velha pêndula gongouou cinco horas.

— Xi! que demora, meu Deus! — inquietou-se Camilo. — Vou-me embora, Melo Castro. Até breve. Até um dia...

— Não. Espera... — quis o guarda-livros retê-lo, seguir-lhe ao encalço, a gritar. — Eu também já saio, iremos juntos.

Mas Camilo escamugiu-se, afirmando urgência de um negócio e correu rua fora, levando a perseguição daquelas malditas palavras a rodomoinharem nos seus ouvidos.

Por longo tempo caminhou a esmo, sem parar, num passo de marcha forçada, intimamente batido pelas lufadas duma noite negra, que subjugava todo o seu espírito.

Em meio duma praça relanceou o olhar para reconhecê-la. Estava em caminho do Livramento. Fez-se-lhe, nesse instante, um clarão percuciente no espírito, a caligem tempestuosa desfez-se, caiu repentinamente, deixando-lhe a alma numa desolada vastidão. Que fazer?...

Pretendeu retroceder, mas breve mudou de intenção. Deveria seguir, era-lhe forçoso ir à casa da Don'Ana, saber de tudo, informar-se, conhecer a verdade, resfriar a angustiosa febre que o desvairava.

E querendo moderar os passos, continuava apressado, aos encontrões, mastigando numa irritação a ponta apagada do cigarro.

XX

Quando Camilo chegou ao Livramento batiam seis horas. A Don'Ana o recebeu à cancela, com dous vincos de desalento na rechupada boca amargosa.

— Madame? — perguntou Camilo secamente, sem a saudar.

A velha esbugalhou os olhos turvos para ele, admirada:

— O senhor não sabe?... Madame foi para o Norte, há quatro dias.

— Para o Norte?

— Sim, meu senhor, para o Norte, com o Senhor Doutor Heráclito. Há quatro dias.

O moço encasmurrou, a olhá-la, desprovido de palavras, como se ouvisse esta notícia pela primeira vez. Entraram ambos num embaraçoso momento de mutismo; mas, para romper o silêncio que lhe aumentava a ânsia, Camilo agarrou-se a uma espontânea pergunta estonteada:

— E não deixou nada para mim?

— Que me fosse entregue, não, senhor. Mas, se o senhor quiser subir ao sótão... Ainda não pus as mãos em nenhum objeto... Madame não levou senão a mala... Pode ser que lá encontre algum papel, alguma carta...

Camilo subiu, acompanhado da Don'Ana. A entrada nesse aposento dava-lhe uma comoção. De relance abrangeu a saleta, ainda com as suas cadeiras de faia, uma poltrona-ripanço de marroquim que ele tinha comprado quando a rapariga começou a convalescer, a mesa defronte duma das janelas com o seu vistoso pano novo por suas próprias mãos ali estendido, a mesma pilha de brochuras, o vaso de Caldas onde Agrário recolhia os pincéis, que os seus cuidados substituíam por flores...

Um bafo morno de resguardo dormia no ambiente, aumentava o aspecto soturno das paredes, o desamparo desolado do pequeno espaço. O olhar de Camilo errava por tudo aquilo, à procura de algum bilhete, dalguma carta, que lhe dissessem o motivo dessa *fugida*, que lhe trouxessem o bem insignificante consolo de umas lágrimas de vexame, e foi, lentamente, parar na porta envidraçada do dormitório, onde os empoeirados transparentes de musselina lhe recordavam seus dias de desejos, as vigílias de enfermeiro, uma manhã de estragante timidez, quando ela viera cansada do passeio mudar os cretones,

despindo-se a dous passos dele sem o recato de se trancar, desafiando os seus impulsos de moço!... E uma opressão confusa, de viuvez esponsória, de promessas irrealizadas, cresceu pela sua alma, como uma letargia de cloroformização.

Enquanto a Don'Ana desferrolhava as janelas, Camilo penetrou nesse pequenino quarto que fora o ninho venturoso de Agrário!... Fazia-se, aí, uma saudade de luto, a custo escoada pelos interstícios das gelosias, e nesta tristeza de cousa terminada, de penoso apartamento brusco, a larga cama de vinhático tinha o quer que fosse de fúnebre com o seu colchão de linho escuro enrolado sobre as delgadas rexas do enxergão. De um cabide pendia pelos atacadores um colete cor-de-rosa, estafado de uso; um ferro d'armação quebrado feria o estofado, encrostando de ferrugem a cisura num coágulo de cicatriz; manchas de suor escureciam a velha rendilha das bordas axilares.

E já, numa atração, o olhar apegara-se a este colete, fascinado e examinador, seguindo por inteiro o seu desenho, notando em minúcias a sua confecção, a trama e o colorido do pano, procurando nele o corpo dessa criatura que lhe fora sempre inacessível e ardentemente amada, íntima e estranha. Seguia, meticulosamente, todos os detalhes, adivinhava os mais insignificantes contactos. Os dous reduzidos ninhos dos seios ainda conservavam a cor primitiva, um róseo forte de cochonilha: era a única parte conservada, a única a que a transpiração não impregnava do seu corrosivo excitante, do porejamento oloroso dessa carne deliciosamente linda, dessa carne viva para sempre no seu espírito. Ai! talvez para todo o sempre viva!... banhando-se na luz da sua visão, surgindo nos relâmpagos dos seus sonhos!... E logo por seu olfato hiperestesiado entranhava-se o aroma finíssimo, de tão longe que vinha, de tão recordativo que era, penetrante e embriagador, que à quintessenciação dos seus sentidos se decompunha, analiticamente, requintadamente, em concentradas gotas de gardênias enlanguescidas caídas devagar, a pouco e pouco, num vaso de cristal opalino onde se estagnasse, numa serenidade lúgubre de hemoptísia¹¹², o líquido negro-sangüíneo — que a cada gota se arrepiasse numa absorção rubro de brasa, em círculos concêntricos de fosforescências sulfirinas, rapidamente apagados em translucidez de roxos plúmbeos — de uma maravilhosa infusão de quentes, aveludados pétalos de *príncipe-negro*, a tentadora rosa do orgulho triunfal do Inferno! Gradativamente este perfume singular de sedas sobre corpos de prazer, essoutro perfume de beijos que, às gotas, se lhe juntava, fundiam-se num fluido aromal, afrodisíaco e sugestivo, que se lhe ia infiltrando na imaginação, envolvendo-a numa preguiça enroscante de serpente de fumo, lentamente inflamada, transformada em labareda, em fogo

errante, dum brilho sortílego de venenosas plantas ardendo. E, gradativamente, o aroma fazia-se som, a alucinação d'olfato desdobrava-se numa alucinação auditiva, evocando uma linguagem invocalizada, um expressivo astral, todo transmitido, imperceptivelmente, de um corpo inanimado para a corrente simpática de uma vitalidade, como se este objeto repudiado, este resto desprezível de utensílio terminado, se lhe comunicasse, compreendendo a saudade que o enfermava, também queixoso como ele, também como ele apaixonado, repellido pela ingratidão, vencido por *outro!*... Dir-se-ia que este objeto sofria com uma alma, vivia na consciência dos espirituais, porque a sua materialidade ficara cheia da sua vida, a recordá-la, a falar dela; e tudo nele, as barbatanas flácidas, as reles rendas manchadas, os esfarripados atilhos, o tecido destinto, tudo que era o seu organismo, o conjunto do seu ser, vivia com o corpo ausente de Henriette, falava do seu venúseo ventre que comprimira, dos seus roliços braços que tinha amparado, por vezes, nas flexões do busto, pela cabelugem doirada das axilas; dos seios que guardara, da sua cinta a que se cingira, a que se estreitara tão longamente que lhe tomou a curvilinidade anelar, o calor da sua epiderme, o cheiro dos seus poros...

— É como o senhor vê, Madame deixou todos os trastes, abandonou tudo...

Veio despertá-lo a voz fanha e lamurienta da locandeira.

Camilo arredou-se do quarto, sem responder à mulher; ela, porém, ronroneava chorosa, a indagar, admirada:

— E o senhor não sabia?...

Acompanhava-lhe os passos doentes, quase a ombreá-lo, os braços humildemente cruzados sob os mirrados seios:

— E esta!... o Sr. Prado não saber!

Depois, abriu a fazer considerações sobre a moralidade da sua casa, a queixar-se dos prejuízos que ameaçavam-na... “Com a retirada da Senhor Doutor Heráclito, com a retirada de Madame, era o sexto pensionista que perdia! Tinha-se ido a senhora grave, de aspecto de irmã-de-caridade; foram-se os três moços estudantes, entrados em férias... O tempo mau do verão aí vinha...”

Parou, por fim, levando o olhar para a grande extensão do panorama fronteiro, onde Camilo pusera os olhos, absorvido.

A noite baixava lentíssima. N'oriente desaparecera de todo a reverberação vermelha do ocaso, fizera-se uma suavidade de meia-tinta grisenta, mergulhando em tristezas de afastamento incalculável os serenos planos marinhos, a dureza ponteadada da serrania, a descida saudosa do horizonte...

E, incontado, varando o silêncio, passou, tremendo, um lamento. O ar quieto toldou-se da ondulação desta dor. Após, numa lentidão d'arquejos, viram outros soluços cavos e mugidores, sucedendo-se, ora graves e angustiosos, ora desvairados e agudos, e iam para as vastidões, repassados de uma dolência infinita, de uma aflição irremediável, desentranhada, doloridamente, dos recônditos derruídos de um titã moribundo.

Camilo reconheceu o solo de oficlíde — a *Gondoliera*. Esta música atravessava su'alma, despertando por ela os ecos gementes da sua ruína. Ouvira-a, pela primeira vez, uma tarde, quando a sua paixão era apenas um bacilo, desconhecido, que o tinha vencido, de improviso, numa invasão mórbida; depois ouvira-a durante a convalescença de Henriette, em horas fugitivas das quimeras do Amor, em que foi aranhando a tecedura irisante do *que veria* entre lentejoulamentos dos róridos cristais gotejados do Floreal surgido!... Ouvira-a neste momento, sem dúvida pela última vez, doendo no ar, remoinhando vagarosa, ondulante pela taciturnidade da noite que descia... Ao derramo dos lamentos um halo espraiava-se lá-baixo, transformando-os em luz vaga e anunciadora, que se alongava nas alturas... E foi-se alargando, fendendo o azul carregado e velho, té que o plenilúnio apontou disforme, fantástico, erguendo a sua *calotte* acesa, triunfal e poderosa, como o elmo brunido de um guerreiro, refletindo o incêndio de uma cidade conquistada. Pouco a pouco, a *calotte* cresceu, desfigurou-se; um grande disco candente subiu devagar pelos espaços com o peso lento do seu clarão sem chamas, tal se surgisse, monstruoso, das entranhas da terra, emergisse dos intermundos, manchado da carnificina dos sacrifícios, das pavorosas hecatombes das ambições. Em derredor, uma claridade levíssima de sangue delido, aureolava-o, envolvia-o na piedade de todas as lágrimas, de todas as angústias dos dramas Humanos, glorificando-o com o suave resplendor das Resignações, seguindo o seu caminhar ovante, acompanhando-o para o batismo lustral dos nimbos. E subia, e subia sempre, solene como uma oferenda erguida pelas mãos invisíveis das Dores...

O solo de oficlíde mugia mais enfermo. Nesta desolação, o doloroso arrancar de suas notas trêmulas parecia ser a própria Terra, agonizando nos seus mistérios, quem gemia, sacramentando-se diante da hóstia levantada pelo Sofrimento; e o plangente mugido, profundo e inconsolável, enchia os céus, os ares, distendia-se pelos mundos em fora, desdobrava-se para as regiões de outros astros obscuros, como o *Miserere* de uma confissão suprema, acompanhada pelo *Kyrie* fúnebre da Desgraça...

Fizera-se noite.

Então Camilo despertou.

— Bem, Senhora Don'Ana, até um dia...

— E os trastes, meu senhor? — ela ganiu, estendendo os moles dedos para o rapaz.

Os trastes?! Nem já se lembrava que Henriette os abandonara. Encolheu os ombros, numa dúvida. E logo, com desdém:

— Eu lhos dou, à senhora. São seus.

Desceu. A cancela bateu ao esmorecer de seus passos. A voz da Don'Ana lamuriou ainda, num siflo de asma:

— Muito agradecida, meu senhor. Deus lhe ajude... E não se esqueça desta casa, moralidade só aqui...

Camilo não atendeu mais à lamúria, tinha abalado pela rua silenciosa. Os lampiões começavam a chamejar; nos meios quadros escuros das *rótulas* difundiam-se brancuras de busto n'alcatéia dos idílios. Uma tristeza pesava.

Henriette enganara-o... Enganara-o, calculadamente e má — pensava ele, a caminhar, batendo os tacões pelo isolamento das calçadas, sem rumo. — Havia muito tempo que ela entretinha relações com o Doutor... Sim, deveria datar de muito tempo este amor, porque uma resolução, como a que ela tinha tomado, não acudia inopinadamente. Com Agrário fora o mesmo. Ao princípio partilhou com ele o leito do cambista, tomou-o para seu *preferido*, o eleito do seu coração; depois, quando as cousas estavam combinadas, os recursos considerados, as provisões feitas, ela entrou suas camisas e fugiu. Era o mesmo processo... com a diferença de que ele...

E sacudiu, colérico, a cabeça. Para que revolver a sânie?... para que recordar o seu ridículo?... Mas, como fora desleal, como fora ingrata aquela mulher! Nem uma carta, fingida, que fosse!... agradecendo-lhe as dedicações e os carinhos; nem um bilhete, ao menos quatro, duas linhas, um “adeus, meu infeliz amigo; perdoa-me”. Nada! Fugira perversamente, com um desprezo ultrajante, abandonando-o da mesma maneira que abandonara o cambista e abandonara seus trastes!

E, mergulhando as mãos nos bolsos, estugou o passo, resolvido a esquecer o desfecho desta farsa por onde flutuara, enganadora, uma bruma esmeraldina de pureza e de amor. Passos adiante, o fantasma impertinente da recordação voltou, favorecido pela sombra e pelo silêncio. Já não recriminava Henriette, enregelhava-se no seu vexame de fraco, acurvado sob o peso do sentimentalismo. Todo o mal viera dele, dele que poetizara numa candidez de lirismos essa rapariga batida dos rebanhos de Vênus, dele que se atrelara aos incoerentes sacrifícios de uma manutenção espontânea, sem responsabili-

dade que lha obrigasse; dele que se reduzira ao ingênuo platonismo dos inexperientes e dos imbecis!... Ele, só, era o causador deste tormento, que se desencadeava sobre si mesmo. Então, que loucura tinha sido essa de avivar e purificar uma flor fanada do vício? Que pretendia ele fazer dessa mulher?...

Ganhara, sem perceber, as ruas estreitas e abafadiças do comércio, no antro da cidade lóbrega.

Sobre as lajes dum passeio estendia-se o clarão do farol duma cervejaria. Camilo entrou. Apenas alguns bebedores sonhavam em frente dos seus chopos resfriados. Ao fundo, um alemão, grande como uma coluna e forte como um touro, repassava, preguiçosamente, um trapo negro pelo mármore do balcão.

Camilo bateu:

— Um chope!

A coluna possante moveu-se, trazia a camisa arremangada. Depositou o chope diante dele, e retornou, pisando firme. O encruzamento dos suspensórios traçava-lhe, nas costas, um grande Y vermelho.

Sim, ele era a vítima de si mesmo — continuou Camilo a ciliciar-se no solilóquio mental. Mas, nesta decepção, compreendia a fatalidade do seu destino, esta idiossincrasia de que nenhuma responsabilidade poderia ter, purgando os defeitos ingênitos e as heranças consanguíneas que um momento de prazer animal, de funcionamento fisiológico tinham depositado na integralização do seu Ser. Ainda sobre estes elementos, viera completá-lo a direção moral de uma pálida mulher romântica!... Como lhe era doloroso este inquérito! quanto lhe doía nas mais íntimas fibras da sua vitalidade esta terrível consciência de se reconhecer! Depois, entrando em calma, aos primeiros sorvos da bebida, sobreveio-lhe, tranqüilamente, uma nítida análise do que fora deixando pela mocidade. E só sofria a inutilidade em que passara, o desperdício de suas forças latentes, sem as ter aproveitado numa grande idéia, numa grande causa, que o tivesse envolvido na túnica dos mártires, na legenda dos fanáticos. Certo que este desperdício não provinha da sua educação sentimental, não resultava dos impulsos do seu temperamento, fora um desvio moral... talvez uma falha de compreensão. Talvez. Deveria ter sido uma falha de compreensão da vida, ou de seus interesses. E para explicá-la tinha ele a agitação do *Zut*. Quem havia criado essa revolta? Quem a fizera?...

À pergunta que seu espírito lançava a si mesmo uma mudez de vexame caiu, angustiada como uma confissão que se acovarda.

Por momentos esteve, indecisamente, a notar a fila das garrafas rotula-

das na parede do fundo, o sifon niquelado dos chopos; uma cabeça germânica, de velho, que meditava em postura de modelo acadêmico. A coluna alemã, formidável na sua bruteza física, lavava copos numa selha de zinco.

Mas o seu espírito voltou à recomposição dos ideais desmoronados. O caso do *Zut* surgia-lhe impertinente e relutante. Era, em suma, o seu passado, um entusiasmo da su'alma de moço, da sua endoestesia de artista. E afigurava-se-lhe todo um ideal perdido, o rumor terrível de uma reforma que abortou... Por que não persistira ele nessa revolta?... por que se não armou cavaleiro andante dessa aspiração? grotesco embora! Se houvesseampeado resolutamente, posto que hilariante com o seu elmo de ensaboar barbas, teria feito pasmar os rudes, que são a força coletiva que não medita; teria assombrado os *práticos*, que são a conveniência que não combate. Na caricatura de Dom Quixote existe o paradoxo da seriedade...

Entretanto, quando o primeiro assobio siflou, ele perdeu a coragem da resistência, e, como um deus de farsa, varrido do Olimpo, correu atarantado, arrepanhando à pressa a esburacada clâmide soberana, expondo ao vento rebelionário os canelos cabeludos, espalitados de velhos botins sem meias! A rebeldia debandou em surriada feiral, cruzaram-se os gritos da troça desembestada — *fora, os garatujas!... fora, os garabulhas!*...

O epíteto poderia ter esfuziado e cairia chocho, se todos eles, unidos por uma Fé, estreitados por um Interesse houvessem anteposto à chacota o esforço comum de suas atividades, a energia repressora das suas convicções. Mas, nem Fé nem Interesse! houve unicamente o ruído alegre de rapazes que se insubordinam contra os estatutos de um curso absoleto¹¹³, contra as exigências casmurras de uns pobres mestres desiludidos... E logo ele, que não sabia também o que queria; que, nem sequer, tivera a vulgar habilidade de criar uma posição para si próprio e fora um jornalista sem notoriedade e um artista sem profissão; ele, vadio romântico das tristezas, alma proscrita pela infelicidade, condenada às aspirações incompreendidas, sentindo-se repellido pela ferocidade de uma multidão bárbara e soeza, obrigado ao convívio dos violentos e escandalosos, gente que só tem olhos para o rubro, tacto fruste de campônio e emocibilidade comum de primitivo; ele, zíngaro sem bandeira, sonâmbulo como os trovadores dos solares medievos, pretendeu abrir a sua tenda de lhama e seda entre esse manso grupo de simples e bons, que tinha o seu caminho demarcado e seguro!... Fizera-se peste, contagiou a alma sã dessa gente com a febre inquietadora da sua doença d'espírito — uma nebulosa intuição supercoeva do que estava para vir — a antevidência desse atormentado Moderno que vai, num deslumbramento de demência, seduzindo os Cláudios

Lantiers¹⁴ da Nova Era... Teve nisso uma perversidade de enfermo incurável a deliciar-se, secretamente, com o mal que pode transmitir aos ilesos nos menores contactos da imprevidência, nos mais insignificantes esquecimentos da profilaxia! Gozou cruelmente desse desvario, alimentou-o com o calor de seus exageros, envenenando a alma desses bons rapazes com as suas profecias de agitador, iludindo-os com os seus elogios, com os seus aplausos que, no tumulto das inovações, pareciam trazer austeridade de um Superior, a sanção dos Supremos... Era irrisório! Talvez mais triste e comiserável que irrisório, pela fatalidade que arrastava! Quantos enganos!...

Nisto se resumia o escombros do seu tempo. Era isto, positivamente, o que restava de uma época de ilusões.

E, entre eles, houve um que vencesse, não pela resistência do mérito, mas pela persistência do interesse. Fora Agrário. Ele soube aproveitar-se da agitação para levar o seu nome aos que o ignoravam; pavoneou-se de caudilho dessa revolta de que gracejara, fez-se vítima para a simpatia do apoio comprovinciano, essa força espontânea de proteção que se manifesta nas coletividades como o atavismo típico das tribos; e enquanto os companheiros arfavam, em busca da luz, que as incertezas amorteciam, ele ia, suavemente, alcançando terra firme, numa volúpia de músculos excitados pela leveza das águas tranquilas!... Mas, por que recriminá-lo?... com que fim desluzir o bom êxito da sua sagacidade, ou... — quem sabe — do seu valor?... Agrário fez o que faria qualquer homem movido por uma idéia promissora. Não foi um futuro que ele conquistou?!... Se outros não tinham alcançado o mesmo resultado, se se deixaram vencer pelo desânimo e pela impotência, era-lhe isso mais um argumento favorável; pelo menos ele teve atilamento, soube aproveitar o seu tempo. E a vida é para as raposas e para as feras — ou se abocanha pela esperteza ou se agarra pela força...

Passou por seus nervos um arrepio uivante de desalento, agudo e mau como uma lufada de neve, e fólculas saudosas tremeram na su'alma, desprenderam-se, vieram cair melancolicamente nas suas amarguras de vencido.

As nevralgias torácicas recomeçaram. Tossiu rouco, desobstruindo os brônquios.

— Psit! ó senhor?... — bateu o copo no mármore da mesa. — Um chope!

E acolheu-se à meditação, no seu canto de cervejaria, alheio ao vozear dos bebedores, que crescia na sala. Três músicos tinham entrado, um velho dedilhador de harpa, de perfil militar do Segundo Império; um flautista, anguloso e comprido, e um *quasimodo* ruivo, com ares esconsos de vesânico,

que tocava rabeca. O poderoso alemão pisava convicto, servindo profusamente cerveja brau¹⁵.

Camilo voltou a considerar o procedimento de Agrário, a quem ligava as utopias desse passado. Afinal, concluía, ele fora levado pelo seu destino para o que deveria ser, fatalmente. Tudo concorrera para esse resultado, as circunstâncias vieram, imprevistas, escorrendo para um dado ponto, criando recursos, acomodando oportunidades. Agrário pertencia à classe dos que nascem moldados para *viver*, dos que não conhecem obstáculos. É desse meio afortunado que surgem os Telésforos de todos os tempos, onde o oficialismo encontra a sua substância, e a regularidade, o estabelecido, o sancionado fundam a sua resistência. Eles são o envoltório das unânimes aspirações dos contemporâneos, e quaisquer que sejam as idéias, a época e o espírito dos consensos, adaptam-se às exigências convencionais com a mais extraordinária precisão. À guisa de uma elástica malha servindo a todos os corpos, esses *Indusias*¹⁶ enfrontam a vulgaridade das aceitações, quer sejam rútilas como os saios dos torneios, quer sejam toscas como o zorame¹⁷ dos vilãos.

Para esses — a Vida. Não lhes faltam ouvidos que os escutem! não lhes faltam olhos que os vejam! Na pompa mineral de suas glórias, Tzar de Kremlins faustosos, entesourando deslumbramentos de ovações sobre a macieza pubescente de capachos de Smirna, na sombra sagrada de lavrados tecidos que o renome estende, em pátio ou dossel, por cima das suas altivas cabeças d'escultura; ou na miséria ostensiva de macilentos noctâmbulos, a fazerem-se tradição do povilêu com lauréis de taverna, eles trazem a disposição inata dos dominadores, cuja celebração nunca empalidece de todo na claridade da Justiça póstera, tantas foram as púrpuras e as suíras que atiraram sobre os seus ombros, tantos os aplausos rugidos em torno dos seus exibidos frangalhos, tal o seu poder de penetração no *Compreendido*, a sua intensidade absorvente do comum, que os séculos e séculos dificilmente, pesadamente eliminam do espírito humano. Têm o estranho lusco-fusco de certos *aclamados*, bossudos de alma, alcijões de corpo, que atravessam a História com a coroa resplandecente dos monstregos cruéis e sanguinários que surdem heróis nos paroxismos da loucura vermelha dos povos...

E parou, a olhar em torno como se houvesse perdido o seguimento de suas idéias. Os primeiros acordes de uma valsa desenovelaram-se no rumorejo da sala.

Depois, voltando ao seu chope, soprou a fumaça do cigarro, com desprezo: Ora!... O que tinha a lamentar em tudo isso, era o seu tempo perdido. Esbanjou a mocidade em grosseiras fantasias de herdeiro rico, foi o que fez...

Mas, no isolamento do seu canto, a puxar fumo ao cigarro, foi-se entregando à moleza da sua crônica melancolia. A sentimentalidade purgou-lhe nos magoados recessos de infeliz, conduzindo-o ao outono das saudades que se ia distendendo dentro de seu ser, cosmoramicamente, num lento desdobrar de recordações amadas, de doces mentiras da existência que a distância violaceou, té este triste abandono de hoje por onde se percebia excluído da ventura, desprezado por seus companheiros, repellido por suas afeições.

E era ele só, só! sem camaradas, desviado da farândola boêmia da Mocidade que vem pela alegria, a pandeiar ilusões, a cantar madrigais, às feiras gritalhonas e cobiçosas da Vida. Pobre visionário!... E, por fim, solitário e pungido, vagando pelos sonhos, parou às mãos de uma mulher que, sorrindo, com uma brejeira interjectiva d'estribilho nas aspas carmesins da boca — *Zut!* — rasgou, esfrangalhou a sua alma iludida. Quem vence a mulher conquista a vida — ele havia dito, numa soturna tarde de confidências. E essa mulher trazida do Desconhecido, que viera lambendo com a orla das saias o trilho das concubinagens; essa, que ali estava, então, a alguns passos dele, à janela de um sótão, entre a página de um livro fútil e as linhas do *crochet*, destruiu com um piparote de garoto a vistosa armadura do seu pretenso schopenhauerismo de pulha!...

A tentação voltava-lhe no fio prateado do pensamento, voltava tenaz e subtil, entranhando-se na mais tênue associação de suas idéias. Camilo percebeu-a, fez um esforço para afastá-la da memória, e, como ela persistisse com as suas recordações, ele procurou distrair-se com o pequeno povo que cervejava. A valsa morria nos últimos ritmos.

O flautista ergueu-se; tinha uma caforina de palhaço e a rijeza duma bengala esculpida; arrebatou d'algibeira um pires de metal e começou a esmolar.

O ruivo apoiara a sua rabeca sobre a mesa, lentamente começou raspar as ventas com a unha do índice, todo ele curvado, giboso, torto, o olhar estrovinhado, sem alvo. Então o velho, unindo a cara vincada à coluna da harpa, dedilhou a estafada — *La donna è mobile* do *Rigoletto*, numa expressão dolorida e íntima.

Camilo ficou a notá-lo. Era um sexagenário batido da sorte, conduzido pelo mundo a murros de infelicidades. Deveria ter rolado para a desgraça um dia, à volta das suas fadigas de *conscrito*. Ao pisar a choça encontrou a lareira úmida, o leito abandonado, a lavoura morta, os filhos entregues à piedade dos vizinhos. Compreendeu tudo. A mulher trescalava as transudações da virilidade, era moça e linda com seus olhos de noites venezianas, com a sua boca

macia e doce como os figos dos pomares da Sicília...

Compreendeu tudo. Alastrou-se por seus olhos uma treva de sangue. E resolveu-se, juntou os molambos, partiu com os pequenos, chorando em silêncio. Que destino tomaria?... Qual a terra de refúgio à sua desonra?...

Uma estrela brilhava, a estrada ali estendia-se rasgando a terra da aldeia, a sumir-se, além... Partiu. Hoje, nos bruxuleios desta alma, deveria vagar a sombra incerta de um corpo prematuramente envelhecido, andrajos de fome e torturas de repulsão, a gemer remorsos, a gemer perdões.

E como ele já não tinha lágrimas nos olhos, chorava por esta cansada e dolorosa ironia do *Rigoletto*, em que punha todo o esforço da sua reduzida arte de harpista valdevinos...

Quando o escanifrado da flauta estendeu-lhe o pires, mudamente e febril, Camilo indagou se o velho era parente.

— *...È mio padre* — respondeu —, *l'altro è mio fratello più giovane...*

O outro era seu irmão mais moço! talvez o nascido do adultério, filho de um bandido das montanhas, lobo das ciladas; talvez sêmen de um rústico carreiro das lavouras vizinhas, animal forte e estúpido... porque aquela caraça soeza e má não tinha as linhas mansas do velho, era um produto de bestialidade, de ninfomania que se oferece a esmo, e da bruteza de uma saciação sexual. Mas, nem ele se parecia com o flautista, nem em ambos transpareciam vislumbres atávicos desse velho!... Ah! mísero tocador de harpa! ah! mísero banido!... *la donna è mobile*, tu o dizes na tua cansada harpa vagabunda, tu choras esta convicção que te chegou, quando o estômago já não podia desprezar a còdea da caridade com o repúdio destes sustentáculos, que arrastaste da tua aldeia às ruas da cidade, aos lajedos das capitais.

... *La donna è mobile*... vai contando a tua obscura história, a que ninguém atende; vai retalhando a tua alma em cada nota dessa esvaída música que a indiferença ouve, mas que um artista soube exprimir por tua dor, pelas dores de todos os que, ingenuamente, padecem e sofrem da mesma ingratidão...

E a música gemia na velha harpa com uma interpretação dolorosa e íntima, passava, varava o vozear da sala como um ganido sofredor de rafeiro gafento, a morrer. De quando em quando, nas pausas da algazarra, a languidez de seus compassos agitava-se no ar toldado e acre, lembrava as faixas de uma grinalda fúnebre desdobradas na aragem, levadas num esquife que conduzem; por instantes, os sons esmoreciam, perdiam-se no ruído das conversas, sussurrando apenas, humildes, pequeninos, imperceptíveis quase. Porém o harpista cingia mais a cara vincada à canelura coríntia do instrumento,

como a comunicar-se-lhe, a sorver-lhe os sons; as engelhas de suas faces cavavam-se mais fundas, o seu olhar doía. E, num desespero, as notas cantavam outra vez mais alto, subiam para o ar num desabafo de ciúmes, difundiam-se pelo quadro do espaço envolvendo o rumorejo impertinente e desdenhoso, fazendo-se escutar. Os dedos do harpista confrangiam-se num tremor, eletrizava-o uma emoção que levantava a sua cabeça militar numa altivez de vencido sob o estalar de uma injúria. A esfarrapada melodia verdiniana criava um vigor impressionante, refundia-se por completo nas mais esvaídas vibrações, como um velho poema que reencontra um novo século de regressões sentimentais.

Dir-se-ia que esse gasto lirismo musical volvia à sua época, encontrava o retorno do seu tempo, tornando-se ardente como uma paixão primitiva, fazendo sonhar, arrebatando a alma, dos que o ouviam, nas nebulosas das visualidades, por onde se esbatem e perpassam as dolentes imagens das tuberculosas fidalgas — cisnes lohengrinescos que bóiam suavemente, que vagam dulcissimamente na quietação cismarienta de lagos azuis, ao clarão azul dum luar mágico, numa gruta de safiras, cravejada de estalactites de diamantes negros, em que sussurram os ecos da inspiração wagneriana... — E na sequência emocional dessa música, pela persistente melodia de seus compassos, ia-se duma a outra região das fantasias, vivendo nos nevoeiros emperolados das longitudes septentrionais, volvendo à contemplatividade apaixonada de paragens quentes. Sucediavam-se as visões, sucediam-se os aspectos. O *ritornello* melódico, suspirante, queixoso, abria na imaginação superexcitada o luar clássico das doloridas paixões meridionais: uma gôndola cortava a corrente mansa, deslizava cheia de mistérios de amor, ao bafo de magnólias da sua câmara de sedas; os muros negros dos palácios projetavam ciúmes negros no polimento do canal e, longe, uma voz cantava... Cantava tão sentida e solitária que parecia soluços de angústias das rapsódias do exílio tremulando no ar, gemendo nas alturas por onde a alma cismadora e doentia de Camilo se embalava, quase adormecida, a pedir em prece, a rogar em cícios a essoutra alma enregelada e desgraçada que prolongasse as recordações, que martirizasse aquele coração para que os dedos do velho êxul não parassem de tocar, não parassem jamais, tocassem sempre, tocassem sempre... sempre... sempre...

E a harpa emudeceu.

Nas glândulas lagrimais do velho reluziu, medroso, o trêmulo de uma gota, mas o escanifrado da flauta entregou-lhe a coleta; houve, entre eles, um segredar de cálculos... E a lágrima recolheu-se, extinguiu-se, esterilizando aquelas pálpebras cansadas, endurecendo o olhar seco e avaro.

Então Camilo indignou-se numa revolta contra aquela dor que calculava, aquela infelicidade que o dinheiro apagava. Teve asco do velho harpista, resfriou-se num nojo por toda aquela gente, que ali estava cúpida e irrefrangível às delicadas emoções de uma saudade, toda ela, como o enrugado banido, esquecendo a alma para contar as moedas da exploração e do negócio... Mas... era a vida! Ele que fazia para viver? Deixava-se arrastar pela sua sentimentalidade, desprovido de recursos, descendo, talvez, para o obscuro fim do Alves Pena, talvez para a tintamarresca loucura do Sebastião Pita. Esgotado que fosse, amanhã, o último sacrifício de sua pobre mãe, a quem a tuberculose vampirizava as forças lentamente, ele seria um abandonado. Nem carinhos, nem amparos! Teria de cair, forçosamente, nessa desbriada mendicância dos incapazes que trotam pelos lajedos, que se esgueiram por entre mesas dos Cafés, farejando os desperdícios da mocidade alegre, porque nem sequer lhe assistia o direito de se fazer companheiro desejado, conviva íntimo, *parasita* consentido, tanto lhe falhava a alegria, para tanto lhe faltava um nome, que honrasse o motivo duma camaradagem... Ah! era preciso viver!...

Subitamente, fez-se-lhe uma claridade no espírito, uma inundação de alento aqueceu-lhe os nervos, revigorando-lhe o organismo e outra vida desdobrou-se nele, mais experiente, mais nítida, mais praticamente vivida, trazendo-lhe idéias claras, desenvolvendo-lhe o pensamento numa justa percepção da existência social que ali se agitava neste aglomerado de raças, que falava por estas bocas de cifras, que se dirigia por estes cérebros de molde, disciplinados no egoísmo, metodizados pela moral flexível que faz o comércio das brutais concessões com o apoio das conveniências, que institui a legalidade das ações pela satisfatória permuta dos interesses... Era preciso viver também, sentir elasticidade nos tendões, rijeza nos músculos, a boa disposição animal do organismo, a coragem sempre pronta, a ardileza prestes, o braço forte contra a terra, a cabeça aparelhada contra o Impossível. Enfim viver!... viver!... viver!... E se a Morte...

Estremeceu num calafrio de pressentimentos, esse terror inconsciente dos que trazem a ressonância das covas abertas na alma roxa, dos que caminham à sombra fria e triste das asas espalmas da segadoura Parca, e, em cada minuto que passa, que voa e se desfaz no vácuo, vão perdendo a vitalidade como as contas desprendidas de um fio, suave e insensivelmente, enganosa e melancolicamente, uma após outra, outra depois de outra, devagar, devagar, em intervalos silenciosos de vésperas presagas, em espasmos de soluços finais... vagorosamente, vagorosamente...

Por que lembrar a morte quando se tem mocidade?...

Mas, é que um dia, partindo a gente, a sorrir e confiada, para o horizonte, sob a manhã clara das boas promessas, nunca mais volta. Que foi?... Muito importa ao mundo a perda de um átomo! Foi uma vida que se apagou. Há uma alma que chora, um coração que se confrange e nada mais... Amanhã, nem essa pobre alma viúva, nem esse mísero coração ferido guardarão lembrança do que se perdeu no lapso de um dia... Ora, a Morte!... Por que se lembrar dela? Quem pode escrever um nome na memória dos homens, abrir as páginas conquistadoras de uma obra sobre os séculos, não se acovarda com a sinistra sombra flamante de uma mortalha agitada. Mas, antes de tudo, é preciso conseguir este Nome, trabalhar nesta Obra...

Então um impulso nobre o arrancou da cervejaria. Numa praça próxima Camilo parou à espera dum bonde.

Havia uma calma de horas tardias no isolamento deste lugar, que o fazia maior e mais soturno. Ao fundo, a mole granítica de uma fonte pública destacava-se ao luar, enorme, severa na sobriedade de suas linhas toscanas; o metal do extenso renque das torneiras reluzia à semelhança de ponteados d'armas que se enristam, atalaiadas. Um monturo humano, aniquilado pela bebedeira, ressonava, enrodilhado nos seus frangalhos, sobre os degraus; trôpegos cães sem dono, famintos e insones, farejavam-no, de passagem, e se arredavam com asco. No dorso da montanha, para o flanco sul da fonte, os muros sepulcrais de um convento tinham, na fluidez luminosa da noite, o silêncio vetusto de arquiteturas medievais. Em frente, o casario feio s'estendia sinuoso e apertado, a arrimar-se, parede sobre parede, aos muros do vasto edifício adormecido do *Café Paris*.

Uma carruagem noturna, de toldo arriado, esperava na sombra que se alongava dos lajedos do passeio ao calçamento da praça. Na quietação ensombrada, as duas lanternas acesas, sob os lados da boléia onde o cocheiro se espojara preguiçoso, brilhavam como bugalhos vigilantes dum monstro agachado; e os cascos ferrados dos muares cabeceantes feriam, de momento a momento, no granito, uma impertinência de sono interrompido.

Lá-baixo, o farol vermelho de um bonde apontou na meia escuridão dum canal de rua, aproximou-se, pareceu roçar pelas paredes soturnas de um enorme prédio d'esquina... e passou levando os retardados nos prazeres noctilucos, os esfalfados do trabalho das redações. Depois, sobre a solidão, rompeu o rumor de ferragens arrastadas, um peso de carroças que rodam. O eco alastrou-se para longe, perdeu-se na calma misteriosa do espaço.

E as horas corriam imperturbáveis, a noite ia rolando para outros hemisférios, enquanto ele esperava ali a sua demorada condução, isolado, desampa-

rado nesta taciturna praça. Tinham-lhe voltado as nevralgias torácicas, já persistentes, mais entranhadas e dolorosas. Um pigarro começou a incomodá-lo, tenaz e enfadonho.

Com o seu habitual movimento de tédio e desprezo, mergulhou nas fundas algibeiras das calças as mãos nervosas, entrou a passear o lajedo do Hospital de Francisco de Assis, devagar, esfalfado e penosamente, de um para outro lado. Se não fosse tão distante o seu teto, se as forças lhe não faltassem, bem poderia ir-se dali, batendo as solas pelo isolamento escurecido dessas ruas!... Mas, nem mesmo a energia física lhe sobrava deste desmoronamento da sua existência!... E procurando o recosto dum portal, seus olhos foram parar no esparramo estúpido duma construção antiga, ao fundo da praça. O luar feria nas vidraças de suas sacadas um estrelejamento diamantino, era como se lhes houvessem cravejado de astros rutilantes. Então, vagaroso, sonolento, um vulto desembocou duma ruela, seguiu, encostado às paredes da casa, para a sombria garganta de outra ruela. O punho doirado dum sabre luzia-lhe na cinta...

Houve, de repente, um ruído: *cracs* de trincos, o soar férreo duma barra desengatada: e, ao rés-do-chão do *Café Paris*, o batente duma das portas dobrou nos seus gonzos, rasgou uma comprida fenda luminosa na grande fachada escura. Dispersou-se no silêncio um rumor de risadas e vozes. A empenada crista duma *casquette* e um vestido claro surgiram na luz; depois, outro vestido, róseo vivo, os laços escandalosos dum feltro petulante, à aventureiro, apareceram. E logo, essas duas mulheres, seguidas por noctívagos que traziam em resplendor as abas largas dos seus chapéus de palha, atirados à capadócio, entraram, algazarrentamente, na carruagem. Outra vez o batente dobrou, cingiu-se à ombreira. Tiniram ferrolhos lá dentro. A fachada adormeceu na treva.

Camilo seguiu com o olhar a carruagem. Uma delas, a de *casquette* e vestido claro, era magrita e loira. Desaparecera na rapidez da passagem, vivendo apenas um segundo sob a chama minguada do gás.

Mas, ficou-lhe na retina esta visão momentânea, cabelos loiros, pele rósea num rosto de boneca, esvelteza dum corpo em leves tecidos de verão...

O quer que fosse, que se desprende dum íntimo a que está unido, desligou-se do seu coração, numa viscosidade álgida. A nevralgia sulcou-lhe fundamentalmente os pulmões. Ele estremeceu, à crueza apunhalante da dor, com a boca numa angústia, sôfrega de ar.

E, de novo, recomeçou o passeio sobre o lajedo, menos cansado. Já não se lembrava do seu bonde. Até agradava-lhe mais aí estar, abandonado neste

silêncio de madrugada a crescer no deserto desta praça isolada. Era, talvez, o seu destino este desamparo. Melhor! Enquanto o bom Deus lhe desse a doçura de um luar, a santa humildade honesta, a confortante resignação de sofrer... ele iria, sem queixas, fazendo os passos do seu Calvário. Mas que, ao menos, tivesse na sua desgraça este luar de hoje, macio e aromático como se o astro se fizesse magnólia, como se a luz se fizesse veludo! E levantou o olhar para o céu. A lua, branca e trêmula, caminhava, como uma Santa levada no seu andor, por um campo de miosótis de prata.

É assim também a alma dos que almejam, dos que têm um Ideal. Havia horas, ela surgira purpurejada e disforme, arfando no seu desespero. A coincidência daquele solo gemedor, que com ela se despertara, tanto se confundira com a sua vagarosa ascensão, que se diria os estertores duma dor, como se fora o coração da Terra erguido em sacrifício bárbaro, desentranhado do seu próprio seio pálpito e ofegante. E surdida para os altos siderais, vencera a vastidão do céu; tão longe, tão distante subira que se fizera sem mácula! Quando se tem um sonho a realizar, o sofrimento é a oferenda da alma que busca as paragens vastíssimas da glorificação... Bendito o sofrimento, que faz os Eleitos!...

Ao termo da prece mental, seu olhos empanaram-se de lagrimejos e permaneceram magnetizados, deslumbrados na luz intensa que o astro derramava, como se transformado fosse num cibório sagrado, o relicário do Amor e da Bondade, donde jorrasse a unção sacramental dos pobres que crêem, dos míseros que se resignam...

Passou no ar parado e quente um arrepio de viração marinha. O azul das alturas empalideceu. A paz distendeu-se mais longa. Mas, de chofre, Camilo teve um acesso de tosse e uma golfada de sangue saiu-lhe num extravaso sufocante.

Rápido, o rosto cavou-se-lhe de terror, e arquejou, d'olhar doudo, assombrado com a mancha rubra, que estalara nas pedras, todo ele abalado, revolido numa alucinação que se cingia às contorções agonizantes de duas exaustas forças opostas, a procurarem se desligar e a se estreitarem dolorosamente. Uma, tendendo a abater-se, cansada, desarrimada, inerte; outra, impelida para o espaço, resistindo impotente, arfando por se desprender do peso que a levava para uma queda sem termo... E nesse uivante redomoinho glácido, o sopro morno dum derradeiro alento trazia-lhe à confusão do cérebro: notas duma surdina de harpa que se exala, relâmpagos de pensamentos em que se debuxam cenários de fantascópios, frases entrecortadas, envolvidas na inefável tristeza dos murmúrios extremos, nas reticências dos

soluções: "...a gente parte, a sorrir e confiada... para o horizonte... sob o claro tempo das boas promessas... E nunca mais volta!... e nunca mais volta!..."

O plenilúnio — alma do Esoterismo transformada em astro — estranhamente belo como uma esfíngica e régia coroa de fantástica ninféia luminosa, levada pelo bafejo sussurrante da Loucura sobre a quietação morta duma lagoa infinita, ia flutuando, boiando, deslizando serena e indiferentemente, banhada do seu halo de pérolas lucifeitas, a aveludar as ilusões dos que põem os olhos nos Céus, a esmaecer nos sonhos as almas meigas dos que lhe vão na esteira macia da sua luz nostálgica, a esvaír na sucessão d'enganos os que a seguem, pela Terra, fascinados... fascinados... fascinados!... Para onde?...

F I M

Sebastianópolis

1897

Publicado em 1899.

NOTAS AO TEXTO*

¹ “Deixa, um instante, o cuidado quotidiano que te cansa; deixa mesmo as estéticas que louvaram um após o outro *realismo* e *idealismo*; acredita que nunca houve antagonismo entre o Real e o Ideal, mas que é da sua fusão que é feita a Vida ... e toma, simplesmente, como eu to dou, este pouco de mim.” — François Vielé-Griffin (1864-1937), poeta simbolista francês, fez uma experiência de teatro simbolista. Era partidário do verso livre e soube, em símbolos singelos, transfigurar a realidade.

² *Agripino*. — Referência ao célebre *Panteon* erguido por Marcos Vipsânio Agripa (63 a. C.-12 a. C.), general romano favorito e colaborador do Imperador Augusto, e que inaugurou em Roma a obra monumental do período imperial.

³ “É nobre e belo trabalhar pela pátria.” — Adaptação da frase latina de Horácio (*Odes*, III, 2, 13) “*Dulce et decorum est pro patria mori*.” (“É suave e belo morrer pela pátria.”) — Na adaptação se cometeu um erro: *nobilis* (masculino) em lugar de *nobile* (neutro).

⁴ Entenda-se: “ficou *da cor* de zarcão”.

⁵ *Hausfrau* (alemão): “dona-de-casa”.

⁶ *Conde, Condessa* - Dona Isabel, Princesa Imperial do Brasil (então exercendo a Regência do Império na ausência do pai, em tratamento de saúde na Europa), pelo seu casamento com Gastão de Orléans, Príncipe *Conde* d’Eu, tinha também o título de Condessa, que usava na correspondência particular (“Isabel, Condessa d’Eu”). É referida também neste capítulo como “a Regente” ou “a Princesa” (A. E.)

*As notas não identificadas são do preparador do texto; H.S. designa Homero Senna; as demais, de Alexandre Eulálio, têm a indicação A. E.

⁷ No *Brasil Moderno* está *facilidade*; na 1ª ed., *felicidade*.

⁸ *Coroa de Ferro*. — Ordem honorífica austríaca criada pelo Imperador Francisco I em 1816. O número de seus membros era restrito a cem, divididos em três categorias. (A. E.)

⁹ Na 1ª ed. se lê *caforina* por *gaforina*, variante de *gaforinha* (= “cabelo em desalinho, grenha”), forma que se encontra no *Brasil Moderno*. Conservamos *caforina* porque há duas outras ocorrências.

¹⁰ *São Paulo, de cabeça para o chão*. — Lapso de Telésforo, talvez proposital (no capítulo XIII Florencio Gvasco também cita o Rei David pelo Rei Salomão), a fim de demonstrar-lhe a informação superficial. São Pedro é que foi crucificado de cabeça para baixo, por não se julgar digno de reproduzir a postura última do Cristo. (A. E.)

¹¹ “*Ultima ratio [regum]*” (latim): “último argumento [dos reis]”. Divisa que o rei Luís XIV da França fizera gravar sobre os seus canhões.

¹² Falta o *que* na 1ª edição. Mas está no *Brasil Moderno*.

¹³ Na 1ª ed., *renomeração*. A forma que se encontra no *Brasil Moderno* é *rememoração*.

¹⁴ Na 1ª ed., *Saccionado*. — G. D. emprega o termo no sentido de “ordem vigente”. Ocorre ainda nos caps. VII e XX.

¹⁵ *Manet, Pissarro, Caillebotte, Monet, Madame Morisot; Zola, Huysmans, Ortigão, Fénéon*. — Édouard Manet (1832-1883), Camille Pissarro (1830-1903), Gustave Caillebotte (1848-1894), Claude Monet (1840-1926), Berthe Morisot (grafado com *z* na 1ª ed.: 1841-1895), pintores impressionistas de primeira plana, conforme é notório. Ao morrer, Caillebotte, que dispunha de fortuna pessoal e adquirira inúmeros quadros dos companheiros impressionistas, legou ao Estado a sua coleção, gesto que provocou grande polêmica em torno da presença de “Arte Moderna” nos museus oficiais.

Émile Zola, como se sabe, desenvolveu ao lado da sua monumental obra de ficção uma atividade significativa de crítico de arte, hoje muito revalorizada. Defendeu com entusiasmo a obra de Manet desde o decênio de

1860, acompanhando de perto a trajetória dos primeiros impressionistas. Amigo de infância de Cézanne, não chegou a compreender de todo a importância decisiva da pintura do companheiro. E, apesar do apoio emprestado aos impressionistas, também não perdeu nunca uma certa reticência sobre a plenitude da obra realizada pelos artistas do *plein air*. O que não o impediu de buscar transpor para a sua escrita diversas conquistas do paisagismo vibrante de um Monet e de um Pissarro.

Também Joris-Karl Huysmans (1848-1907), o romancista singular de *À Rebours*, *Là-bas* e *En route*, foi um dos críticos de arte mais respeitados do período, promovendo a obra de Gustave Moreau, Odilon Redon, Félicien Rops e outros artistas visuais que marcaram em definitivo o gosto decadista. Nesta área publicou as brochuras *L'Art Moderne*, 1883, e *Certains*, 1889.

Por seu lado Ramalho Ortigão (1836-1915), além dos inúmeros folhetins em que tratou de arte, exaltando as novas tendências e os pintores portugueses do fim do século (Columbano, Silva Porto, Malhoa) num estilo cheio de cor, que procura seguir aquelas conquistas no seu próprio campo, publicaria também monografias sobre o tema, como *O Culto da Arte em Portugal* (1897).

Félix Fénéon (1861-1944) é unanimemente considerado o mais importante crítico de artes visuais do período 1880-1920; Jean Paulhan dirá mesmo: "F. F. ou *le critique*". Dono de um estilo sintético, cortante, banhado em ironia, tem parentesco com o humor de Alfred Jarry e Erik Satie. Além de raras *plaquettes* como *Les impressionistes en 1886* (em que promove o Divisionismo e proclama a importância de Georges Seurat), deixou esparsos os seus escritos, recolhidos em livro apenas em 1948. (A. E.)

¹⁶ Paul Huet (1803-1869) e Théodore Rousseau (1812-1867), os mais importantes paisagistas da chamada Escola de Barbizon, de intensa sensibilidade elegíaca. — Gustave Courbet (1819-1877), o grande mestre do Realismo que os impressionistas admiram mas cuja técnica contestam. — *Escola de David*. — Jacques-Louis David (1748-1825) herói do Neoclassicismo europeu, ao lado de pintor de aguda sensibilidade, permaneceria até à sua morte, já em pleno Romantismo, o mestre inalterável da rigidez escultórica e dos estritos princípios do trabalho de estúdio. A Academia Imperial do Rio de Janeiro obedecerá rigorosamente à sua doutrinação até quase o fim do século. — Alexandre Cabanel (1823-1889). Exemplo supremo do conformismo acadêmico, pintor de História, de cenas mitológicas, retratista da alta sociedade, dono de invejável técnica, mas mergulhando até o pescoço no convencional.

Um dos maiores inimigos dos impressionistas. (A.E.)

¹⁷ *Tartarin*. — Alusão ao personagem cômico fanfarrão de Alphonse Daudet, protagonista da trilogia *Tartarin de Tarascon* (1872), *Tartarin sur les Alpes* (1885) e *Port-Tarascon* (1890). (A.E.)

¹⁸ “Era o traste: possuía não passava”; “eram prejudicialíssimas — relaxavam os músculos, prostituíam as energias”. — No 1º período a concordância se faz com *cama*, tomado o termo genericamente; a seguir com *camas*, que figura linhas atrás.

¹⁹ Na 1ª ed., *impecillio*.

²⁰ O célebre personagem das duas peças de Beaumarchais (1732-1799), *O Barbeiro de Sevilha* (1775) e *As Bodas de Fígaro* (1784), tornado ainda mais popular pelas óperas de Rossini e Mozart, que se baseiam respectivamente, como é sabido, na primeira e na segunda comédias. (A. E.)

²¹ Théophile Gautier (1811-1872). — Além de poeta e ficcionista de primeira plana foi crítico de arte profissional, sem perder o diletantismo dândi: o primeiro que tentou encontrar transcrição literária para a escrita pictórica, num sistema emotivo de correspondências. (A. E.)

²² *Sandoz*. — Pierre Sandoz, *alter ego* de Émile Zola, é em *L'Oeuvre* — o 14º painel de *Les Rougon-Macquart* — o romancista amigo de infância de Claude Lantier, pintor de gênio que acaba por se matar, destruído pela sua sede da obra absoluta. A exata frase final de *L'Oeuvre* é “Allons travailler”. Estamos no cemitério de Saint-Ouen, após o sepultamento do artista suicida: “‘Comment? Déjà onze heures?’ Il promena sur les sépultures basses, sur le vaste champ fleuri de perles, si régulier et si froid, un long regard de désespoir, encore aveuglé de larmes. Puis il ajouta: ‘Allons travailler’”. (A. E.)

²³ *Poussinistas* — imitadores de Nicolas Poussin (1594-1665), o grande pintor francês que, por assim dizer, codificou o conceito de paisagem clássica. — *Camille Corot* (1796-1875). — Paisagista extraordinário, dono de uma técnica ampla e arejada, muito sensível à vibração luminosa, foi ligado por um tempo à Escola de Barbizon. Apoiaria a ascensão dos impressionistas. (A.E.)

²⁴ *Taine*. — Camilo Prado pretende refutar a aplicação mecânica, ao caso brasileiro, dos três princípios da doutrina estética positivista de Hippolyte Taine (1828-1893), discípulo de Auguste Comte e Herbert Spencer: meio, raça e momento histórico. (A. E.)

²⁵ Na 1ª ed., *echarcovos*. — Trata-se de uma adaptação do castelhano *echacuervos*, “alcoviteiro, embusteiro”.

²⁶ Assim na 1ª ed. e no *Brasil Moderno*, o que faz pressupor uma pronúncia oxítona do adjetivo. V. também a nota 75.

²⁷ *Jean Béraud* (1849-1936). — Pintor de cenas do cotidiano da cidade, flagrantes de rua, interiores de cafés e restaurantes, cuja qualidade pictórica acusa certo contacto com a técnica impressionista. (A. E.)

²⁸ *Sento un forza indomita*. — Célebre dueto de Ceci e Peri que encerra o 1º ato de *Il Guarany* de Carlos Gomes, libreto de Antonio Scalvini. (A. E.)

²⁹ *Aventasma*. — Por duas vezes ocorre esta forma, por *avantesma*, o que descarta, em princípio, a suposição de erro tipográfico.

³⁰ *Vanderpoel* (GD escreve Van-der-Poel). — Jan dito John Vanderpoel (1857-1911). Pintor americano nascido na Holanda, que estagiou em Paris de 1886 a 1888, muito apreciado como aquarelista. (A. E.)

³¹ *Boedrômion* (ou *Boedrômio*). — Mês ateniense em que se celebravam as Boedrômias, corridas durante as quais se soltavam muitos gritos.

³² *Frinéia* — Cortesã do século IV A.C., modelo do escultor Praxíteles. (A.E.)

³³ *Scopas*. — Célebre escultor grego do Século IV a quem se deviam os relevos do Mausoléu de Halicarnasso. *Dédalo*. — O construtor mítico do labirinto de Creta, que esculpiu em cera as asas com que o filho Ícaro levantou vôo e a vaca de bronze que serviu à rainha Pasífae para ser montada pelo touro branco pelo qual se apaixonara. (A. E.)

³⁴ No original, *Scinophion*. — G. D. deve ter-se enganado, porquanto entre os meses dos gregos um dos que figura é *Sciophorion*, em português *Cirofórion* (ou *Ciroforião*).

³⁵ *Praxíteles*. — O célebre escultor grego do IV Século AC, autor da *Afrodite de Cnido* e do *Hermes com Dionísio Infante*. (A. E.)

³⁶ *Amorfanado*. — Na 1ª ed. se lê *amorphonado*. Mas na pág. 211 dessa mesma edição está *amorphanado*. É evidente a ligação do termo com *amarfanhar*, de que alguns dicionários registram a variante *amorfanhar*. G. D. sem dúvida associou o termo com *amorfo*; e *amorfanar* seria, para ele, “tornar amorfo”.

³⁷ *Houbigand*. — Famoso perfumista da época. (A. E.)

³⁸ *Travessa*. A sede da Academia Imperial, edifício construído por Grandjean de Montigny, ficava localizada na Travessa das Belas Artes, próxima à Praça da Constituição, hoje Tiradentes. (A. E.)

³⁹ *Botas*. — O autor faz um jogo de palavras com o termo *bota*, que na gíria artística do Brasil da época significava “composição ruim de gravador, pintor, etc. Obra malfeita”. (Aurélio).

⁴⁰ *Sileno*. — Na mitologia grega, é um sátiro, representado nas ilustrações com orelhas, cascos e rabo de cavalo, brincalhão, sempre a rir, e extremamente lascivo.

⁴¹ *V'lan*. Onomatopéia de impacto (uma porta batendo). (A. E.)

⁴² O poeta do *Année Terrible*. — Victor Hugo (1802-1885). Publicado em 1872, *L'Année Terrible* é uma coletânea em verso cujas composições aparecem dispostas segundo doze meses de um ano — de agosto de 1870 a julho de 1871. Os sete primeiros tratam do cerco de Paris pelas tropas alemãs, durante a fase final da guerra franco-prussiana; os cinco últimos do período em que a Comuna empolgou a capital. (A. E.)

⁴³ *Sinaxe*: assembléia dos primeiros cristãos. Na 1ª ed. está *synase*.

⁴⁴ V. nota 14.

⁴⁵ *Delacroix, Eugène* (1798-1863). — O mais importante pintor do Romantismo francês, brilhante colorista. (A. E.)

⁴⁶ *Para não atrapalhar aos Vasari* (na 1ª ed. grafado com z) - Alusão a Giorgio Vasari (1511-1574), pintor maneirista florentino autor das célebres *Vite dei più eccellenti architetti, pittori e scultori, da Cimabue ai tempi nostri* (1550). (A. E.)

⁴⁷ *Vercingétorix*. - Antônio Firmino Monteiro pintou realmente um *Vercingétorix* diante de César em 1886. (A. E.)

⁴⁸ *Bellangé, Vernet, Neuville*. — Joseph-Louis Bellangé (1800-1866: *Combat devant la Corogne, la Charge de Kellermann à Marengo, Passage du Guadarrame*); Horace Vernet (1789-1863: *La Bataille de Wagram, La prise du Suralah de Abd-el-Kader*); Alphonse-Marie de Neuville (1835-1885): *Les Dernières Cartouches, Le cimetière de Saint-Privat, Le combat de Bourget*), pintores acadêmicos franceses que se voltaram quase que inteiramente para temas militares, guerreiros ou mais genericamente históricos — da epopéia revolucionária de 1792 à *débâcle* de 1870. Vernet foi o pintor favorito de Luís Filipe I, tendo efigiado o rei-cidadão inúmeras vezes, inclusive cercado por seus filhos num retrato equestre de grupo muito popular no tempo. (A. E.)

⁴⁹ *Pietro Aretino* (1492-1556). — O satírico dos *Ragionamenti* estudou pintura quando muito jovem. — *Perraud*. — Jean-Joseph Perraud (1819-1876). A sua escultura na fachada da Ópera de Paris representa *O Drama Lírico*, não *A Dança* — este o famoso grupo de Jean-Baptiste Carpeaux (1827-1875). Na 1ª ed. o nome do escultor aparece grafado como o seu homófono Perrault. (A. E.)

⁵⁰ *Pedro Américo, Vítor Meireles, Bernardelli*. — Em 1885-1886 Vítor Meireles está pintando os seus admiráveis estudos preparatórios para o grande panorama do Rio de Janeiro; além de diversas obras de ocasião, de pequeno, médio e grande porte, ainda realizará o estudo da *Entrada da 'Esquadra Legal' na Guanabara* e o emocionante esboço do *Panorama do Descobrimento*, grande momento da pintura brasileira. — Pedro Américo nesses mesmos anos

prepara o *Independência ou Morte!* (1888); a alegoria *Paz e Concórdia* — pensada para comemorar a Abolição da Escravatura e depois adaptada para a instalação da República; o espantoso *Tiradentes Esquartejado* (1893), *Voltaire Abençoando o Neto de Franklin* e, mais para o fim do século, *A Visão de Hamleto* e *A Mulher de Putifar*, sem falar em telas menores e menos significativas. Rodolfo Bernardelli regressara ao Brasil em 1885, após o envio de várias obras de porte, como o *Cristo e a Adúltera* e as cópias da *Vênus Anadiômena* e a *Vênus Calipsgia*; toda a sua estatuária retratística, equestre ou desmontada, não estava ainda concluída nesta época (Osório, José de Alencar, Carlos Gomes, Teixeira de Freitas, Caxias, sem esquecer grupos monumentais como *O Descobrimento* e outros. (A. E.)

⁵¹ *Electro-plate* é o objeto prateado ou niquelado.

⁵² Van Dyck, Antoon (1599-1641). — Célebre retratista, discípulo de Rubens, cujo nome foi atribuído a um tom profundo de encarnado. (A. E.)

⁵³ *Augusto Comte* (1798-1857). — A devoção no Brasil pelo fundador do Positivismo expandiu-se notavelmente após a criação do Apostolado Positivista da Corte, em cujo templo se cultuavam os preceitos e os ritos legais da Religião da Humanidade. (A. E.)

⁵⁴ “Luta e vence, ou luta e morre, de um morrer que empalideça os semblantes aos vencedores.”

⁵⁵ *Giovanni Prati* (1814-1884). — Poeta e patriota italiano, autor de *Canti Politici* (1851), *Satana e le Grazie* (1855), *Psiche* (1876), *Iside* (1878). (A. E.)

⁵⁶ *Clotilde*. — Clotilde de Vaux (1815-1846), musa inspiradora e amor platônico de Augusto Comte, irmã do seu discípulo Maximilien Marie, precocemente falecida, a quem ele dedicaria a Religião da Humanidade, tornando-a a Beatriz do movimento positivista. A correspondência Comte-Clotilde consta de noventa e cinco cartas do filósofo e oitenta e seis respostas da sua musa, datadas entre abril de 1845 a março de 1846. (A. E.)

⁵⁷ Por erro tipográfico, ou lapso do A., este se refere à “geração de 1854, filiada à escola progressista de Teófilo Ottoni” quando o correto talvez fosse

aludir à “geração de 1864”, ano em que se reuniu a nova Câmara, com a vitória da *Liga*, ou Partido Progressista. Essa vitória se deveu em grande parte à liderança de Teófilo Ottoni, e a Câmara, como salientou Euclides da Cunha, “refletia a um tempo a vitória democrática e o rejuvenescimento do espírito nacional”. De fato, lá estavam Otaviano, Tavares Bastos, Pedro Luís, José Bonifácio, o Moço, Martinho Campos, Joaquim Manuel de Macedo, Dantas, Afonso Celso Sênior e outros, que constituiriam a geração referida por G. D., bem diferente do chamado Ministério dos Velhos (ou “Pasmado”), que governou de 1862 a 15-1-1864. (*Apud* Paulo Pinheiro Chagas. *Teófilo Ottoni, Ministro do Povo*. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, [1943], p. 358-9). (H. S.)

⁵⁸ *Saint-Saëns, Camille* (1835-1921). — Compositor tardo-romântico francês, autor do poema sinfônico *A Dança Macabra*. (A. E.)

⁵⁹ *Watteau, Antoine* (1684-1721). — O extraordinário pintor francês de festas galantes e temas campestres tingidos de melancolia. (A. E.)

⁶⁰ *Gérard, Yvon, Philippoteaux*. — François Gérard (1770-1837), pintor de História (*Batalha de Austerlitz*, *Coroação de Carlos X*), retratista célebre (divulgadíssimo aquele de Madame de Recamier). Protegido por David no período revolucionário, favorito de Napoleão durante o Primeiro Império, será nobilitado por Luís XVIII quando da restauração bourbônica. — Adolphe Yvon (1817-1893) e Henri Philippoteaux (1815-1884), pintores de batalha e cenas históricas, o primeiro muito apreciado por Napoleão III, a quem retratou, assim como ao Príncipe Imperial (*La prise de Malakoff*, *Bataille de Solférino*, *Bonaparte à cheval devant les Pyramides*); o segundo, famoso já ao tempo de Luís Filipe (*Le Duc d'Orléans accorde la liberté à deux prisonniers arabes*, *Bayard défendant le pont de Garigliano*, *Mariage du Duc de Nemours avec la Princesse de Saxe*) não será esquecido no Segundo Império (*Combat de Balaklava*, *Combat de Montebello*, *Épisode de la retraite de Moscou*). (A. E.)

⁶¹ *Murad Bey/Kléber*. — Alusão a episódios da Campanha do Egito napoleônica, durante a qual o General Jean-Baptiste Kléber (1753-1800) perdeu a vida. Murad-Bey (c. 1750-1801), comandante dos Mameluks, que havia sido vencido por Napoleão na batalha das Pirâmides, mais tarde aliou-se aos franceses. (A. E.)

⁶² *Richard Wallace* (1818-1890). — Naturalista e filantropo inglês que

legaria as suas famosas coleções de quadros à Inglaterra. (A. E.)

⁶³ *Karl-Hyeronimus von Münchhausen* (1720-1792), militar alemão célebre pelas suas fanfarronadas.

⁶⁴ *Jack o estripador*. — *Jack the ripper*, misterioso assassino que apavorou Londres no fim do século, jamais identificado, em torno de cuja identidade corriam as mais diversas lendas. (A. E.)

⁶⁵ *Martius, Agassiz, Darwin*. — Carl-Friedrich-Philipp von Martius (1794-1868), naturalista bávaro, ilustre botânico e etnólogo. A sua expedição ao Brasil, integrando a viagem científica austríaco-bávara de 1817-1820, está registrada no importante relato que publicou em colaboração com seu companheiro Johann-Baptist von Spix. Da monumental obra científica de Martius destacam-se os diversos fólhos da *Flora Brasiliensis*, publicados a partir de 1829, e os volumes de *Genera et Species Palmarum* (1823-1845). — Louis Agassiz (1807-1873), geólogo e paleontólogo suíço, naturalizado americano; sua excursão científica ao Brasil em 1865 seria fixada no volume *A Journey into Brazil* (1867), escrito em colaboração com a sua esposa Elizabeth Cabot Cary. — Charles Darwin (1809-1882) — O célebre naturalista e fisiólogo inglês, que escreveu *Da Origem das Espécies por via da Seleção Natural* (1859), esteve no Brasil de fevereiro a julho de 1832. Durante a viagem de circunavegação do brigue *Beagle*, que durou cinco anos, permaneceria no Rio de Janeiro e arredores durante esses quatro meses, recolhendo espécies botânicas e zoológicas. (A. E.)

⁶⁶ *Cuvier*. — Georges Cuvier (1769-1832), zoólogo e paleontólogo, criador da Anatomia Comparada e da Paleontologia. (A. E.)

⁶⁷ José Bonifácio, o Velho (1765-1836) havia adotado o nome arcádico de Américo Elísio. Exilado na França em 1825, aí publicou o volume *Poesias Avulsas*, que recolhia composições suas desde o decênio de 1780. (A. E.)

⁶⁸ *Vaseada* talvez esteja por *vaziada* (= vazada).

⁶⁹ *Ofélia*. — Alusão ao final trágico dessa personagem no *Hamlet* de Shakespeare. Tendo enlouquecido, a jovem entra nas águas do rio, trauteando uma cantiga sem sentido, e é levada pela correnteza. (A. E.)

⁷⁰ *Fausto*, Margaridas. — Referência à sedução de Margarida (Gretchen) por Fausto na primeira parte da obra-prima de Goethe. (A. E.)

⁷¹ *Himeto*. — Montanha da Ática, célebre, no período clássico, pelo seu mel e seu mármore. (A. E.)

⁷² *Garrula*. — Não acentuamos o primeiro *a* que marcaria a prosódia proparoxítona porque na 1ª ed. se lê *garrúla*, talvez a pronúncia do autor.

⁷³ Até 1888 Pierre Loti (pseudônimo de Julien Viaud, 1850-1923) havia publicado *Aziyadé* (1879), *Roman d'un Spahi* (1881), *Mon Frère Yves* (1883), *Pêcheurs d'Islande* (1885) e *Madame Chrysanthème* (1887); Paul Bourget (1852-1935) *Cruel énigme* (1885), *André Cornelis* (1887) e *Mensonges* (1888). Zola, depois de *L'Oeuvre*, já dera a lume, em 1887, a *La Terre* e, em 1888, a *Le Rêve*; Flaubert, falecido em 1880, tivera editados postumamente *Bouvard et Pécuchet*, em 1881, e *Par les champs et par les grèves*, em 1884. De Villiers, após *Contes Cruels* (1883) e *L'Ève Future* (1886), acabava de sair *Triboulat Bonhomie* (1887). Paul de Kock (1794-1871), romancista popular entre o cômico e o fescenino, produziu fartamente narrativas e textos teatrais, principalmente *vaudevilles*, entre 1813 e 1865 (pelo menos *L'enfant de ma femme*, 1813; *Mon voisin Raymond*, 1822; *Ni jamais ni toujours*, 1835; *L'amour qui passe et l'amour qui vient*, 1849; *La fille aux trois jupes*, 1861;...). Provavelmente *Teresa filósofa*, muito popular entre a estudantada paulista ainda no início deste século, segundo o testemunho de Monteiro Lobato, será um apócrifo ou uma adaptação livre (isto é, *condimentada* por algum adaptador) de algum texto do ficcionista, desde que Paul de Kock não chegava jamais ao obsceno e, fora da França, diversos títulos foram atribuídos, por motivos comerciais, a esse autor popularíssimo. (A. E.)

⁷⁴ *Grévin*. — Alfred Grévin (1827-1892), caricaturista de grande prestígio, famoso pela finura do traço. (A. E.)

⁷⁵ *Gracil*. — Lembre-se que o autor usa o plural *gracis* (V. nota 26), o que talvez indique pronúncia oxítona no singular, em vez de *grácil*.

⁷⁶ Na 1ª ed., *disséssem-lh'a*. A sintaxe do verbo não permite o pronome *a*: ou *lho*, ou simplesmente *lhe*.

⁷⁷ *Ylang-Ylang* — Perfume muito apreciado na época. Mallarmé a ele se refere na revista *La Dernière Mode*, que redigiu da primeira à última página, com o pseudônimo de Madeleine de Ponty: “Son costume ordonné, il y a, si l’harmonie en est exquise, ce parfum de distinction que dégagera une femme, mais, tout moral, celui-ci ne fait pourtant oublier l’autre, que composent les fleurs, par exemple des violettes de Parme véritables. Pareil et différent, est-ce bien le *Lait d’Hebé* qu’on m’apporte. A celles d’entre vous, Mesdames, que ne séduirait pas une étiquette mythologique, je propose l’*Oppoponax* (eau, crème et savon), l’*Exora*, l’*Ylang-Ylang* ou le *Nard Celtique*: goûts étranges mais délicieux, dont, respirée, la senteur fait rêver comme, simplement prononcé, le nom.” (“Gazette de la Fashion”, de Miss Satin. *La Dernière Mode. Gazette du Monde et de la Famille*. (20-12-1874). (A. E.) — A seguir, a tradução do texto do Poeta: “Ajeitado o vestido, se a harmonia é requintada, há esse perfume de distinção que uma mulher exala; mas, embora etéreo, não faz esquecer o outro, composto de flores, como, por exemplo, o das verdadeiras violetas de Parma. Bem semelhante e diferente é o *Leite de Hebe* que me trazem. Àquelas dentre vós, senhoras, que não se deixarem seduzir por uma etiqueta mitológica, eu sugiro o *Opopônax* (água, creme e sabão), o *Exora*, o *Ylang-Ylang* ou o *Nardo Céltico*: gostos estranhos mas deliciosos, cujo odor, uma vez sentido, faz sonhar, apenas pronunciado o nome.” (“Gazeta da Moda” da Senhorita Satin. *A última moda. Gazeta da Sociedade e da Família*, 20-12-1874). (H. S.)

⁷⁸ A casa Goupil de Paris havia-se especializado em reproduções gráficas de pinturas clássicas e quadros premiados em salões oficiais. (A. E.)

⁷⁹ Thomas Macaulay (1800-1859), o autor da *História da Inglaterra desde o reinado de Jaime II*; Herbert Spencer (1820-1903), o filósofo evolucionista. (A.E.)

⁸⁰ *Bug-Jargal*. — O primeiro romance escrito por Victor Hugo (1816), publicado, em nova versão, em 1826. Trata do levante dos escravos negros em São Domingos (Haiti) — não na Martinica, como parece pensar o Doutor Heráclito — e do puro amor do herói que dá título à novela pela sua ex-senhora, a quem salva do massacre. (A. E.)

⁸¹ Trata-se provavelmente da *Gondoliera* de Maurice Moszkowski. (Na 1ª ed. está ora *Gondola de Nera* ora *Gondola Nera*.) Com o seu habitual pseu-

dônimo *Bambino*, Artur Lucas — o ‘Artur de Almeida’ do romance — ilustrou com uma xilo a capa da edição Bevilacqua de 1890 da *Gondoliera* de Moszkowski.

⁸² *Cloras*. — Na 1ª ed. está *chloras*. A presença do *h* parece excluir a hipótese de erro tipográfico, em lugar de *claras*, como está na edição do INL. Ainda mais que antes, no início do capítulo, fala o autor de “imundas vielas”, “solo revolvido, escorregadiço e nauseante”. Trata-se, provavelmente, de mais uma criação vocabular de G. D., com o radical de *cloro* (= “esverdeado”).

⁸³ *Pot de chambre*: urinol.

⁸⁴ Assim na 1ª ed., onde deveria estar *sobre*.

⁸⁵ Na 1ª ed.: *alvacia*.

⁸⁶ *Hogarth*. — William Hogarth (1697-1764). Ao autor interessa principalmente o lado caricatural do grande pintor inglês. (A. E.)

⁸⁷ V. nota 36.

⁸⁸ Assim na 1ª ed., quando seria de esperar *sabê-lo*.

⁸⁹ Cleômano, célebre escultor grego, do séc. II a.C. (A. E.)

⁹⁰ Apolônios (de Atenas), célebre escultor grego (séc. I a.C.) — Por um estranho erro de leitura do manuscrito, na 1ª ed. está *Agassiz*. (A. E.)

⁹¹ *Pièce montante*. — É possível que G. D. haja empregado esta expressão francesa, não dicionarizada, em lugar de *pièce montée*, que o dicionário Robert define como “grande obra de pastelaria e de confeitaria, de formas arquiteturais e muito decorativa”.

⁹² *Caveas* (latim): celas de prisão (literalmente: “gaiolas”).

⁹³ V. nota 29.

⁹⁴ Na 1ª ed., estão no feminino o artigo e os adjetivos.

⁹⁵ Negociantes de suprimentos para navios.

⁹⁶ Charles-Jean-Marie Letourneau (1831-1902). — Antropólogo, doutor em Medicina, professor de História das Civilizações, evolucionista convicto, autor de *Science et matérialisme*. Parece ter sido tomado aqui pelo Autor como discípulo e divulgador da doutrina comtiana. A não ser que a expressão “catecismo positivista” tenha no contexto sentido metafórico. (A. E.)

⁹⁷ Giacomo Puccini (1858-1924). — O jovem compositor em 1888 havia produzido apenas a ópera *Le Villi* (1884); trabalhava então em *Edgar*, que estrearia em 1889. *Manon Lescaut* data de 1893 e *La Bohème*, o seu segundo grande êxito, de 1896 — época da redação de *Mocidade Morta*, que explicaria a evocação do nome do compositor pelo romancista. O jovem Puccini era admirador de Carlos Gomes, com quem se correspondeu; daí talvez as fantasias de intimidade do Braguinha com o musicista italiano. (A. E.)

⁹⁸ *Desdêmona*, *Iago* - notórios personagens do *Otelo* shakespeariano, a caluniada e o caluniador; *Dom Basílio*, o intrigante do *Barbeiro de Sevilha*; *Tartufo*, protagonista da comédia homônima de Molière, aventureiro hipócrita, gozador desprezível. (A. E.)

⁹⁹ Na 1ª ed., *sulpherinas*; na pág. seguinte, *sulpherino*; no cap. XX, *sulphirinas*. — Pelo contexto, pode estar por *solferino* (“A cor escarlate, ou entre o encarnado e o roxo, que é usada nas vestes episcopais.”), do italiano *solferino*. Mas não é de descartar a hipótese de um cruzamento com *sulfurino*, dada a grafia do texto original, com *ph*.

¹⁰⁰ *Jeschoua*: forma hebraica de *Jesus*.

¹⁰¹ *A Relíquia*, Francisco Lisboa, Alencar, Herculano. — Novidade de 1886, *A Relíquia* havia causado sensação e escândalo pela temática anti-religiosa. Os autores românticos citados (e mais adiante Gonçalves Dias e Castro Alves) representam a tendência declamatória e o gosto retardatário do Doutor Heráclito. (A. E.)

¹⁰² *Xavier de Montépin* (1823-1902). — Romancista folhetinesco de obra vastíssima tanto na narrativa como no teatro, quase todas elas vertidas para o português e muito populares entre o grande público. (A. E.)

¹⁰³ *Baudelaire* (1821-1867), *Musset* (1810-1857). — Ressalta o contras-

te das predileções literárias de Camilo com as do doutor Heráclito. Para Camilo, “o meu poeta” é o francês Baudelaire, espírito aristocrático, atormentado pelo antagonismo da carne e do espírito, que defendeu Delacroix e outros pintores românticos não compreendidos no seu tempo, descobriu um gênio irmão em Edgar Poe, cujas obras traduziu, e compreendeu o gênio musical de Richard Wagner. Suas principais obras são os *Pequenos Poemas em Prosa* e *As Flores do Mal*. Uma seleção de seus artigos foi publicada postumamente em *A Arte Romântica*. — Alfred de Musset, poeta, contista e dramaturgo francês, de um romantismo agressivo pela busca de uma cor local de fantasia, pela pintura das paixões, ávido de liberdade, afirmando sua independência com relação ao novo espírito romântico (missão social do escritor), buscou a inspiração íntima e sincera (“O que é necessário ao artista ou ao poeta é a emoção”). Sua obra, espiritual e irônica, é o reflexo de sua angústia íntima.

¹⁰⁴ *Cromwell, Stuart, Napoleão, Talleyrand, Luís II da Baviera*. — Alusões históricas banais sobre a decapitação de Carlos I em 1649, determinada pelo Lorde Protetor, bem como a maleabilidade política de Charles Talleyrand (1754-1838) entre Revolução, Império, Restauração e Luís Filipe. A figura do jovem Rei da Baviera Ludovico II (1845-1886), melômano e artista, interessava muito aos intelectuais do tempo. (A. E.)

¹⁰⁵ *O axioma de Hobbes*: “O homem é o lobo do homem”. Transformado por Camilo em “O homem é o onagro do homem”. (H. S.)

¹⁰⁶ *Pascal, Diderot, Condorcet, Danton*. — Alusões ocasionais a autores notórios como Blaise Pascal (1623-1662) e Denis Diderot (1713-1784), a ideólogos como Antoine Condorcet (1743-1794), entusiasta do progresso humano, e líderes da Revolução como Georges Jacques Danton (1759-1794). (A. E.)

¹⁰⁷ Na 1ª ed., *zungido*.

¹⁰⁸ “Esta região nos entedia, ó morte! Partamos...” Verso do longo poema “Voyage” de Charles Baudelaire, em *Les Fleurs du Mal* (V. nota 103) (H. S.)

¹⁰⁹ A igreja de São Gonçalo Garcia, na esquina da atual Praça da República com a Rua da Alfândega, foi construída em 1758. Tendo passado a abri-

gar também a irmandade de São Jorge, é hoje mais conhecida pelo nome deste santo. (H. S.)

¹¹⁰ *Gerôme, Cormon, Rochegrosse.* — Jean-Léon Gerôme (1824-1904), pintor de talento precoce que se tornaria um dos pilares do academicismo mais esclerosado, árbitro dos Salões (*Duel après le bal masqué*, 1857; *La mort de César*, 1867; *L'Éminence grise*, 1874); inimigo da pintura impressionista ao ponto de se opor ferozmente à aceitação pelo Estado da Doação Caillebotte. Fernand Cormon (1845-1924), um dos pintores oficiais da Terceira República, que se especializaria em grandes composições pré-históricas, da Idade da Pedra à Idade do Ferro. Georges Rochegrosse (1859-1939), pintor de temas históricos e exóticos de fatura fotográfica, veiaados de erotismo e sadismo. (A. E.)

¹¹¹ Provável referência a Byron e o seu sonho de um serralho. (A. E.)

¹¹² Na 1ª ed.: *hymopthisis*.

¹¹³ *Absoleto* é variante rara de *obsoleto*.

¹¹⁴ *Claude Lantier.* — O protagonista de *L'Oeuvre*, que já aparecera rapidamente em outros tomos de *Les Rougon-Macquart* (*La fortune des Rougon*, 1871, *Le ventre de Paris*, 1873, *L'Assomoir*, 1877), buscava desesperadamente transpor para a sua tela o espírito evanescente da contemporaneidade. Ao se convencer, numa de suas crises depressivas, de não ter conseguido esse ideal, suicida-se diante da tela inacabada. (A. E.)

¹¹⁵ *Cerveja brau.* — É possível que assim se denominasse um tipo de cerveja: *Bräu*, em alemão, é um dos nomes que significa “cerveja”, ao lado de *Bier*, o mais geral.

¹¹⁶ *Indusiastas*: G. D. forjou o termo com base em *indúsia* ou *indúsio*, espécie de camisa de mulher, “vestimenta que adere ao corpo por baixo de muitas outras vestes” (Varrão); do verbo *induere*, “pôr uma peça de roupa”, “vestir”.

¹¹⁷ *Zorame*: capa mourisca, espécie de sobretudo. Era usado especialmente pelas mulheres.

LINGUAGEM E ESTILO DE *MOCIDADE MORTA*

“Nós precisamos de termos novos como de novas sensações. Há quase cem anos que consumimos os legados literários da língua. Estão exaustos esses acervos.”

Esta profissão de fé do crítico de arte Camilo Prado, em parte *alter ego* do crítico de arte Gonzaga Duque, no capítulo XVII de *Mocidade Morta*, ajusta-se, à perfeição, à surpreendente riqueza vocabular, que nos causa forte impacto desde a primeira página do livro.

São palavras de uso raro, inumeráveis criações vocabulares insólitas, preferência pelas variantes menos comuns, concordância e regência pouco usuais e até irregulares — além do recurso constante a imagens e figuras por vezes de rara beleza.

Gonzaga Duque revela domínio invulgar da língua, a despeito de alguns deslizes.

Uma apreciação segura desse domínio e desses deslizes ficará mais evidente com a divisão deste estudo nos diferentes campos da língua.

I. OS SONS

1. Variantes de possível pronúncia do autor

Ocorrem numerosas variantes que atestam possíveis pronúncias da época, hoje em desuso. Dessas variantes é possível arrolar alguns tipos.

1.1 Alternância dos ditongos *oilou*:

cousa (predominante), ao lado de *coisa*, com raras ocorrências; *dous*; *lavoira*; *oiro* (mas *douradas*); *oitubro* (!), com duas ocorrências; *repoisar*.

1.2 Ocorrência do ditongo *ei*, átono:

Aldeiãs, *ameiadas*, *asseiado*, *baqueiar*, *bruxuleiar*, *desleiar-se*, *enleiado* (a par de *enlearam-se*), *meneiou*, *obreiados*, *passeiou*, hoje escritas sem o *i*. Aparece também a forma *joalheiria*.

1.3 Alternâncias *alo*, *ela*, *eli*, *elo*, *olu* em posição átona: *absoleto*, *alar-*

me (ao lado de *alarma*), *avalanche*, *champanhe*, *vitrine*, *calefrio* (e também *calafrio*), *imundícia*, *parçaria*, *transnoitamento*; *dissemelhante*, *dessemelhança*; *redomoinho*, *redomoinhar*, *rodomoinhar*; *regorgitar*, *concorrência*.

1.4 Preferência pela terminação *-is* em lugar de *-e* em palavras eruditas de origem grega ou latina:

anquilósis, *diátesis*, *elefantíasis*, *êxtasis*, *gênesis*, *hemoptísis*, *parêntesis*, *sindéresis*.

1.5 Preferência pela terminação *-us* em lugar de *-o* em palavras eruditas de origem latina ou grega:

círrus, *fálus*, *ríctus*.

1.6 Conservação do *-n* final em latinismos:

abdômen, *espécimen*.

1.7 Conservação de *-on* final em helenismos:

alabástron, *panteon*.

1.8 Emprego das formas com aférese *inda* e *té*, e da locução *lá-baixo*, ocorrentes em escritores da época, Adolfo Caminha por exemplo.

1.9 Variantes com *lh* em lugar de *l*: *enregelhar-se*; *gorgomilhos*, *pelhanquento*, *tamborilhar*, *crocodilhento*, as três últimas não dicionarizadas; com *n* em vez de *nh*: *amorfanar* por *amorfanhar* (variante de *amarfanhar*), *grunir*.

1.10 Emprego de formas dissimiladas:

prostado, *prostação*, *exprobar*. Embora predominem as formas *pertubar*, *perturbador*, *imperturbáveis*, *imperturbabilidade*, ocorrem também, sem o segundo *r*, *pertubasse*, *impertubável*, e *imperturbabilidade*. Uniformizei.

1.11 Utilização de variantes nem sempre dicionarizadas:

apoteósico, *clina* (por *crina*), *eurfímico*, *esperdício*, *esvelteza*, *interstiço*, *lagrimosa*, *monstrengo*, *parasita*, *presago*, *reqüestro* (por *reqüesto*).

2. Fonética Sintática.

Gonzaga Duque, ao colocar os pronomes átonos *o*, *os*, *a*, *as*, depois de formas verbais terminadas em nasal, nem sempre utiliza as variantes usuais *no*, *nos*, *na*, *nas*.

Assim, escreve *vigiavam-o*, *coadjuvavam-o*, *emparedavam-o*, *ouviam-o*, *subjugavam-o*, *fizeram-o*, *atraíam-o*, *desalentavam-os*, ao lado de *ameaçavam-na*, *aplaudiram-no*, *encheram-no*, *impediam-no*, *levantaram-no*, *ouviam-no*, *tinham-na*.

É de notar o curioso emprego da variante *na* diante de forma verbal não terminada em nasal: *tinha-na*.

3. Supressão de sílaba dissonnante (haplogogia sintática)

Registre-se a sistemática supressão de um *que*, por haplogogia, na expressão “o *que quer que fosse*”, em lugar de “o *que quer que fosse*”.

4. Elisões

Freqüentíssima em G. D., a elisão do *e* da preposição *de*, diante de vogal; e também do *a* da contração *da*, diante de *a*, e do *o* da contração *do*, diante de *o*: *d'Academia*; *d'oiro*, (excepcionalmente “*de oiro*”), *d'astros*, *d'esquelha*, *d'águas*, *d'olhos*, *d'estátua*, *d'abóbada*, *d'espaço*, *d'esgotamento*, *d'Ouvidor* - para citar apenas uns poucos entre centenas de exemplos.

Ocorrem igualmente outras elisões como *su'alma*, *entr'olhar*, *des'logo*, *qu' é*, *n'agitação*, *don'Ana*, *n'olfato*.

5. Prosódia e Ortoepia

Anote-se que na 1ª edição figuram certas formas acentuada (em desacordo com o uso atual) que provavelmente representariam a pronúncia do Autor, tais como *edénica*, *éfebos*, *desfólho*, *garrúla*, *inópina*.

6. Onomatopéias.

Entre as criações vocabulares de G. D. não poderiam faltar as onomatopéias. Anotamos as seguintes, não constantes do *Dicionário Aurélio*, que nos serviu de referência:

frufrolantes, *grongronas*, *plasplás*, *retintilante*, *ronflante*, *tantaneada*, *tintimbalar*, *trestalos*, *zonzonear*.

II - AS FORMAS E AS FLEXÕES

1. Quanto ao gênero.

1.1 Nem sempre o gênero dos nomes, em G.D., coincide com o uso geral.

Anotamos estas discrepâncias:

das esculcas cupidíneas, *todo* Paris, *a* hímen, *uma* coma, *uma* guache.

Está trocado o gênero feminino do francês *année*:

“do *Année Terrible*”.

1.2 Formas femininas não usuais também se encontram em G.D.:
soeza, morbidez.

1.3 Ocorre uma vez o masculino analógico *magricelo*.

2. Quanto ao número

2.1 Ocorre uma vez o plural *gracis* (por *gráceis*).

2.2 G.D. não flexiona adjetivos compostos que designam cores:

“cabeleira *loiro-cendrado*”; “ramagens *verde-malva*”; “gravata *azul-escuro*”; “manchas *verde-sombrio*”; “poeira *verde-grisento*.”

Igualmente sem flexão, *puro-sangue*: “o casco ferrado dos seus *puro-sangue*.”

3. Quanto ao grau

Merece registro o superlativo *humilfssimo*, ligado antes ao latinismo *húmilde* do que a *humilde*.

4. Adjetivos substantivados.

4.1 Há ocorrências incomuns de substantivação de adjetivos:

“toda a energia que encontra, ele a emprega nesta obscura luta de esforços contra *impossíveis*.”

“.... e arrastando as solas, pesando as gorduras de baixote nas sólidas pernas de *ativo*.”

4.2 É digno de menção especial o participio *sancionado*: G.D. utiliza-o — por duas vezes com inicial maiúscula — no sentido de “ordem estabelecida”:

“A novidade das suas audácias, lanhando o cerdoso couro do *Sancionado* [na 1ª ed. está *Saccionado*], arrancava-lhes concordante grita de entusiasmo.”;

“Eles eram, por sua vez, um esteio moral d’Academia, a coluna d’Hércules do *Sancionado*”;

“É desse meio afortunado onde o oficialismo encontra a sua substância, e a regularidade, o estabelecido, o *sancionado* fundam a sua resistência.”

5. Emprego do participio *aceite*:

“Foi *aceite* o alvitre”.

III - O LÉXICO

É na escolha e renovação do vocabulário que se esmera Gonzaga Duque. Essa riqueza por vezes até dificulta a leitura do seu denso romance.

1. Termos de uso raro, dicionarizados.

Revelando um domínio vocabular incomum, G.D. nos surpreende com o uso adequado de palavras raramente encontradas em ficcionistas brasileiros, preferida sempre a forma menos usual.

Surgem-nos termos como *acridade*, *alabástron* (por *alabastro*), *alambazado*, *anacorético*, *aparrado*, *atônico*, *azevieiro*, *balandrau*, *binocular* (verbo), *bota* (= “composição ruim de gravador, pintor, etc.”, “obra malfeita”), *cachopo* (escrito *cachoupo*), *caquemono*, *cairel*, *cárcova*, *carfológico*, *casaria* (por *casario*), *célico*, *charro*, *corrimaça*, *costumário* (por *costumeiro*), *epileptismo*, *escarótico*, *esfuracado*, *esmondar*, *fanico*, *fantascópio*, *farfalhenio*, *gafado*, *garotagem*, *jáspeo*, *lagrimosa*, *lentor*, *lúzio* (= “olho”), *olivário*, *opopónax*, *pandorga* (= “música desafinada e sem compasso”), *peganhento*, *primaveral* (por *primaveril*), *quintessenciar*, *rebrilho*, *reixa*, *ruborescer*, *tirso*, *torçal*, *trimulina*, *turibular*, *vernal* (subst.), *zambro*.

2. Neologismos (não dicionarizados no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira).

Aproveitando os recursos que lhe fornece a língua, põe G.D. em ação o seu poder criador: usa e abusa da sufixação e da prefixação, separadamente ou simultaneamente (parassíntese); apropria-se de radicais gregos e latinos para novas composições — resultando desse exercício uma prosa elaborada, requintada mesmo, a justificar seu manifesto intuito de renovação: “Nós precisamos de termos novos como de novas sensações”.

2.1 Formações com sufixos e/ou com prefixos usuais.

As mais abundantes criações vocabulares de G.D. são feitas com os sufixos e prefixos de que nossa língua normalmente dispõe. Muitas delas, graças a isso, nos soam como palavras conhecidas; outras, com sufixos inesperados, trazem a marca da novidade. Arrolemos os exemplos:

acasmurrado, *accessorial*, *aguatintadas*, *agulhoenta*, *alacrizar*, *alborente*, *alcatroento*, *algazarrentamente*, *almanjarrado*, *alvaciar*, *alvacimento*, *alvaiadecer*, *amargurosamente*, *amenizante*, *amorangado*, *animálico*, *apolentado*, *apoteósico*, *arautismo*, *arquear* (por *arcar*),

arrabanetada, aureolizante, bibeloteria, bigodilho, bizarrismo, burrego (de burro), cabelugem, cafurnento, carnavalismo, cellíneo, ceragem, cerúseo, cesarino, cheiradiço, ciborial, cineral (adj.), cismariento, clównico, colmear, comiserável, confortalecer, consolantemente, criselefantismo, crocodilhento, delambimento, definidade, deflanquear, deleixo, deixado, deformizar, devagueiar, descolcheteado, desgrimpar-se, desle(i)ar-se, emeigar (por ameigar, caso não seja gralha tipográfica), encurricar, engastado, engolfinar-se, enoitado, ensobrecasacado, equimosear, esbarrador, escamugir-se, esgrenhado, esgrouviar, esguelhudo, espalitado, especulativa (= especulação), esplendorar, esquerdeado, esterigar, estreijamento, evocada (= evocação), exemplarizar, extravagantismo, fanfarrar, farripagem, fastioso, feiral, fiapagem, flamurante, formilhar (= formigar), fosforejamento, fusiformar, glacilidade, gongoar, gorgolhões, grisento, grfseo, guizario (de guizo), hieroglifar, hosânico, iconoclastismo, iludidor, inanimalidade, inarmonizar-se, insólcito, interjectiva (subst.), intermuros, interpretativa (subst.), interrogativa (subst.), invocalizado, joalheriar, laborosidade, lazonismo, lenga (= lengalenga), lentescente, lilasear, lohengrinesco, louvaminheirice, luciolar (por lucilar), macabresco, macabrice, magnoliar, mecenásico, mendicagem, minareteado, mormaçoso, mumíático, nesgar, nevrosismo, nichal, nodoento, noival, noturnizante, oftalmizante, olfactação, ouvidoriano, padralhão, paisagenado, palmadar-se, pandeirar, pandiculariento, paspalhete (dim. de paspalho = paspalhão), pelhanquento, peregrina, picumar (de picumã = fuligem), pingenteado, porcelanado, potentino, pulvísculo, quietitude, rapinoso, remelengo, representativa (= representação), roseamento, saciantemente, safiroso, schopenhaurismo, sinaxe, sodomismo, supercoevo, tarantulento, tetilador, tintamarresco, torcegar, torcicolante, tremelico, vaseado, veioso, venúseo, verânico (adj.: de verão), verdíneo, verdiniano (de Verdi), violacear, visionamento, vortilhão, zingaroso.

Registre-se ainda a desusada interjeição *Irribus!*, de ocorrência frequente nos diálogos.

2.2 Formações com radicais e sufixos anômalos.

Não raro lança mão G.D. de certas combinações, suprimindo, acrescentando ou trocando fonemas ao radical ou ao sufixo, do que resultam formações por vezes estranhas:

abadacial, afetibilidade, anonimanizar, amorfanado (= “tornado amorfo”), *colibrinesco, emocibilidade, engolfinar-se, guizoriar* (de guizo), *impressionalidade, irrequietabilidade, tactibilidade.*

2.3 Compostos com radicais gregos e latinos.

São relativamente raras as palavras compostas com radicais gregos e latinos:

endoestesia, *lucifeito*, *noctiluco*, *onosarquia* (= “autoridade do onagro”, segundo explicação no texto), *onosarquismo* (“burrice autoritária”, também conforme o texto), *planimetria*, *poliforme* (cruzamento de *polimorfo* e *multiforme*), *rosiclareado*, *torcicolante*.

2.4 Deverbais

É freqüente o recurso a derivados de verbos, sem sufixo (deverbais). Estes não figuram no *Aurélio*: *aglomerar*, *acusar*, *arfar*, *arrevesar*, *derramar*, *empolgar*, *escapar*, *espalmar*, *esperdiçar*, *estorror*, *exalar*, *extravasar*, *lagrimejar*, *mordisco*.

2.5 Outros vocábulos não dicionarizados

Fora das classificações anteriores, registrem-se mais:

anfracto, *bombilo*, *cobalto* (adj.: “gibosidades *cobaltas* de serras”), *colitisco* (gr. *Kolytiscos*), *convernoso*, *dolora*, *engelha*, *esgarço* (adj.), *estrovinhado*, *explosir*, *exúbero*, *fruste* (adj.: “tacto *fruste* de campônio”), *grimpapé*, *heteresial*, *lambuçado*, *vivesar*, *zorame*.

2.6 Estrangeirismos

Entre os abundantes estrangeirismos, sobretudo franceses — característica da época —, avultam os referentes às Artes Plásticas, especialmente a Pintura. Eis uma relação desses empréstimos, que na sua maioria já estão dicionarizados e hoje aportuguesados:

abajur (*abat-jour*), *aplomb*, *atelier*, *bibelô(t)*, *biscuit*, *blaireau* (na expressão francesa *à blaireau*, “pintado com o pincel [chamado também, por metonímia, *blaireau*] feito de pêlos de *blaireau*” [animal mustelídeo, em português *texugo*]), *blasé*, *bond(e)*, *boudoir*, *boulevard*, *brasserie* (“cervejaria”), *bravi*, *break*, *bric-à-brac*, *brilhantine*, *cabaré(t)*, *caftan*, *calèche*, *calembourg*, *calotte*, *cavaignac*, *champagne*, *châtelaine*, *chez-lui*, *chope* (*chopp*), *crochet*, *croquis*, *echacorvos* (do castelhano *echacuervos*, “alcoviteiro, embusteiro”), *electro-plate*, *étagère*, *flamboyant*, *foulard*, *forget-me-not*, *fusainista* (do francês *fusainiste*, “artista que desenha com o carvão frível feito com a madeira do *fusain* [em português *evônimo*]”), *gauche* (escrito *gôche*), *guéridon*, *Hausfrau* (alemão: “dona-de-casa”), *himation* (do grego: “manto sem mangas”), *home*,

jeunesse, *leitmotif*, *lunch*, *maelstrom* (termo holandês: “turbilhão, vórtice”), *maquette*, *morbus* (latim: “doença”), *noir d'ivoire* (pó negro finíssimo empregado em pintura, feito de marfim e ossos calcinados), *pince-nez*, *pochade*, *poseur*, *pot-de-chambre*, *puff*, *ritornello*, *sensorium*, *shake-hands*, *ship-chandlers*, *smorzo* (italiano: “surdina”), *sombrero*, *spleen*, *sport*, *store*, *tarantella*, *toile*, *truque* (*truc*), *turf*, *veloutine*, *vermute* (*vermouth*), *veston*, *virtuosi*, *vitrine*, *ylang-ylang*.

G. D. emprega ainda alguns estrangeirismos incomuns:

esquissar (do fr. *esquisser*, “esboçar”); *piafar* (do francês *piaffer*, “calcar ou bater com os pés”); *pizzicatear* (do italiano *pizzicato*, “dedilhado”, termo de Música); *ritornelar* (do italiano *ritornello*, termo de Música: “repetição de um trecho”); *smorzar* (do italiano *smorzare*, “diminuir de intensidade, amortecer, atenuar, abafar”, usado geralmente apenas no gerúndio, *smorzando*, como termo de Música).

2.7 Expressões não usuais

Registrem-se as expressões *momentos logo*, *instantes logo* e *minutos logo* (em lugar de *momentos depois*, *instantes depois*, *minutos depois*); *de vez a mais*; *de quando por quando*.

IV - SINTAXE

Muito rica, a sintaxe de G.D. procura, naturalmente, pautar-se pela norma culta da língua.

Não poucas vezes, contudo, observam-se desvios, causados seja pelo desejo de originalidade, por refinamento, seja por influência de modos de dizer próprios do Brasil, seja ainda por influxo estrangeiro.

Adota ele, sem dúvida, aquela posição preconizada por Paul Claudel (*Posições e Proposições*, apud Paulo Rónai, *Dicionário Universal de Citações*):

“Os grandes escritores não foram feitos nunca para submeter-se à lei dos gramáticos, mas para impor a sua lei, e não somente a sua vontade, mas o seu capricho.”

Que é a mesma de José Lins do Rego (*Homens, Seres e Coisas*, MEC, 1952, p. 40):

“Os grandes escritores têm a sua língua, os medíocres a sua gramática.”

O que está muito próximo do pensamento de Marcel Arland, citado por José Lins na mesma página:

“Cada geração, cada escritor deve criar o seu próprio classicismo.”

Examinaremos essas peculiaridades nos vários campos da sintaxe.

1. Na regência

A regência, já se tem dito, constitui a questão crucial de uma língua: implica o uso correto das preposições e dos complementos verbais e nominais, área em que nem sempre G.D. segue o tradicional, fazendo mesmo correções de erros da primeira versão publicada na revista *Brasil Moderno*. Deixa-se algumas vezes, contudo, trair pelo uso coloquial brasileiro.

1.1 Utiliza ele quase sempre construções apuradas, ao gosto clássico:

“desfrutava *o* lazer das suas folgas”;

“posto que ... *franzisse* arreganhos superciliares”;

“por (= *para*) felicidade tua”;

“Começou a ensaiar xilografias, que vira trabalhar *por* um velho parente.”;

“Verias a cousa *por* outro prisma”;

“fazendo-*lhe* ver o seu quadro já pronto”;

“Sabino *deu* com a cabeça que sim”;

“limpou os lábios *ao* lenço”;

“Na política chamam-*lhe* estadista”.

1.2 Por vezes, entretanto, ferem-nos olhos e ouvidos regências inaceitáveis em autor tão requintado.

1.2.1 Em primeiro lugar a junção dos pronomes *se* e *o*, que Mário Barreto rotula de “horripilante solecismo” (*De Gramática e de Linguagem*, vol. I, cap. II), e que, nada obstante, G.D. perpetra pelo menos sete vezes:

“Olhava-*se-o* com veneração”;

“trabalho enérgico, que *se o* tenha simbolizado na persistência encorajada dos malhadores das forjas.”;

“Para *se o* encontrar”;

“O seu nome excedia ao de Rellangé, escrevia-*se-o* na mesma linha em que houvessem posto o de Horácio Vernet.”;

“Há que anos não *se o* vê!...”;

“Ora *se o* vê em fardas, ora em batinas.”;

“Sob tão diversas formas encontra-se-o por toda a parte.”.

1.2.2 Um dos brasileirismos que se insinua na prosa de G.D. é o emprego de *lhe* como objeto direto:

“as explosões, que tivera, deviam-*lhe* contentar de sobra”;

“Realmente, tudo isso desapontava-*lhe*.”;

“E logo a viva chama dos faróis de duas portas de modista banhou-*lhe* por inteiro.”;

“como se *lhe* houvessem enxotado de casa”;

“Penetrou-*lhe* mais envolvente uma fria desesperança”;

“E, como se *lhe* não impressionasse a notícia, voltou Camilo”;

“A sentimentalidade purgou-*lhe* nos magoados recessos de infeliz.”;

“O luar feria nas vidraças de suas sacadas um estreleamento diamantino, era como se *lhes* houvessem cravejado de astros rutilantes.”.

1.2.3 Ocorrem também as formas *o* e *la* onde se esperaria *lhe*:

“ouvira a voz de Henriette chamá-lo, em diminutivos de meiguice, e por pouco não despegava-se pelas escadas, a respondê-*la* com beijos”;

“continuou o passeio, sem palavras que *o* acudissem”.

1.2.4 Mencionem-se estas construções com a preposição *de* não necessária:

“Porém, essas reuniões, não excediam *dos* motejos e algazarras de bons rapazes alegres.”;

“aproveitou *da* oportunidade”;

“não teve a penetração bastante para avaliar *do* que ouvira”;

“É forçoso atendermos às condições do nosso meio, para avaliar *desse* mérito”;

“avaliava *das* obrigações que *lhe* pesavam”;

“conjecturava *do* triunfo possível da causa”;

“à don’Ana *disso* *lho* participou.”;

“se não ultrapassasse *do* seu fim aplicativo”;

“obras que não ultrapassassem *da* estreiteza da sua compreensão”;

“Camilo sorveu *da* sua cerveja”;

“Quis saber *do* que ele fazia”.

1.2.5 Podem-se, ao contrário, encontrar exemplos de eclipse da preposição *de*:

“Permaneceu na companhia do ‘outro’ à espera [*de*] que ele viesse lhe dizer: vamos.”;

“— Ora!... que há [*de*] ser?”;

“A arte há [*de*] ser arte, sem rótulos”.

1.2.6 Colhi este exemplo do uso indevido do pronome *se*:

“Venceremos, ainda que *se* nos reduzam a esmolar o pão e o teto;”

1.2.7 Neste outro exemplo, surge um *seu* intruso, uma vez que o pronome *lhe* o substitui na frase:

“Era impossível penetrar-*lhe* no *seu* espírito”.

1.2.8 Os verbos *atender* e *desatender* se usam como transitivos diretos:

“Agrário batia as pálpebras cansadas, teimando em *atender* a narrativa.”;

“*se desatendesse* a participação”.

1.2.9 O verbo *apostar* figura com a preposição *em*:

“— Aposto *em* como construía alguns versos.”.

1.2.10 Registre-se a preposição *por* no regime do verbo *relutar*:

“Camilo relutou *por* sair.”.

1.2.11 Uma vez o auxiliar *começar* vem desacompanhado da preposição *a*:

“*começou raspar* as ventas com a unha.”

1.2.12 É digna de registro esta elipse do objeto direto:

“E uma aflição *remordia*, escaldava-o.”

1.2.13 O galicismo *através* *o* insinua-se várias vezes.

2. Na concordância.

É no seu todo bastante cuidada, em G.D., a concordância, na qual, todavia, se afasta por vezes da norma culta.

2.1 No caso da passiva com o pronome *se*, é freqüente o uso coloquial

do Brasil:

“Alves Pena seguia Camilo para a *brasserie* Pelotense, onde *se questionava* os projetos de uma exposição”;

“E daí uma luta para *se lhe arrancar* as palavras.”;

“O caso não valia os comentários que *se fazia*.”;

“a exemplo de outros, aos quais *se nega* os menos escorregitos encômios”;

“Espero que *se me satisfaça* essas interrogações.”;

“Já *se lhe notava* privações ocultas.”.

2.2 São excepcionais outros exemplos de discordância:

“Se lhe fosse *dado* a suprema sensibilidade afetiva de uma dedicação”;

“as circunstâncias acidentais que os *aproximou* outra vez, pareciam um fatalismo.”.

2.3 Numa sucessão de diálogos — o que é natural —, misturam-se os tratamentos *tu* e *você* (cap. III):

“— Já viu *você* desaforo igual?...”

E mais abaixo, diz o mesmo interlocutor, Julião:

“— *Estás* a dar com o meu padrinho...”

Na página seguinte, Agrário usa também formas verbais de pessoas diferentes:

“— *Tem* paciência.”

E adiante:

“— *Espere, espere*, senhor.”

A mistura prossegue até o fim do diálogo.

2.4 Uma vez ocorre no feminino o pronome demonstrativo, em situação em que, dado o seu caráter neutro, só se costuma empregar no masculino:

“— Sim, é uma questão de época, eu sei, e por sabê-*la* não irei, inconsciente-mente, na correnteza das aceitações.” [= “por sabê-*lo*”, ou seja, “por saber *isto*”].

2.5 Registre-se ainda a concordância no feminino com o pronome *a gente*:

“Um dia, partindo *a gente*, a sorrir e *confiada*, para o horizonte nunca mais volta.”.

3. Na colocação dos pronomes átonos.

Não é de estranhar que neste romance G.D., no que se refere à colocação dos pronomes átonos, se afastasse muitas vezes da norma lusitana em favor da brasileira: na época em que escreveu *Mocidade Morta* (1897) ainda não se haviam acendido os debates em torno do assunto, e escritores de peso, seus contemporâneos, como Rui Barbosa e Carlos de Laet, incidiram no mesmo “erro”.

3.1 Ocorrem exemplos — freqüentes já em autores brasileiros do Romantismo — de pronomes “soltos” entre verbo auxiliar e verbo principal (na verdade em próclise ao verbo principal, conforme a intonação brasileira):

“Agrário, tendo *se* retirado definitivamente”;

“*ia se* retirar”;

“Camilo foi *se* deixando ficar”;

“Houve um momento que lhe pareceu ter *se* esquecido de tudo”.

Neste exemplo, algo malsoante, o auxiliar (*ter*) está elíptico, e o pronome *se* fica proclítico a um particípio:

“uma visão dos priscos tempos atenienses em que devera ter nascido e *se* ficado”.

Nestes dois exemplos, entre o auxiliar e o principal vem a preposição *a*, situação em que, tradicionalmente, não cabe a próclise:

“admiradores chegavam *a lhe* negar o direito da perpetuidade do seu apelido”;

“começou *a se* afastar”.

Aqui seria dissonante a ênclise ao infinitivo: “*a* afastar-se”.

3.2 É freqüente a ênclise nas orações negativas e nas subordinadas:

“ele confessou *que* obtivera-o; [A próclise provocaria hiato pouco eufônico: “que *o* obtivera”];

“mas *se* volviam-se-lhe os olhos”;

“*nunca*, como hoje, seduzira-o tão fortemente”;

“*quando* o álcool derramava-lhe no cérebro azuladas delicadezas”;

“*Quando* Agrário voltou-se”;

“Chegou a comunicar suas idéias à francesinha, *que* acolheu-as batendo palmas.”;

“por pouco *não* despegava-se pelas escadas”;

“atrapalhando-se com o ‘pincenez’ *que* desmontava-se a todo o momento”;

“À sua mesa,... em derredor *da qual* sentavam-se”;

[Com a próclise haveria uma colisão deselegante];

“Fazia-se urgente a fundação de uma revista *que* desenvolvesse o gosto público, iniciasse-o nos progressos da arte européia, despertasse-lhe o interesse por esses assuntos.”;

“existência feita no exílio, a *que* o infortúnio levou-a”;

“Nunca vira-o tão de perto”;

“quando Henriette dirigia-se ao Doutor”;

“porque arrebatava-se;

“quando o infeliz descobriu-se;

“E ninguém salva-se da influência desta força”;

“a queixar-se dos prejuízos *que* ameaçavam-na.”.

[A próclise provocaria um hiato malsoante: “que a ameaçavam”.]

3.3 A despeito desses numerosos desvios da norma tradicional, G.D. emprega várias vezes — como nos clássicos — o deslocamento do pronome para antes da negação:

“o Colaço, *que* *lhe* não suportava as idolatrias”;

“Havia muito tempo *que* *se* não viam.”;

“E eu *lho* não contesto.”.

V. CONTRASTES DE ESTILO

Se se compararem entre si certos trechos de *Mocidade Morta*, parecerão, à primeira leitura, de autores diferentes.

Uns poderiam figurar numa antologia de 1º grau em que se quisesse exemplificar uma descrição modelar, com adjetivação abundante, mas de compreensão fácil, a despeito de alguns poucos termos de emprego menos comum:

“Um cheiro infiltrante, de resedás em flor, evola-se da calma edênica e ciciante de inculto jardim vizinho, onde os caramanchéis descuidados distendem lindas redouças caprichosas sobre um muro limoso e triste. Às sextas, nas horas angélicas do meio-dia, cigarras estridulam nas franças e ramarias. Não há transeuntes, apenas três habitações quietas formam a existência

deste ignorado remanso.” (P. 205)

“Adormecia no isolamento do parque a paz mormaçosa da canícula, que o cicio fanho de uma cigarra, irrompendo da calma de fronde próxima, impregnava da indefinida tristeza das separações recordadas, tão sugestivas e dolentes na serenidade dos ermos, nos remansos bucólicos da natureza! Copas de arbustos pendiam abatidas à causticidade do sol que feria, no verniz dalgumas folhas, golpes faiscantes de aço; e, monótona, sempre no mesmo rolar intérmino, uma escassa corrente d’água batia de queda em queda, soluçando pelos pedregulhos bojudos da cascata.” (P. 214-15)

Nada nos revelaria, à leitura desses trechos, as características mais marcantes da prosa de Gonzaga Duque, muito mais nítidas em passagens como estas:

“O da boquilha de cerejeira radiava naquela chocarrice concupiscente, dando de olho à interpretação perspicaz da sua gafeira priápica, prevendo arrepanho de saias e carnações desveladas à tactibilidade erótica dos dedos sarrentos. Irritado pela prurigem sensual dos seus instintos, largou a tagarelar sobre rameiras do fanico, de que ele tinha uso inexcedível, mas os rapazes repeliram-no a debique, borrando-o de qualificativos corrosivos que lhe lanhavam a podridão íntima, entortando na sua boca escorbútica sorrisos azedos e desconfiados.” (P. 19)

Esta outra passagem tem sabor simbolista, como tantas outras do livro:

“Um vago torpor doentio errava pelo crepúsculo suavíssimo, fluidificava-se, penetrava n’alma, amolentando-a com reminiscências turbuladas, em volteios enlanguescentes, no incensário invisível das Saudades. O ar resfriara. Soprava, muito fina, uma aragem glácida. Sombras noturnizantes desciam lentas, e lentamente estendiam o luto das horas magnas carpidas nos bronzes sacros dos templos a que respondem cicios fervorosos de preces, persignações reverentes de humildade e crença...” (P. 141)

Outras nos soam nitidamente realistas, ou até naturalistas:

“Nesta fantástica figura zebrada de listrões, o carão rapado besuntado de laivos coloridos, berrando com a boca em sangue que chagava os lanhos verdes de uns lábios clównicos, a esgazear bugalhos aflitos em cavernosas órbitas de vermelhão e trejeitando desespero nas faces sujas de oca, sujas de azul, sujas de siena; neste extraordinário doudo carnavalesco, tremelicante e

pandemônico, Camilo reconheceu o Sebastião Pita,” (p. 207)

Leiam-se as longas tiradas de Camilo Prado — *alter ego* de Gonzaga Duque — por exemplo nas páginas 165-170, 177-182, 197-201, marcadamente caracterizadoras da prosa do autor, em que — ao contrário do que faziam escritores seus contemporâneos, como Coelho Neto, que timbrava em separar nitidamente a linguagem do narrador e a dos personagens — se fundem ambas no mesmo estilo, até em diálogos triviais.

VI. A LINGUAGEM FIGURADA

Num escritor tão ligado ao Simbolismo, é natural a ocorrência abundante de figuras de linguagem, alterações ou desvios na forma, construção ou significação das palavras, com finalidade expressiva.

Como simples amostra, relacionam-se aqui apenas alguns dentre dezenas de exemplos expressivos, sem preocupação de distinguir entre figuras de dicção, de sintaxe, de palavras, de pensamento.*

1. Aliteração

A aliteração, repetição de consoantes iguais ou homorgânicas, mais comum no verso, ocorre algumas vezes:

1.1 Repetição dos fonemas /f/ e /r/:

“O batente pesado ringiu, ríspido, num som *farrusco* de *ferragens* brutas e gonzeou, vagarosamente, cedendo, *rouquenho*, ao impulso.”

Note-se também a sinestesia na expressão *som farrusco*, em que se associam audição e visão. É neologismo de G.D. *gonzear*, de *gonzo*.

1.2 Reiteração dos fonemas /m/ e /l/:

“Caíram na *mesma melancolia muda*, *imobilizados* pela visão acovardante de *lutulentos pântanos íntimos*, *silenciosos* e *extensos*, por onde não passa a claridade do dia nem retremula a *elétrica coréia* voejante das *rútilas libélulas* dos sonhos...”

* Quero agradecer aqui a preciosa contribuição do Prof. José Antônio Senna, que me forneceu desinteressadamente substanciosa colheita resultante de sua pesquisa na leitura de *Mocidade Morta*.

2. Assonância

Encontram-se exemplos de assonância, repetição da mesma vogal, especialmente em posição tônica:

2.1 Reiteração do fonema /a/:

“... num entalho magistral, na plasticidade de uma pedra amaciada pelo dessoro do plenilúnio das baladas, na qual parecesse tremer a nata magnolial dos coalhos lácteos...”

3. Comparação

Muito numerosas, as comparações geralmente vêm combinadas com outras figuras. Citam-se umas poucas:

“A louçania da sua pele, onde esparsos mordiscos de sarda esmaeciam, tinha o quer que fosse da volatilização aromal de uma flor mádida.” [Observe-se ainda a valorização do subst. abstrato *louçania* (= a sua pele louça).]

“À claridade sua pele ganhara um laivo esverdeado, diminuíram-se-lhe os olhos, um pouco, *como* adstringidos por uma coma muito leve e baça, que lhe ia apagando a luz espectral das pupilas.”

“... o hiato da sua boca esculpia a trágica expressão de um terror e os globos dos seus olhos, quase sumidos de pupilas, permaneciam imóveis no fundo bístreio das órbitas *como* o branquejar de denúncias na treva de um antro.” [Notem-se o uso metafórico de *esculpia* e o neologismo *bístreio*, derivado de *bistre*, a coloração arroxeadada das olheiras.]

“E uma opressão confusa, de viuvez esponsória, de promessas irrealizadas, cresceu pela sua alma *como* uma letargia de cloroformização.”

4. Hipálage

São muito numerosas em G.D. as hipálages, em que “se atribui a certa(s) palavra(s) de uma frase o que convém logicamente a outra(s) da mesma frase, clara(s) ou subentendida(s)” (Aurélio):

“... O peso safiroso d’abóbada caindo numa gradação lenta para o cinábrio vago das auroras crescentes...” [A *abóbada*, e não seu peso, é *safiroso* (neologismo).];

“... num país *flavo* de sol, ...” [*flavo* é o sol, não o país];

“... alacridades *colibrinescas* de sons...” [= “Sons álares e

colibrinescos”; o substantivo abstrato, *alacridades*, fica valorizado com o adjetivo *colibrinescas*, aliás neologismo do autor.];

“... pupilas noturnas tinham reflexos *magoados* de roxo mortuário.” [*Magoados* qualifica *pupilas*, e não *reflexos*.];

“Os rapazes entr’olharam-se; sorrisos compassivos frisaram, rápidos, brancuras *sardônicas* de caninos terríveis.” [Valoriza-se o subst. abstrato *brancuras* com o adjetivo *sardônicas*, que logicamente se refere a *caninos* (= caninos brancos e sardônicos), usado por metonímia.];

“Um crepúsculo invadia a sala, espalhava larguezas *manchadas* de água-tinta em derredor...” [= manchas largas];

“... com uma esperança *parva* no olhar...” [*Parvo* é o olhar, não a esperança.].

“... errando pelas areias das estradas claras a sombra *taciturna* da sua silhueta.” [*Taciturno* é o personagem, e não a sua sombra.].

5. Metáfora

A metáfora — a figura por excelência — não poderia deixar de ter a maior frequência em *Mocidade Morta*. Difícil selecionar, entre as centenas de ocorrências, algumas das mais expressivas, como sejam:

“... os torreões minareteados dos seus sonhos...” [Associam-se o concreto e o abstrato; figura também uma sinonímia entre o nome substantivo e o seu atributo, uma vez que *torreão* e *minarete* se aproximam semanticamente.];

“Por seus pensamentos flamaram fogaréus satânicos do laboratório convernoso de Megeras...” [O concreto (*fogaréus*) aplicado ao abstrato (*pensamentos*); notem-se ainda a sugestão aliterante [*flamaram fogaréus* e o neologismo *convernoso*, talvez cruzamento de *convexo* e *cavernoso*.]

“... sob a ironia fundibulária da sua prosa...” [G.D. inova no emprego como adjetivo do substantivo *fundibulário* (“aquele que combate com funda”), usado com referência a subst. abstrato (*ironia*).];

“... hora liquescente de uma tarde em Nazaré...” [O substantivo *hora* não pode tornar-se líquido.]

“... cobertas pela toalha alva da paz e da abundância...” [Um substantivo concreto (*toalha*) se une a dois abstratos (*paz* e *abundância*).];

“Costejando pelos promontórios septentrionais da idade...” [Ao subst. abstrato *idade* se liga o concreto *promontórios*; observe-se o neologismo *costejar*, por *costear*, com mudança de sufixo.];

“Andou pelo espírito de todos o impertinente moscardo da interrogativa.”
[O concreto *moscardo* vem referido ao abstrato *interrogativa*];

“E, quando ela sorria, numa festa d’escarlates brandos e neves sem frio...” [Referência aos lábios, às gengivas e aos dentes.];

“... enquanto... a sucessão do tempo rolar o ardente topázio do sol, rolar a opala acesa da lua sobre o firmamento tranqüilo...” [Metáforas resultantes da analogia de cores: *topázio* = *sol*, *opala* = *lua*.]

6. Sinestesia

A sinestesia — associação simultânea de sensações de domínios sensoriais diferentes, como visão e audição, tato e olfato, etc. — dá margem a algumas das mais expressivas imagens de G.D.:

“... um calor aéreo de amarelos...” [Mescla de tato (*calor*) e visão (*amarelos*).];

“No fundo, sobre a negrura completa do tapume, o busto gessado de Augusto Comte esmaecia numa doçura mate...” [Associam-se paladar (*doçura*) e visão (*mate*).];

“Mas que, ao menos, tivesse na sua desgraça este luar de hoje, macio e aromático, como se o astro se fizesse magnólia, como se a luz se fizesse veludo!” [Fundem-se visão (*luar*), tato (*macio*) e olfato (*aromático*) — tudo realçado pelas comparações (*astro* — *magnólia*, *luz* — *veludo*).]

VII. O DISCURSO DIRETO E O INDIRETO

Na época da elaboração de *Mocidade Morta*, já Machado de Assis havia publicado a maior parte dos seus romances, nos quais dominava exemplarmente a técnica dos discursos direto, indireto e indireto livre.*

Embora dispondo de tão ilustre modelo, G.D. claudica, por vezes, na utilização desses três tipos de reprodução de diálogos e de monólogo interior.

Umás vezes a deficiência está na impropriedade da pontuação e na abertura indevida de parágrafo com os verbos *dicendi*; outras, no uso de aspas para reproduzir seja o discurso direto, seja o indireto ou o indireto livre; ou ainda na mistura dos discursos indireto puro e indireto livre.

*Veja-se, a propósito, o ensaio de Matoso Câmara Júnior “O Discurso Indireto Livre em Machado de Assis”, incluído nos *Ensaíes Machadianos* (Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978).

Vejam-se algumas amostras, onde é meu o grifo:

No grupo, um dos rapazes protestava *preferir a moreninha do Barão de B... à honra de admirar a obra genial de Telésforo*. (D.I.) E recebia aprovações. “*Dessem-lhes o mulherio que andava por lá e se ficassem com todos os quadros do imortal pintor*”. (D.I.L.) (p. 13 da 1ª ed.) [Observe-se que, depois do trecho em discurso indireto puro (D.I.) vem outro em discurso indireto livre (D.I.L.), desnecessariamente entre aspas.]

Outra passagem indevidamente aspeada, na utilização um tanto canhestra do D.I.L.:

Cumprimentou às senhoras com discreta familiaridade, e se “o nosso artista lhe desse vênica, faria uma pequena observação”. (p. 21)

O Autor usa às vezes aspas, em lugar de travessão, na indicação do discurso direto:

... e após um momento ... terminou: “... a história só teria o clarão do meu talento!” (p. 23)

G.D. sabe, porém, utilizar corretamente o D.I.L., e reproduzir o monólogo interior. Veja-se, na página 27 desta edição, o parágrafo que se inicia com as palavras “Num largo distendimento do braço, simulou abranger o imenso painel.” No terceiro período tem começo longo trecho em D.I.L.: “Não! Ela ali estava, enorme,”, que se estende até o fim do parágrafo, na melhor técnica de estilo: “E em que era ele menor que um ídolo?...”

O fato repete-se em numerosas passagens de *Mocidade Morta*.

Causam-nos estranheza, assim, certos procedimentos do Autor, como o uso deficiente de travessões e a abertura indevida de parágrafo antes de verbos *dicendi*. (A numeração remete à edição *princeps*.):

— Que há?

Perguntou-lhe Agrário, a preparar o cigarro, muito devagar, ainda resfriado da desilusão recebida. (p. 52)

— Ora bolas! Exclamou Agrário levantando os ombros. (p. 57)

— Que geringonça é esta, ó Pita?

Perguntou Agrário, batendo no embrulho. (p. 59)

Outras vezes é o mau uso do D.I.L., ou sua mistura com o D.I.:

... o Melo Castro, numa beatitude de admiração, implorou: “que continuasse... Estava lindo!...” (p. 75) [Aqui são os dois-pontos inadequados antes do D.I., as reticências neste incabíveis e a sequência em D.I.L. dentro das mesmas aspas.]

Franklin saiu ao seu encontro, febricitante por lhe ouvir a resolução, porém ele encolheu os ombros: — “Que fazer?... Tudo perdido. A Academia estava com a força, tinha a imprensa, tinha a sociedade, tinha o governo.” (p. 154; nesta edição, 118) [Os dois-pontos e o travessão fariam esperar um trecho em discurso direto; o que vem a seguir, no entanto, possui as características do discurso indireto livre, e devia inserir-se, sem aspas e depois de ponto, no próprio discurso do Autor.]

Conclusão

Os processos expressivos usados por Gonzaga Duque — desde, e sobretudo, a criação vocabular à originalidade das figuras — são suficientes para caracterizá-lo, visto pelo prisma do domínio da língua, como um dos mais singulares autores brasileiros dessa época de transição: fim do século XIX, início do século XX.

Adriano da Gama Kury

E ele era só, só! sem camaradas, desviado da farândola boêmia da Mocidade que vem pela alegria, a pandeiar ilusões, a cantar madrigais, às feiras gritalhonas e cobiçosas da Vida. Pobre visionário!... Mas... era a vida! Ele, que fazia para viver? Ah, era preciso viver... Enfim viver!... E se a Morte... Por que se lembrar da morte quando se tem mocidade? Ora, a Morte... Por que se lembrar dela? Quem pode escrever um nome na memória dos homens, abrir as páginas conquistadoras de uma obra sobre os séculos, não se acovarda com a sinistra sombra flamante de uma mortalha agitada. Mas, antes de tudo, é preciso conseguir este Nome, trabalhar nesta Obra... Quando se tem um sonho a realizar, o sofrimento é a oferenda da alma que busca as paragens vastíssimas da glorificação... Bendito o sofrimento que faz os eleitos!...

[Montagem de trechos cujo tema conduz os capítulos finais do romance.]

Mocidade Morta é uma narrativa de forte intonação reflexiva e ensaística. O autor coloca-a diante do leitor enquanto um sistema de contradições apaziguadas de modo instável, que nessa mesma assimetria encontra a sua lógica. Reconstituição minuciosa de um ambiente intelectual árido, de amorfo provincianismo, estranho a qualquer anseio de criatividade autêntica, essa operação de denúncia assume ao mesmo tempo o caráter exigente de auto-exame. Levada avante por meio de um estilo nervoso, de colorido alto e elocução preciosa, ela se apóia nas coordenadas estéticas do Impressionismo naturalista. O autor buscava uma linguagem nova, capaz de reproduzir a complexidade da alma moderna fim-de-século, e não rejeita experimentações com a escrita. A escolha de certo vocabulário rarefeito alia-se a constante intenção de subverter o ritmo linear da frase. Esta vai prolongar-se através de torneios sintáticos de extrema elaboração, em busca de musicalidades inéditas. Ou, então, se fragmenta em reticências e exclamações que se organizam em frementes arpejos sucessivos. A escolha da singularidade expressiva contrasta propositalmente com os episódios mesquinhos que descreve. E o tom da narrativa vai oscilar pendularmente, todo o tempo, entre sarcasmo e desalento, indignação e entusiasmo, incorporando ao contexto os mais diversos registros lingüísticos e narrativos.

O romance tem como cenário o ambiente fluminense dos artistas-pintores ao final dos anos 1880, figurado num impiedoso retrato coletivo. O tema profundo da obra, no entanto, acompanha antes o inevitável isolamento do introspectivo que busca sem concessão o 'Ideal'. Um indivíduo cuja exigência de forma coerente afasta de si, no mesmo repúdio, tanto o pedantismo conformista da auto-suficiência, como inconsistências e espontaneísmos veleitários. Para alcançar isso, *Mocidade Morta* vai utilizar justaposições de tecidos estilísticos diversos, que se sucedem no texto quase sem transição, não vacilando no emprego, lado a lado, de procedimentos composicionais de teor divergente. A obra está dividida entre determinada crônica de grupo, que necessita abrangência, e a visão subjetiva do protagonista doente de egotismo. Não desejando abrir mão de nenhuma das duas perspectivas, o ficcionista procura superar a pulverização narrativa, inseparável da estenografia impressionista, conciliando-a com os procedimentos tradicionais do Realismo verista. Estes aí caracterizam episódios, situações e diálogos — dramáticos ou humorísticos — com indiscutível habilidade.

Autor de ficções fragmentárias, Gonzaga Duque sabia como registrar o vasto painel intimista de sensações orquestradas em sinestesias. Desenvolveu minucioso pontilhismo psicológico e estilístico em composições breves, de

andamento muito próximo ao poema em prosa, onde esse experimentalismo decadista havia sido fim em si mesmo. Bem o caso de “Idílio roxo” e “Benditos olhos!”, que — sempre com êxito relativo — procuravam harmonizar jogos cromáticos de sensações, explorando a gradação de espectros de luminosidade verdes e violáceos; de “Agonia por semelhança”, apanhado das vertiginosas ânsias de um míni Des Esseintes fluminense, que estetiza, num delírio, lembranças eróticas pregressas; do noturno sufocante de “Sob a estola da Morte”, versão geometrizada, em contradança macabra, de um noivado-do-sepulcro *modern-style*; do sardônico movimento imprecatório de “Sapo!”, de talhe claramente emblemático; da melancolia desmaiada de “Ruínas”, que procura acompanhar a música do que foi num velho cravo de martelos desarticulados; de esboços frustrados, como que deixados em meio, de “Aquela mulher” e “Miss Fatalidade”, perfis femininos de uma sensibilidade nervosa, em que o nanquim foi realçado com sangüínea; da elaborada fantasia pré-rafaelista de “Posse suprema”, tópica lírico-macabra que não hesita servir-se de castelos, mosteiros, magias, profanações desejadamente sem verossimilhança; de narrativas mais veristas como “Confirmação” ou “Ciúme póstumo”, este lembrando pelo tema, de delicada ironia, “Moça, flor e telefone” de Carlos Drummond de Andrade, aquele permeado de sutil frêmito emotivo, parecendo anunciar, graças ao “cheiro de consultório”, certos contos de Gastão Cruls de ambiência sobrenatural; da ousada alegoria “A morte do Palhaço”, que transfigura o desencontro do fazer artístico de extrema elaboração com as exigências banais de um público ignorante e grosseiro — texto que será talvez a realização mais forte e mais completa de Gonzaga Duque neste gênero.

Todos esses escorços, nervosamente pulsantes e matizados, seriam reunidos no volume póstumo *Horto de Mágoas*, de 1914; a eles poder-se-ia acrescentar outros, “Trecho de alma”, por exemplo, que apareceu em abril de 1908 na revista *Kosmos*. Diversos deles, porém, são anteriores ou contemporâneos de *Mocidade Morta*, concluída em 1897; com certeza o caso de “Benditos olhos!”, estampado no *Pais* em julho de 1894.

Até então não havia preocupado a Gonzaga Duque o problema de que o conglomerado de pormenores da análise intimista pudesse obstruir uma ação ficcional encadeada, que deveria progredir no tempo enquanto sucessão de episódios. Colocado diante do dilema ao esboçar um romance, o autor procurou tornar compatíveis essas diversas oposições. Decidiu-se por incorporar, entre os diversos níveis narrativos do texto, freqüentes apóstrofes de caráter poemático, não muito distantes do registo do discurso indireto livre, as quais assinalariam a passagem da exposição objetiva de fatos e episódios para o

tumulto íntimo do protagonista. Essas apóstrofes foram cifradas segundo certa ortodoxia simbolista, já então alvo fácil de paródia e caricatura. Imagens as mais das vezes de teor litúrgico, elas se superpõem à textura narrativa propriamente dita. Funcionam quase como reforços retóricos *impostos* sobre a fluência verista do narrado; o seu retorno é previsível após as primeiras intervenções. Com o estranhamento que causam, acabam por ganhar ressaltos na trama, conforme a expressa vontade autoral. Sobressaem, com o seu grafismo caligráfico, por sobre a dicção cotidiana do naturalismo descritivo, que constitui em *Mocidade Morta* a outra face operativa desse ondulante escrever artístico.

Outro procedimento que ocorre com insistência indiscreta no decorrer da novela é a utilização de algumas passagens de explícita factura 'beletrística', inseridas — melhor diríamos: coladas — no texto envoltório. Escritas portanto elevadas a uma segunda potência, pela sua condição de artefactos especialmente preciosos, tais trechos também passam a existir como "em relevo" no interior da página-base. Reconstruções pseudo-arqueológicas, fragmentos de 'ficções antigas' redigidas pelo protagonista — uma de ambiência ática, outra romana —, tais destroços de "romance" dentro do romance são redundantemente transcritos, sem qualquer parcimônia, em duas circunstâncias diversas. Com isto o autor buscava talvez um efeito sardônico: contrastar o idealismo dessas visões heróicas com a banalidade desesperadora do presente, ao mesmo tempo documentando os entusiasmos passageiros desse personagem-autor-ele-também, o qual não consegue ânimo necessário a fim de concluir os seus tentames literários pelo menos durante o tempo da narrativa- envoltório.

Tantas e tão diversas questões preliminares acusam a complexidade estrutural do texto de *Mocidade Morta*, cuja factura compósita reflete soluções típicas de um período de exasperado Ecletismo. Problemático em todos os sentidos, o romance de Gonzaga Duque consegue contudo superar as suas várias explícitas contradições pela extrema elegância intelectual da concepção e pela sofrida densidade de execução, levadas avante pelo autor a todo o transe. Uma e outra, execução e concepção, demonstram estarmos diante de um artista autêntico, que luta apaixonadamente com o material a fim de dar corpo condigno à obra. E que o consegue, apesar das agudas perplexidades que a todo o momento o assaltam.

A estrutura narrativa instável de *Mocidade Morta* é bastante curiosa. O mesmo título oscila no significado, acolhendo, no seu *Morta*, toda uma gama de possíveis metafóricos: inerte, imóvel, inútil, desfibrada, perdida, assassinada... A ação desenrola-se entre fins de 1886 e os últimos meses de 1888. O

primeiro ano é indicado pela publicação do romance de Zola ali repetidamente referido (*L'Oeuvre* apareceu em Paris em março de '86); o último, infere-se não apenas de um diálogo do Capítulo XVIII, único de todo o texto a precisar uma data ("Recorda-te do susto que pregaste ao Telésforo? Há um ano, não há?" "Sim, há um ano e dous meses. Foi em outubro de '87."), mas ainda pelos comentários feitos à mesa da pensão da Gamboa sobre as prováveis consequências políticas da Abolição do Cativo sem o ressarcimento dos senhores de escravos. A narrativa abre-se com grande brilho. A cena da inauguração solene do painel *A Rendição de Uruguaiana*, obra monumental de Telésforo de Andrade, insigne "dignitário da Rosa e palma d'Academia de França", é notável pela exuberância da escrita e pelo amplo desempenho de figurantes e protagonistas. Cuidadosamente composto, o episódio foi planejado numa sequência elaborada de passagens que se sucedem e planos que se encadeiam com respiração generosa. Os múltiplos, crescentes toques humorísticos, transfigurando-se em ironia e sarcasmo, enformam com felicidade a escrita ampulosa, animando-a de modo funcional em extremo. Promessa de vivacidade e de movimentação frustrada, aliás, pelo restante da obra, cujo caráter predominantemente intimista será quase sempre estático.

Dos capítulos II ao VIII (este, outro momento alto do texto: a visita dos 'Insubmissos' ao atelier do escultor positivista Cesário Rios) a ação retrocede no tempo, retomando os antecedentes do desacato consumado pelos membros do *Zut!* contra Telésforo. O foco narrativo, que até então havia acompanhado Agrário de Miranda, transfere-se — final do Capítulo VI — para o amigo Camilo Prado, quando o moço crítico pela primeira vez consegue vislumbrar os estreitos horizontes intelectuais do amigo pintor, que antes ele idealizava. Através dos olhos de Camilo de agora em diante acompanharemos a narrativa até a conclusão. Dos capítulos IX ao XX — que sucedem, do ponto de vista da cronologia, à cena de abertura do romance — seguimos as consequências da provocação dos 'Insubmissos' a Telésforo, o qual se vinga patrocinando sutil campanha de descrédito contra o grupo através de toda a grande imprensa. Assistimos assim o dismantelamento progressivo do *Zut!*, que corre paralelo ao crescente interesse erótico de Camilo-o-indeciso pela prática e tão razoável Henriette. A qual, abandonada por Agrário, apesar de merecer os prolongados cuidados do jovem esteta, que não sabe se definir, será recolhida pelo desejo maduro do 'impossível' Doutor Heráclito.

É nesta terceira fase do andamento do romance que encontramos as passagens menos bem resolvidas do texto. Delas são exemplo os fastidiosos Capítulos XIV e XVII, de estrita obediência naturalista, cuja rasa literalidade

torna inevitável o bocejo do leitor. O primeiro deles traz as abstratas disquisições de Camilo, rebaixado a *raisonneur* estético, que discorre eruditamente sobre arte antiga e estatuária grega diante de um Agrário e uma Henriette ligeiramente entediados, eles também. Presa de entusiasmo, naquela noite de chuva, a visita dispõe-se a ler para o casal um trecho da ficção sobre os tempos clássicos que andava rabiscando. Trata-se de um episódio trágico de circo, na Roma dos Césares, decerto visualizado — apesar da alardeada repugnância de Camilo pela pintura de História — através de famigeradas telas executadas por Gérôme em 1859 (*Pollice verso, Morituri te salutant*). Nele aparecem glosados rebuscadamente, com fruição parnasiana de vocabulário raro e arcaico, elemento de sensualidade sado-masoquista, maneira *Salammbo-Hérodias*, acrescidos de outras reminiscências, provenientes tanto do Chateaubriand de *Les Martyrs* como de um patético tardo-romântico, que vacila entre a *Fabfola* de Wiseman e o recentíssimo *Quo vadis?* de Sienkiewicz. Sem esquecer ainda a sequência antiquária de *A Relíquia* (romance aludido no texto) e as contorcidas reconstituições à Flaubert da *História da República Romana*, de Oliveira Martins — respectivamente de 1886 e 1885 —, dois autores muito apreciados por Gonzaga Duque. Todo esse longo fragmento circense duplica, aliás, numa oposição assimétrica, a narrativa oral de outra novela do mesmo Camilo, que numa passagem anterior de *Mocidade Morta* havia esboçado para o pequeno grupo de 'Insubmissos' numa cervejaria do Centro. Ficção de contorno erótico mais pacato mas nem por isso menos codificado: a Grécia das Frinéias, onde comparecem, tirados de Tiepolo, figuras veneráveis de imponentes sacerdotes alvibarbados...

É sempre nesse terceiro movimento do romance que encontra lugar a célebre apóstrofe sobre a decomposição física, impressionante poema em prosa encaixado no capítulo XV, em meio a delicada reconstituição de um ambiente de enfermaria pobre, na Santa Casa de Misericórdia. A ocasião propícia é a comovida cena da morte de um companheiro de boemia, figura patética na sua alienação afetiva — o Alves Pena. Essa passagem, que pode ser lida de forma independente, e decerto foi criada à margem do romance, aí funciona como arbitrário excursão dramático. Andrade Murici incluiu-a, com razão, no *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, onde consta como texto exemplar de Gonzaga Duque. Um escrito febricitante, que, no seu incisivo espocar de recursos literários bem calibrados, retoma, numa linha própria, certa contemplação dos imperativos do Determinismo biológico. Pretexto de que o autor se utiliza com o fito de desenhar fantásticas paisagens em transformação contínua, à maneira de um geólogo que descrevesse, com talento de pin-

tor fantástico, os movimentos da calota terráquea convulsionada pelo embate de gases, sólidos e líquidos durante os primeiros tempos do Planeta.

Página de inspiração à Edgar Poe, louvando-se livremente, também aqui, do 'modelo' goncourtiano — reforçado pelas experimentações da escrita de Villiers e de Fialho, de Huysmans e do Ortigão estetizante, sem esquecer as tentativas locais do conterrâneo e coetâneo Pompéia —, terá fascinado a sensibilidade expressionista de Augusto dos Anjos, que então se voltava, sequiosa, para o macabro e o grotesco. Isto porque, sem prejuízo do seu culto pelo Ideal, que com ela dialoga, é a infra-estrutura determinista que enforma a visão de mundo de Gonzaga Duque, mesmo quando se apresenta alegorizada como no texto acima. A epígrafe de Vielé-Griffin que ele escolheu para abrir o romance é bem clara a esse respeito. Filho da ideologia dominante do tempo, o autor de *Mocidade Morta* lê, assim, na personagem de Camilo, “agarrado pela sua nevrose”, a sensibilidade do mórbido todo requintes, o qual compensa a hereditária incapacidade de vida prática, que é a dele, com a consciência de participar da “degenerescência superior” do homem de gênio, enquanto autêntico esteta, confesso e professor. “Jogado na existência pela crueldade do seu organismo”, Camilo tem consciência plena da sua própria invalidez: “Trago comigo a tara, sou um marcado pelo Destino”. Todo o Capítulo XI recompõe esse passado pessoal, traçando o mapa de surdos dramas familiares que atormentaram a infância do protagonista. Isto ainda para opô-lo, de modo ainda mais nítido, à vitalidade triunfante de Agrário de Miranda, o qual, mesmo empolgado por uma idéia desinteressada, não poderia jamais freiar o seu próprio instinto imediatista de predador.

Herói trágico na acepção goldmanniana, Camilo sabe que, segundo a constituição física e moral dele, jamais poderá conciliar-se com a realidade do dia-a-dia; o sardônico “Ah que la vie est quotidienne!” de Laforgue toma nele o timbre grave de uma incompatibilidade fundamental. Situação-limite que vai sublinhar o desfecho desse romance *sui generis*, sutilmente orquestrado neste sentido desde o segundo terço do Capítulo XX. Nele acompanhamos Camilo à cervejaria da Rua da Guarda Velha, onde, sozinho, faz um derradeiro balanço das suas frustrações de *uomo finito* ao som da música reles de três pobres imigrados italianos — e ainda o seguimos à espera de um simbólico último bonde, imerso na noite imensa de lua cheia. Musicalmente vindo e voltando no texto, a presença do luar embebe a consciência de Camilo, que afirma aceitar o desamparo do seu destino, se, em outros transe, como o presente, fosse consolado pela luz do astro morto. Mas a “prece mental” que desfere à Lua e lhe enche os olhos d’água é tolhida, não mais que de repente,

pela golfada de sangue que lhe corta a respiração e mancha a rua num pavor. Camilo, perplexo, não sabe o que pensar, invadido por sensações contraditórias, avassaladoras. E assim o vemos pela última vez, abandonado no silêncio da noite alta.

Destacando-se vertiginosamente dessa passagem, que o precede, o parágrafo que encerra *Mocidade Morta* assume quase sem transição a impessoalidade hierática de um imemorial hino à Noite, ao celebrar, em palavras veladas pelo idioleto decadista, “o Plenilúnio, alma do Esoterismo”, símbolo do lado luminoso do Homem, o qual, no rastro da Lua, persegue um utópico *onde* que decerto não existe: escolha da alma sequiosa de absoluto, que, sem nada exigir, entrega-se à Fé não-confessional dos Iniciados na Idéia. E o Plenilúnio, vagando como planta aquática levada pela corrente dessa sublime Loucura, nova Ofélia, absorve Camilo malferido pela existência, exausto, que nele se abandona. Note-se que a série imagética aberta com este “Plenilúnio, alma do Esoterismo” é uma das raras absolutizações metafóricas de todo o texto, pois neste, apesar do grande número de transposições de sentido aplicadas a pormenores, em nível de vinhetas, são elas quase sempre conduzidas por comparações explícitas. Isto mesmo nos fragmentos de teor imprecatório de corte mais expressamente “simbolista”.

Um levantamento das passagens ficcionalmente expressivas de *Mocidade Morta* não deveria esquecer, além dos momentos anteriormente referidos, aqueles que possuem marcado interesse documentário, fixando o ambiente artístico em que evolui a dupla Camilo-Agrário. As cenas que registam os encontros dos ‘Insubmissos’, nos Capítulos II, III, V e VII, quando o grupo ensaia e lança o movimento *Zut!*, comunicam, com bela vivacidade, o pormenor das discussões acaloradas e a foga doutrinação de Camilo a favor “de uma reforma exemplificada no movimento atual na França”. O mundo estreito desses artistas, além dos tugúrios ocasionais onde quase todos trabalham sem condições mínimas, não se estende muito além do paralelograma citadino que, na Corte, vai do Largo de São Francisco à Rua Primeiro de Março e alcança os extremos da Carioca e do Rosário — tendo, inevitavelmente, a famigerada Rua do Ouvidor como o grande caudal onde tudo deságua. Mas quase sempre Gonzaga Duque oblitera a descrição dos exteriores, a eles se referindo de maneira sucinta e transposta. Além de alguns apontamentos de paisagem da Gamboa, feitos com visível enlevo, exceção quase única é o apanhado da Rua do Ouvidor na sua hora de pico, que ele concentra em diversos parágrafos do Capítulo XVIII. Neles procura transmitir, *con bravura*, as múltiplas impressões simultâneas que emanam da via por excelência da Rio

de Janeiro imperial. Trecho que parece seguir o frêmito das *manchas* urbanas apontadas de maneira nervosa pelos pintores impressionistas, no gênero de *Boulevards extérieurs, efeito de neve* (1877), de Pissarro; *Os calceteiros da Rue Mounier*, de Manet (1878); o *Pont-Neuf* de Renoir (1872); os estudos preliminares para *Dia de chuva na Place d'Europe* de Gustave Caillebotte (1877); o *Boulevard des Capucines*, de Monet (1873); os *Grandes Boulevards*, outra vez de Renoir (1875) —, telas das quais se aproxima com timidez, mais na paginação do que na grafia e no cromatismo, *O Louvre com o Pont-des-Arts* (1880) de Almeida Júnior, conservado no Automóvel-Clube de São Paulo. Zola havia tentado transpor essa espécie de vibração pictórica para as suas descrições de paisagem citadina, de que existem diversos belos exemplos em *L'Oeuvre*; romance do meio artístico, nele é uma constante o flunar Paris afora em busca de novos e fugidios aspectos da luz e da cor, registros vibrantes e inéditos da cidade em horas de grande aglomeração. O intuito de reproduzir o frêmito baudelaireano da metrópole moderna, com seus contrastes enervantes, havia-se tornado marca indispensável da sensibilidade contemporânea. E é nesse espírito que Gonzaga Duque escreve:

“Estavam no ruído ouvidoriano, à hora efervescente da *passagem*, às três da tarde. Mas, olhavam desatentemente, de olhos esquecidos, essa promiscuidade que fervia por entre os estreitos renques de casarias irregulares, num rumorejante movimento feiral. Na superabundante massa negra dos vestuários irrompiam irritantes casimiras gaias de trajos capadócios, negligências sintomáticas de roupas burguesas, desasseio miserável de valdevinos, uma pompa disparatada de fantasias femininas em contraste com as harmonias dos cortes elegantes em magníficos tecidos de luxo. Amarelidões mestiças e de ingurgitamentos crônicos entristeciam os transitórios conjuntos; mas logo, entrecruzando-se, confundindo-se, mesclando-se na multidão, vinham roseamentos de peles germânicas, pupilas aniladas de olhos londrinos, palidez fina de cútis fidalgas, loiros escandinavos de cabelos, amorenados cálidos de mulheres patricias, destruindo a soturna monotonia dos rebanhos humanos que a capital agita na sua estreita calçada de rua preferida. *Camelots* arribados, bugigangueiros indígenas arrastavam-se, ganindo ou gemendo a mercancia de suas indústrias. Militares, meneando rebenques de prata, fardas em abandono e desarmados, faziam grupos. O rumor pesava.” (Págs. 209-10)

O quadro conclui-se dois parágrafos adiante, empastado de cor:

“Para os lados da Praça de São Francisco, o ondular escuro da popula-

ção coalhava a estreiteza do espaço, numa enchente movediça. Tremia no ar um pulvísculo d'oiro fosco, nuançado em tonalidades de velho bronze, rarefazendo-se à distância, azulando-se, e de chofre batido por um clarão do sol rolante numa forte mancha, à faixa perpendicular e dura de um muro. Em debuxo, ao longe, entre frondes esgalhadas, a silhueta verdinegra da estátua de Bonifácio desenhava-se num fundo difuso de horizonte, onde se abria a dúbia caiagem da Escola Politécnica. Para baixo, descendo às proximidades do cais, o tortulento coalho, movendo-se desordenado, dominava em tons carregados, caliginosos, sob uma densidade violácea, enfraquecendo para o lílãs-dourado das longitudes equatoriais, donde surgiam luminosos golpes róseos e alaranjados nos ângulos de paredes, em aberturas do encruzamento das ruazinhas tortuosas." (Pág. 210-11)

Nas cem linhas em que o escritor prossegue esse divisionismo sonoro e visual (que rende preito à *peinturite* aguda que Prevost-Paradol diagnosticara mal epidêmico, e Eugênio Gomes entre nós evoca a propósito de Raul Pompéia) é fácil notar a hierarquia humana — estética, de classe — estabelecida por quem, entre a sua bagagem determinista, tem idéias feitas também sobre a desigualdade das raças e a mestiçagem... como aliás qualquer outro intelectual nativo do tempo, que, como o autor, se pretendesse 'científico'. O pessimismo tudo comanda nesta área. Aqui o tema da estreiteza dos horizontes não é só físico. Emblematiza, antes, a indigente mentalidade 'Rua do Ouvidor', "canal de granito e estúpidos edifícios de arquitetura pelintra e idiota", "canal desasseado e corrente", ponto nevrálgico da "desidiosa metrópole, torta, labiríntica e suja como um bairro judaico"... Viela onde, um pouco antes, Camilo assistiria à cena patética da loucura de um aderente periférico dos 'Insubmissos', o qual, fora de si, coberto de tinta, 'zebrado de listões de cor', tenta afixar a um poste da iluminação a sua *Partida de Colombo*, grande composição histórica que jamais conseguiu interessar alguém.

Há outros momentos que contam na obra. Menos dramáticos mas talvez mais bem realizados do ponto de vista narrativo, sempre se conformam ao ritmo lento, caro ao romancista. Um deles: a passagem em que Camilo procura convencer o afável xilógrafo Antônio Forjaz a tornar-se editor de uma revista de arte não-convencional, passagem que se completa com os penetrantes perfis dos curiosos frequentadores do atelier de gravura. Outro: a expressiva seqüência humorística na qual o protagonista encontra-se com o cabotino pintor italiano Florencio Gavasco, recém-desembarcado da *Penisola*. Cedendo à insistência deste, acompanha-o até à galeria onde, com absoluto cinismo,

Gavasco expõe espalhafatosamente “a sua quitanda”: quadros vistosos, de fatura precaríssima, que vende a bom preço a colecionadores da alta roda da Corte. Em outras passagens, o arquiteto Clementino Viotti, o elegante Julião Vilela (que freqüentou Telésforo na Europa e não quer se comprometer com nenhum dos grupos antagônicos), os aplicados Artur de Almeida e Sabino Gomes, o escultor Lossio, o aquarelista Vieira, o pobre Sebastião Pita, que vai enlouquecer ao final da narrativa, o arredo marinhista Sforzani, o modesto Valeriano Costa, “carão de caboclo nostálgico”, contrastam, lado ‘Insubmissos’, com as figuras oficiais que pontificam nos salões da primeira sociedade ou na Academia Imperial, de que Telésforo acabará diretor: o Comendador Betâmio, o Comendador Nogueira (luminares da instituição), os mais modestos professores Benedito e Feliciano, o “retratista a hora” Le Grand, o pintor-bacharel Silviano Pinto, o Conselheiro Costa Vargas, crítico oficial das artes nativas.

Mas estes últimos comparecem perfunctoriamente aqui e ali, ou são apenas referidos no texto. Apenas Telésforo, cuja consagração nacional abre o livro, merece particular atenção do romancista. A cruel caricatura desse “mestre do passado”, extremamente bem realizada, como o é, merece ser colocada ao lado da de Aristarco no *O Ateneu*, pois tanto a personagem de Raul Pompéia como a de Gonzaga Duque existem dentro das mesmas coordenadas de egolatria vaidosa e glória oficial, e foram tratados estilisticamente com idênticas sinuosas de *escrita artística*. Curiosamente, porém, para o escritor de *Mocidade Morta*, apesar da figura de Telésforo impar na pompa e na circunspeção totais do conformismo e do lugar-comum artístico, “copiando” e “rearrumando” autores metropolitanos que se haviam dedicado a grandes composições guerreiras, bem ou mal deixava ele atrás de si uma obra, um trabalho continuado, certo esforço criativo, que, no caso do *Zut!*, nem mesmo chegara a ser esboçado. O alvo da sua diatribe, portanto, são os ‘Insubmissos’, que ele denuncia impiedosamente. Outro sentido não deve ter tido a escolha feita por Gonzaga Duque do nome da personagem oficial, que em grego significa “aquele que realiza”, “que completa”, “que conclui”, e até mesmo “o que castiga”..., terrível pai indignado. Poder-se-ia ampliar esse nível de ironia semântica lembrando que na raiz do *Télos* grego — além dos sentidos de *acabamento*, *resultado*, *consequência*; *fim*, *termo*; *desenvolvimento pleno*; *poder supremo* — está implícita a noção de rito, cerimônia sacral, iniciação mística... O espírito sardônico de Gonzaga Duque, tão voltado para a cultura clássica, faz o livro iniciar-se num templo, “colosso de tábuas”, é verdade, “brochado a gesso e oca”, mas sempre santuário de um trabalho cumprido, que a *hubris* afoita da gente nova não tem dúvida de ‘profanar’!... A retaliação de Telésforo não

demora, e é pesada, mas a verdadeira causa da debandada do *Zut!* é a sua mesma inércia, a sua inteira desorientação. “Isto é gente pirotécnica... fogo de artifício!...”, havia observado um figurante perspicaz num dos primeiros capítulos, sorrindo com ceticismo daqueles entusiasmos de botequim. Assim sendo, relativamente a esses *Novos* caquéticos, o romance é um verdadeiro requisito, que os incorpora de modo irremissível à mediocridade ambiente, de que eles constituem o fruto azedo. Apenas uma adesão desinteressada à Idéia Nova, profunda, sem concessões, conforme Camilo procura praticar, estudando e trabalhando sem trégua, poderia evitar o naufrágio. A solidão dele será cada vez maior, embora em meio a esse mesmo abandono possa sentir a coerência inteira da verdade que o alenta. Quanto aos outros, “um ano e dois meses” após ao agravo petulante no pavilhão da apoteose, já seria o mesmo Telésforo quem agora lhe poderia dizer: *Zut!*. Conforme nos abona Gaston Esnault no seu *Dictionnaire Historique des Argots Français*, essa interjeição, querendo significar “En voilà assez!”, portanto “Basta!” “Chega!”, parece provir de uma onomatopéia: “*tsutt, puth, tuth, parlant de crachats*” — isto é, refere-se a escarros, cusparadas no sentido próprio, não às placas de ordens honoríficas que, por ironia metafórica, ganharam esse apelativo e Telésforo não deixava de arvorar no peito ilustre toda vez se apresentasse oportunidade. Com involuntário humor científico o filólogo acrescenta, no verbete acima aludido: “A obscuridade do sentido original de *zut!* permitiu que ele se emburgesasse.”

Sem pretender propriamente a posição incômoda de romance “de chave”, *Mocidade Morta* aproveitou, na sua extensa galeria de personagens, vários ‘modelos’ da vida real. Conforme sempre acontece nesses casos, o romancista moldaria livremente os figurantes da narrativa, mesclando neles, de caso pensado, traços provenientes de diversas origens. Um amálgama sugestivo em que a imaginação criadora acrescentava múltiplos dados, combinando entrecruzar de lembranças e sobressaltos da memória. As reminiscências fragmentárias que Gonzaga Duque deixou esparsas pela imprensa (artigos como “*O Primo Basílio*” e “No tempo da *Gazetinha*”, publicados na revista *Kosmos* em junho e setembro de 1908) são preciosas no sentido de estabelecer parâmetros entre evocação pura e simples e recriação ficcional do escritor. Telésforo sem dúvida é uma caricatura de caso pensado, com endereço certo. De Pedro Américo? Não apenas dele. Mesclando físico, idade, circunstâncias, traços de caráter, tiques individuais, encontramos nesse perfil grotesco elementos de origem diversa, provenientes de figuras de proa das Artes Visuais do tempo — entre eles Vítor Meireles e outros professores mais da Academia

Imperial, olhados com fobia pelos *Novos*. Era toda uma mentalidade, toda uma situação, uma postura que apareciam ridicularizadas na personagem: a “falange gloriosa” cuja empáfia provinciana derivava da estreiteza de horizontes, da auto-suficiência esclerosada, do mais mesquinho e sufocante egoísmo.

Por esse motivo o romancista escolheu maliciosamente o argumento da vastíssima composição de Telésforo. Com doze metros por catorze, seria bem maior do que as célebres *Batalhas* da Pinacoteca da Academia Imperial — *Aval e Guararapes* —, as mais vastas do academicismo oitocentista nacional, que mediam pouco mais de três metros por nove e meio. Entre os numerosos episódios da ‘Guerra Grande’ encomendados a diversos pintores oficiais e oficiosos pelos Gabinetes que se sucederam no poder entre 1865 e 1878, *A Rendição de Uruguaiana* era um tema que, se não chegara a ser transposto para tela, havia sido desenhado e feito litografar por Pedro Américo em 1872. Ao mesmo tempo, o fato de atribuir a Mestre Telésforo a intenção de realizar em breve um *Enterramento de Atalá* (obra de Augusto Rodrigues Duarte, pintada em 1878, que constituía um dos ‘ornamentos’ da Pinacoteca) tornava clara a intenção do autor de estar fundindo elementos diversos numa personagem-síntese. Não satisfeito com isso, o protagonista do romance alude nominalmente aos dois pintores mais prestigiosos do Império num diálogo do Capítulo VII (“Pedro Américo já deu o que podia, Vítor Meireles está esgotado”). Derivando a sua ferocidade vingadora para a personagem, aproveitava ironicamente a oportunidade de uma restrição polêmica a fim de afirmar que qualquer semelhança entre os dois monstros sagrados e Telésforo seria mera coincidência.

Não é impossível, e poderia tornar-se curioso, tentar justapor nomes reais aos personagens que aparecem no texto de *Mocidade Morta*. Tarefa que já foi esboçada por Múcio Leão na nota biográfica não assinada que abre o suplemento literário “Autores e Livros”, da *Manhã* carioca, dedicado, em 15 de novembro de 1942, a Gonzaga Duque. Nota que teve a colaboração de contemporâneos, amigos e familiares do escritor de *Arte Brasileira*, entre os quais o poeta Murilo Araújo, genro deste. Segundo tal tradição, Camilo seria o próprio Gonzaga Duque; Agrário de Miranda — Belmiro de Almeida; Artur de Almeida — Artur Lucas; Franklin — Maurício Jubim; Sabino Gomes — Isaltino Barbosa (mas também, nesse caso, Firmino Monteiro, conforme a referência à tela *Vercingétorix diante de César* faz supor, e trazendo ainda uns traços de Estêvão Silva, que Coelho Neto, nesses mesmos anos, recupera numa cena pungente da *Conquista*); Julião Vilela — Décio Vileares; Pereira Lemos

— Fontoura Xavier. A estes seria possível acrescentar, sem grande margem de erro, seguindo indicações ou alusões mais ou menos transparentes do texto, e sempre lembrados do critério de livre superposição que às vezes ocorre nessas manchas: Reis Colaço inspirar-se-ia em Leopoldo Miguez; Clementino Viotti em Heitor de Melo; o escultor Lossio em Benevenuto Berna; Sforzani em Castagneto (provável assimilação do nome de outro Giambattista abasileirado: João Batista Pagani); Cesário Rios em Cândido Reis: Cândido Caetano de Almeida Reis; Saurel e a sua *Ilustração Semanal* em Angelo Agostini e a *Revista Ilustrada*; o retratista Le Grand em Augusto Petit; Florencio Gvasco em Gustavo Dall'Ara; Silviano Pinto em Aurélio de Figueiredo; o Professor Costa Barbosa em Chaves Pinheiro, e assim por diante. Mais do que reproduzir silhuetas fiéis interessaria ao romancista recuperar, com sugestiva verossimilhança, o clima geral da época naquele meio específico. E, dentro deste, assinalar a batalha frustra empreendida contra a Academia, ao lado da tentativa da instauração da pintura ao ar livre, programa de arte e de vida que Camilo Prado procura instilar, sem maior êxito, entre os mesmos 'Insubmissos'.

Batalhando por uma criatividade local autêntica, liberta dos preconceitos e fórmulas de um ensino extenuado, Camilo aponta para o atraso técnico de pelo menos trinta anos que separa os nossos artistas das conquistas pictóricas e visuais, já então faz tempo levadas avante na França pelo grupo de Barbizon, em contraste com o "delambimento de Cabanel", ideal que continuam a postular as mediocridades da Travessa das Belas Artes. A fim de se ir além disso seria indispensável uma ação estética constante, em consonância com a "circunspecção analítica do tempo vigente". Isto é, que assumisse a consciência filosófica do Cientificismo contemporâneo e se adaptasse à nova espécie de lirismo artístico que era corolário dele. Um trabalho entusiasta, um trabalho enérgico, que nos levasse à independência daquela sinceridade criadora em que o temperamento individual pudesse traduzir a sua própria presença através das descobertas de cada um. Marchando, portanto, contra a letra morta de um ensino esclerosado em formas ineficazes porque rotineiras.

Segundo o ponto de vista do jovem crítico, não sendo os povos mestiços propriamente criadores — desde que não constituíamos *nação histórica* e sim amálgama recente, ainda não consolidado, de culturas de diverso teor civilizacional, no início, apenas, de uma longa caminhada ao fim da qual poderíamos até formar, biologicamente, uma "raça cósmica" —, devêramos antes, no campo artístico, procurar seguir, continuar, desenvolver o exemplo "dos que inovaram ou pelo menos reformaram". Sendo a Europa (leia-se: França) "a nossa preceptora espiritual, por primazia de maioridade e por esta-

belecidos princípios de idoneidade”, e, nós, uma extensão semiculta daquele mundo mental maduro, dela “recebemos as fórmulas indispensáveis ao direito de partícipes da comunhão civilizada”. Sendo a Arte, no mundo das conquistas universais, “uma e a mesma para todas as nações que nasceram da civilização d’Ocidente”, não existiria para as Américas essa característica que acentua a origem nacional da obra artística. Portanto caberia aos nossos pintores aproveitar o próprio talento num total entregar-se às idiossincrasias de cada um, segundo as coordenadas dessa cultura ocidental, que também chegou até nós.

Através do estudo e da aplicação constantes trataríamos de conquistar o que viria a ser o início de uma revolução, que acabaria por transformar por inteiro a criatividade de um país como o nosso. Um país que até o presente caracterizara-se pela mediocridade rotineira de um academicismo de segunda mão, pela falta de perseverança e de idéias, conseqüência inevitável de semelhante estado de coisas.

Bem informado sobre todos os acontecimentos artísticos que tinham lugar na França através das publicações recebidas pelo último pacote (revistas e monografias que ele sempre aparece sobraçando), Camilo discorre com volubilidade não apenas sobre os pintores que admira através de reproduções em preto-e-branco, mas, ainda, a respeito de teorias e poéticas da modernidade, inteiramente familiar dos textos de Chevrel e Duret, de Zola e Huysmans, de Fénéon e Charles Henry. Compreensível, portanto, que o jovem crítico fluminense, conhecendo a fundo o meio em que vivia, pareça então menos interessado pelo divisionismo Seurat-Signac — que Félix Fénéon defende com intransigência em *L’Art Moderne*, na *Revue Indépendante*, em *La Vogue*, logo na célebre brochura *Les Impressionistes en 1886* — do que nos já então ‘clássicos’ da pintura do *plein air*, que ele acena como esplêndidos modelos para a nova geração nativa: além do mestre Manet, Pissarro, “Madame” Berthe Morisot, Claude Monet... Contribuiria para essa posição de Camilo/Gonzaga Duque o relativo ceticismo de Émile Zola com relação aos neo-impressionistas. O estudioso de *Contemporâneos* admirava fervorosamente o autor de *Mes Haines* e de *Germinal*: seja o crítico entusiasta de artes visuais seja o grande ficcionista tão celebrado e combatido. Ficcionista que, para ele, Gonzaga Duque, havia criado um extraordinário romance sobre o meio artístico, acompanhando de perto conquistas e frustrações da aventura impressionista: *L’Oeuvre*.

Nada menos do que o décimo-quarto tomo da *História natural e social de uma família durante o Segundo Império*, ainda hoje *L’Oeuvre* continua a

ser uma das narrativas menos lidas do ciclo *Rougon-Macquart*. No entanto foi ela que levantou, no intelectual brasileiro, a idéia de esboçar — em registro aliás inteiramente outro — a crônica dos artistas visuais seus contemporâneos, testemunhada por ele/Camilo da mesma forma que Zola/Sandoz havia seguido o itinerário dos artistas do *plein air*. O diálogo *L'Oeuvre-Mocidade Morta* é intenso; Gonzaga Duque será o primeiro a assinalar tal dívida através das alusões à novela que inscreveu no seu texto. Se não existem semelhanças no traçado narrativo geral, dinâmico e intensamente dramático no romance francês, são contudo evidentes as sugestões que fizeram vingar *Mocidade Morta*. Contudo seria redutor e simplicista buscar simples transferências de *L'Oeuvre* para a ficção brasileira. As motivações mais profundas dessa glosa devem derivar de coincidências entre dois contextos biográficos: a amizade, datando do tempo de escola, entre Camilo e Agrário, vocações precoces de escritor e de artista visual, paralelas às de Claude Lantier e Pierre Sandoz, também camaradas de adolescência e companheiros de colégio. Desse companheirismo decorre o conhecimento minucioso do meio artístico em ambos os casos, pois, amigos e confidentes, vão construindo ambos, lado a lado, as respectivas obras. Motivo para, nos dois romances, terem lugar longos diálogos que (de modo algo rebarbativo em *Mocidade Morta*) servem para a exposição do ideário estético e ideológico dos respectivos autores. Tais homologias de situação e de partido narrativo eram inevitáveis por versarem o mesmo quadro, não importando que o primeiro fosse o de um país emissor de cultura, e o segundo o do seu receptor periférico. Tais pontos de referência serviriam antes para estimular o projeto do escritor brasileiro, que, apenas nesse nível, se apóia ao modelo admirado antes de partir na sua própria direção.

Poderia servir de exemplo expressivo desse proceder o paralelo entre a passagem já aludida do atelier de Cesário Rios, crescentemente repassada de melancolia — o cair da tarde, que baixa do Morro do Castelo, submergindo pouco a pouco o vasto galpão do artista — e a visita que Sandoz e Lantier fazem à loja desocupada do bairro do Observatório onde, antes do seu rápido declínio, o escultor Mahoudeau prepara a volumosa estátua que pretende enviar ao salão. O caráter ocasional — fragmentário e anedótico — da última, não pode ser emparelhado com o teor elegíaco do belo episódio de *Mocidade Morta*, que, no entanto, abre-se, como o de *L'Oeuvre*, com a intervenção de figurantes ridículos e mesquinhos. Tal circunstância deve ter acudido a Gonzaga Duque a partir daquele de Zola; no entanto ele o glosaria e ampliaria, aí acrescentando experiências pessoais paralelas. Desse modo recriaria a cena com

originalidade num registro diverso e superior.

Desnecessário insistir, depois das simpatias, nas diferenças estruturais das duas obras: as oposições Lantier/Agrário e Camilo/Sandoz, personagens psicológica e dramaticamente divergentes — apesar da neurastenia de Camilo e Lantier de alguma forma relacioná-los, sujeitos, um e outro, a compulsões depressivas de caráter hereditário; no contraste entre a pouca ou nenhuma ação do romance nacional, que se opõe ao andamento dramático cerrado de *L'Oeuvre*; o curto período de tempo em que Gonzaga Duque concentra a sua narrativa (fins 1886-fins 1888), em constraste com a extensão cronológica da obra de Zola, que se prolonga por quase dois decênios. Também a atenção acesa com que o autor de *Thérèse Raquin* registra as referências visuais de Paris, olhada todo o tempo segundo a perspectiva de artistas-pintores, ansiosos por captarem efeitos plásticos evanescentes, não encontra correspondência senão em breves passagens de *Mocidade Morta*, conforme já foi aludido. Provável reação de Gonzaga Duque ao derrame paisagístico vigente em nossa literatura pelo menos desde Alencar, e que, parecendo inevitável em narrativa desenrolada numa cidade agressivamente 'pitoresca' como o Rio de Janeiro, é eliminado de propósito nesse texto que não se interessava por fazer concessões.

Assim, dez anos depois de *L'Oeuvre* (que Zola havia redigido entre maio de 1885 e fevereiro de 1886) o nosso autor escreveria esse melancólico painel dos sonhos desfeitos da juventude. Tarefa em que terá levado bem mais de ano, dadas as dimensões da obra e a minuciosa elaboração da escrita. Completando-o em 1897, apenas dois anos mais tarde conseguiria editor. A obra apareceu em dezembro de 1899, coalhada de erros. Por coincidência, ao mesmo tempo que outra narrativa local também versando uma crônica de grupo; narrativa que pelo tom e pelas intenções encontrava-se nos antípodas do romance de Gonzaga Duque: *A Conquista, cenas da vida literária*, de Coelho Neto. Uma das ficções mais ágeis e atraentes do autor de *Miragem*, aparecera em primeira mão dois anos antes, como rodapé no jornal de Alcindo Guanabara, *A República*; havia sido, portanto, redigida ao mesmo tempo que *Mocidade Morta*. 1899 encerrava-se com esses dois curiosos balanços paralelos da geração que chegaria aos quarenta anos com o início do novo século. No entanto, não poderia ser mais expressiva a oposição entre tais "romances de formação" de transparente fundo autobiográfico. A sedutora euforia humorística de *A Conquista* contrastava até pelo estilo, ali bastante despojado e transparente, com a densidade patética da ficção de Gonzaga Duque — um contraste que deve ter tornado esta última ainda menos atraente para o leitor médio do tem-

po. Tanto mais que rodapés críticos de audiência certa — como o de Medeiros e Albuquerque, nefelibata arrependido que se assinava 'J. dos Santos' na *Notícia* carioca (o artigo relativo a *Mocidade Morta* saiu a 26 de fevereiro de 1900) — afirmavam que, embora o romance tivesse interesse e os tipos retratados fossem vivos e convincentes, seria contudo de bom alvitre reescrever o texto de novo, do princípio ao fim: em outro estilo. Juízo cujo bom-senso pedestre o homem comum não podia senão acatar, para total desânimo do autor.

Dentro do nosso Ecletismo fim-de-século *Mocidade Morta* constitui uma narrativa singular. A complexa articulação ficcional dos blocos narrativos, que se imbricam com relativa liberdade, permite que dramáticas percepções e perplexidades do escritor afluam e se recomponham de modo sedutor na escrita compósita da obra. Neste sentido, a figuração forte do perfil irradiante da Musa, que Julião Machado definiu para a capa do romance — cabeça cingida de grinalda, cabelos desenastrados segundo o arquétipo sinuoso da convenção Floreal — assinala vigorosamente a representação da Idéia, para o escritor de *Horto de Mágoas*, pronta a consolar, num Plenilúnio perene, a nossa miúda miséria humana.

Alexandre Eulalio



A capa da 1ª edição é de Julião Machado (1863-1930). Caboverdiano, estudou pintura na Metrópole portuguesa com Malhoa. Veio para o Brasil em 1894, aqui permanecendo até 1924, quando regressou a Lisboa. Colaborou na *Rio-Revista* de B. Lopes e Gonzaga Duque e, com Olavo Bilac, fundou *A Cigarra*, em 1895, e *A Bruxa*, no ano seguinte. Colaborou intensamente na *Revista da Semana*, *Careta* e *Dom Quixote*. Utilizou os pseudônimos *Fra Diavolo* e *Casemiro Miragy*. (A. E.)

"Romance que permanece como um documento literário quase único, nesse período de exasperado ecletismo estético que entre nós alcança o seu fastígio entre 1880 e 1920."

ALEXANDRE EULÁLIO

